



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Letras

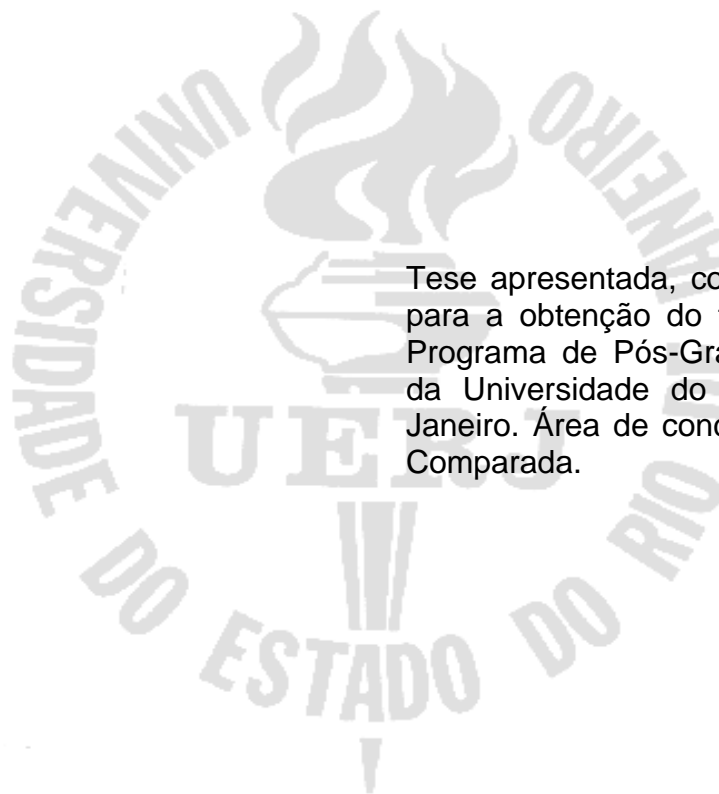
Érica Fernandes Costa Duarte

**Biodiagrama de uma narradora:
memória e história em Zélia Gattai**

Rio de Janeiro
2017

Érica Fernandes Costa Duarte

**Biodiagrama de uma narradora:
memória e história em Zélia Gattai**



Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientadora: Prof^a. Dra. Ana Claudia Coutinho Viegas

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

G262 Duarte, Érica Fernandes Costa.
Biodiagrama de uma narradora: memória e história em Zélia Gattai / Érica Fernandes Costa Duarte. - 2017.
231 f.

Orientadora: Ana Claudia Coutinho Viegas.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Gattai, Zélia, 1916-2008 – Crítica e interpretação – Teses. 2. Memória autobiográfica – Teses. 3. Ficção autobiográfica brasileira – Teses. 4. Gattai, Zélia, 1916-2008 – Biografia - Teses. I. Viegas, Ana Claudia Coutinho, 1965-. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-95

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Érica Fernandes Costa Duarte

Biodiagrama de uma narradora: memória e história em Zélia Gattai

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em 11 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Ana Claudia Coutinho Viegas (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Fátima Cristina Dias Rocha
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Ítalo Moriconi
Instituto de Letras – UERJ

Prof^a. Dra. Beatriz dos Santos Damasceno
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcelo dos Santos
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

À minha amada família.

À Zélia Gattai Amado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter nos guiado e protegido, tanto a mim, quanto a minha família.

À minha avó Leontina (*in memoriam*), que sempre acreditou em mim, mesmo quando, muitas vezes, nem eu acreditava. Serei eternamente agradecida. Sou eternamente apaixonada.

Aos meus pais Roberto e Fátima, pelo amor e pelo exemplo de determinação e trabalho. Agradeço também pela ajuda em tudo, para tudo. Sei que sempre poderei contar com vocês.

À minha irmã, Roberta, pela torcida, pelo auxílio e disponibilidade.

Ao meu marido, André, que se faz presente desde o início da minha vida acadêmica. Obrigada por sua força, amizade, por sua dedicação à família, pela espera paciente nos momentos de ausência, por toda a sua capacidade de compreensão, por sua confiança em mim, em nós, ensinando-me a coragem de prosseguir.

Aos meus amados filhos Eduardo e Gabriela, que trazem tanta alegria, gosto e luz para minha vida. Obrigada pelo orgulho que sempre demonstram sentir por mim, pelo amor, pela alegria e pela atenção irrestrita. Vocês são, sem dúvida, o maior, melhor e mais bonito de todos os meus títulos. Esta vitória é nossa!

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, que em muito contribuíram para o amadurecimento desta tese. Em particular, gostaria de agradecer aos professores Maria Cristina Batalha; Geraldo Pontes; Deise Quintiliano; Maria Conceição Monteiro; Fátima Dias Rocha e Ítalo Moriconi.

Muito especialmente, desejo agradecer à minha orientadora Profa. Dra. Ana Claudia Coutinho Viegas, pela disponibilidade, incentivo, atenção, paciência, dedicação, profissionalismo e cuidado dispensados.

Há muito mais a quem agradecer... a todos aqueles que, embora não nomeados, me cercaram com inestimáveis demonstrações de apoio, carinho, torcida... ninguém vence sozinho... MUITO OBRIGADA A TODOS!

Aqueles que estudam o passado geralmente chegam a duas conclusões contraditórias: a primeira é que o passado foi muito diferente do presente. A segunda é que ele foi muito parecido.

Keith Thomas

RESUMO

DUARTE, Érica Fernandes Costa. *Biodiagrama de uma narradora: memória e história em Zélia Gattai*. 2018. 231f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

O tema deste trabalho é o entrelaçamento literário entre memória pessoal e história coletiva – presente nas obras memorialísticas da imortal Zélia Gattai – abarcando desde a vinda de sua família da Itália para o Brasil até sua morte, passando pela infância, casamento, exílio, retorno e velhice. Esta tese tem por objetivo aproximar, dialogar e resgatar, dentro das obras autobiográficas da escritora Zélia Gattai, elementos que ajudam a compor a história da autora e o panorama histórico que serve como pano de fundo às suas narrativas. Esta pesquisa teve conduta exploratória, de caráter bibliográfico, e abrangeu todas as dez obras memorialísticas de Zélia Gattai – *Anarquistas Graças a Deus* (1979); *Um chapéu para viagem* (1982); *Senhora dona do baile* (1984); *Jardim de inverno* (1988); *Chão de meninos* (1992); *A casa do Rio Vermelho* (1999); *Cittá di Roma* (2000); *Códigos de família* (2001); *Memorial do amor* (2004) e *Vacina do sapo e outras lembranças* (2005) – além de seu único romance publicado, *Crônica de uma namorada* (1995), nos quais os relatos se suplementam. A catalogação dos assuntos mais relevantes por ela contados seguiu o conceito barthesiano de “biografema”. Os resultados obtidos apontam para a evidente modificação da escrita de Gattai, atingindo um estilo não linear, digressivo e até mesmo metalinguístico. Nas suas últimas obras, a escritora não se contenta em simplesmente contar sua história, mas busca conduzir o leitor pelos meandros de sua memória e pensamentos, sempre conservando a leveza do texto.

Palavras-chave: Memória. Autobiografia. Zélia Gattai.

RESUMEN

DUARTE, Érica Fernandes Costa. *Biodiagrama de una narradora: memoria e historia en Zélia Gattai*. 2018. 231f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

El tema de este trabajo es el entrelazamiento literario entre memoria personal e historia colectiva– presente en las obras memorialísticas de la inmortal Zélia Gattai – que cubre desde la llegada de su familia de Italia a Brasil hasta su muerte, pasando por la infancia, el matrimonio, el exilio, el retorno y la vejez. Esta tesis tiene por objetivo acercar, dialogar y rescatar, dentro de los trabajos autobiográficos de la escritora Zélia Gattai, elementos que ayudan a componer la historia de la autora y el panorama histórico que sirve como telón de fondo a sus narrativas. Esta investigación tuvo conducta exploratoria, de carácter bibliográfico, y cubrió todas las diez obras memorialísticas de Zélia Gattai – *Anarquistas Graças a Deus* (1979); *Um chapéu para viagem* (1982); *Senhora dona do baile* (1984); *Jardim de inverno* (1988); *Chão de meninos* (1992); *A casa do Rio Vermelho* (1999); *Cittá di Roma* (2000); *Códigos de família* (2001); *Memorial do amor* (2004) e *Vacina do sapo e outras lembranças* (2005) – además de su única novela publicada, *Crônica de uma namorada* (1995), en las que los relatos se suplementan. La catalogación de los asuntos más relevantes siguió el concepto barthesiano del "biografema". Los resultados apuntan a la modificación evidente de la escrita de Gattai, alcanzando un estilo no lineal, digresivo y incluso metalinguístico. En sus últimas obras, la escritora no se contenta con simplemente contar su historia, pero pretende conducir el lector por los entresijos de sus recuerdos y pensamientos, siempre conservando la levedad del texto.

Palabras clave: Memoria. Autobiografía. Zélia Gattai.

LISTA DE SIGLAS

AGD	Anarquistas Graças a Deus
CHPV	Um chapéu para viagem
SDB	Senhora dona do baile
JDI	Jardim de inverno
CHDM	Chão de meninos
CDN	Crônica de uma namorada
CRV	A casa do Rio Vermelho
CDR	Cittá di Roma
CDF	Códigos de família
BRS	Um baiano romântico e sensual
MDA	Memorial do amor
VSOL	Vacina de sapo e outras lembranças

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	10
1	ZÉLIA GATTAI E A ARTE DO LEMBRAR	17
1.1	<u>A questão da autobiografia e seus desdobramentos</u>	18
2	BIOGRAFEMAS	33
2.1	Antepassados	35
2.2	Família Gattai	53
2.3	A década de 20	62
2.3.1	<u>O circo</u>	65
2.3.2	<u>Os cortejos fúnebres</u>	66
2.3.3	<u>Esporte Clube Palmeiras e Estádio do Pacaembu</u>	67
2.3.4	<u>O início do famoso bairro do Bexiga</u>	68
2.3.5	<u>O Jardim da Luz, os passeios de bonde e o Mappin</u>	70
2.3.6	<u>São Paulo em guerra: a Revolução de 1924</u>	77
2.4	Anarquistas graças a Deus	84
2.5	Juventude	94
2.5.1	<u>Zélia conhece Jorge, mas Jorge não conhece Zélia</u>	98
2.5.2	<u>O I Congresso Brasileiro de Escritores</u>	99
2.5.3	<u>Namoro, cravos vermelhos e casamento</u>	104
2.6	Família Amado	110
2.7	Vida Nova	114
2.8	Exílio	127
2.9	União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS)	136
2.10	Dobris	140
2.11	Rio de Janeiro	155
2.12	Bahia	170
2.13	Amigos	181
2.14	Morte	194
3	A ROMANCISTA ZÉLIA GATTAI	207
	CONCLUSÃO	217
	REFERÊNCIAS	225

INTRODUÇÃO

Este trabalho centra-se em Zélia Gattai Amado e suas narrativas de memória. Apesar de ter se dedicado a outros gêneros e outras artes, a escrita autobiográfica de Zélia é o eixo norteador dessa pesquisa. Tendo o contar de si como pano de fundo, Zélia não só versou sobre si própria, mas, também, sobre o mundo, que se transformou sob seus olhos durante os mais de oitenta anos que ela evocou em suas obras.

A história de Zélia Gattai tem início em 1916. Paulista e filha de imigrantes italianos, a caçula da família nasceu em 2 de julho, por coincidência dia da principal comemoração da Bahia. Mais tarde, adotaria este estado como lar e dele receberia as Ordens do Mérito, em 1995, e o título de cidadã baiana, 10 anos depois.

Zélia cresceu envolvida em movimentos operários influenciados por ideias socialistas e anarquistas. Quando era pequena, cantava de cor o hino da Internacional Comunista e vendia jornais anarquistas nos eventos político-operários que frequentava com os pais. Em 1938, seu pai, Ernesto Gattai, foi preso pela Polícia Política e Social de São Paulo, durante o Estado Novo.

Na juventude, Zélia participou, efetivamente, do movimento anarquista, lá conhecendo seu primeiro marido, Aldo Veiga, pai de seu primogênito, Luiz Carlos. A criança recebeu esse nome em homenagem a Luiz Carlos Prestes, liderança comunista nacional à época, e bastante admirado pela autora por suas posições políticas e sociológicas. O casamento iniciado em 1936 desfaz-se após oito anos e Zélia torna-se uma mulher separada, sujeita a preconceitos e rejeição, numa época em que ainda se acreditava na indissolubilidade matrimonial.

Em 1945, ano emblemático para a política mundial, por ocasião do final da Segunda Guerra Mundial, a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) e o início da Guerra Fria, Zélia passa a trabalhar no movimento pela anistia dos presos políticos. Já separada, foi apresentada ao escritor Jorge Amado, durante o Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, realizado nesse mesmo ano, em São Paulo. Jorge também desenvolvia militância política, sendo membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Com pouco tempo de namoro, foram morar juntos. Note-se que ainda não existia divórcio no Brasil e que os dois já haviam se casado anteriormente.

A partir de então, Zélia passou a secretariar o trabalho do companheiro, cuidando da preparação e da revisão dos originais de seus livros.

No ano seguinte, em 1946, com o fim da era ditatorial de Getúlio Vargas, Jorge Amado elegeu-se deputado federal e o casal mudou-se para o Rio de Janeiro, então a capital do país e sede do Congresso Nacional. Zélia não teve o aval legal para levar seu primogênito na mudança e foi obrigada a deixar seu filho sob os cuidados de Vera, sua irmã.

Um ano depois, no entanto, o Partido Comunista foi declarado ilegal, e, em 1948, Jorge Amado perdeu seu mandato e teve que inesperadamente partir para a Europa, exilado. Zélia Gattai seguiu alguns meses depois, carregando seu filho de poucos meses, João Jorge, o primeiro da sua relação com o escritor. Seu outro filho, Luiz Carlos, continuou no Brasil, aos cuidados da tia materna.

A família permaneceu em Paris durante três anos e, durante esse período, Zélia fez cursos universitários na Sorbonne (Civilização Francesa, Fonética e Língua Francesa). Ao final do terceiro ano, Jorge Amado foi obrigado a deixar Paris, pois os comunistas não eram bem vistos pelo governo francês. Eles se mudaram para uma comunidade de escritores na Tchecoslováquia, onde Zélia deu à luz a segunda filha do casal, Paloma, nascida em 1951.

De volta ao Brasil, em 1952, passaram a morar no Rio de Janeiro, onde permaneceram alguns anos. Decididos a viver numa cidade mais pacata, em 1960 compram uma casa em Salvador, Bahia, no bairro do Rio Vermelho. Neste mesmo ano, Zélia lançou *Reportagem incompleta*, uma fotobiografia do marido.

No dia 12 de maio de 1976, depois de vários anos de união, eles resolvem oficializar o casamento.

A biografia acima resumida começou a ter novos contornos em 1979. Zélia, em plena maturidade dos 64 anos, foi convencida por seu marido e filhos que tinha “muita história para contar” e resolveu começar a registrar suas lembranças. Das inúmeras recordações surgiu o primeiro livro. Depois desse, vieram outros, vários, dedicados não só ao resgate das memórias, mas, também, à narrativa ficcional ou voltados ao público infantil. Além desses, as centenas de fotografias que Zélia tirou ao longo da vida também foram compiladas e lançadas como fotobiografias.

No prefácio de *Anarquistas graças a Deus* (1979), Jorge Amado explica ao leitor onde e quando começou a construção literária de Zélia:

Em 1976, fui com Zélia para uma chácara de propriedade de Dmeval Chaves, nas aforas de Salvador, para começar o romance *Tieta do Agreste*. A princípio, quando eu ainda buscava os caminhos para a trajetória dos personagens, Zélia, sem muito o que fazer e habituada à trabalhadeira de nossa casa no Rio Vermelho, resolveu botar no papel divertida história de um disco, acontecida em sua infância. Atendia a pedido insistente dos filhos, a quem contara aquele e outros casos mais de uma vez: “isso dá um conto, mãe”, afirmavam João Jorge e Paloma. Redigida a história, pedi-me que a lesse e opinasse. História ingênua, o conto não me interessou grandemente. Em compensação, encontrei, nas quinze ou vinte páginas do original, elementos os mais curiosos sobre a vida de uma família de imigrantes italianos (e anarquistas) em São Paulo, no primeiro quartel do século. Pequenas anotações, detalhes perdidos na tentativa ficcional. Então lhe disse: jogue o conto fora e escreva suas memórias de infância e adolescência. Descreva a vida em sua casa, a família, os amigos, os parentes, a rua, o bairro, a vinda dos avós e pais para o Brasil [...] Assim ela o fez: durante três anos, nas sobras de tempo de nossa vida atribulada, Zélia foi escrevendo as lembranças de uma infância e adolescência ricas de acontecimento [...] Resultou, a meu ver, um livro pleno de interesse e calor humano. Escrito sem pretensão de literatura – pretensão de literatura que quase sempre resulta em literatice – uma narrativa corrente e simples [...]. (GATTAI, 2009, p. 9-10)

Nessa primeira obra literária publicada, Zélia se dedicou não só a contar sobre sua infância, sua família, como, também, debruçou-se sobre o registro histórico da São Paulo da virada do século 20. Preocupada com a qualidade e aceitação de sua obra, Zélia resolveu assiná-la com o nome de solteira, abdicando de seu famoso nome de casada: “Não quis andar de muletas escorada por tão famoso marido. Se o livro agradar, pensei, que tenha sucesso pelo que ele valha, não por outro motivo qualquer” (*Almanaque Abril*, 1998, p. 34). Essa obra teve 200 mil cópias vendidas em menos de 20 anos, foi transformada em minissérie em 1984 e deu à Zélia o Prêmio Paulista de Revelação Literária (1979).

A carreira literária de Zélia Gattai não parou no primeiro livro. *Um chapéu para viagem* (1982), segunda obra publicada, retrata passagens acontecidas entre as décadas de 30 e 40. O nome da obra se explica pelo fato da narrativa ter início e fim marcados por viagens fundamentais para a vida da autora e por ela ter ganhado chapéus nas duas ocasiões. Aqui, a autora relata memórias relacionadas ao fim da Segunda Guerra Mundial, à queda de Vargas, à anistia de presos políticos, além, é claro, de detalhes sentimentais da sua convivência com Jorge Amado, numa homenagem ao autor, que, no ano de 1982, completou 70 anos de idade. Nesta obra, Zélia esclarece ao leitor porque decidiu escrever suas memórias: “Há pouco mais de três anos, rendendo-me à afetuosa pressão de meus filhos Paloma e João Jorge para que escrevesse as histórias de minha infância que repetidas vezes lhes

contara no correr dos anos, decidi-me fazê-lo, tendo comprovado ser mais fácil contar do que escrever” (2010, p. 9).

Na sua terceira publicação, *Senhora dona do baile* (1984), a autora mostra um tom um pouco mais grave do que nas primeiras obras. Os relatos assumem uma dicção mais ácida, em vez do discurso quase descompromissado do livro anterior. A abordagem é diferente, mais crítica. Nela é narrada, sem escapismos ou dramatizações trapaceiras, a difícil saga da esposa e mãe que, por razões políticas, se vê obrigada a deixar o país com seu filho de quatro meses nos braços, para encontrar o marido exilado na Europa, deixando no país seu primogênito.

Além de lembranças difusas e tocantes, este livro traz também histórias sobre a Guerra Fria, a crença no Socialismo e os estragos provocados no Velho Mundo pelo nazismo, numa narrativa fragmentada, com inesperados saltos temporais. Pelas suas páginas, circulam Pablo Picasso, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Pablo Neruda. A obra termina com a viagem da família rumo à Tchecoslováquia, após terem sido expulsos da França.

Em 1987, Zélia publica *Reportagem incompleta*, composto por 650 fotografias tiradas pela autora, que ilustram família e amigos. É importante ressaltar que a fotografia foi uma de suas grandes paixões, descoberta a partir de uma máquina fotográfica que ela ganhou de Jorge Amado no final dos anos 40, enquanto estavam no exílio.

Jardim de inverno (1988), sua quarta publicação, começa em *flashback* (recurso que ainda não havia sido utilizado nos livros anteriores), com a condecoração de Jorge Amado pelo presidente francês Mitterrand. Essa obra reúne as recordações do tempo em que viveram em um castelo pertencente à União de Escritores Tchechos e dedica-se, em especial, ao relato da vida do casal no período do stalinismo, abrangendo os anos de 1949 a 1952.

Em 1989 e 1991, publica, respectivamente, *Pipistrela das mil cores* e *O segredo da rua 18*, obras voltadas ao público infantil e com forte apelo ecológico.

Voltando às narrativas de memória, o livro *Chão de meninos*, lançado em 1992, retrata o retorno de Zélia e família ao Brasil. Aqui se percebem claramente os sentimentos de Jorge sendo narrados a partir da memória de Zélia. Ela se apresenta guiada pelo olhar do companheiro, não mais o dela, conforme ocorreu nas obras anteriores, fazendo com que esta publicação funcione como um espelho, refletindo o olhar de seu marido. O período abarcado vai de 1952 até a mudança do Rio de

Janeiro para a Bahia, em 1963, e traz, dentre tantas histórias, a decepção do casal quando, em 1956, se revelaram os crimes stalinistas; a eleição de Jorge Amado para a Academia Brasileira de Letras, em 1961; a renúncia do então presidente Jânio Quadros; e a movimentação política em torno de João Goulart, o novo presidente do Brasil.

A próxima obra publicada por Zélia é *Crônicas de uma namorada* (1995), primeiro romance da autora. Em *Crônicas*, Zélia assume uma escrita mais simples, despe-se do caráter mais politizado dos escritos anteriores e se limita a contar a história sob a perspectiva da menina Geane, relatando a época do surgimento da televisão e a descoberta do amor por uma adolescente.

Essa publicação traz uma narrativa linear, e, embora seja considerada uma obra ficcional, *Crônicas* apresenta inúmeras situações autobiográficas relacionadas à própria Zélia, como, por exemplo, a infância paulistana, a influência italiana e a descoberta da literatura através das obras de Jorge Amado.

Em 1999, Zélia publica *A casa do Rio Vermelho*. A narrativa começa em 1963, quando o casal fixa residência em Salvador e, depois de muita procura, encontra a casa com que tanto sonhava. Aqui, a personagem principal é a casa, e, por isso, a autora se utiliza tanto do discurso testemunhal quanto do confessional ao longo da narrativa.

Além do acima exposto, outra questão digna de nota é que o terceiro capítulo é narrado em terceira pessoa, por um narrador observador, que cruza dois tempos (passado e presente), em duas fases (antes e depois do exílio), exercitando o espaço da memória da autora por meio das eficientes digressões, que se apresentam nos relatos da saga da família em outros países.

Em 2000, é lançado *Città di Roma*. A narrativa retrata novamente a família italiana de Zélia, porém mostrada num tempo anterior ao retratado em *Anarquistas graças a Deus*. A obra tem esse nome em homenagem ao navio que conduziu da Itália para o Brasil as famílias Gattai e Da Col, seus antepassados. Em *Città di Roma*, a formação da família da menina Zélia é abordada, retomada e, por vezes, lacunas abertas em *Anarquistas graças a Deus* são respondidas em *Città di Roma*. Além de abarcar questões familiares, esta obra também explora aspectos históricos, desde a queda da Monarquia até o Estado Novo. Nesse mesmo ano, 2000, Zélia também publicou o livro infantil *Jonas e a sereia*.

As últimas obras publicadas por Zélia – *Códigos de família*, *Memorial do amor* e *Vacina de sapo e outras lembranças* – foram escritas após a doença de Jorge Amado. A primeira, *Códigos de família* (2001), é prefaciada por sua filha Paloma, e nele Zélia inventaria e desvenda a origem de apelidos, gírias, manias e expressões de sua família. Este inventário familiar permite que Zélia introduza novas e antigas histórias.

No dia 6 de agosto de 2001, Jorge Amado morreu. Neste mesmo ano, Zélia foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, cadeira 23, anteriormente ocupada por seu marido.

Memorial do amor (2004), que Zélia terminou de escrever aos 88 anos, foi inspirado na saudade. Em sua última obra publicada, um memorial dos quarenta anos vividos na casa do Rio Vermelho costura as histórias já bem conhecidas com os desabafos emocionados de uma experiência recente: a ausência de Jorge.

Vacina de sapo e outras lembranças (2005) remete à teoria do grau zero da literatura, do francês Roland Barthes (2004): todo o conjunto de uma obra-prima literária caminha para o silêncio de quem a criou. Nessa última obra, Zélia Gattai resgata novamente histórias, viagens, momentos de alegria e de tristeza – esta provocada, principalmente, pela dolorosa separação da morte. Neste livro, ela retoma a agonia de Jorge Amado nos últimos três anos de sua vida, e expõe sua dor e alegrias, numa experiência catártica na qual narra o primeiro e o último beijos do casal.

Conforme exposto nas descrições acima, as memórias de Zélia se mesclam a grandes acontecimentos sociais e políticos que marcaram o mundo. Não são, portanto, unicamente memórias individuais de uma senhora que passou a escrever quando tinha 63 anos, mas, sim, o relato de alguém que viveu – e relatou – transformações que mudaram a história do mundo. Por isso, o trabalho aqui introduzido não simplesmente se ateve a analisar a narrativa de Zélia Gattai, mas, também, se dedicou a pesquisar e situar historicamente os eventos que ela narrou durante suas obras. Tal atitude, de se procurar um embasamento histórico ao contado por Zélia, visa, aqui, a uma tentativa de apresentar, sob outras perspectivas, o que foi contado por ela, utilizando “outros olhares”, ora jornalísticos, ora bibliográficos.

Assim, a fim de abordar fatos realmente pertinentes, e prezando pela objetividade e, porque não, pela preferência pessoal, os assuntos contados por Zélia

considerados mais relevantes foram catalogados, privilegiando o conceito barthesiano de “biografema”.

Esta pesquisa teve conduta exploratória, de caráter bibliográfico e utilizou como escopo todas as dez obras memorialísticas de Zélia Gattai. A opção por um escopo tão extenso levou em conta o fato de que ela escrevia de maneira não linear e o catalogar assuntos em biografemas muitas vezes exigiu diálogos entre várias de suas obras, onde o mesmo fato era retomado e revisto.

É importante sempre ressaltar que a narrativa da autora, apesar de muitas vezes rerepresentar fatos já contados, carrega a marca do amadurecimento, não só pessoal, mas também criativo e intelectual. As histórias não se repetem, na verdade se suplementam. A Zélia Gattai militante, mulher e, principalmente, a escritora, que se mostrou e narrou sem pudores, desabrochou ao longo de sua produção literária.

O interesse desta pesquisa foi norteado, portanto, pelo jogo de construção de memória proposto por Zélia Gattai a seus leitores. Ao se propor como *corpus* deste trabalho a comparação entre as obras de Zélia e a reescritura de suas memórias familiares, sociais e históricas através dos biografemas, pretendeu-se lançar luz sobre o testemunho da autora, entendendo como funcionou a lógica das memórias contadas, como se estabeleceu a ligação entre elas, a contaminação da memória pela ficção, o papel do pacto autobiográfico na construção de suas narrativas, buscando-se estabelecer uma discussão sobre as representações de memória, de acordo com uma perspectiva contemporânea.

Além do acima exposto, essa pesquisa se justifica por outros dois aspectos muito importantes: o ineditismo e a relevância. Quanto ao ineditismo, pode-se ressaltar que, embora a autora tenha sido eleita imortal da Academia Brasileira de Letras e condecorada internacionalmente (título de Officier de L'Ordre des Arts et des Lettres, concedido pelo governo francês; título no grau de Grande Oficial da Ordem do Infante Dom Henrique, concedido pelo governo português) pelas obras publicadas, pouco se pesquisou até hoje sobre seus escritos. Quanto à relevância, a aproximação das obras memorialísticas de Zélia, seguida pela análise dos processos de resgate da memória construído nas mesmas e o deslocamento da escritora, enquanto entidade empírica e histórica, para o universo ficcional, configura uma tipologia literária com natureza, funcionamento e função próprios, além de ter caráter inédito e oferecer uma contribuição significativa aos estudos de memória, autobiografia e seus fenômenos contemporâneos.

1 ZÉLIA GATTAI E A ARTE DO LEMBRAR

Ao se observar em *close reading* as obras memorialísticas de Zélia Gattai, percebe-se que a forma de escrita da autora apresenta uma característica bastante interessante: a não linearidade. Expressões como “Peço licença”, “Faço um parêntese” e “Interrupção para romper a rigidez da cronologia” surgem a todo tempo, servindo como um aviso de que uma digressão irá acontecer e algo novo, talvez sem nenhuma relação direta com o que estava sendo contado, irá surgir. Conforme a experiência como escritora de Zélia foi avançando, mais este recurso foi se revelando de forma clara e ousada. Enquanto que em *Anarquistas graças a Deus (AGD)* a linearidade do texto é quase absoluta, em outros, com a autora cada vez mais experiente, o recurso foi se tornando corriqueiro, a ponto dela “conversar” com o leitor para se desculpar sobre uma história que contaria de novo ou, ao contrário, se recusar a falar novamente algo já dito. Em *Chão de meninos (CHDM)*, por exemplo, publicado treze anos depois de *Anarquistas*, ela declara:

Não vou contar aqui as histórias e as aventuras que vivemos na companhia de Pablo e de Matilde na inesquecível viagem ao Paquistão, Ceilão, Índia, Birmânia, China e União Soviética. Até gostaria de narrá-las novamente, pois outra vez as reviveria, mas não posso. Não vou repetir histórias já contadas. Em livro anterior precipitei-me e escrevi com detalhes o que por direito deveria caber neste livro, caso minhas histórias seguissem uma linha cronológica. Só que esta linha não existe, escrevo por linhas tortas. Não consigo encarrear fatos um atrás do outro no correr do calendário. Embalome ao sabor das lembranças à medida que elas me vêm à memória... Acabo de lembrar, por exemplo, que dessa viagem deixei de contar o começo, o voo Rio-Roma, de onde partimos para Sri Lanka. Ainda é tempo. (GATTAI, 2010, p. 112)

Este vai e vem da escrita de Zélia comporta, por exemplo, períodos com verbos conjugados no passado que se transformam, em segundos, em relatos trazidos para o presente, com direito a verbos conjugados não só no presente do indicativo, mas, também, no presente histórico. Em um momento o leitor está na década de 50, na Europa, e, na sequência, está 40 anos à frente, na Bahia. Em muitas dessas passagens, ela aproveita a chance de reviver fatos para refletir sobre eles e externar como o tempo modificou sua percepção das coisas: “E a lição me valeu? Ora, se valeu! Valeram essa e outras que fui colhendo, aqui e ali, no correr

dos anos. No correr dos anos fui conhecendo gente, pessoas, que me ensinaram a arte de bem viver [...]” (GATTAI, 2009, p. 60)

Este movimento de ir e vir é explicado por Zélia como sendo uma coisa inevitável. Para ela, ao se escrever sobre algo vivido, acontecia uma inevitável simbiose entre lembranças e emoções, e o podar dessa mistura deixaria o relato dessas lembranças mecanizado, afastando completamente a emoção que o cercava. Por isso, para ela, as repetições de assuntos eram normais, já que, muitas vezes, ao se lembrar de algo, outro fato vinha junto, carregado pela lembrança do primeiro. Mas não era, portanto, um simplesmente repetir, porque, ao resgatar situações familiares já narradas em livros anteriores, Zélia lhes dava outra roupagem, inserindo fatos, dados e pessoas.

Como num processo de “escavação”, Zélia, por meio do resgate arqueológico de suas memórias, traz à superfície lembranças, momentos, pessoas e lugares, soterradas pelo tempo ou pelo esquecimento, como num processo de devolver-lhes à vida. Segundo Benjamim, no fragmento *Escavando e recordando*:

[...] [a memória] é o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades ficaram soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois 'fatos' nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. (1987, p. 239)

Zélia Gattai, ao falar de si, de suas memórias pessoais e coletivas, sociais e familiares, retoma um percurso que há muitos séculos o homem vem fazendo, o desdobrar-se analítico sobre si próprio e a sociedade.

1.1 A questão da autobiografia e seus desdobramentos:

Michel Foucault, em seu clássico texto *A escrita de si*, relata que desde a Antiguidade o homem aliou escrever e refletir. Citando as obras autobiográficas de Marco Aurélio, as cartas de Sêneca e as confissões de Santo Agostinho como importantes fontes documentais sobre o mergulhar em si, Foucault demonstra, em documentos datados entre o século I e II, a existência de livros – os *hypomnemata* – que, a princípio, serviriam como controle de contabilidade, registros de ordem profissional, mas que foram, ao longo do tempo, se tornando espaço para registros pessoais. Por essa razão, os *hypomnemata* podem ser considerados como uma excelente fonte primária de relatos da memória do eu.

Segundo Foucault,

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinham ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação interior. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação), ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça). (1992, p. 89)

O filósofo latino Sêneca considerava, inclusive, os *hypomnemata* como escritos que refletiam a alma. Para Wander Miranda,

[...] o que está em germe nos *hypomnemata* é a escrita do eu performadora da noção de indivíduo que se verá sedimentada, bem posteriormente, na autobiografia tal como praticada e entendida nos tempos modernos e na qual assume evidente relevo a discussão das relações entre vida e obra, entre o eu enquanto sujeito e enquanto objeto de representação. (1992, p. 29)

Assim, as *Cartas a Lucílio*, de Sêneca, os *hypomnemata*, as *Confissões de Santo Agostinho* – consideradas por muitos como o marco inaugural da escrita de si – e outros tantos documentos históricos comprovam, segundo Foucault, que a escrita de si, aliada ao recurso do lembrar, faz parte da vida do homem desde tempos remotos.

É secular, portanto, a ação de utilizar-se do retorno ao passado como autorreflexão e este debruçar sobre si levou à produção de textos autobiográficos,

íntimos, que muitas vezes tinham a memória como elemento principal. Porém, apesar do desdobramento do “eu” ser a matéria principal da autobiografia, este gênero não é o único a utilizar-se desse recurso.

Em termos de definição, é fácil distinguir a autobiografia das memórias: a primeira consiste na reconstituição e narração da vida daquele que escreve, enquanto as memórias são mais abrangentes e recriam todo um mundo social. Entretanto, na prática, muitas vezes é difícil classificar as obras, que misturam a linha linear da autobiografia clássica com memórias sociais e familiares, traçando perfis de amigos e ancestrais, descrevendo o ambiente em que viveram. No Brasil, a tendência é chamar de memória, mesmo quando o autor se aproxima bastante do modelo da autobiografia clássica. (FIGUEIREDO, 2013, p. 48)

Existem, portanto, outras representações de “escrita de si”, próximas, porém diferenciáveis, com particularidades e funções próprias. As memórias, as cartas, os diários, a escrita testemunhal e até mesmo a biografia apresentam características específicas, embora todos tenham o indivíduo como foco principal: “Difícil traçar o limite exato entre a autobiografia, as memórias, o diário íntimo e as confissões, visto conterem, cada qual a seu modo, o mesmo extravasamento do ‘eu’” (MOISÉS, 1982, p. 50). Sendo assim, é importante que a diferenciação seja feita, já que a produção de Zélia Gattai utilizada como escopo dessa pesquisa é de cunho memorialista e, portanto, utiliza-se do vivido como recurso principal.

No resgate do que se viveu, a memória tem importância capital. O culto à memória é antigo. Os gregos consideravam a memória como algo divino e era de Mnemosyne, mãe das musas e deusa da memória, a função de proteger o que deveria ser lembrado, cultuado e jamais esquecido. Na história da Grécia, musas e poetas ocupavam lugares de extremo destaque. De acordo com a obra *Teogonia*, ou *Genealogia dos deuses*, diferentes deuses compõem a história mitológica grega. Nos 1022 versos hexâmetros da *Teogonia*, o mundo surge com o nascimento dos numerosos deuses que o constituem. Hesíodo, autor da *Teogonia*, era um aedo, ou cantor, de acordo com a língua grega antiga. Os aedos eram poetas ágrafos que cultuavam a deusa Memória e, guiados por ela, criavam composições orais, transmitidas por gerações.

Mnemosine, revelando ao poeta os segredos do passado, o introduz nos mistérios do Além. A memória aparece então como um dom para iniciados, e a anamnese, a reminiscência, como uma técnica ascética e mística. Também a memória joga um papel de primeiro plano nas doutrinas órficas e pitagóricas. Ela é o antídoto do Esquecimento. No inferno órfico, o morto

deve evitar a fonte do esquecimento, não deve beber no Letes, mas, ao contrário, nutrir-se da fonte da Memória, que é uma fonte de imortalidade (LE GOFF, 1990, p. 434)

A deusa da memória, Mnemosyne, segundo Hesíodo, era filha de Gaia (Terra) e Urano (Céu), e tinha como irmãos Okeanos (Oceano) e Chronos (Tempo). Da união de Mnemosyne com Zeus, nasceram nove filhas: as musas. Os poetas gregos creditavam às musas toda a sua inspiração e diziam ser apenas um instrumento, já que simplesmente repetiam o que haviam ouvido delas.

De acordo com Fátima Régis,

Para garantir o ciclo criado pela mitologia grega, uma figura destaca-se: o sábio ou poeta. Para uma civilização que não possui a escrita, as práticas orais afirmam-se como legítimas na continuidade das tradições de um povo. Mas, na Grécia dos séculos XII ao IX a.C., a palavra do poeta era mais do que isso: inspirado pelas Musas Divinas, o poeta é um Mestre da Verdade, seu canto tem o valor de Alétheia (Verdade). De acordo com Detienne (1988, p.15), “a palavra do poeta é solidária a duas noções complementares, a Musa e a Memória”. Estas duas potências religiosas definem a configuração geral que confere à Alétheia poética sua significação real e profunda. Na obra de Hesíodo, as Musas aparecem como filhas de Mnemosyne. As Musas são potências religiosas que inspiram os poetas [...]. Quanto à Memória, é fácil compreender que assume grande importância em uma civilização sem escrita, pois dela depende a transmissão dos costumes e tradições. Mas a memória do poeta grego diferencia-se da capacidade humana de recordar. Ela não é somente uma tentativa de reconstrução e transmissão do passado às gerações futuras. Para os gregos, a Memória é sagrada e privilégio apenas de alguns homens. A Memória do poeta inspirado é uma onisciência de caráter adivinhatório: mediante uma visão pessoal, ela permite ao poeta acesso direto aos acontecimentos que evoca. Permite-lhe entrar em contato com o mundo dos deuses e vislumbrar o presente eterno. A memória do poeta é, portanto, uma potência religiosa e confere à poesia o estatuto de palavra mágico-eficaz. (1997, p. 20)

A memória pode, desta forma, contribuir de maneira significativa na manutenção não só de um passado individual, mas, também, na perpetuação de narrativas sociais, utilizando-se do recurso de evocar acontecimentos passados, trazendo-os de volta ao presente.

Ainda relacionando memória à Grécia antiga, Platão já acreditava que aquela seria a “representação presente de uma coisa ausente” (2007, p. 76), propondo, desta forma, uma possível relação entre lembrar o que se viveu e imaginar o que poderia ter sido vivido. Para o filósofo, a memória era um grande “aviário”, que mantinha presas as lembranças, aqui metaforizadas em aves.

A reflexão sobre a memória e seus desdobramentos deixou a Grécia e ganhou o mundo. Muitos estudiosos debruçaram-se sobre questões teóricas, psíquicas e sociais que envolvem a representação do passado. Freud, por exemplo, dedicou-se a estudar a memória sob a luz da Psicanálise, inaugurando, dessa forma, uma nova forma de entender o lembrar, ao propor a teoria de que as memórias se reorganizam de tempos em tempos, estabelecendo novos nexos, confundindo presente e passado, se afastando, assim, da noção de verdades absolutas, baseadas em fatos lembrados.

A reorganização das lembranças invocada por Freud passou a ser cada vez mais estudada. A neurociência, por exemplo, concebe hoje memória como o resultado de um processo neurológico que envolve o arquivamento de informações obtidas a partir de experiências vividas. O cérebro é o nosso grande arquivo, cinza, que não pesa mais de 1,5 kg.

As memórias ficam “arquivadas” dentro de três grandes categorias: a memória ultrarrápida, a memória de curto prazo e a memória de longo prazo. Essa última relaciona-se diretamente à Zélia Gattai, já que ela afirmou inúmeras vezes que a memória era a principal ferramenta de sua escrita:

Não tomo notas de nada, nunca possuí um diário, tiro tudo da memória. Eu costumo dizer que um livro de memórias, além do prazer que dá escrevê-lo, trazendo lembranças antigas, resgatando amizades perdidas no tempo e no espaço, nos surpreende, por vezes, com gratas surpresas. Eu, que não tomo notas de nada, nunca possuí um diário, tiro tudo da memória à medida que vou escrevendo, além das amizades resgatadas, volto a sentir perfumes, sabores e relembro cores. (GATTAI, 2009, p. 14)

A memória de longo prazo, utilizada por Zélia, é classificada como “memória declarativa episódica”, já que envolve datas e eventos acontecidos em um tempo passado. Este tipo de memória é responsável pelo armazenamento, esquecimento e posterior recuperação das lembranças.

Ecléa Bosi, em *Memória e sociedade*, trata da diferença entre a mesma pessoa no presente e no passado:

Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (1979, p. 55)

A recuperação do que foi vivido permite que passagens de uma vida sejam remontadas num outro momento, e que o sujeito possa, no presente, reescrever seu passado. E é justamente nessa ação de resgate de lembranças e reescrita de histórias que se encontra o texto de memória, rompendo com a linearidade do tempo e modificando eventos e sentidos.

[...] Gênero polimórfico – desde todas as formas do passado nacional às histórias do cotidiano humano – o Memorialismo, este estilo híbrido, flutuante, polêmico – É arte ou desabafo? É ficção ou confissão? É Psicologia, Sociologia ou Literatura? É verdade ou fantasia? – propicia fecunda esteira de questionamentos. Ora tem o sujeito pessoal como objeto, ligando o “élan” vital à metafísica da coexistência dos dados imediatos da consciência bergson-proustiana. Ora possui como objeto, o sujeito histórico – quer na retrospectiva demandada do ser cultural, quer nas memórias-testemunho das agonias políticas. Para alguns teóricos, a memória é tida ainda como categoria menor e sem peso estético. No entanto, alargou muito seus estatutos e fronteiras na produção contemporânea. (NASCIMENTO, 1990, p. 64)

Apesar das narrativas que envolvem a memória fazerem parte da vida do homem há séculos – colocação reafirmada pelas *Confissões* de Santo Agostinho ou pelo “viveiro de lembranças” de Platão –, foi a partir do século XIX que a escrita de e sobre memórias floresceu. Marcel Proust, Henri Bergson e, mais adiante, Walter Benjamin, entre outros, se dedicaram a refletir e escrever sobre o assunto. Segundo Chauí,

A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela: *Em busca do tempo perdido*, do escritor francês Marcel Proust. Para Proust, como para alguns filósofos, a memória é a garantia de nossa própria identidade, o podemos dizer “eu” reunindo tudo o que fomos e fizemos a tudo que somos e fazemos. Em sua obra *Confissões*, Santo Agostinho escreve: “Chego aos campos e vastos palácios da memória, onde estão tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie... Ali repousa tudo o que a ela foi entregue, que o esquecimento ainda não absorveu nem sepultou... Aí estão presentes o céu, a terra e o mar, com todos os pormenores que neles pude perceber pelos sentidos, exceto os que esqueci. É lá que me encontro a mim mesmo, e recorro das ações que fiz, o seu tempo, lugar, e até os sentimentos que me dominavam ao praticá-las. É lá que estão também todos os conhecimentos que recorro, aprendidos pela experiência própria ou pela crença no testemunho de outrem.” (2002, p. 215-216)

Mais especificamente no Brasil, a escrita de memórias foi inaugurada por volta de 1890, com *Memórias*, de Visconde de Taunay. Aqui, até a segunda metade do século XX, segundo afirmou Afrânio Coutinho, na obra *Literatura no Brasil*, ainda não havia uma tradição de produções memorialísticas (1979, p.125). Essa situação, porém, não permaneceu estática e muitos de nossos autores se dedicaram a tal fim. Uma lista extensa de nomes importantes poderia ser citada, porém nos dedicaremos neste momento a três, considerados relevantes para o desenrolar deste estudo: Helena Morley (pelo pioneirismo), Jorge Amado (pela familiaridade com Zélia Gattai) e Pedro Nava (pela proximidade textual).

A publicação de *Minha vida de menina* (2005), de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, marca a entrada do relato feminino, de cunho íntimo, no *corpus* da Literatura Brasileira. Encorajada por seu pai, a menina Alice escrevia muito e adquiriu o costume de anotar situações e sentimentos que ela vivenciava. Destes escritos nasceu *Minha vida de menina*, publicado pela primeira vez em 1942. Essa obra, o diário de uma garota de 13 anos, com ascendência inglesa, que viveu na Diamantina do século XIX, retrata questões vividas entre 1893 e 1895, e teve, na época do lançamento, importantes incentivadores como Carlos Drummond de Andrade e João Guimarães Rosa. Além disso, o texto encantou a poetisa americana Elizabeth Bishop, que dedicou anos à tradução do livro para o inglês, possibilitando, dessa forma, a publicação do mesmo em outro idioma.

Jorge Amado, romancista, também se dedicou a escrever suas memórias. O livro *Navegação de cabotagem* (1992) reúne, de maneira não linear, lembranças do escritor vividas a partir de 1920. A obra, que tem como subtítulo “Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei”, começou a ser escrita em Nova York, durante a estada do escritor e de Zélia Gattai no país. O casal estava lá porque participaria do Congresso Internacional do Pen Club, porém os dois adoeceram de pneumonia e não puderam comparecer às conferências. Acamado e impossibilitado de deixar o hotel, Jorge começou a redigir notas, sem apego cronológico, sobre seu passado, contrariando, dessa forma, um pacto que ele, Pablo Neruda e Ilya Eremburg tinham firmado tempos antes: os três jamais publicariam uma obra memorialística. Jorge descumpriu o pacto, fato que explica o subtítulo do seu livro. Neruda também. Ilya acabou tendo sua promessa quebrada pela filha, que publicou postumamente as memórias do pai.

Navegação de cabotagem, publicado em comemoração aos 80 anos de Jorge Amado, traz referências de tempo e espaço, porém não segue uma rigidez cronológica; assim como Zélia Gattai, Jorge também escreveu suas memórias seguindo um fluxo descontínuo. Segundo Rosenfield,

Não existem recordações específicas em nosso cérebro; existem apenas meios de reorganizar as impressões passadas, de dar ao mundo incoerente e onírico da memória uma realidade concreta. As memórias não são fixas, mas sim generalizações – recriações – do passado que estão em constante evolução, dando-nos um sentimento de continuidade, um sentimento de existência, com passado e futuro. Elas não são unidades distintas, vinculadas ao longo do tempo, e sim um sistema em evolução dinâmica. (1994, p. 80-81)

Especificamente nessa obra de Jorge Amado, estabelece-se um interessante exercício de intertextualidade com as obras memorialísticas de Zélia Gattai. Grande parte das lembranças invocadas por Jorge em *Navegação de cabotagem* também foram contadas por Zélia em seus livros, já que por 47 dos 80 anos que Amado retomou, o casal estava junto. A principal diferença é o ponto de vista, o relato em primeira pessoa, levando-se em conta que todas essas obras têm um narrador autodiegético. Segundo Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura*: “O narrador autodiegético é um subtipo do narrador homodiegético. É aquele que é ‘co-referencial’ com o protagonista da narrativa, narrando sua própria história”. (1976, p. 762).

Outra questão interessante a ser abordada é o contar a partir da memória do outro, artifício extremamente usado por Zélia Gattai em suas obras, que também foi utilizado por Jorge Amado. Muitas vezes recorreu-se a uma história ouvida, e não vivida, para narrar um fato, dando um caráter coletivo, social, às lembranças.

Consideremos agora a memória individual. Ela não está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que prestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com as dos outros. Ela é limitada muito estreitamente no espaço e no tempo. A memória coletiva o é também: mas esses limites não são os mesmos. (HALBWACHS, 1990, p. 53)

Assim como Zélia e Jorge, Pedro Nava também se dedicou, na maturidade, a transpor para o papel as suas lembranças. O escritor, médico de formação, deu início a sua escrita de memórias na terceira idade. Da mesma forma que Zélia Gattai, Pedro Nava só lançou seu primeiro livro de memórias, *Baú de ossos*, com quase 70 anos.

A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo que com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. (NAVA, 1974, p. 17)

Além do início tardio, propício a lacunas e esquecimentos, algumas outras questões aproximam Zélia e Nava. As lembranças de ambos, muitas vezes, partem da memória do outro. Assim como Zélia cita inúmeras fontes de retomada, como seus tios, pais e avós, e, mais tarde, Lalu, mãe de Jorge Amado, Nava também se apoiava naquilo que ele ouviu e que, muitas vezes, também era uma história contada por uma terceira pessoa. Ao assumirem este papel, Zélia e Nava tornam-se “guardiões da memória familiar” (SOUZA, 2011, p. 18) e reconstroem fatos passados “colando” suas falas à de parentes e amigos, que, muitas vezes, nem estavam mais vivos, mas eram trazidos de novo à vida por meio da escrita das memórias – movimento conduzido pela ficcionalização, inerente à passagem da vida para o papel.

É como se tomássemos uma estrada que percorremos outrora, mas de viés, como se examinássemos de um ponto de onde jamais havíamos visto. Temos de recolocar os diversos detalhes em outro conjunto, constituído por nossas representações do presente. Parece que chegamos a uma nova estrada. Os detalhes só retomam seu antigo sentido em relação a todo um conjunto novo que nosso pensamento já não abrange. Poderíamos nos lembrar de todos os detalhes em sua respectiva ordem. É do conjunto que temos de partir – mas isto não é possível, porque há muito tempo nos afastamos dele e teríamos de voltar muito tempo atrás (HALBWACHS, 1990, p. 37)

Mas, sem dúvida, o maior elo entre Zélia e Nava foi o exercício de serem biógrafos de sua existência, narrando-se sob a égide autobiográfica.

Memória e autobiografia são escritos, híbridos, que se completam e apresentam cada qual sua particularidade: “a autobiografia propriamente dita seria uma autorrepresentação (o indivíduo assume papel preponderante no texto) e as memórias uma cosmo-representação”. (SANTIAGO, 1994, p. 37)

A escrita da vida de si mesmo – a autobiografia – é mais uma das possibilidades de extravasamento do eu:

[...] a aparição de um “eu” como garantia de uma biografia é um fato que remonta a pouco mais de dois séculos somente, indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês. Efetivamente, é no século XVIII – e, segundo certo consenso, a partir das *Confissões* de Rousseau – que começa a se delinear nitidamente a especificidade dos gêneros literários autobiográficos, na tensão entre a indagação do mundo privado, à luz da incipiente consciência histórica moderna, vivida como inquietude da temporalidade, e sua relação com o novo espaço social. Assim, confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências traçariam, para além de seu valor literário intrínseco, um espaço de autorreflexão decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente. (ARFUCH, 2010, p. 35-36)

O conceito de autobiografia foi definido por Philippe Lejeune como um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (2008, p. 14).

Philippe Lejeune tornou-se o especialista incontestável da autobiografia e de todas as formas da escritura íntima. Nascido em 1938 numa família de universitários, formados pela *École Normale Supérieure* da rua *d’Ulm*, *docteur d’État*, membro do Instituto Universitário da França, reconhecido e solicitado nos quatro cantos do mundo, ele poderia ter se contentado em gerenciar a celebridade, fazendo da escritura íntima um domínio de pesquisa como outros. Preferiu deixar-se levar pela vertigem do discurso pessoal, tornando-se um militante através da Associação pela Autobiografia e o Patrimônio Autobiográfico (APA). Os desconhecidos que escrevem hoje lhe interessam provavelmente tanto quanto os testemunhos do passado, mas o tocam mais. (PACE, 2012, p. 20)

Para Lejeune, a condição principal para que a autobiografia seja reconhecida como tal é a relação de identidade entre autor, narrador e personagem. Essa relação será marcada de maneira geral pelo uso da primeira pessoa do discurso: “a identidade narrador-personagem principal, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa. É o que Gérard Genette denomina narração ‘autodiegética’” (LEJEUNE, 2008, p. 15-16). O próprio Lejeune corrobora essa relação quando esclarece que:

A identidade se define a partir de três termos: autor, narrador e personagem. Narrador e personagem são as figuras às quais remetem, no texto, o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado. O autor, representado na margem do texto por seu nome, é então o referente ao qual remete, por forças do pacto autobiográfico, o sujeito da enunciação. (2008, p. 36)

Apesar de pouco usual, a autobiografia também comporta a utilização da segunda e da terceira pessoas do discurso. A fim de evitar confusões entre pessoa do discurso e identidade, Lejeune elaborou um quadro de possíveis relações entre pessoa gramatical e identidades:

Pessoa gramatical ↓ Identidade →	EU	TU	ELE
Narrador = personagem principal	Autobiografia clássica (autodiegética)	Autobiografia em segunda pessoa	Autobiografia em terceira pessoa
Narrador ≠ personagem principal	Biografia em primeira pessoa (narrativa de uma testemunha) (homodiegética)	Biografia endereçada ao modelo	Biografia clássica (heterodiegética)

Segundo o quadro acima (2008, p. 18), é possível estabelecer tipologias de escrita a partir das relações entre autor, narrador e personagem principal. Quando se estabelece uma relação direta entre a “pessoa gramatical eu” e o narrador/personagem principal, ocorre o que Lejeune classifica como autobiografia clássica autodiegética.

Outra questão levantada por Lejeune faz referência ao pacto estabelecido na autobiografia. Para Lejeune, três tipos de pacto poderiam ser instituídos: o ficcional, o autobiográfico e o nulo. Para este momento da pesquisa, é a definição de pacto autobiográfico que se faz necessária. Este propõe que deve haver um contrato de fé estabelecido entre o leitor e o autobiógrafo, que se compromete a compreender a

sua própria vida através do ato da escrita, necessitando, portanto, de sinceridade absoluta, mas não de uma exatidão histórica impossível.

Talvez a maneira mais apropriada de abordar o tema autobiografia seja afirmando positivamente aquilo que ela não é e não pode ser, afirmando a sua impossibilidade de cumprir a sua mais profunda promessa: apresentar a verdade de uma vida reunida numa trama narrativa. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 17)

Zélia Gattai, ao longo de sua carreira, produziu obras memorialísticas, onde ela, como narradora autodiegética, apresentava em primeira pessoa os fatos vividos, sendo, portanto, a grande protagonista de suas lembranças, unindo, desta forma, as vozes da narradora, da personagem principal e da autora.

Apesar do protagonismo narrativo, as obras de Zélia, conforme já dito, tiveram como matéria fundamental a memória dela e de outros. Depois de ter vivido mais de sessenta anos, ela se propôs a passar para o papel lembranças de tempos variados. É importante ressaltar que Zélia sempre fez questão de afirmar que escrevia sem contar com a ajuda de anotações; ia escrevendo as memórias da maneira como essas surgiam, como num fluxo de consciência. Estratégia narrativa ou verdade absoluta à parte, as anotações que ela dizia não fazer poderiam contribuir de maneira significativa o “trazer à tona” pessoas e fatos, tornando o processo de lembrar menos turvo.

Segundo Halbwachs,

Poderíamos nos lembrar de todos os detalhes em sua respectiva ordem. É do conjunto que temos de partir, mas isto não é possível, porque há muito tempo nos afastamos dele e teríamos de voltar muito tempo atrás. Com o passar do tempo muitos detalhes são apagados da memória. (1990, p. 37)

Foi, portanto, sempre assumido pela autora que nunca houve intenção por parte dela de conter o fluxo das memórias, mesmo que este não fosse linear. Em seus relatos, fatos e ações não seguem um fio lógico ou temporal, e sim obedecem a um ordenamento interior, ditado pela memória e estabelecido durante o ato de escrita. Percebe-se, então, que ela preferiu contemplar o registro do vai-e-vem da memória, a organizar uma história linear.

[...] através da narrativa autobiográfica, podemos dar forma e dignidade a essa história, podemos fixar fatos e memórias de fatos e lembrar. Dessa maneira, o tempo não poderá mais escamoteá-la [...]. Na medida em que

escrevemos, é possível sentir o passado sair de seu esconderijo, dia a dia. É como revelar os negativos de uma vida, retomando-os nas mãos, assumindo a responsabilidade de tudo aquilo que fomos ou fizemos: [...] (OLMI, 2006, p. 24)

Conforme já dito, ao utilizar-se de termos como “Peço licença”, “Faço um parêntese” e “Interrupção para romper a rigidez da cronologia”, a autora marcava que ela romperia a narrativa e daria vazão às lembranças, sem preocupação com marcos temporais. Essa autorrepresentação de Zélia acerca de sua maneira simples de escrever e da dinâmica utilizada na construção dessas memórias “soltas”, descompromissadas, confere aos textos um tom espontâneo, de conversa, deixando-os, estrategicamente, mais próximos do leitor, podendo disfarçar, dessa forma, os importantes processos de seleção e organização textual, necessariamente presentes no ato de transpor uma narrativa, como a de memória, por exemplo, para o papel.

[...] a autorrepresentação serve para solidificar o passado e também para criar um presente significativo e conseguir um novo sentido de verdade, uma verdade que só agora, o presente da escritura, foi capaz de trazer à tona, numa revelação que tem sabor de “epifania” (OLMI, 2006, p. 37)

Ao afirmar que escrevia sem se utilizar de anotações, podendo estar sujeita às ciladas promovidas pelo resgate de fatos vividos há muito tempo, Zélia cria para o leitor a representação de alguém que escreve sentimentalmente, sem apego à técnica.

Avançando uma hipótese, não é tanto o “conteúdo” do relato por si mesmo – a coleção de acontecimentos, momentos, atitudes –, mas precisamente as *estratégias* – ficcionais – de autorepresentação o que importa. Não tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*. No caso das formas testemunhais, tratar-se-á, além disso, da verdade, da capacidade narrativa do “fazer crer”, das provas que o discurso consiga oferecer, nunca fora de suas estratégias de verificação, de suas marcas enunciativas e retóricas. (ARFUCH, 2010, p. 73)

E, ao reconhecer que não seria possível ser exata, já que estava relembando, resgatando memórias e, inundada de emoção, passando-as para o papel, ela liberta seus escritos de possíveis amarras históricas. Costa Lima, em

Sociedade e discurso ficcional, declarou que “a autobiografia se caracteriza pelo seu caráter sempre instável – condenada a um eterno claudicar entre a narrativa histórica e a narrativa ficcional.” (1986, p. 255)

Já Walter Benjamin, em *A imagem de Proust*, descreve este exercício de resgate do passado como “o trabalho de Penélope da reminiscência”. Penélope era a tecelã da mitologia grega e Benjamin utiliza-se dessa figuração para abordar a postura de Proust na obra *Em busca do tempo perdido*:

Sabemos que Proust não descreveu em sua obra uma vida como de fato foi, e sim uma vida lembrada por quem a viveu. Porém, esse comentário é ainda difuso e demasiadamente grosseiro. Pois o importante, para o autor que rememora, não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento? [...]. Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. (BENJAMIN, 1987, p. 37)

O que está em jogo, portanto, não é somente a compreensão do passado, mas sim a interpretação desse passado no presente e as implicações desse “novo” presente para o futuro. A “verdade”, os recortes e as escolhas são feitos pelo próprio autor, que constrói a maneira como vê a si mesmo, direciona como deve ser apresentada a trajetória de sua vida e, principalmente, desenha, ele próprio, como pretende apresentar-se perante os outros: “os autobiógrafos são movidos, cada um, pelas suas próprias motivações e interesses, e o leitor não permanece alheio a este fato”. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 48). Percebe-se, portanto, que a autobiografia é uma composição híbrida, que transita entre a fantasia e a realidade.

A escrita autobiográfica de Zélia era, segundo ela própria, mediada unicamente pelas memórias. Levando-se em conta questões como interpretações pessoais, inferências ou idade – já que Zélia começou a escrever tarde e “a memória é seletiva e esse processo se torna ainda mais agudo na velhice” (Galvão, 2006, p. 42) –, pode-se entender que existe uma literariedade presente na construção de suas obras, representada pela ação mimética de algo que busca aproximar-se do real, mas não representa a realidade pura.

Rousseau declarou no início do Livro VII de suas confissões que desejava revelar com exatidão cirúrgica seus sentimentos e todas as suas lembranças, expor-se inteiramente, e é justamente nessa questão na qual ele acredita que se baseia a noção de verdade. Para ele é perfeitamente

compreensível que ocorram erros de datas, ou omissão de fatos, mas os sentimentos que o levaram a relatar suas memórias devem ser precisos, não se admitindo, segundo ele, portanto, enganos nesse sentido. (DUQUE-ESTRADA, 2009, p. 60)

2 OS BIOGRAFEMAS

Conforme já exposto, boa parte da carreira de escritora de Zélia Gattai foi destinada a reconstruir seu passado através da escrita. Foram mais de uma dezena de obras onde ela se dedicou a recontar sua história, a refazer percursos e reviver lembranças, nem sempre tão felizes.

Um traço bastante característico dessas obras de Zélia é a maneira com a narrativa é conduzida. O texto, fluído e leve, faz muitas vezes parecer para o leitor que ele e a autora estão conversando, descontraídos, como velhos amigos. Essa leveza do texto faz com que histórias sejam contadas de maneira parcial, entrecortadas por outras. Recurso de autorrepresentação ou não, o fato é que a falta de cronologia que ela fazia questão de destacar em seus textos lhes deu um tom menos formal, de crônica, fato que transmite aos textos da autora uma aura de “conversa”.

Zélia Gattai Amado gosta de se definir como “contadora de histórias”, e utiliza a magia da palavra e do seu coração para transmitir aos outros as histórias de sua vida, histórias que chegam a compor também uma grande parte da História da imigração italiana e da História do Brasil. [...]. As suas vicissitudes não são somente privadas, mas adquirem sentido porque tornam-se parte das vicissitudes universais. Assim, a história se sacraliza. Zélia consegue realizar uma operação quase mágica na escritura que é a de introduzir a sacralização da oralidade no texto escrito. Para fazê-lo, opera, no ato de escrever, uma quebra que permite a um elemento característico da oralidade ultrapassar o texto para chegar diretamente ao olho, ao ouvido e ao coração do leitor: falo da emoção. Ela consegue não somente criar uma espécie de ponte com o mundo da oralidade, mas, também, uma mistura entre a voz e a escritura que podemos definir como fone-grafia, do grego phoné (voz) e grafia (escritura): a capacidade de transmitir a oralidade através da escrita [...]. (ROSCILLI, 2006, p. 65)

Estas lembranças, centenas delas, estão espalhadas, aos pedaços, pelas obras de Zélia. Resgatar e examinar algumas dessas lembranças é um dos nortes dessa tese. Mas, como “recortar” o importante? Como classificar como eleitos ou não, detalhes contados de uma vida inteira? Era preciso escolher uma maneira que não simplesmente contemplasse o resgate das memórias, mas permitisse que, através desses resgates, essas memórias fossem sendo coladas, relidas, muitas vezes sob outros vieses, e a história de vida de Zélia Gattai fosse contada, a partir de um outro narrador, em terceira pessoa, muitas vezes em onisciência, invertendo

os papéis e fazendo dela sujeito biografado, e não mais aquela que conta. Elegeu-se, então, por sua amplitude de possibilidades, retomar os principais acontecimentos da vida de Zélia por meio dos “biografemas”.

[...] se fosse escritor, e morto, como gostaria que a minha vida se reduzisse, pelos cuidados de um amigável e desenvolvido biógrafo, a alguns pormenores, a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, em que a distinção e a mobilidade poderiam deambular fora de qualquer destino e virem contagiar, como átomos voluptuosos, algum corpo futuro, destinado à mesma dispersão!; em suma, uma vida com espaços vazios, como Proust soube escrever a sua [...]. (BARTHES, 1971, p. 14)

Ao se buscar e eleger esses pormenores isolados dentro das obras de memória de Zélia, pode-se notar uma mudança bastante significativa na linguagem, na maneira como a escritora conduzia a escrita de seus textos. Se em *Anarquistas graças a Deus* ela segue uma linha mais comedida, sem grandes surpresas, conforme seus textos foram sendo escritos, a escrita foi mudando de tom, se tornado cada vez mais próxima do leitor, como se ela se tornasse cada vez mais segura de si, demonstrando essa segurança no caminhar dos textos, a ponto dela brincar com o leitor, ao dizer, por exemplo, que deixaria certa história para contar em uma próxima obra, caso a mesma viesse a existir, claro; ou confessar que, quando dizia que romperia a cronologia, era praticamente uma força de expressão, já que a cronologia, de fato, praticamente não existia em suas obras; ou dizer ao leitor que não contaria determinada história naquele momento porque estava morrendo de saudades das crianças que estavam na Tchecoslováquia, fazendo referência, durante o ato da escrita, na década de 90, a um fato acontecido enquanto estava no exílio, década de 50, embaralhando enunciação e enunciado.

Um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor. Como disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura; a unidade do texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas esse destino não pode ser mais pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia nem psicologia; ele é apenas esse alguém que mantém reunidos em um único campo todos os traços de que é constituído o escrito. (BARTHES, 2004, p. 64)

Assim, a “anamnese” realizada para que os biografemas fossem escolhidos levou em conta, principalmente, o entrecruzamento de elementos que, à

interpretação dessa tese, se mostraram mais importantes, por diferentes motivos, relacionados tanto com a própria escritora, como, também, com outros aspectos de relação mais abrangente, como os políticos e os históricos.

O “biodiagrama” de Zélia Gattai que aqui se apresenta está composto por 14 biografemas: Antepassados; Família Gattai; A década de 20; Anarquistas graças a Deus; Juventude; Família Amado; Vida nova; Exílio; URSS; Dobris; Rio de Janeiro; Bahia; Amigos e Morte.

O biografema, segundo Barthes, nunca é uma verdade objetiva: “O biografema nada mais é do que anamnese factícia: a que eu empresto ao autor que amo”. A biografemática – “ciência” do biografema – teria como objeto pormenores isolados, que comporiam uma biografia descontínua; essa “biografia” diferiria da biografia-destino, onde tudo se liga, fazendo sentido. O biografema é o detalhe insignificante, fosco; a narrativa e a personagem no grau zero, meras virtualidades de significação. Por seu aspecto sensual, o biografema convida o leitor a fantasmear; a compor, com esses fragmentos, um outro texto que é, ao mesmo tempo, do autor amado e dele mesmo – leitor. (PERRONE-MOISÉS, 1983, p. 15)

Os biografemas acima elencados, os “*punctuns*”, passarão a ser desenvolvidos na próxima etapa desta tese. A composição de cada um deles traz, em diálogo, textos de Zélia Gattai e de outros, que ajudarão a ilustrar as memórias que a autora retomou em cada biografema.

2.1 Antepassados

Esta história tem início no porto de Gênova, Itália, em 20 de fevereiro de 1890, com a partida de inúmeros italianos para o Brasil, dentre eles as famílias Gattai e Da Col. A vinda dos Gattai para o Brasil teve motivação política, revolucionária e, por que não, visionária. A família, oriunda da região da Toscana, era anarquista e compunha um grupo de imigrantes políticos organizados pelo italiano Giovanni Rossi. Dois anos antes do embarque para o Brasil, Francisco Gattai, avó paterno de Zélia Gattai, leu uma publicação intitulada *Il Comune in Riva al Mare*, escrita por Giovanni Rossi, ou Córdias, onde se idealizava a criação de uma colônia socialista experimental, em algum lugar da América Latina. Lá, homens e mulheres teriam os mesmos direitos civis e políticos; não haveria leis, padrões

religiosos ou propriedade privada. Entusiasmado com o que acabara de ler, Francisco viu, no apelo por voluntários que Rossi (ou Córdias) fez no final do livreto, a chance de mudar o futuro de sua família. Ele se sentia aquele que Rossi convocava, já que estava de acordo com tudo que este propunha e disposto a acompanhar o visionário a qualquer lugar. Argia, a esposa, consultada sobre a partida da família para um lugar desconhecido, não esmoreceu. Aos trinta anos de idade, mãe de cinco filhos, a italiana jamais deixaria de acompanhar o marido e aceitou embarcar rumo ao desconhecido.

A história de Giovanni Rossi e de sua Colônia rendeu várias versões, diversos enredos, com diferentes finais. A fim de ilustrar a questão que envolve a fundação da Colônia Cecília e, mais precisamente, a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil, mostra-se interessante o relato de alguns estudiosos que se debruçaram sobre o assunto. Abordar-se-ão, dessa forma, os relatos de Afonso Schmidt, de Pollianna Milan e Diego Antonelli, e de Isabelle Felici.

De acordo com o pesquisador Afonso Schmidt, Giovanni Rossi, o visionário, era botânico, cientista e músico. Formou-se em Agronomia, mas sua veia política o encaminhou para as outras escolhas. De acordo com a pesquisa de Schmidt, publicada em 1976, em certa ocasião, Córdias encontrou Carlos Gomes em Milão e o maestro falou-lhe das maravilhas do Brasil, país cercado de belezas naturais e riquezas.

– Vocês aqui, prisioneiros das cidades, das ruas que parecem prateleiras de estante, das casas que lembram sarcófagos, não podem fazer ideia da minha terra! É grande como um mundo. A Europa inteira caberia lá dentro. Cortam-na imensos rios. Cobrem-na florestas onde homem civilizado jamais pisou. Essas florestas são harmoniosas pelas vozes dos ventos, das águas, dos animais, das aves e dos insetos. Há quedas de águas cujo nevoeiro escurece o dia. E o sol é ardente, vivo, como uma chama! E a lua é clara, transparente, prateando as árvores, as casas e os caminhos. Gomes, falando da pátria, se transfigura. Mas o espírito de Córdias, diante daquela descrição, já havia criado asas. E se esse "neto de Marco Aurélio" quisesse interessar-se pelo seu grande sonho... No periódico "*Lo Sperimentale*" ele havia escrito uma utopia à moda do tempo, que, logo depois, aparecera em folheto. Tratava-se de uma colônia de filósofos ácratas. Sua ideia era realizar de fato essa colônia, já não à beira-mar, como havia escrito, mas no Uruguai. No entanto, as lutas entre "brancos" e "colorados" se eternizavam. Sua imaginação voltava-se agora para essa terra admirável de que o músico falava com tanto entusiasmo, onde as divisas eram os horizontes e os homens ainda guardavam na alma um pouco de pureza das selvas pré-colombianas. (SCHMIDT, 1980, p. 12)

Maravilhado com o relato do maestro, Rossi passou a ver o Brasil como o lugar perfeito para sua experiência. Ciente da chegada do imperador a Milão, Rossi resolveu escrever uma longa carta a D. Pedro II explicando seus planos e pedindo o apoio do imperador. Conhecido pela frase “nasci para consagrar-me às letras e às ciências”, o “rei filósofo” era bastante dedicado à leitura e, tempos antes, havia recebido o *Il Comune in Riva al Mare*, escrito por Cárdias. Por isso, ao ler a carta e seu remetente, o imperador logo soube quem era aquele homem e quais eram seus planos revolucionários.

O Sr. D. Pedro II não teve dúvidas. Homem excepcional, que tanto animara os sonhos de Bell e Pasteur, habituado a falar a linguagem da inteligência incompreendida, mandou que escrevessem a Cárdias. Felicitava-o pelo trabalho e ao mesmo tempo oferecia-lhe a terra para essa colônia experimental em um Brasil longínquo, quase lendário, onde a imensidade do horizonte dá vertigens, onde ao Sul, numa província chamada Paraná, o clima é ameno, a temperatura corresponde à do Sul da Europa e, certamente, a produção é igual à daquelas zonas privilegiadas. Cárdias recebeu a carta e desde aquele instante estabeleceu-se uma correspondência entre os dois filósofos, isto é, entre o socialista e o imperador. (SCHMIDT, 1980, p. 16)

Assim, após a doação das terras, o grupo partiu para o Brasil. Schmidt narra desta forma a vinda no *Città di Roma*:

No dia 20 de fevereiro de 1890 zarpou de Gênova o vapor "*Città di Roma*", conduzindo na proa alguns homens e uma mulher que se destinavam ao Brasil, a fim de aqui fundar uma colônia socialista experimental. O "*Città di Roma*" era da Companhia de Navegação Ítalo-Brasileira e, segundo os anúncios que se liam nos jornais daquela época, "fazia serviço postal e comercial entre Lisboa, Marselha, Gênova e o Rio da Prata." Era seu comandante o Capitão Tiscornia, de longo curso. Apesar de navio postal, como se depreende das publicações do agente em Santos e São Paulo, Sr. Domenico Levero, durante o segundo semestre de 1889, parece que só passou uma vez pelo nosso porto, com destino à Europa. Assim mesmo, com a partida anunciada para o dia 5 de dezembro, só chegou a Santos a 9 ou 10 do mesmo mês, de onde zarpou, ao que se lê no movimento marítimo publicado nos jornais, no dia 13, o que demonstra uma certa irregularidade nos seus serviços. Foi precisamente na viagem seguinte a essa (e da qual não conseguimos notícias), que embarcaram em Gênova os pioneiros da futura colônia. (SCHMIDT, 1980, p. 16)

Sobre os imigrantes, Schmidt escreveu:

[...] Os pioneiros da Colônia eram da massa dos apóstolos. Tinham a tenacidade irritante dos convictos. E os trabalhos agrícolas, lentos e dolorosos, prosseguiram. Foram chegando, com espaços de semanas e de meses, os Gattai, os Marinai, os Colli, os Capellari... Iniciou-se a construção de um edifício central, para as reuniões. Nos meses de março, abril e maio continuaram a chegar, em turmas, numerosos camponeses, elevando-se a

população da Colônia por essa altura a 150 pessoas. (SCHMIDT, 1980, p. 34)

Segundo Schmidt, após a chegada dos imigrantes, a instalação da Colônia e a superação das dificuldades, tempos depois, por inúmeras razões de ordem econômica e organizacional, a Colônia acabou.

E a Colônia Cecília?

Desapareceu:

Em seu lugar está uma tapera. Alexandre Cerchiai que lá esteve, há alguns anos, escreveu uma carta que é uma lâmina de aço. Contou-nos que, ali, "o espírito morre antes do corpo". Os velhos aceitaram a organização milenar e fumam tranquilas cachimbadas à porta de suas casas. As crianças, filhas de caboclos, italianos e alemães do Volga, são de uma beleza sem par. Andam descalças e trazem um laço azul nos cabelos de ouro.

Mas do sonho anarquista nada resta. O governo imperial teve razão quando confiou na voracidade da terra. O sonho morreu; o colono vive, trabalha, paga o fisco e, para matar o tempo, guarda moedas de prata num velho pé-de-meia. É um lugar como os outros.

Nada lembra a passagem do profeta. (SCHMIDT, 1980, p. 77)

Em outra publicação é apresentada uma versão diferente sobre Cárdias e a Colônia. O jornal paranaense *Gazeta do Povo* publicou, em 2011 e 2013, duas reportagens sobre a Colônia experimental de Giovanni Rossi. De autoria de Pollianna Milan e Diego Antonelli, respectivamente, os artigos contaram com o respaldo técnico dos pesquisadores Cândido de Mello Neto e Arnaldo Monteiro Bach, e da historiadora Helena Mueller, que se dedicaram a reconstruir a história da Colônia Cecília e seus moradores.

Segundo os referidos artigos, Giovanni Rossi, outros quatro homens e uma mulher embarcaram na Itália rumo ao Brasil. Quando finalmente chegaram a Curitiba, compraram alguns alqueires em uma localidade próxima, Palmeira, e, no dia 2 de abril de 1890, Rossi declarou oficialmente a formação da Colônia Socialista Cecília, que existiu de 1890 a 1894.

Segundo os artigos, fizeram parte da Colônia experimental um número entre 200 e 250 pessoas aproximadamente. Ateus, não comemoravam datas religiosas e negavam a propriedade individual. O ambiente era de coletividade, onde não havia patrão ou hierarquia, cada um deveria trabalhar de acordo com suas possibilidades e vontade. A ideia de coletividade surgiu também nas relações amorosas. Com teorias de amor liberto, não haveria monogamia, e as mulheres se relacionariam com mais de um homem. A proposta era de que as crianças que nascessem não

teriam pai específico – por consequência, não haveria transmissão de posses – e seriam filhas da comunidade.

No romance *Um amor anarquista*, de Miguel Sanches Neto, Rossi relata em carta a questão monogâmica e seus desdobramentos:

Meu caro Sestilio

As colheitas foram boas, todos estão contentes com os resultados deste ano, esperando que, daqui para a frente, com estoque de alimentos, possamos levar vida mais tranquila, com tempo para o ócio, para a leitura e para as artes, pois queremos montar um grupo de teatro, que vai ajudar principalmente na formação das mulheres casadas, ainda não convencidas dos princípios anarquistas. Elas são o maior problema que enfrentamos, sempre preservando seus casamentos monogâmicos, não sei se por medo de perderem seus maridos ou apenas por acomodação e mesquinha de sentimentos.

Não aceitam outros homens e não deixam que seus homens procurem outras mulheres, criando as filhas para o mesmo tipo de vida que levam.

[...] mas ainda nos fazem falta as mulheres emancipadas dos preconceitos burgueses, que queiram diminuir o sofrimento dos solteiros, cada vez mais alheados da vida coletiva, carentes de afeto e de diversão. Essas mulheres livres tirarão o poder das casadas, criando uma nova irmandade, em que o ciúme e a posse sejam definitivamente banidos, permitindo assim a vitória do clã socialista contra o egoísmo familiar. Espero que todos estejam bem aí. Com a afeição do Giovanni Rossi. (NETO, 2012, p. 359-360)

Fica claro, portanto, que a ideia de relações coletivas não era aceita por todos os moradores da Colônia e esta questão causava grandes conflitos, já que a maioria dos casais permaneceu vivendo uma união tradicional, rebelando-se, inclusive, com a fama de lugar promíscuo que a Colônia tinha.

Segundo publicado na *Gazeta*, o grupo reunido por Rossi no Brasil não era homogêneo e essa questão também contribuiu para o insucesso da Colônia. Muitos dos que vieram não tinham a menor experiência com a agricultura. A falta de conhecimento, aliada à diferença de solo e técnica de plantio, prejudicavam a colheita, que mal dava para o sustento dos habitantes da também chamada *Villa Anarchia*. E, com o passar do tempo, faltou comida e terra, levando algumas famílias, preocupadas com a vida de seus filhos, a esconder alimentos, ferindo a regra principal de divisão comum.

Além destas questões, o dinheiro também contribuiu de maneira significativa para o fim da experiência socialista de Rossi em território brasileiro. Segundo as citadas reportagens do jornal *Gazeta do Povo*, todo o dinheiro arrecadado na Colônia (inclusive com a venda de produtos produzidos no local) ficava em uma lata. Quando alguém precisava, era só pegar o valor necessário. Porém, nem todos eram

adeptos dos ideais anarquistas, e o resultado não foi dos melhores. Um grupo roubou o dinheiro mantido na lata (qualquer morador da Colônia podia ter acesso ao dinheiro) e fugiu. Isso não contribuiu necessariamente para a falência da comunidade, mas mostrou a desorganização do grupo. Em 1892, dois anos antes do final da experiência, a população da Colônia estava reduzida a aproximadamente 64 habitantes.

Baseando-se em outra fonte, além das já contempladas, a fim de complementar a questão sobre a *Villa Anarchia*, cita-se o artigo *A verdadeira história da Colônia Cecília, de Giovanni Rossi*, escrito por Isabelle Felici. Segundo esta fonte, Rossi tinha pouca imersão na atividade política italiana no último quarto do século XIX e, em meio a debates políticos entre socialistas e anarquistas, pupunha uma terceira opção: o “socialismo experimental”.

Antes de vir para o Brasil, Rossi tentou, sem sucesso, estabelecer sua colônia anarquista na Itália. A tentativa fracassada durou apenas dois anos, e este fracasso fez com que a ideia de partir da Itália surgisse. E ele decidiu, então, partir para o Novo Mundo, o Uruguai, conforme anunciado pelo próprio Rossi no *L' Eco Del Popolo*, de dezembro de 1889.

Porém, de acordo com Felici, ocorreu uma mudança de planos e Rossi partiu de maneira discreta para o Brasil. A discrição foi tanta, que, mais de dois meses após a partida, alguns jornais ainda anunciavam que ele tinha saído da Itália, mas com destino ao Uruguai.

Segundo Felici, no dia 20 de fevereiro de 1890, o navio *Città di Roma* deixou o porto de Gênova, levando a bordo Giovanni Rossi e, em 18 de março do mesmo ano, o navio atracou no porto do Rio de Janeiro. O grupo ficou hospedado durante uma semana no alojamento de imigrantes e partiu em direção a Porto Alegre, onde se pretendia fundar a Colônia, mas o mal-estar da viagem de navio acabou por obrigar o grupo a descer em Paranaguá, no Paraná. De trem, o grupo foi até Curitiba e na Inspetoria de Terra e Colonização foi encaminhado à localidade de São Mateus, um distrito banhado pelo rio Iguaçu. Após dois dias de viagem pelos arredores, Giovanni Rossi e seu companheiro Evangelista Benedetti finalmente chegaram a Palmeira e decidiram que aquele era o local ideal para abrigar a Colônia.

Ainda de acordo com Felici, apesar das poucas condições de moradia e alimentação, Rossi decidiu voltar à Itália em 1890, a fim de recrutar famílias para a

Colônia. Dominado pelo desejo de atrair novos adeptos, Rossi escondeu, nos relatos dados durante sua permanência na Itália, as dificuldades encontradas no Brasil. Seu discurso tinha tom encorajador, sedutor, e tentava passar tranquilidade aos possíveis novos habitantes da Colônia. A volta de Córdias à Itália convenceu alguns visionários, dentre eles o avô de Zélia Gattai.

Desta forma,

Em fevereiro, vários grupos embarcam em Gênova em direção a Palmeira. Seis famílias originárias de Livorno partem no dia 3 de fevereiro de 1891, no navio Vittoria. Entre eles está Eugênio Lemmi. Um segundo grupo, mais numeroso, dezesseis famílias e alguns solteiros, originários de Cecina, Gênova, Turim, Milão e Brescia, embarca no dia 14 de fevereiro de 1891. No dia 10 de março, é a vez de treze famílias e sete homens solteiros de Florença, Poggibonsi, La Spezia e Milão. Francesco e Argia Gattai, os avós de Zélia Gattai, e suas crianças, fazem parte desse grupo que viajou no dia 10 de março de 1891 – e, portanto, não partiram a bordo do Città di Roma, contrariamente ao que ela diz em seu livro de memórias, *Anarquistas, Graças a Deus*. Essa observação não diminui em nada o valor do testemunho de Zélia Gattai e a carga emotiva que contém o relato, particularmente comovente, que ela faz da viagem de seus avós: a última criança da família Gattai, um recém-nascido, morre de fome na chegada ao porto de Santos. (FELICI, 1998, p. 18)

O artigo de Isabelle Felici continua a se referir à família Gattai quando cita que “Os Gattai fazem parte destas famílias que deixam muito rapidamente a colônia”. Corroborando com o que é afirmado no artigo de Felici, segue uma declaração de Francesco Gattai a um funcionário da polícia em Florença, em 28 de novembro de 1902:

“Eu deixei a Itália em 1891 e me dirigi para a América do Sul, com a intenção de me associar, em Palmeira, a uma colônia experimental fundada sobre bases socialistas. Eu cheguei de fato lá, mas a colônia, nascida sob os auspícios do Dr. Giovanni Rossi e outros, funcionou mal e, ao final de três meses, ela se dissolveu”. (Cópia do interrogatório de Francesco Gattai por um funcionário de polícia de Florença, 28 de novembro de 1902. Archivio Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 2307, fascículo Francesco Gattai. *Apud*: FELLICI, 1998, p. 21)

Ainda sobre os Gattai, o artigo de Isabelle Felici aborda a prisão, em São Paulo, de alguns ex-integrantes da Colônia Cecília, dentre eles, Argia Gattai. Segundo relato do cônsul italiano que atuava na época:

“Por volta do início do mês de outubro (1892), a polícia local efetuou a prisão de uma verdadeira quadrilha de ladrões e malfeitores, quase todos anarquistas italianos; suas casas foram revistadas e ali foi apreendida uma

grande quantidade de objetos roubados, tais como retalhos de flanela de algodão, vinhos estrangeiros, etc. Entre os detidos, encontram-se os nomes de Lemmi Eugenio e sua mulher, a mulher de Arnaldo Gattai que, avisado a tempo, conseguiu escapar, Adelina Gattai¹, Novelli, Tomei, Crollanti, Balilla. A polícia está na pista de outras pessoas que serão facilmente detidas nos próximos dias”. (Comte Rozwadowski no Ministero degli Affari Esteri, São Paulo, 20 de outubro de 1892, Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47. *Apud*: FELLICI, 1998, p. 26)

Ainda segundo o artigo,

[...] algum tempo mais tarde, Eugenio Lemmi, condenado a oito anos de prisão, continua preso, ao passo que as duas mulheres são libertadas e Gattai continua foragido. Esse episódio é dos mais nocivos à colônia, que vê diminuir o respeito e a simpatia da qual ela desfrutava, até junto às autoridades brasileiras que, contrariamente ao que afirma o agente consular italiano em Curitiba, não manifestavam, até então, nenhuma reserva, e nenhuma desconfiança em relação à Cecília. (FELLICI, 1998, p. 26)

O artigo de Felici ainda aborda outras questões acerca da Colônia, porém, sem dúvida, para esta pesquisa, as que envolvem a vinda dos avós de Zélia Gattai são as de importância capital.

Desta forma, tendo como ponto de partida as informações já aqui mencionadas sobre a vinda dos Gattai para o Brasil, presentes tanto na introdução desta pesquisa quanto no artigo de Isabelle Felici, aproximar-se-ão neste momento as obras *Cittá di Roma* (CDR) e *Anarquistas graças a Deus* (AGD), de Zélia Gattai, já que ambas, assim como o artigo de Felici, trazem relatos a respeito da partida da Itália.

Em *AGD*, a autora conta, em 1ª pessoa, a descoberta feita por ela e sua irmã Vera de uma bolsa de documentos. A bolsa em questão encontrava-se escondida no fundo do armário da mãe das meninas. O móvel, único lugar da casa que era trancado, guardava, além da bolsa, outros inúmeros “segredos”, como, por exemplo, livros anarquistas e um fortificante com teor alcoólico. Sempre que os pais se ausentavam, as filhas corriam para explorar o armário da mãe, em busca de descobertas e do fortificante com gosto de licor. As obras de Émile Zola, Victor Hugo, Pietro Guóri eram lidas pelas meninas, entorpecidas pelo fortificante Ferro Quina Bisléri, mas nenhuma, sem dúvida, fazia mais sucesso entre elas que a *Divina comédia*, de Dante Alighieri, relida todas as vezes que mexiam no armário proibido.

¹ Arnaldo é o segundo nome de Francesco Gattai. Entretanto, sua esposa se chama Argia e não Adelina.

Numa destas incursões ao armário, elas encontraram a tal bolsa repleta de documentos e, segundo a narração de Zélia, ali estavam certidões de nascimento, passaportes e documentos de emigração dos Gattai, além da certidão de nascimento da mãe, que, na verdade, não se chamava Angelina, mas sim, Angela Maria.

Porém, sem dúvida, a descoberta que mais causou espanto nas meninas foi a do passaporte de imigração da família Gattai. Nesta passagem, Zélia narra que:

O passaporte de imigração da família Gattai, aberto sobre a cama, era agora lido em voz alta: a família, composta por marido, mulher e cinco filhos, estava autorizada a viajar no navio *Città di Roma*, que partiria de Gênova com destino a Santos-Brasil, no dia 20 de fevereiro de 1890.

Vera e eu quisemos saber que idade papai tinha naquela época, Wanda começou pelo primeiro da lista: Guerrando, nove anos; Riria, sete anos; Giovanni Ernesto Guglielmo, cinco anos; Aurélio, três anos e Hiena, nove meses de idade.

Vera admirou-se novamente (o primeiro espanto tinha sido a descoberta do nome completo do pai). Não sabia ter uma tia com nome de fera. Por onde andaria ela? (GATTAI, 2009, p. 152)

Algum tempo depois, D. Angelina questionou as filhas quanto ao sumiço de seu vidro de fortificante, criando a oportunidade que as meninas esperavam para interpelar os pais com relação às questões descobertas sobre a família. Zélia, então, perguntou ao pai sobre a tia Hiena e sua história. Nesse momento, Ernesto começou a contar a história da irmã, porém sua história completa não só é retomada, mas complementada em *CDR*.

A história de Hiena Gattai, inclusive, abre a narrativa de *CDR*. Enquanto em *AGD* o leitor é informado de que o pai da menina, anarquista convicto, resolveu dar à sua filha um nome que conscientemente causaria polêmicas, em *CDR* a história é estendida e fica-se sabendo que o *nonno* Gattai era um homem de ideias avançadas, um livre-pensador, que se guiava pelos seus próprios juízos de valor. D. Argia, a esposa, era submissa, concordava com tudo que o marido dizia e fazia, e não sabia do nome escolhido pelo marido para a filha do casal, já que o pai esperava que o escrivão fosse o primeiro a se horrorizar com o nome a ser recebido pela nova integrante da família Gattai.

AGD

O escrivão ainda tentou dissuadi-lo, não se conformando com tão estapafúrdia decisão:

– Mas, meu senhor! Como pode dar a uma criança inocente o nome de um animal tão repugnante?

– Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena? – revidou o velho Gattai que, na época, pouco mais tinha que trinta anos de idade.

A menina foi registrada com o nome de Hiena e Hiena ficou sendo até morrer. (GATTAI, 2009, p. 176-177)

CDR

Antegozando o impacto que a provocação iria causar, saiu seu Gattai, feliz da vida, assobiando pelas ruas de Florença, o cartório não ficava distante de sua casa.

De pé, diante do homem que o atendia, Francesco Gattai aguardava a esperada reação. Não esperou muito.

– Como foi que o senhor disse? Que nome quer dar à sua filha? – perguntava o escrivão sem poder acreditar em seus ouvidos.

– Hiena. Escreva aí, não vou repetir outra vez – disse o pai da criança.

– Por que o senhor quer dar à sua filha o nome de um animal tão repugnante? Por quê?

Francesco Arnaldo soltou a frase já pronta para escapulir:

– Se o papa pode ser Leão, por que minha filha não pode ser Hiena?

O funcionário ficou sem resposta, não discutiu mais, registrou a criança. (GATTAI, 2012, p. 14)

Continuando a intertextualidade proposta entre *AGD* e *CDR*, Zélia, no primeiro livro, pergunta ao pai sobre o paradeiro de Hiena e fica sabendo que sua tia morreu de fome, já no Brasil, antes de completar um ano de idade, dando início ao gancho para a retomada das lembranças da vinda da família Gattai para o Brasil, rumo à Colônia Cecília. Hiena, segundo relatos de Guerrando, o filho mais velho do casal Gattai, ainda mamava na mãe quando a família embarcou no *Città di Roma*. Ele, como mais velho, ficou responsável pelos irmãos mais novos, já que a mãe passou a se sentir mal durante a viagem, sofrendo com tonturas e enjoos. O mal-estar de Argia Gattai se agravou e teve como consequência a interrupção da produção de leite. A menina Hiena, que até então só se alimentava de leite materno, passou a se alimentar da comida que todos comiam, o que resultou numa violenta disenteria.

Prosseguindo com relatos de Guerrando retomados por Zélia em *CDR*, é contada a travessia difícil e longa de Gênova para Santos, e a confusa e desastrosa chegada ao Brasil. Levados pelo serviço sanitário para um galpão, os Gattai tiveram suas roupas e trouxas desinfetadas.

– Eles mandaram desinfetar tudo – disse titio – com medo de que a gente trouxesse a peste...

– Por quê? Na Itália tinha peste? – perguntei, admirada.

– Que peste, o quê! Na Itália nunca teve peste... Eles tinham medo que o *Città Di Roma* estivesse cheio de micróbios, com tanta gente doente, tanta sujeira, tanta merda pelo chão e gente morrendo durante a viagem... (GATTAI, 2012, p. 21)

Após todos serem desinfetados – as roupas foram devolvidas, encolhidas e cheirando a remédio –, o grupo do *Città di Roma* partiu para o porto de Paranaguá, menos os Gattai. Hiena não resistiria à outra viagem longa de navio. Dois dias após a chegada da família ao Brasil, a menina morreu e foi enterrada em Santos. Somente semanas depois a família seguiu para Paranaguá, rumo à Colônia Cecília.

Segundo os relatos de Zélia, ao chegarem ao destino, o casal Gattai descobriu que Argia estava grávida novamente. A família permaneceu dois anos na Colônia e, antes que o segundo filho brasileiro nascesse, partiu rumo a São Paulo. Argia Gattai faleceu pouco tempo depois, deixando Dina e Remo, seus filhos nascidos no Brasil, ainda pequenos.

Desta forma, diferente do que foi escrito por Isabelle Felici em seu artigo, Zélia Gattai afirma, por meio das memórias resgatadas de seu pai e de seu tio Guerrando, que todos vieram embarcados no navio que saiu de Gênova rumo ao Brasil.

CDR

A família Gattai preparava-se para uma longa viagem. O passaporte familiar estava pronto. Pai: Francesco Arnaldo Gattai, mãe: Argia Fagnoni Gattai; filhos: Guerrando, dez anos; Rina, oito anos; Aurélio, seis anos; Ernesto, quatro anos; Hiena, dois anos².

Engajados a um grupo de cerca de 150 pessoas, homens das mais diversas condições sociais e profissionais, verdadeiros heróis empunhando a chama revolucionária, que partiam para fundar uma colônia experimental socialista no Brasil, a Colônia Cecília, em terra no Paraná doadas pelo imperador Pedro II: nessa leva, partiu a família Gattai, em fevereiro de 1890. (GATTAI, 2012, p. 15).

AGD

O grupo de idealistas embarcou no navio *Città di Roma* em fevereiro de 1890; o regime imperial no Brasil havia sido derrubado a 15 de novembro de 1889. [...]

No porão do *Città di Roma*, junto às caldeiras, viram-se amontoados os pioneiros que, em breve, estariam integrando uma comunidade de

² Ressalta-se que há uma incongruência nas idades dos filhos da família Gattai relatadas nas obras. Enquanto em *CDR* Guerrando tinha dez anos; Rina, oito; Aurélio, seis; Ernesto, quatro; e Hiena, dois, em *AGD* os filhos dos Gattai tinham nove anos; sete anos; cinco anos; três anos, e a caçula, Hiena, nove meses.

princípios puros: a Colônia Cecília. Iam cheios de esperanças, suportariam corajosamente as condições infames da viagem. (GATTAI, 2009, p. 182).

Ainda sobre a viagem rumo ao Brasil, segundo os relatos de Zélia, não só seus avós paternos, mas também seus avós maternos vieram embarcados no *Città di Roma*. Guiada pelas histórias contadas por *nonno* Eugênio, seu avô materno, a autora retoma a vinda dos Da Col em *CDR*:

“Somos, nós e eles, italianos, não somos? Só que eles são toscanos e nós vênnetos. Muito diferentes, não é? Eles eram anarquistas e nós católicos. Mais diferentes, impossível. A viagem deles teve uma finalidade política. Queriam reformar o mundo. A nossa, econômica. Queríamos ganhar dinheiro. Nem eles reformaram o mundo nem nós ganhamos dinheiro. Viajamos no mesmo navio, o *Città di Roma*. Tínhamos cinco filhos, eles também, tinham cinco filhos”.

Nonno Eugênio fez uma pausa, a voz embargada, falou: “Essa viagem nos roubou uma filha, roubou uma deles, também: Hiena e Carolina. Embarcamos no porto de Gênova, para o Brasil, no mesmo navio que eles”. Essa revelação do vovô nos surpreendeu. Não sabíamos que haviam feito a mesma viagem. Coincidência demais! (GATTAI, 2012, p. 27)

Segundo este relato, portanto, a família Da Col também teria embarcado no *Città di Roma* em busca de um ideal. Porém, enquanto a motivação dos Gattai era política, a principal razão que trouxe a família materna de Zélia para o Brasil foi a sobrevivência. Eugênio, o patriarca, era serrador, esforçado, mas seu salário tornara-se insuficiente para sustentar a esposa, Josefina, e os cinco filhos: Gigio, oito anos; Angelim, sete; Margarida, seis; Angelina (mãe de Zélia), quatro; e a caçula, Carolina, com pouco mais de um ano³.

Em meio às dificuldades financeiras que atingiram não só os cidadãos, mas a Europa como um todo, surgiu para Eugênio e outros tantos italianos a possibilidade de oferecer à sua família uma vida nova, em outro país, na América. Muito se especulava e se prometia aos que se aventurassem rumo ao desconhecido. Como exemplo, pode-se citar *O que Jorge conta sobre o Brasil*, publicado em 1863, onde várias informações fantasiosas sobre o país e a viagem dos imigrantes aparecem, citando até mesmo o “cardápio maravilhoso” que seria preparado pelo cozinheiro do navio.

³ Em *AGD*, no relato feito pelo avô da escritora, Gigio tinha seis anos; Angelim, dez; Margarida (que aqui aparece como Marguerita), oito; Angelina (mãe de Zélia), quatro; e a caçula, Carolina, dois, porém, em *CDR*, as idades que foram relatadas pela mãe de Zélia são: Gigio, oito anos; Angelim, sete; Margarida, seis; Angelina, quatro; e a caçula, Carolina, com pouco mais de um ano.

As promessas eram tão convincentes, feitas, muitas vezes, em italiano, que famílias inteiras partiram para o “paraíso”, com passagens garantidas e dinheiro suficiente para chegar ao Brasil. Aos italianos eram oferecidas excelentes condições de trabalho, mas, na verdade, era o trabalho braçal, pesado e quase escravo que os esperava.

O número de imigrantes italianos que chegaram a São Paulo entre 1875 e 1879 foi pequeno. Um importante motivo que influenciou essa situação foi a condição precária oferecida aos que primeiro aqui chegaram, que não se conformaram com as condições oferecidas e retornaram à Europa. Tal situação levou o governo italiano a publicar uma circular, em 1855, descrevendo São Paulo como uma região inóspita, insalubre e desaconselhando a emigração para o Brasil. Preocupados com a colheita de suas lavouras, as figuras mais importantes da elite paulistana se uniram e foi fundada, em 1887, a Sociedade Promotora de Imigração, cujo objetivo principal era a articulação de meios para se retomar a imigração.

A entidade publicou folhetos em português, alemão e italiano, salientando as vantagens da emigração para São Paulo. Fazia comparações favoráveis relativamente a outros países receptores de imigrantes, como os Estados Unidos e a Argentina, cuja atração era maior. Não mencionava, entre outros males, a existência da escravidão. Martinho Prado Jr. realizou uma viagem ao norte da Itália para estudar formas de aliciar imigrantes, e um escritório da Sociedade Promotora foi aberto em Gênova.

Vários fatores, de um lado e do outro do oceano, favoreceram afinal o afluxo de imigrantes em grande número. A crise na Itália, que se abateu com mais força sobre a população pobre, resultante da unificação do país e das transformações capitalistas, foi um fator fundamental. Ao mesmo tempo, o pagamento de transporte e a possibilidade de alojamento representaram, bem ou mal, um incentivo.

A maioria dos imigrantes que chegou a São Paulo até os primeiros anos do século XX era formada por trabalhadores do campo ou pequenos proprietários rurais do norte da Itália – das regiões do Vêneto e da Lombardia, sobretudo – sem condições de sobreviver com o cultivo de seu pedaço de terra. (FAUSTO, 1995, p. 84)

Assim, acreditando que poderiam dar aos filhos melhores condições de vida, Eugênio e Pina Da Col assinaram o contrato de vinda e partiram para o Brasil. A família fora contratada por intermédio de conhecidos, também da região de Cadore, que já estavam no Brasil e davam tentadoras notícias sobre a nova morada. Os conterrâneos diziam que a vida no Brasil era muito boa e o dinheiro, garantido. Assim como vários outros italianos da mesma região, os Da Col já partiram contratados para colher café numa fazenda em Cândido Mota, no interior de São Paulo.

Sobre a chegada da família a Santos e o que se passou a partir deste momento, o relato das lembranças dos Da Col conta com o auxílio de tia Margarida, que aparece em *CDR* para esclarecer as dúvidas da sobrinha Zélia sobre a viagem rumo ao Brasil. Segundo estes relatos, naquele dia, algumas centenas de italianos embarcaram para o Brasil com objetivos diferentes, mas com o mesmo sonho: mudar de vida. Ela contou que o navio *Cittá di Roma* trouxe, em seus porões quentes e escuros, localizados junto às caldeiras, italianos das mais diversas regiões, que enfrentaram uma longa viagem até o porto de Santos. Durante a penosa viagem, muitos morreram e foram atirados ao mar, já que no navio não havia meio de se conservarem os cadáveres. Em outra passagem, inclusive, Angelina, mãe de Zélia, relatou que havia presenciado o lançamento de três corpos ao mar, sendo um deles de uma criança: “Eu era muito pequena, disse, mas lembro bem quando atiraram aqueles três pobres ao mar, as famílias gritando, desesperadas.” (GATTAI, 2012, p. 31)

Assim como aconteceu com os Gattai, os Da Col também sofreram com a longa viagem. Conforme já mencionado, a filha mais nova do casal, Carolina, morreu ao chegar ao Brasil. No posto de imigração em Santos, a menina foi examinada e teve que ser hospitalizada. A internação durou 10 dias, que seriam descontados pelo dono da fazenda assim que a família chegasse ao destino. O pouco dinheiro que trouxeram mal deu para custear a alimentação de todos e arcar com as despesas relacionadas à permanência da família em Santos.

Após a alta de Carolina, a família seguiu para a fazenda de café e lá descobriu que morariam num casebre miserável e que todos deveriam seguir direto para o trabalho, sem descansar, pois já haviam se atrasado demais com a doença da menina. O capataz, acostumado a lidar com escravos, ordenou que todos fossem para a lavoura, inclusive os menores, até mesmo Carolina, que deveria ser colocada sob os pés de café.

– *Madonna mia santíssima!* – gemeu *nonna* Pina. – Eu preciso cuidar da bamba, ela ainda está muito fraca...

– *Dio Cristo!* Onde fomos nos meter! – rosou *nonno* Eugênio.

De nada adiantou implorar a Nossa Senhora, a Deus e a Cristo. Sob o olhar duro e impiedoso do capataz, lá se foram os da Col para a dura labuta: os pais, as crianças, Gigio, Angelim, Margarida, Angelina e Carolina no colo do pai. (GATTAI, 2012, p. 36)

Assim, ao chegarem à fazenda, Pinna e Eugênio Da Col rapidamente perceberam que tinham sido enganados. Todas as histórias de fartura e dinheiro eram mentirosas. O trabalho era pesado, difícil, a moradia oferecida era precária e o dinheiro recebido mal dava para alimentar a família. Após um episódio onde Eugênio da Col impediu o capataz de castigar um ex-escravo, a família foi expulsa da fazenda. Levando apenas uns trocados doados pelos companheiros de trabalho, já que o dono da fazenda não lhes deu nenhum dinheiro, alegando que o que deveriam receber seria usado para ressarcir os custos da viagem, os Da Col seguiram rumo a São Paulo, onde tinham contatos de conterrâneos que poderiam ajudá-los.

A menina Carolina sentiu a longa viagem e voltou a adoecer. Dormindo ao relento, voltou a ficar muito fraca, já não caminhava sozinha e era carregada no colo. O único alimento que tinham disponível era um angu de farinha de mandioca e água, que provocou a volta da disenteria, levando a menina à morte ao chegarem a São Paulo.

Os Da Col passaram a viver no Brás, onde já moravam velhos amigos cadorinos, operários, ex-colonos. Um deles, vindo ao Brasil em busca de fortuna, como os outros, a encontrara: Natal Boni, dono de uma serraria no Belém. Deu emprego ao conterrâneo e amigo de infância; passou a ser patrão do bom operário, excelente carpinteiro. A amizade de infância ficou para trás. Patrão rico esquece o passado.

Essa foi a história que nonno Gênio nos contou, de sua família. Parecida com a da família Gattai, mas completamente diferente. (GATTAI, 2009, p. 192)

Os relatos sobre a viagem no navio *Cittá di Roma* são esmiuçados em *AGD* e *CTR*, trazendo detalhes aparentemente bastante precisos. Porém, como apontou Isabelle Felici, ao se aproximarem as duas obras, surgem algumas diferenças relacionadas a datas e acontecimentos, como, por exemplo, o dia da vinda das famílias Gattai e Da Col para o Brasil, e a idade das crianças na partida. No já citado depoimento, o avô paterno de Zélia relata ter deixado a Itália em 1891, porém Zélia Gattai afirma, em *AGD*, que seu avô Eugênio Da Col embarcou com a família rumo a Santos, por volta de 1894: “Vovô viera da Itália com toda a família, contratado como colono para colher café numa fazenda em Cândido Mota, São Paulo. Embarcaram em Gênova com destino a Santos, por volta de 1894.” (GATTAI, 2009, p. 189).

Apesar dessa possível diferença de, pelo menos, três anos entre as datas de chegada ao Brasil, Zélia, em *CDR*, narra o primeiro encontro entre os Gattai e os Da Col, ocasião na qual supostamente as famílias descobriram que vieram da Itália no

mesmo navio, na mesma data. O relato aborda, inclusive, a lembrança que Francesco Gattai tinha de uma mãe que cantava, durante a viagem, uma triste canção para embalar a filha doente:

- *Signora* Giuseppina – perguntou – então era a senhora que, com uma criança no colo, cantava uma *ninnana* triste?
 - Sim, senhor, eu rezava e cantava... e Deus me ouviu...a menina não morreu em alto-mar, só veio a morrer em terra...
 Ateu convicto, *nonno* Gattai ouviu a história daquela mãe, ainda ferida, depois de tantos anos passados. Calado, emocionado, ele não perdia uma palavra sequer do que ela dizia. Não encontrou palavras de consolo e nem ia discutir. De nada adiantaria dizer-lhe o que pensava: que Deus teria feito um milagre se tivesse poupado a vida da inocente criatura. Disse apenas:
 - Nós também tivemos a mesma tristeza com nossa filhinha... também perdemos ela. Algumas vezes, Argia, minha mulher, com a criança nos braços, adormeceu ouvindo a senhora cantar, *signora* Giuseppina... o seu canto era a única coisa que a fazia dormir, descansar um pouco... (GATTAI, 2012, p. 57)

Trazendo à discussão uma terceira obra de Zélia, *Jardim de inverno (JDI)*, publicada em 1988, a autora, ao relatar sua volta para o Brasil, após cinco anos de exílio, revela sua emoção por estar no porto de Genova, partindo rumo a uma nova vida, assim como seus antepassados o fizeram.

Porto de Gênova, meu porto de evocações. Mil vezes passe por ele, mil vezes me emocionarei evocando minha gente que dali partiu para o Brasil. Em datas diferentes mas embarcadas, ambas as famílias, em porões de navios, meu pai e meus avós paternos, minha mãe e meus avós maternos saíram, uns e outros, do porto de Gênova para a aventura da imigração. (GATTAI, 2009, p. 267)

Além das questões acima expostas, no artigo de Isabelle Felici esclarecem-se detalhes não aprofundados por Zélia em nenhuma de suas obras. Corroborando esta colocação, podem-se citar exemplos extraídos do artigo de Felici, como o fato de Francesco Gattai ter trabalhado numa oficina de consertos em geral, após algum tempo prestando serviços de eletricitista para uma companhia inglesa de estradas de ferro. Ou a questão de Francesco Gattai ser o tesoureiro de uma comissão responsável pela organização de festas campestres (de cunho político) e ter recebido uma mensagem dos camaradas anarquistas no *Il Risveglio*, de 13 de novembro de 1898, quando sua mulher, Argia, faleceu. E, finalmente, a homenagem, publicada no jornal carioca *Crônica Subversiva*, ao fiel anarquista Francesco Gattai, falecido em julho de 1918. Diferente de Felici, Zélia se contentou em relatar em *CDR*

que seu avô abriu uma oficina de consertos de bicicletas, gramofones e armas de fogo, que se tornou muito próspera. Questões políticas não foram abordadas.

É importante ressaltar, que as colocações acima expostas não querem dar um caráter “mentiroso” às lembranças contadas por Zélia. Muito pelo contrário, querem legitimá-las sob outro ângulo, o da memória, não o da história propriamente dita. Conforme já exposto no capítulo anterior, Zélia jurou sinceridade, não fidelidade absoluta aos fatos narrados.

O escritor é um ser humano condicionado pelo espaço e o tempo que, todavia, em algum momento decide se entregar ao labor de escolher, entre os elementos que lhe ocorrem à mente, aqueles que constituirão uma narrativa e os articula da maneira que lhe parece conveniente. O empenho em criar não lhe confere consciência plena de suas decisões e medidas, tampouco lhe faculta controle absoluto sobre o resultado alcançado; no entanto, a própria adoção de certas alternativas e não de outras já diz da intencionalidade do texto. (ISER, 2013, p. 10)

Além disso, Zélia utilizou-se muito do que Beatriz Sarlo (2007, p 87) batizou como “pós-memória”, isto é, memórias herdadas, passadas de pai para filho, mesclando a sua lembrança com outras, intermediadas pelas memórias de seus pais e dos pais de Jorge Amado.

Ao declarar que escrevia “de cabeça”, sem diários de lembranças, e se utilizava de artifícios como a “pós-memória”, Zélia abre espaço para ficcionalizar o seu passado. Sobre essas questões, Ana Rosa Neves Ramos escreveu no artigo *Zélia Gattai: a transformação da intimidade*:

[...] Sendo, portanto, uma criadora nata de “literatura oral”, Zélia Gattai registrou suas histórias por escrito, para que elas não se perdessem e para que fossem contadas a mais gente [...]. Mas... quem conta um conto aumenta um ponto – e, ao fazer com que suas histórias saíssem do mundo volátil das palavras faladas, onde o dito flutuava na brisa como passarinho pequeno, Zélia Gattai encontra na palavra escrita uma maneira de fotografar o voo de ave fugidia, para que mais gente fosse testemunha do encanto. Na solidão da escrita, colhe instantâneos de histórias que gostava de contar. Fez-se escritora. Contou seus contos familiares. Como quem conta um conto aumenta um ponto, o vivido ou o presenciado pareciam mais vivos na escrita quando refeitos, quando aumentados num ponto adiante. Assim, a memorialista transitou suavemente entre as lembranças da memória e a astúcia da ficção. (2002, p. 47)

Para Luiz Costa Lima, quem escreve sobre a própria vida é capaz, apenas, de elaborar “um testemunho de boa fé” (1986, p. 302). Ao escrever sobre si, Zélia cria uma personagem de si mesma e a realidade vivida passa a ser filtrada pela

linguagem, mostrando que, entre texto escrito e memória, existe uma enorme diferença. Como considera Lejeune, “dizer a verdade sobre si mesmo, constituir-se como sujeito completamente pleno – é uma utopia.” (LEJEUNE, 2008, p. 142). Corroborando essa colocação, para Wander Miranda, é muito tênue a “linha” que separa realidade e ficção quando se trata de autobiografia:

A autobiografia, mesmo se limitada a uma pura narração, é sempre uma auto-interpretação, sendo o estilo o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro, o que não impede o risco permanente do deslizamento da autobiografia para o campo ficcional, o seu revestir-se da mais livre invenção. Apesar do aval da sinceridade, o conteúdo da narração autobiográfica pode perder-se na ficção, sem que nenhuma marca decisiva revele, de modo absoluto, essa passagem, porquanto a qualidade original do estilo, ao privilegiar o ato de escrever, parece favorecer mais o caráter arbitrário da narração que a fidelidade à reminiscência ou o caráter documental do narrado. (MIRANDA, 1992, p. 30)

Sendo assim, retornamos ao assunto que nos levou a este enorme recorte teórico: o artigo de Isabela Felici e a chegada dos Gattai ao Brasil relatada por Zélia.

Não, a autobiografia não pode ser tomada como um documento histórico, pois é apenas o testemunho do modo como alguém se via a si mesmo, de como formulava a crença de que era outro que atendia pelo nome de *eu* – um outro sem dúvida aparentado ao eu que agora escreve, com reações semelhantes e uma história idêntica, mas sempre um outro a viver sob a ilusão da unidade. (COSTA LIMA, 1986, p. 294)

Felici, a historiadora, fez uma pesquisa documental sobre a Colônia Cecília e, durante a pesquisa, encontrou dados que envolviam a chegada dos avós de Zélia ao Brasil. Zélia, a escritora memorialista, recontou em suas obras a história que ouviu de seus avós sobre a viagem. As palavras ouvidas, fluidas e efêmeras, foram transformadas em escrita.

No ato da escritura é possível juntar os fragmentos de vida perdidos no tempo e reconstituir uma nova história nem tão verdadeira e nem tão precisa, mas ao mesmo tempo tão verdadeira e tão precisa como a vida. Ao construir a narrativa de vida, o autor/ narrador se reconstrói, pois “ao narrar-se, formulam-se perguntas de forma nova, cheia de curiosidade e de encantamento, e também se descobre que o falar de si possui um efeito benéfico que permite ao narrador sentir-se autor e protagonista” (OLMI, 2006, p. 24-25)

O entrelaçamento entre história e ficção é cogitável (conforme nos relata Ricoeur (1997), em *O entrecruzamento da história e da ficção*), embora bastante questionável. Aqui se situa o texto de Felici, histórico. Zélia, ao contrário de Felici,

biografa a si e aos outros, e tem este entrelaçamento legitimado pelo ato de lembrar algo que ouviu e, muito tempo depois, contou, sobre uma experiência vivida, que adquiriu para ela, narradora, um estado de “verdade”, ou, segundo Pedro Nava, uma “outra verdade” ou, uma “impressão de realidade”.

E como interpretar? O acontecido, o vivido, o FATO – já que ele, verdadeiro ou falso, visão palpável ou só boato tem importância igual – seja um, seja outro. Porque sua relevância é extrínseca e depende do impacto psicológico que provoca. Essa emoção, desprezível para o historiador, é tudo para o memorialista, cujo material pode, pois, sair do zero. Mentira? Ilusão? Nada disso – verdade. Minha verdade, diferente de todas as verdades (NAVA, 1974, p. 166)

2.2 Família Gattai

Ernesto e Angelina Gattai se conheceram ainda muito jovens. O rapaz, loiro, alto, magro e de olhos escuros, já chamava a atenção de Angelina mesmo antes de terem sido apresentados. Nas festas proletárias, e em representações de teatro operário, ele sempre estava presente e era destas ocasiões que Angelina o conhecia. Pouco tempo se passou do início do namoro ao casamento, brindado em família com bolo e vermute.

Os recém-casados, quase crianças, ela com quinze anos e ele com dezoito, começaram sua vida conjugal a três: junto com o casal, foi morar Dina, irmã de Ernesto. Órfã de mãe, Dina, apesar de ser pequena na idade, 12 anos, e na estatura, era a responsável pela cozinha e arrumação da casa. Subia em caixotes para alcançar as panelas, enquanto ouvia as histórias contadas por Angelina. Este era o trato das duas: enquanto Dina, que era louca por histórias, cozinhava, Angelina, que não sabia cozinhar, mas era apaixonada por leitura, contava histórias para a cunhada. Em *AGD*, Zélia conta:

Com os dois reduzidos salários viviam três pessoas, pois tia Dina, irmã mais nova de papai, passaria a morar com os recém-casados. Órfã de mãe desde pequena, Dina aprendera a ter responsabilidades, esperta como ela só, cozinhando e cuidando da casa. Mamãe não poderia desejar coisa melhor, pois de arrumações não entendia nada e muito menos de cozinha. (GATTAI, 2009, p. 8)

No começo do casamento, Ernesto trabalhava na oficina de consertos do pai e Angelina, em uma fábrica de tecidos, no Brás. Ele não queria que ela continuasse a trabalhar na fábrica, onde estava desde os nove anos, mas o dinheiro era insuficiente. Porém, pouco tempo depois, Francesco Gattai mudou os rumos do casal. Depois de uma temporada na Europa, Francesco voltou especialista em carros – as “máquinas infernais”, segundo ele – e abriu uma das primeiras oficinas mecânicas do país.

Apaixonado por carros, Francesco passou a ensinar a seu filho, Ernesto, o ofício de mecânico. Pouco tempo depois, estavam os dois, pai e filho, apaixonados por automóveis. Francesco chegou a importar da França um *Dedion Button*, o primeiro carro deste tipo a rodar por São Paulo, e, conforme os novos tipos de carro iam aparecendo, mais interessado e motivado ficava Ernesto, querendo aprender tudo sobre o motor das máquinas: “[...] Outros automóveis foram aparecendo, papai sempre a par das novas marcas e dos novos tipos, procurando compreender e dissecar os estranhos motores a explosão, penetrar em seus mistérios [...]”. (GATTAI, 2009, p. 7)

Depois de dois anos de casados, nasceu Remo, o primeiro filho do casal, e Angelina teve que abandonar o trabalho na fábrica, aumentando ainda mais o sufoco financeiro no qual viviam.

Precisando urgentemente mudar de vida, e já completamente apaixonado por automóveis, Ernesto escreveu um requerimento ao prefeito de São Paulo solicitando um exame, a fim de obter uma carta de motorista. Exame concedido, aprovação comprovada, a licença de Ernesto foi liberada em 4 de abril de 1907, registrada na página 8, do livro número 1, da cidade de São Paulo. Motorista diplomado, Ernesto passou a trabalhar como chofer de uma família rica, moradora do bairro de Higienópolis. Ele, Angelina e o filho pequeno moraram durante dois anos num apartamento em cima da garagem da casa da família Prado. Com os gastos reduzidos e o bom ordenado, conseguiram guardar algum dinheiro. Além disso, Remo, o filho do casal, sempre herdava as finas roupinhas do bisneto da dona da casa.

Apesar da estabilidade, Ernesto não estava satisfeito: “[...] seu Ernesto não nascera para servir a patrões. (Não era homem para andar de luvas, empertigar-se ao abrir portas de carros, permanecer imóvel como estátua enquanto os patrões subissem ou descessem do automóvel, receber ordens). Positivamente não nascera

para aquilo, aguentara demais. Deu um basta, deixou o emprego [...]” (GATTAI, 2009, p. 9)

Não nascera para servir patrões, queria ser dono de si e passou a trabalhar como mecânico autônomo, sem ganhos fixos, que às vezes eram excelentes, outras vezes insuficientes.

Ernesto, já pai de três (além de Remo, já tinham nascido Wanda e Vera), resolveu que era hora de se estabilizar profissionalmente e, após algum tempo de procura, por volta de 1910, encontrou a casa ideal para fixar sua família e começar seu negócio. A casa era grande, nada confortável, mas tinha uma particularidade importante para ele: um barracão com entrada para duas ruas, a Alameda Santos e a Rua da Consolação, excelente local para se abrir uma oficina mecânica.

Além do alto aluguel, o dono da casa, um italiano chamado Rocco Andreatta, exigiu que Ernesto Gattai reformasse o barracão e mantivesse no seu telhado um cavalinho de alvenaria. Gattai deveria também pintar a casa e manter os murais pintados no terraço lateral da propriedade. Andreatta era dono de uma frota de carroças e burros para transporte e, por causa do crescimento do bairro, foi obrigado pela prefeitura a tirar seus animais do local, que se tornava cada vez mais elegante.

Por isso, o cavalinho de alvenaria e as pinturas de carrocinhas e burros no terraço eram tão importantes, representavam seu começo, seu ofício. Além das carroças, as pinturas, feitas pelo mestre Joaquim, ilustravam paisagens em homenagem a Nápoles, terra natal de Andreatta, com destaque para uma do vulcão Vesúvio, pintado envolto por fumaça e labaredas, na parte mais espaçosa da parede, com mais visibilidade.

O apego do italiano às pinturas terminou por causa de uma discussão entre ele e Angelina, motivada pelo seu desejo de cortar uma goiabeira plantada por ela. Ao tentar defender a árvore, ela disse que tinha tanto amor ao que ela havia plantado, quanto ao que ele havia pintado. Desgostoso por ter sido contrariado, Andreatta nunca mais fez questão de manter as pinturas e, algum tempo depois, Ernesto pintou a casa de amarelo, as encobrando totalmente. Destino diferente teve o cavalinho, que se manteve preso ao telhado do barracão durante todo o tempo em que os Gattai ali moraram. Em *AGD*, Zélia conta com carinho:

O cavalo de alvenaria permaneceu em seu pedestal até o fim. Esse cavalo foi o orgulho de minha infância. Eu era a única menina na rua a morar numa casa com um cavalinho no topo da cumeeira. Minha esperança era montá-lo

um dia, como faziam meu irmão Tito e seus camaradas, que, burlando a vigilância dos mais velhos, escalavam o altíssimo telhado, partindo telhas, arriscando a vida. (GATTAI, 2009, p. 22)

A casa da família não era nunca trancada a chave. As fechaduras eram tapadas com papel amassado, para evitar olhares indiscretos. À noite, algumas portas eram fechadas por frágeis ferrolhos e a da cozinha, somente escorada por uma cadeira.

Nesta casa, na Alameda Santos, nasceram Tito e Zélia, os dois últimos filhos do casal. O filho homem deveria ter se chamado Elson, nome escolhido pela mãe, porém, no momento do registro, Ernesto resolveu dar ao filho o nome de Mário: [...] “Se conformar? Não era este o fraco de dona Angelina. O menino jamais seria chamado de Mário. Ela o apelidou em seguida de Tito e Tito ficou para sempre.” (GATTAI, 2009, p. 17)

Zélia, a última filha do casal, foi a terceira menina. Um mês antes de seu nascimento, a família contratou uma jovem, Maria Negra, para ser pajem da bebê, única filha do casal a ter pajem. Maria Negra, que na verdade se chamava Maria da Conceição, rapidamente se integrou à família. Quase uma menina, era dona de grande personalidade, e foi ela a responsável pela escolha do nome “Zélia” para batizar o bebê que estava a caminho. Já pressentindo que carregava uma filha, a mãe, Angelina, queria chamá-la de Dora, já o pai queria dar à filha o nome de Pia (inspirado, talvez, no romance *Pia dei Tolomei*, ou no canto V da *Divina Comédia*, o Purgatório) até que Maria Negra sugeriu Zélia, que, segundo ela, era o nome mais lindo que conhecia.

Cheia de ternura, Maria Negra contou aos patrões que antes daquele emprego, cuidava de uma menina chamada Zélia. O carinho demonstrado foi tanto, que contaminou Angelina, e ela também passou a achar Zélia o nome mais lindo do mundo e decidiu-se por ele.

A moça, que chegou à casa da família para cuidar de Zélia, em pouco tempo conquistou a todos. Apesar de bastante atrevida, era muito querida pela família. Cresceu com os filhos do casal e, mocinha, passou a chamar a atenção de alguns rapazes do bairro. Luís, funcionário de uma farmácia quase defronte à casa dos Gattai, conquistou o coração da moça. O apaixonado mandava bilhetes de amor para ela, mas quem os lia era Wanda, já que a empregada era analfabeta. O interesse por saber as notícias que os bilhetes traziam ajudou Wanda a convencer

Maria Negra a aprender a ler. Zélia acabou aproveitando as aulas e aprendendo as primeiras letras, tendo a irmã como professora. O namoro de Maria Negra resultou numa gravidez inesperada, que a obrigou a deixar o trabalho na casa dos Gattai. Todos sentiram muito sua partida. Maria Negra, algum tempo depois de se casar, mudou-se para o interior, não deixou endereço, e ninguém nunca mais teve notícias dela.

A casa se movimentava em função do próximo casamento de Maria Negra. Não fora difícil fazer o acerto com Luiz, o sedutor. O pobre tremia que nem vara verde ao ser chamado "às falas" por papai. Não tentou fugir à responsabilidade, estava disposto a reparar o mal. Seu ordenado era pequeno mas teriam lugar para morar. Sua mãe, viúva, tomava conta de uma chácara na Avenida Rebouças, onde viviam, e, "onde comem dois, comem três..." A alegria voltou a sorrir nos lábios de Maria Negra e até o mal-estar da gravidez melhorou bastante.

Na loja "Dos Irmãos Três", de seu Salim – na impossibilidade de registrar o nome de sua casa comercial com o nome de um dos mais famosos magazines de tecidos de São Paulo, "Casa dos Três Irmãos", seu Salim invertera a ordem das palavras –, dona Angelina comprou uma peça de cretone, algumas toalhas de banho e outras de rosto. Ela mesma cortou o cretone e embainhou os lençóis à máquina, fez as fronhas. Não ia deixar a moça sair de casa com uma mão na frente e outra atrás.

De repente dei-me conta de que tudo estava errado. Qual o motivo do meu entusiasmo? Não refletira sobre o assunto: com o casamento, dentro de alguns dias, Maria Negra nos deixaria, iria embora... Eu devia estar triste e não alegre. (GATTAI, 2009, p, 123)

Clara substituiu Maria Negra. Portuguesa, irmã da cartomante do bairro, a moça, bonita e elegante, logo chamou a atenção de Remo, que passou a ser visto com mais frequência em casa. Clara, desiludida por ter sido abandonada no altar, logo se encantou pelo primogênito da patroa. Pouco tempo depois, Remo e Clara se casaram. Ele, na época, trabalhava numa pequena loja de conserto de pneus aberta pelo pai. Tiveram três filhos: duas meninas chamadas Lina, sendo que a primeira morreu criança, e um menino, Arnaldo Domingues, a quem Zélia se refere em *CDR* como "primo de minha estima, dos raros que ainda me restam e que, vez ou outra, me dá sinal de vida, enviando-me um postal." (GATTAI, 2012, p. 73)

Voltando ao nascimento de Zélia, na fria noite de 2 de julho de 1916, nasceu a última filha dos Gattai. Por ter atrasado em um mês o registro da filha, o pai seria obrigado a pagar uma multa, porém ele contornou a situação registrando-a como nascida em agosto, fato que deu a Zélia dois signos: Leão e Câncer, ambos adotados por ela.

Ernesto Gattai, na época, já vinha se estabelecendo como um mecânico de renome. Autodidata, buscava catálogos estrangeiros sobre peças e automóveis, e os lia com o auxílio de dicionários. Curioso e determinado, sua paixão por carros e sua vontade de prosperar o levaram a se tornar um mecânico importante na São Paulo da época. Ernesto chegou, inclusive, a importar um torno da Alemanha para fabricar peças de carro que não se encontravam à venda no Brasil.

Além da oficina em franca expansão, o pai de Zélia ficou conhecido por ter pilotado um *Motobloc* numa viagem de ida e volta de São Paulo a Santos, em 1910. O carro havia sido comprado por ele algum tempo antes, completamente destruído por uma batida, e foi totalmente reformado pelo hábil mecânico. Para que a viagem acontecesse, a polícia teve que dar autorização e os envolvidos nela – Ernesto Gattai, Amadeu Strambi, Miguel Losito e Antônio dos Santos – assinaram termos se responsabilizando por qualquer acidente ou transtorno que ocorresse.

Era a primeira vez na história que este trajeto seria totalmente completado, com ida e volta. A estrada, aberta um século antes, ainda não dava condições para a passagem de automóveis após o alto da serra e, depois dali, só circulavam veículos com tração animal e carroças. Munidos de facões, pás, picaretas e machados, os aventureiros enfrentaram inúmeras dificuldades, a ponto de um dos participantes querer desistir da volta, mas, no final, chegaram todos quatro, sujos, exaustos, picados por insetos e felizes.

Finalmente chegaram de volta ao ponto de partida, sãos e salvos, o carro enfeitado de ramos de árvores, únicos louros a que tiveram direito. Alguns jornais ocuparam-se do feito, o retrato dos "intrépidos" foi estampado ao lado da notícia do reide. Pela primeira vez o nome e o retrato do automobilista Ernesto Gattai apareceram na imprensa. (GATTAI, 2009, p.15)

O progresso da oficina, cada vez mais abastecida por carros importados da Inglaterra e da França, permitiu que Ernesto Gattai contratasse seu irmão Guerrando para trabalhar com ele.

Com a chegada dos carros italianos, Ernesto Gattai e seus amigos resolveram se reunir e fundar uma sociedade anônima para importá-los da Itália e representar a marca Alfa Romeo no Brasil. Com o nascimento da Sociedade Anônima Gattai, a oficina de carros da Alameda Santos foi transferida para um lugar maior, na Rua Teodoro Sampaio. Além disso, o grupo alugou uma loja para expor os

carros italianos. A antiga garagem, no barracão da Alameda Santos, passou a concentrar os serviços de pintura automobilística e servir como depósito para os carros novos.

Nessa época, com o negócio em franca expansão, Ernesto fazia cada vez mais amigos. Apesar de ser bastante decidido com relação a seu posicionamento político, Gattai se mostrava compreensivo e tolerante em suas relações sociais, mesmo com aqueles que não concordavam com suas crenças religiosas ou colocações políticas. Tal comportamento fez com que o pai de Zélia fosse colecionando amigos de classes sociais variadas, que muitas vezes iam até a oficina somente para conversar com o mecânico italiano. A amizade fez surgir um costume entre os amigos: saíam em alguns domingos, de carro, acompanhados pelas respectivas famílias, buscando restaurantes desconhecidos, muitas vezes em locais de difícil acesso.

Um destes clientes que acabou se tornando um grande amigo foi Guilherme Giorgi. Cliente desde o começo da oficina, Giorgi era dono de uma empresa de manufatura de algodão. A amizade dos dois se estendeu, Ernesto se tornou companheiro de viagens do empresário, e, muitas vezes, os dois colocavam as famílias em seus respectivos carros e partiam sem rumo certo. Todos os Gattai cabiam no carro da família, que tinha uma peculiaridade: uma capota de arriar, que obrigava Angelina a carregar cobertores para as crianças, porque elas sempre sentiam frio nos retornos dos passeios.

Certa vez, as famílias foram juntas, de carro, para Santos. Era a primeira vez que a família Gattai veria o mar. Na ida, as famílias pararam num restaurante chamado *Quágliã*, no alto da Serra do Mar. O lugar era uma casa grande, de propriedade de um casal de italianos, que cuidava pessoalmente do restaurante; a mulher fazia a comida e o marido a servia, ajudado por um garçom. Nem o alto preço nem o trajeto difícil afastavam os endinheirados do lugar, sempre cheio de italianos ricos e de seus amigos, como era o caso de Ernesto Gattai. As resoluções sobre a Sociedade Anônima, por exemplo, foram tomadas no *Quágliã*. Apesar da localização ruim e do alto preço, a comida era excelente, fato que atraía aqueles que não se importavam com o precário caminho de terra que levava ao lugar.

Ficou acertado que, na volta do passeio, o grupo pararia no *Quágliã* novamente. A viagem até Santos foi uma verdadeira aventura. Segundo Zélia, em *AGD*, tudo para o grupo era uma grande novidade, desde as paisagens, até as

curvas perigosas e suas tabuletas com caveiras pintadas, alertando os motoristas sobre o perigo logo à frente. A chegada da família à praia foi animadíssima e, finalmente, Zélia conheceu o mar: “Atordoada com o vaivém das ondas quebrando na areia, a água a correr rápida, tive que sentar-me para não cair, a cabeça girando...girando...” (GATTAI, 2009, p. 161)

A volta da família para São Paulo começou cedo. Ernesto temia a neblina que se formava na estrada e achou por bem que partissem ainda com luz. Retornaram, como combinado, ao *Quágli* e Zélia foi convidada a recitar um poema. Wanda, a irmã mais velha, ensinava a menina a recitar poemas em português e italiano, e dividia com ela as moedas que, vez ou outra, Zélia ganhava. Às vezes, segundo Zélia, a “sócia” ficava com todo o pagamento. Para o fim de tarde no restaurante, Zélia tinha uma novidade. A irmã, na expectativa de uma possível apresentação, fez a menina decorar uma nova poesia em italiano.

Era a história de uma menina cuja mãe morrera, mas ela continuava a esperá-la todos os dias, sentadinha na soleira da porta de sua casa. A poesia começava assim:

*Fanciulla, cosafaisu in quella porta
Chi guardi cosi lontano per quella via?*
Colocaram-me de pé sobre uma cadeira, chamaram a senhora *Quágli*, que largou seus afazeres para assistir à menina recitar a poesia italiana; mamãe, ao meu lado, serviria de “ponto” caso eu engasgasse; apreensiva, nervosa, ela explicava que a menina aprendera a poesia na véspera...
Ao terminar meu recitativo, colocando o pranto na voz:
*Tornano i fiorellini ai vasi miei
Tomanolestelle
E torneráanche lei...*

Reparei que mamãe se emocionara, esforçava-se por não chorar. A Sra.*Quágli* devia ser também muito emotiva, pois de seus olhos marejavam lágrimas. Beijou-me e, antes de partirmos, deu-me chocolates e uma linda maçã perfumada. Seu Giorgi meteu a mão na algibeira, puxou uma libra esterlina e me ofereceu. Desta vez Wanda não tirou seu quinhão. A moeda de ouro foi trocada num banco por vinte mil réis, o bastante para comprar uma boneca Lenci⁴, ruiva, lindíssima, que recebeu o nome de Carlota. A boneca da minha infância. (GATTAI, 2009, p.162-163)

Poucos dias depois deste episódio, o restaurante dos *Quágli* foi invadido, e o casal, brutalmente assassinado. Na edição comemorativa do cinquentenário do jornal santista *A Tribuna*, em 26 de março de 1944, uma matéria intitulada “A polícia

⁴ De fabricação italiana, mais precisamente em Turim, as bonecas da Lenci eram o grande sonho das meninas da época, fato que fez a Itália ficar famosa no ramo de brinquedos. Muitas bonecas deste tipo tinham o corpo feito por feltro ou pano e o rosto pintado à mão. Criadas em substituição das feitas de porcelana, que se quebravam com facilidade, as bonecas fizeram tanto sucesso, que foram copiadas em diversos países.

de Santos através dos anos. Crimes célebres ocorridos na cidade”, de José Ferreira Coelho, levantou a história do assassinato do casal *Quágli*.

Segundo o jornal:

O célebre crime do restaurante *Quágli*, no Alto da Serra, também ocorreu nessa época (por volta de 1918). Durante a madrugada, um casal de italianos, donos do estabelecimento, foi assassinado e roubado em 14 mil cruzeiros, todo o dinheiro que guardava consigo. Depois de demoradas investigações, o Dr. Ibrahim Nobre conseguiu identificar os criminosos, prendendo um deles, o indivíduo Clemente Ferreira, mais conhecido pela alcunha de "*Dente de ouro*". O outro, Adriano de tal, foi preso muitos anos depois no Estado do Rio de Janeiro, onde se instalara e já possuía avultada fortuna. Foi detido quando pretendia obter uma carteira de motorista amador. Adriano já estava convicto de que seu bárbaro crime passaria impune.

Após o assassinato do casal, o restaurante foi fechado e as famílias tiveram que buscar outros lugares. Zélia confessa em *AGD* que as aventuras automobilísticas do pai nunca lhe agradaram muito quando criança. Ela, por ser a menor, tinha que viajar sentada num banquinho duro, por estradas esburacadas e cheias de poeira. Apesar de preferir ir à matinê de domingo do Cinema América, ela e seus irmãos nunca foram dispensados dos passeios pelo pai.

A ascensão de Ernesto permitiu que a família tivesse melhores condições à mesa. Associado a outros italianos, o grupo passou a importar azeites, queijos, salames, atum e vinho diretamente da Itália. Além disso, a entrada cada vez maior de dinheiro permitiu que o barracão da Alameda Santos fosse reformado, e um banheiro construído dentro de casa, desobrigando a família Gattai a usar o da oficina. Mas, apesar das melhorias, Angelina Gattai se preocupava; afinal, a casa onde a família morava não era deles, eram inquilinos, não tinham a segurança que um imóvel próprio traz.

Segundo Bachelar,

[...] a casa é o primeiro mundo do ser humano, mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela afasta contingências, permite o sentido de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. (2008, p. 26-27)

Ernesto, anarquista convicto, era totalmente contra a compra de uma casa: “– A propriedade é um furto e ladrão quem a possui.” (GATTAI, 2009, p. 126)

Angelina Gattai jamais realizou o sonho de comprar um imóvel com o marido, e, assim, os filhos foram crescendo na casa alugada na Alameda Santos. Remo, dez

anos mais velho que Zélia, loiro, olhos azuis, esportista, era considerado um belo rapaz. Uma passagem engraçada acontecida entre Zélia e o irmão foi quando a menina, ao buscar um papel no bolso dele, encontrou uma camisinha e, pensando se tratar de um balão, a levou para a sala de jantar, para o constrangimento de todos.

Tito, o penúltimo filho do casal, era o mais calado dos cinco irmãos, sempre fiscalizando o comprimento das saias e decotes das moças da família. Três anos mais velho que Zélia, Tito era o “queridinho da mãe”, segundo a escritora. Teimoso e excelente desenhista, era considerado o artista da família. Os filhos homens, ao terminarem o primário, passaram a trabalhar de dia e estudar à noite. Remo, mais tarde, herdou a profissão do pai e Tito se revelou um excelente protético.

Wanda e Vera estudaram pouco, só fizeram o curso primário. Foram excelentes alunas, porém os pais decidiram que não seria necessário mantê-las na escola, e sim prepará-las para o casamento. Apesar de terem permanecido pouco na escola, elas eram apaixonadas por leitura (assim como a mãe) e, segundo Zélia, foram as grandes responsáveis pela estreita ligação da escritora com a leitura desde a infância. Com Wanda, decorava poesias e, com Vera, lia romances. Vera sempre se esforçava muito para conseguir livros emprestados. Cansada de ler os livros da mãe, ela estava sempre em busca dos clássicos. Foi justamente por intermédio de Vera que Zélia, desde pequena, se acostumou a atravessar madrugadas lendo José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Eça de Queiroz – eleito o preferido da menina –, além de Alexandre Dumas e seus três mosqueteiros – este, em especial, lido em italiano. Assim, Zélia se tornou uma leitora completa: decorava poesias com Wanda e páginas de romance com Vera, repetindo cenas, e imitando vozes e sotaques.

Fico agora pensando o que diria minha mãe, se fosse viva, ao ler estas páginas – ela nos deixou há dez anos e papai há quarenta. Certamente, balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria: "Maria Vêrgine! Que menina atrevida! O que é que não vão dizer?" (GATTAL, 2009, p. 232)

2.3 A década de 20

A cidade de São Paulo do início do século XX é recriada pelas memórias de Zélia em *Anarquistas graças a Deus (AGD)*. Do nascimento até mais ou menos os 14 anos, Zélia viveu na casa da Alameda Santos e retomou em *AGD* as suas impressões de menina acerca das transformações acontecidas na cidade durante este período.

A invasão de carros na, até então, tranquila São Paulo inicia a narrativa de Zélia no que diz respeito à cidade. Os gases escuros expelidos pelos escapes dos carros, os fonfons das buzinas abrindo caminho, principalmente para os mais apressados, que chegavam até mesmo a andar a mais de vinte quilômetros por hora, estando sujeitos a uma infração de trânsito.

Zélia conta que numa época onde ainda não existia rádio nem televisão, as músicas eram ouvidas por meio de um gramofone composto por tromba e manivela, e o cinema – mudo, claro – fazia enorme sucesso. As primeiras salas de cinema da cidade de São Paulo foram construídas na virada do século XX, acompanhando o crescimento da elite paulistana. Às quartas-feiras, o cine América, próximo à Alameda Santos, oferecia uma noite especial para mulheres (leia-se senhoras e senhoritas), o *soarê* das moças, com 50% de desconto, e o lado feminino da família Gattai sempre aproveitava a chance de ir ao cinema. Todas as sessões de cinema eram acompanhadas por um conjunto musical – formado por um piano, um violino e uma flauta –, que tocava músicas (lentas ou animadas), seguindo a lógica do que seria apresentado.

Primeiramente, era exibido um documentário abordando os acontecimentos mais importantes da semana e, em seguida, uma fita cômica, na qual Carlitos reinava absoluto. Zélia relembra que Carlitos era tão adorado, que ela sempre se entristecia quando a palavra “Fim” aparecia na tela, tendo sido essa a primeira palavra que aprendeu a ler.

Os filmes de Carlitos fascinavam a meninada; torcíamos por ele quando, dono de artimanhas incríveis, derrotava seu rival, o imenso vilão. O frágil homenzinho de chapéu-coco e bengala acabava sempre por levar a melhor, conquistando as graças de sua formosa e a admiração das plateias. Aplaudíamos suas vitórias batendo palmas ensurdecedoras e gritando a plenos pulmões: "aí, Carlitos!" [...] (GATTAI, 2009, p. 21)

Os seriados eram exibidos por capítulos, um por semana, e a última cena apresentada sempre deixava um mistério no ar, de propósito, a fim de trazer o

público de volta ao cinema na semana seguinte. Já os filmes estilo *western* encantavam a plateia masculina. Eles faziam um ensurdecedor barulho, repleto de gritos e assobios. Em compensação, durante a apresentação das fitas românticas, as últimas sessões da noite, o silêncio reinava absoluto. As crianças, já exaustas, se acomodavam e dormiam nas duras cadeiras de madeira, enquanto suas mães se rendiam aos dramas amorosos. Os filmes de amor eram os preferidos de Angelina Gattai, que os contava em detalhes para os que não podiam ir ao cinema.

Uma passagem bastante emblemática acerca da importância que as mulheres Gattai davam as suas divertidas idas ao cinema envolve a estreia do filme italiano “O homem que vendeu a sombra ao diabo”. Angelina sabia tudo sobre o filme e esperava ansiosamente sua estreia no Cine América. Quando finalmente o filme estreou, veio acompanhado de uma surpresa amarga: não haveria sessão para moças, logo a meia-entrada não estaria disponível. Angelina ainda pensou em convocar uma rebelião junto às suas amigas para que ninguém fosse ao cinema, mas foi desencorajada pelas filhas: “– Encontrando resistência até dentro de casa... Sem apoio e sem união, como lutar?” (GATTAI, 2009, p. 38)

Para piorar a situação, Angelina foi procurada por Hilda, filha de Regina, com um pedido especial. Regina e Angelina foram criadas juntas, tinham praticamente a mesma idade. A mãe de Regina e os Da Col se conheceram durante a viagem de vinda da Itália e, assim como Carolina e Hiena, a mãe de Regina não resistiu e faleceu, deixando-a ainda pequena. O viúvo, desesperado, procurou pelos Da Col, que acolheram a menina e passaram a criá-la como se sua filha fosse. Quando crescidas, ambas se encantaram com o jovem Ernesto, mas ele escolheu Angelina. Regina, por sua vez, se casou com um homem que enlouqueceu, a ponto de ser internado no Hospital Psiquiátrico do Juqueri, e ela teve que arcar com todas as despesas da casa e da criação dos inúmeros filhos. A filha mais velha de Regina, Hilda, teve que assumir a direção da casa para que sua mãe pudesse trabalhar como costureira. Apesar de ter quase a mesma idade de Zélia, Hilda era uma menina sofrida e extremamente necessitada. Sem dinheiro para outro alimento, a família só comia sopa de feijão com macarrão. O trabalho de Regina era muito e a remuneração, mínima. Sabendo dessa realidade, Angelina não teve como negar o pedido de levar Hilda ao cinema. Contando todos os que iam, Angelina somou seis, deixando Zélia de fora. Não havia como pagar inteira para todos, e Zélia teria que se conformar e esperar a matinê no domingo. Revoltada por ter sido trocada por Hilda,

Zélia, aos prantos, escondida dentro de uma pequena adega, chegou a desejar ser filha de outra mãe e também que Angelina pegasse pioho de Hilda. De nada adiantou o choro da menina, o grupo partiu para o cinema e ela ficou aos cuidados do avô. Ainda sem se conformar, Zélia resolveu esperar pelo pai no portão da casa. Ao chegar, Ernesto encontrou a filha num choro compulsivo:

– É você minha filha? Perguntou-me alarmado – Por que é que está chorando aqui na rua?

Os soluços quase me impediam de falar.

– Foram todos para o cinema e me deixaram sozinha em casa... – desabei.

– E o nono não está?

– Está dormindo...

– Vamos lá para dentro, você vai me contar tudo direitinho, o que foi que fizeram.

A par do sucedido, enxugando com um lenço as lágrimas de sua inconsolável caçula, falou-me:

– Vá depressa se arrumar, passe água na cara e vamos dar uma lição naquelas mulheres malvadas.

Não esperei segunda ordem, entrei em meu quarto. Ligeira, apanhei um gorro de crochê de lã, verde com listas vermelhas, enterrei-o na cabeça, quase até os olhos, enrolei no pescoço um cachecol preto e verde de papai, e me apresentei:

– Pronto!

Saímos de mãos dadas, papai aquele gigante, eu lá embaixo. Coisa boa ter um pai daqueles!

– Agora nós vamos comprar uma frisa para nós dois. Quero ver a cara delas quando descobrirem a gente lá... – papai ria divertindo-se com seu plano, contente de sentir a minha emoção, de poder me vingar e, sobretudo, de ter conseguido secar minhas lágrimas, de me restituir o riso [...]. (GATTAI, 2009, p. 43-44)

Com o passar do tempo, o cinema com orquestra deu espaço para o progresso e, ainda em *AGD*, Zélia narra a despedida do cinema mudo. A novidade encantou muitos, mas alguns achavam que aquilo nada mais era que uma “infiltração” dos estrangeiros, uma imposição da língua inglesa, além da preocupação com o desemprego das orquestras, que deixaram de ter serventia.

2.3.1 O circo

O circo também era uma grande festa. Apesar de raro, era diversão garantida quando algum conseguia montar suas estruturas num terreno baldio próximo à casa dos Gattai. Zélia era tão encantada com o circo que desejava se juntar a eles, dançando no picadeiro ao som da banda, ao lado dos artistas: “[...] A banda do circo

mexia comigo; seus dobrados me davam vontade de sair dançando, participar dos números no picadeiro ao lado dos artistas” (GATTAL, 2009, p. 33). A animação era tamanha, que, algumas vezes, a menina saía de casa sem destino, acompanhando a banda: [...] “Muitas vezes fui procurada e encontrada longe de casa, completamente desligada de tudo, feliz atrás dos palhaços, sem pensar na aflição de mamãe ao notar minha ausência”. (GATTAL, 2009, p.35). A presença do circo mexia com a rotina do bairro, que diariamente via os animais de grande porte serem conduzidos a um imenso bebedouro de ferro, localizado entre a Av. Paulista e a Consolação. Zebras, cavalos, elefantes e camelos protagonizavam, nessa hora, um espetáculo imperdível, e melhor, gratuito.

2.3.2 Os cortejos fúnebres

A Alameda Santos de Zélia, vizinha da Av. Paulista, recebia tudo que não podia acontecer na Paulista. Desde as carrocinhas de entrega de pão e leite até os cortejos fúnebres passavam por lá. Os cortejos em direção ao Cemitério do Araçá, inclusive, eram monitorados pela família. Angelina e as filhas buscavam no jornal a coluna dos necrológios para se inteirarem sobre os mortos do dia e seus respectivos sepultamentos. A partir da divulgação dos dados do falecido, os vizinhos apostavam como seria o cortejo: Quantos cavalos? Quantas coroas de flores? Mais mulheres ou homens? E carros? Quantos seriam?

Mas, com certeza, dois tipos de enterro eram os mais curiosos para o grupo, os de “primeira classe” e os de “anjinhos”. No primeiro tipo, sem dúvida, os de árabes se sobressaíam. Cheios de pompa, eram acompanhados por padres maronitas, “[...] Inteiramente trajados de negro, barbas cerradas e compridas, vistosos medalhões de pedrarias pendendo sobre seus ventres, longos panos esvoaçantes partindo das altíssimas tubas. Essas tubas faziam com que eles me parecessem homens imensos, amedrontadores - por mais de uma vez perturbaram meu sono”. (GATTAL, 2009, p. 42). Em alguns casos, enterros como esses não desfilavam pela Alameda e sim pela Av. Paulista, conduzindo os mortos endinheirados ao Cemitério da Consolação.

Os enterros de anjinho eram descobertos por Vera, que sempre se oferecia para carregar os pequenos esquifes. Um costume bastante interessante relatado por Zélia em *AGD* é que, no retorno do cemitério, quando acontecia um enterro de crianças, os familiares enlutados distribuíam doces para os pequenos que haviam acompanhado o funeral. Tal costume sempre garantia a presença de inúmeras crianças. O primeiro enterro de criança acompanhado por Zélia aconteceu em 1922. A criança era filha de portugueses próximos aos Gattai e Angelina, sem coragem para acompanhar o enterro, mandou os filhos.

A tampa foi fechada, dona Deolinda arrancando os cabelos, urrando de desespero, seu Antônio fungando um incontrolável muco que lhe saía do nariz, para baixo, para cima. Wanda e Vera tomaram a dianteira do cortejo segurando as alças da frente, conduzindo o caixãozinho branco para fora, passando espremidas entre laranjas e tangerinas empilhadas – ameaçando desabar –, montes de abacaxis e cachos de bananas, caixotes de chuchu e de tomates.

Não retornei à quitanda depois do enterro para receber o meu quinhão de "Rebuçados de Lisboa". O perfume ativo das flores que eu carregara, grudadas ao nariz, a longa caminhada sob o sol ou, quem sabe, a impressão de ver a menina, que eu conhecia, sumir debaixo da terra, embrulhou-me o estômago; fui levada às pressas para casa, vomitando sem parar. (GATTAI, 2009, p. 44)

2.3.3 Esporte Clube Palmeiras e Estádio do Pacaembu

A sede do Esporte Clube Palmeiras ficava ao lado da casa dos Gattai e, sempre que havia jogo, acontecia, logo após a partida, um vesperal dançante. As irmãs de Zélia, já mocinhas, não podiam frequentar o baile, mas, como Zélia era criança, a mãe não se importava que ela fosse. A entrada era proibida para crianças, porém Zélia tinha permissão garantida, pois o diretor social do lugar lhe devia favores: certa vez serviu de pombo-correio entre ele e a namorada, levando e trazendo bilhetes. Grato pelo favor prestado pela menina, José Picucci, sempre que a via tentando entrar no baile, a ajudava e ainda arrumava um lugar para ela se sentar. Além de diretor social, Picucci também era o responsável pela manutenção da moral e dos bons costumes. Sempre que via um casal dançando mais afoito, com mãos avançando, separava a dupla, colocando o braço entre os dois, com o dedo em riste. Se a advertência não fizesse efeito, eles eram expulsos do salão. Num

desses bailes, Zélia presenciou os casais se esforçando para conseguir dançar um novo ritmo, de difícil entrosamento entre os passos e a música: o Charleston: “[...] os dançarinos esforçando-se e ninguém conseguindo entrosar os difíceis passos com o ritmo, uma graça!” (GATTAI, 2009, p. 194)

O famoso bairro do Pacaembu é descrito por Zélia em *AGD* como um lugar deserto e perigoso, conhecido na época como Águas Férreas. Nesse local, em meio à mata, surgia uma fonte de água cristalina, onde os meninos, inclusive Tito, irmão de Zélia, iam nadar pelados, apesar da proibição estrita dos pais. Ali, anos mais tarde, foi construído o Estádio do Pacaembu. Além desse lugar, a Várzea, um pantanal deserto e perigoso, também era local proibido para os meninos da família Gattai, conforme contado em *AGD*. O que antes era a Várzea, hoje abriga o bairro Jardim América.

Não só o estádio do Pacaembu é citado por Zélia em suas memórias, mas, também, o Parque Antártica, ou Palestra Itália, teve um espaço especial nas recordações da escritora. Quando criança, era sua diversão favorita, apesar de pouco frequente. A família numerosa, cheia de crianças pidonas, que não eram Matarazzo ou Crespi, segundo Ernesto, deixava a ida ao Parque mais difícil.

Grande programa, o maior, o melhor de todos para mim – a ida ao Parque Antártica, na avenida Água Branca. Ai que frio no estômago, ao subir na roda-gigante! E o carrossel? Era por acaso pouco emocionante montar os coloridos cavalos de pau? Chegava a sentir vertigem naquele sobe-e-desce dos cavalinhos rodando, rodando... Havia um hábito intolerável dos adultos: plantavam-se de pé, cada qual ao lado de sua criança. Eu detestava essa proteção, preferia andar solta, galopar em liberdade. No fundo, no fundo, não seria apenas um pretexto dos sabidos para se divertirem às nossas custas? E os trenzinhos puxados a burro, circulando pelo parque todo? As carrocinhas arrastadas por bodes e carneiros? Os pirulitos de todos os formatos e cores? As bolas de ar, subindo lá no céu, presas por um barbante? O algodão de açúcar? As gasosas e os sanduíches? O parque era divino! Pena não podermos frequentá-lo sempre. Não adiantava pedir que nos levassem, chorar, espernear. (GATTAI, 2009, p. 47)

2.3.4 O início do famoso bairro do Bexiga

Muitos italianos que migravam para o Brasil, sobretudo os do Sul da Itália, os calabreses, optavam por morar na Rua Caetano Pinto, conhecida por seus inúmeros cortiços. Italianos de “sangue quente”, os calabreses faziam suas próprias leis,

arrumavam confusões calorosas por qualquer motivo. As mulheres, valentes e brigonas, discutiam nas janelas, batiam nos filhos com tapas na cara e competiam entre elas quem deixava as panelas mais lustradas:

“[...] Consumiam mãos e unhas na poderosa mistura de cinza e areia com que esfregavam as peças, mas sentiam-se recompensadas. Em torno dos caixilhos das janelas, permaneciam penduradas, em exposição, brilhando, ofuscando a vista dos passantes, panelas e frigideiras, caldeirões e caçarolas, de todos os tamanhos e formatos, motivo de elogios e glória para suas proprietárias, enchendo-as de orgulho e vaidade. Dos fogareiros a carvão, colocados nas calçadas, as panelas fumegantes desprendiam aroma de molhos e de guisados, que entrava pelas narinas dos passantes, despertando apetite. (GATTAI, 209, p. 73)

Aos domingos, os moradores fechavam a rua e os homens se dedicavam a jogar bocha, malha e morra. O maior divertimento eram os gritos altíssimos que os jogadores davam.

O bairro do Bexiga também serviu de moradia para alguns italianos recém-chegados. Inclusive, neste bairro, os próprios imigrantes, extremamente religiosos, e devotos de Nossa Senhora da Achirópita (padroeira do Sul da Itália) e Nossa Senhora da Ripalta (padroeira do Norte da Calábria), trabalharam como pedreiros e arquitetos, e construíram uma igreja, a da Achirópita.

A devoção à Mãe Achirópita, cuja festa é celebrada no dia 15 de agosto, surgiu em Rossano Cálabro e data do século XII. Veio com os italianos que deixaram seu país em busca de melhores condições e se estabeleceram em São Paulo, mais precisamente no bairro do Bixiga. A imagem da N. Sra. Achirópita foi trazida pelos imigrantes calabreses nos primeiros anos deste século.

Ficava na casa de José Falcone, onde várias pessoas se reuniam para fazer novenas à Santa, e saía somente durante os festejos de agosto. Era colocada em um altar de madeira erguido na rua Treze de Maio, no qual as missas dos dias 13, 14 e 15 costumavam ser celebradas, e depois voltava ao seu lugar de origem. Essas primeiras manifestações de rua em louvor à Madonna Achirópita começaram em 1910, quando a primeira comissão de festas foi formada. Os calabreses haviam decidido comprar um terreno para construir uma capela para Nossa Senhora e precisavam angariar os recursos necessários. Deu-se início às quermesses de rua e à procissão de N. Sra. Achirópita. A imagem da santa percorria as ruas com fitas nas mãos e os fiéis colocavam sua contribuição, pregando as cédulas de dinheiro com alfinetes.

Em 1918, com o dinheiro arrecadado nas comemorações de agosto, foi erguida uma capelinha de construção simples, sem qualquer imagem, que mais parecia um quarto grande. Quase não havia lugar para sentar; por isso, quando se realizavam novenas, geralmente as mulheres levavam seus banquinhos de dois pés. Posteriormente, os festeiros compraram uma casa ao lado da pequena capela e puderam ampliar o espaço. Faltava à construção grande parte do telhado, somente a nave central estava coberta.

Não havia vidros na maioria das janelas. Durante alguns anos, a comissão encarregada das obras, dividida, não deu continuidade aos trabalhos. Graças à doação de 500 réis feita por uma senhora do bairro e a um laudo precatório que rendeu mais 500 réis, reiniciaram-se as obras e o telhado foi concluído. A imagem de N. Sra. Achirópita, que antes ficava nas casas dos fiéis, foi então instalada no pequeno altar e missas começaram a ser celebradas na igreja. Com o decreto de 4 de março de 1926 e elevada à condição de paróquia, a igreja obteve o direito de ter sacrário, batistério, pia batismal, livro do tombo e livro de registros de batizados, casamentos e óbitos. O lucro resultante dos festejos daquele ano serviu para saldar as dívidas anteriores. Um grupo de calabreses fez a doação do altar-mór de mármore. Dois anos mais tarde, comprou-se a casa atrás da igreja, que também seria usada nas funções paroquiais. Em junho de 29, foi colocada a pedra fundamental da fachada da igreja e o sino. Aos poucos foram sendo doadas diversas imagens de santos. A igreja foi perdendo os ares de capela e ganhando altares e novas construções [...]. Disponível em: <<http://www.achirópita.org.br/a-paroquia/historia-da-paroquia/da-capelinha-a-igreja>>.

Zélia conta em *AGD* que, assim como os moradores da Rua Caetano Pinto, o bairro do Bexiga não era bem visto, já que era considerado reduto de gente atrasada e perigosa. No Bexiga, os italianos construíram outra igreja, a de Nossa Senhora de Casaluce, a *Madonna Negra*. Além dela, eles tinham como santos de devoção São Genaro e São Vito Mártir. A fé religiosa destes italianos era tamanha que as datas de seus santos de devoção eram festejadas com procissão nas ruas, enfeitadas por flores e bandeirinhas de papel de seda, e muitos foguetes eram soltos. A tradição dessas festas rompeu a barreira da história e até hoje acontece. A Festa da Paróquia de Nossa Senhora de Casaluce é considerada, inclusive, a mais antiga e tradicional festa italiana da cidade de São Paulo, e conta atualmente com mais de 30 barracas de comidas, bebidas e doces típicos italianos. Os Gattai não frequentavam nem a Rua Caetano Pinto nem as festas do Bexiga, lugares considerados inapropriados por Angelina por abrigar gente tão dada a confusões e gritarias. “Até dona Angelina, sempre tão liberal, tinha preconceitos contra a Caetano Pinto e o Bexiga!” (GATTAI, 2009, p. 73)

2.3.5 O Jardim da Luz, os passeios de bonde e o Mappin

A outra opção de passeio da família era o Jardim da Luz. Pouco atraente e muito mais distante, não era exatamente a diversão preferida das crianças Gattai, principalmente no caso de Zélia, que, depois de passar o dia todo correndo pelo

parque, era obrigada a viajar de pé no bonde, ou, no máximo, vinha no colo da mãe. Como forma de economia, essa maneira peculiar de viajar no bonde durou até os 7 anos da menina. Mas nem tudo era tristeza no passeio de bonde, pois Zélia e suas irmãs se divertiam com os anúncios de remédios fixados no transporte. Até mesmo antes de saber ler, a pequena Zélia, Vera e Wanda apostavam quem sabia mais os textos usados nas propagandas. A escritora, apesar de ser a mais nova, decorava os textos de tanto ouvi-los e surpreendia os outros passageiros com tamanha inteligência. O xarope “Bromil”, as “Pílulas de vida do Dr. Ross”, o “Tônico Iracema”, o “Fermento Láctico Fontoura”, o “Rhúm Creosotado” e muitos outros produtos eram anunciados por meio de musiquetas impressas e afixadas nos bondes. Diversão garantida para as irmãs Gattai, principalmente Zélia, que até mesmo se esquecia da canseira que sentia por sempre viajar de pé. Um comercial, entretanto, era proibido: o d’“A Saúde da Mulher”:

Chegava a hora do anúncio proibido: "A Saúde da Mulher" - duas figuras de mulher ilustravam o reclame; a cara triste de uma antes de tomar o remédio, a cara alegre da outra, depois. Por que diabo mamãe proibia as meninas de lerem esse anúncio em voz alta? Coisa mais esquisita! "Não fica bem", era a sua explicação. Assunto encerrado.

Eu surpreendi risadinhas e olhares maliciosos trocados entre Wanda e Maria Negra. Não gostava de ficar boiando, de fora; busquei encontrar uma explicação para aquela censura. Busquei e encontrei: "A Saúde da Mulher" fazia com que eu me lembrasse de dona Ada, moradora da Alameda Santos, embora dona Ada fosse uma loira exuberante, ao passo que a mulher do anúncio do remédio era discreta morena. Dona Ada vivia sozinha, servida por duas empregadas. Não visitava ninguém nem era visitada pelos vizinhos. À noite, via-se chegar um carro que estacionava à sombra de copada árvore na rua, próxima à sua casa. Um cidadão descia do automóvel e sorrateiramente entrava pelo portão apenas encostado da residência da vistosa senhora.

Certa vez ouvi mamãe comentar com dona Regina que o "marchante" de dona Ada devia ser um "pézzo-grosso", pois escondia-se, não queria ser reconhecido. Achando que mamãe se referia à maneira do homem andar, dei meu palpite: nunca vira o homem marchando, ele dava, isso sim, uma corridinha... Dona Angelina achou muita graça na ingenuidade da filha: "l'innocénza!" Essa foi mais uma das "gracinhas" da filha de dona Angelina a ser contada e repelida.

Mamãe não riu, muito pelo contrário, enfureceu-se, quando lhe contei que dona Ada me chamara, me oferecera "giandúias" e especulara a nossa vida. Entre outras coisas, mostrara-se interessada em saber se papai e mamãe costumavam brigar.

Furiosa, dona Angelina subiu a serra! "Mulher mais atrevida! Bem que dona Eponina me preveniu" - dona Eponina era outra vizinha que vivia debruçada na janela fuçando a vida alheia; fala doce e sibilada, ia atirando verdes para colher maduros - que aquela sujeita não é boa bisca! Mulher cheia de saúde - daí a minha associação com a "Saúde da Mulher" - não trabalha, não faz nada, uma vagabunda que vive na janela e precisa de duas empregadas para servir a baronesa! Um velho de noite e mocinhos de dia... Não chega? Agora ela está querendo o quê? Por que tanta pergunta?

E você - dirigia-se a mim - não me fale mais com aquela "troia", viu, "signorina"? Baratinei-me toda com aquela zanga de mamãe e, sobretudo, com a empolgante frase: "...aquela sujeita não é boa bisca!" A bisca que eu conhecia era um dos jogos de baralho, comuns lá em casa: a bisca, a escopa, o truco.

Não havia dúvida, mamãe proibia a leitura do anúncio da "Saúde da Mulher" simplesmente por não gostar de dona Ada. Era isso.

Os anúncios de remédios, nos bondes, nos distraíam tanto - a mim pelo menos, com as associações de ideias - que me faziam esquecer a canseira de viajar de pé, encurtava o tempo do trajeto. Quando menos esperava, já estávamos chegando. (GATTAI, 2009, p. 51)

Além do bonde, os passeios de trem também compuseram as memórias de Zélia a respeito de uma São Paulo em construção. Em uma entrevista para a biógrafa italiana Antonella Roscilli, a escritora contou que viu subir o primeiro edifício da cidade de São Paulo:

[...] o primeiro arranha-céu que construíram foi o palácio Martinelli: 25 andares. Em me lembro que até aquela data não existiam prédios. As ruas eram iluminadas com lampiões de gás. Havia um lampião em cada esquina. Às cinco horas da tarde passava um homem com um bastão. Abria a janela do lampião e o acendia. Os namorados pagavam o rapaz para deixar o lampião apagado. (ROSCILLI, 2006, p. 78)

Margarida, irmã de Angelina, morava no Brás, e Angelim e Gigio, também irmãos de Angelina, moravam em São Caetano. Ao Brás ela ia sempre, uma vez por semana, e ao São Caetano, só uma vez por mês. A viagem, longa e difícil, começava com a necessidade de se embarcar em dois bondes para se conseguir chegar até a Estação da Luz. A partir daí, embarcava-se num trem parador que ia parando em todas as estações até o destino final: São Caetano. Angelina Gattai viajava de segunda classe por achar muito mais divertido. Somente nos vagões destinados à segunda classe era permitido transportar grandes volumes como animais, trouxas de roupa, bujões de leite e cestões de frutas. A hora do embarque era uma grande confusão, com gente se pisando para tentar sentar em um dos poucos bancos vagos, já que a maioria era reservada pelo lado de fora do trem, pela janela, antes mesmo do embarque acontecer. A viagem até São Caetano durava quase uma hora (hoje se faz o trajeto de 10 km em menos de vinte e cinco minutos), mas a diversão que ela gerava para Angelina e os filhos era enorme, a ponto de ninguém se importar de desembarcar do trem com o corpo coberto de fuligem.

Num desses passeios até o Brás, Vera acompanhou a mãe, que jamais saía desacompanhada. Na época, não era bem visto pela sociedade que uma mulher casada andasse sozinha pelas ruas. Nesses dias de passeio, Angelina gostava de

descer do bonde e ir caminhando pela rua Direita, no centro de São Paulo, vendo as vitrines das grandes lojas da época. Ali estavam instaladas o Mappin Store, a Casa Alemã, a Casa Lebre e, finalmente, a Loja Ceylão, a preferida de Zélia e Angelina, com suas vitrines repletas de novidades. Apesar de se encantar com as vitrines, Angelina quase não comprava nada, o dinheiro que o marido ganhava era suficiente, mas não permitia abusos. Zélia relata em *AGD* que a única vez que viu sua mãe gastar todo o dinheiro que guardava para emergências foi na liquidação do Mappin Store. A loja, localizada no edifício Condessa, era conhecida pelo requinte de seus produtos e tinha 30 departamentos, além de um salão de chá inglês, frequentado pela elite paulista e por intelectuais, como Oswald e Mário de Andrade.

Porém, todo o luxo do Mappin quase desapareceu num grande incêndio, em 20 de janeiro de 1922. O que sobrou foi colocado à venda numa grande liquidação, situação que permitiu que os não endinheirados pudessem, pela primeira vez, não só entrar na loja, mas comprar produtos dela. É claro que os produtos da liquidação eram aqueles que tinham sido chamuscados pelo fogo, mas muitos não se importavam e enfrentavam filas enormes para entrar na loja. E foi justamente nessa liquidação que Angelina deixou de lado a parcimônia que a caracterizava e gastou todas as economias da casa, que ficavam escondidas atrás de uma enorme alegoria anarquista, na sala de jantar da casa da família.

Desta vez o “cofre” ficou vazio mas os cinco filhos de dona Angelina foram vestidos a capricho, dos pés à cabeça, cobertos de roupas e calçados finos, roupas de gente rica. Entre outras coisas, mamãe comprou ainda dois chapéus para ela verdadeiramente gloriosos: ambos de palha preta brilhante, enfeites diferentes [...]

Nessa compra de chapéus eu estava presente e acabei ganhando também um lindo chapeuzinho cor-de-rosa, de palha e crina. Uma guirlanda de flores do campo enfeitava toda a volta de sua copa. Fui eu mesma quem o descobriu debaixo de um montão de chapéus amassados, chamuscados pelo fogo. Amor à primeira vista, chapéu mais lindo! Num bater de olhos, mamãe descobriu que ele era pequeno para mim. E era. Como não havia outro igual, maior, bati o pé, não era pequeno nada, eu o queria acima de tudo e pronto. Para evitar maiores vexames, ela rendeu-se. Por timidez ou preconceito, talvez devido às duas coisas, mamãe vivia eternamente escravizada à opinião alheia: “O que não vão pensar?” era a frase que mais repetia.

Pelo menos desta vez fui beneficiária de seu medo da língua do povo, mamãe teve receio de que criticassem a má educação da menina e acabou comprando o lindo chapeuzinho cor-de-rosa, que passou a ser minha coroa de martírios. Toda a vez que o usava, sofria o diabo! Apertado demais, a crina, enterrando-se em minha testa, deixava-me com a fronte em brasa, toda vincada. Mais vale um gosto, porém. Uma longa franja, que me ia quase aos olhos, encobria as marcas da teimosia e da vaidade. (GATTAL, 2009, p. 132-133)

A história de Angelina na grande liquidação do Mappin aparece recontada na obra *São Paulo, a juventude do centro*:

Verdadeiros acontecimentos na cidade eram as liquidações semestrais, de inverno e verão, promovidas pela loja. A que mais atraiu o público foi aquela realizada com os salvados do incêndio que destruiu parte do prédio em 1922. "O desastre que sofremos com o incêndio constituirá um verdadeiro benefício para a população de São Paulo", publicava o Mappin anunciando a liquidação que ficou na memória da escritora Zélia Gattai. "Apenas uma vez vi minha mãe sair do sério: foi na grande liquidação do Mappin, depois do incêndio gigantesco que destruiu o maior e mais conceituado e elegante magazine de São Paulo". Escreveu a autora de *Anarquistas graças a Deus*. (...). Dona Angelina (mãe de Zélia) se acabou de comprar coisas bonitas por bagatelas, verdadeiras pechinchas. Gastou todas as economias da casa [...]. (CAVALCANTI e DELION, 2005, p.144)

A revista *Já*, de junho de 1999, publicou uma reportagem sobre a falência do Mappin e, dentre várias questões abordadas ali, a relação de Zélia Gattai com a famosa loja de departamentos foi lembrada, retomando, inclusive, a história do chapéu pequeno comprado por Zélia na liquidação. Além desses assuntos, a própria escritora falou ao jornal sobre sua relação com o Mappin e sua tristeza com a notícia da falência da loja:

Ver as vitrines, fazer compras e passar pelo Salão de Chá dos ingleses era um programa da elite, de gente como o presidente Washington Luiz. Pobre não tinha vez por lá. As lojas onde o povão era admitido exibiam uma placa: "Entrada Franca". Não era o caso do Mappin, que só veio a quebrar essa regra em 1922. Em 20 de janeiro daquele ano, um incêndio destruiu quase todo o estoque da loja, que, um mês depois, realizou uma liquidação das sobras. "Foi a primeira vez que os pobres puderam entrar no Mappin Stores para comprar mercadorias refinadas, mas só aquelas que foram chamuscadas pelo fogo", revela a historiadora Solange Peirão, uma das autoras do livro *Mappin – 70 Anos*.

A escritora Zélia Gattai lembra bem daquela queima de estoque. Levada pelas mãos da mãe, dona Angelina, ela entrou pela primeira vez no Mappin quando tinha 5 anos, durante a liquidação. Filas enormes formaram-se na frente da loja, mas dona Angelina não se intimidou e levou para casa roupas finas para os filhos e chapéus, produtos aos quais se referia como "obras de arte". "Durante anos vesti as roupas do Mappin e lembro, em especial, de um chapéu cor-de-rosinha com flores do campo. Ele nunca me serviu, mas durante anos foi a minha glória", lembra a mulher do também escritor Jorge Amado.

Mais tarde, Zélia também frequentou o Salão de Chá. "Já mocinha, vinha a São Paulo e o salão era parada obrigatória, um primor em elegância. Aproveitava, também, para fazer minhas comprinhas." De passagem por São Paulo, a escritora, radicada há muitos anos em Salvador, pensou em dar um pulo na loja da praça Ramos, mas acabou desistindo da ideia ao saber que quase não havia mais mercadorias expostas. "É um absurdo uma casa com essa tradição fechar suas portas. Não quero ficar triste, pois sei, assim como os paulistanos, que isso não acontecerá", anima-se. Quem conheceu o Mappin

das primeiras décadas do século, como Zélia, custa a crer no que está acontecendo [...].
Disponível em: <<http://netleland.net/hsampa/mappin/agonia/agonia.html>>.
Acesso em: 25 jul. 2016.

A história dos passeios ao Brás teve outros desdobramentos. Angelina era uma mulher sensível, se emocionava com livros, poesias e música. A história de um disco comprado pela mãe marcou o início dos relatos de memórias de Zélia, a estreia dela como escritora.

O disco em questão trazia uma serenata de Schubert e Angelina ouviu a música ao passar na frente da loja. Como não tinha dinheiro no momento, preferiu não entrar, ficou receosa. A família Gattai era muito ligada à música, tanto que Ernesto promovia concursos para ver quem acertava o nome de óperas e árias, normalmente italianas, que ele colocava para tocar no gramofone. Na casa da família havia uma coleção de discos de óperas, interpretadas por Enrico Caruso.

Nesse dia em que Angelina ouviu a música, Vera e a mãe tinham feito as famosas compras no Mappin e, na sequência, estavam indo visitar tia Margarida. Ao chegarem ao Brás, Angelina encontrou a irmã extremamente chateada com um dos filhos, Cláudio, um menino peralta que dava muito trabalho. A fim de aliviar um pouco a irmã, Angelina levou Cláudio para passar uns dias na Alameda Santos, para desespero de Zélia.

No dia seguinte, Angelina e Zélia foram à loja de discos na Rua Direita e, para ajudar o vendedor a descobrir qual era o disco que estava tocando no dia anterior, Angelina Gattai teve que cantarolar um pedaço da melodia: “[...] Fez-se silêncio. Nesse momento, a roda de curiosos que a cercavam era grande. Ela começou: - Lári lalá..., lari la lalá... A um só tempo, vários exclamaram: "Serenata de Schubert!" [...]. (GATTAI, 2009, p. 98).

Música descoberta, ela finalmente pôde comprar o disco. Chegando a casa, colocou o disco no gramofone, todos ouviram, e ela, com muito cuidado, o guardou em cima da cama, entre os travesseiros, avisando a todos que o disco não deveria ser tocado e que à noite todos o ouviriam de novo, junto com Ernesto.

A noite chegou e, depois do jantar, o pai de Zélia pediu que a filha fosse buscar um charuto em seu quarto. Ela, na tentativa de acender a luz do quarto, pulou sobre a cama e fincou os cotovelos no colchão, para se apoiar. Ao fincá-los,

sentiu algo duro, seguido de inúmeros estalos. Lembrou-se do disco na cama e, ao acender a luz, viu, horrorizada, que o disco estava quebrado.

Algumas horas depois, Angelina descobriu que seu disco estava quebrado –

Madona mia Santíssima! Maria Vêrgine! Dio Santo! Dio Sacrossanto! Quem foi que quebrou meu disco? Ma guarda! Um disco comprado hoje, com tanto sacrifício!

Não é possível! Quem foi que quebrou meu disco? – repetia mamãe, o pranto na voz. Os desabaços de mamãe, em italiano, indicavam que estava verdadeiramente zangada, revoltada, desesperada. Nesses momentos ela esquecia seu anticlericalismo, trazia à tona nomes de santos e invocava as divindades que a haviam acompanhado durante a infância. (GATAII, 2009, p. 102)

– e desconfiou que Cláudio, o sobrinho peralta, fosse o responsável. Ele, assustado com os gritos que a tia deu quando descobriu o disco quebrado, se escondeu atrás de uma porta. Angelina o encontrou, o interrogou e o menino acabou confessando ter sido ele quem havia quebrado o disco. Zélia não entendeu nada, mas, com medo de ser castigada, deixou o primo assumir a culpa.

No dia seguinte, Cláudio e Tito sumiram, depois de terem ido caçar nas Águas Férreas. Eles não tinham permissão por ser um local perigoso, mas, mesmo assim, foram. Ao retornarem, no começo da noite, trazendo uma coruja morta, com a cabeça esmagada, Angelina decidiu que o tempo de Cláudio na casa dos Gattai tinha terminado e, logo cedo, o sobrinho foi levado de volta para casa. Zélia, ao se despedir do primo, cheia de culpa, deu-lhe um *Almanaque Tico-Tico*.

Passados quatro anos, Zélia, enfim, confessou à mãe que ela tinha quebrado o disco. A mãe a obrigou a ir até a casa de Cláudio, se desculpar. O menino, sem entender nada, afirmava categoricamente que ele tinha quebrado o disco ao subir na cama para olhar pela janela. A menina também nada entendeu.

Algum tempo depois da confissão de Zélia, o assunto do disco voltou à tona. Ao presenciar Angelina se zangando com a filha, as irmãs não aguentaram a pressão e confessaram que elas também tinham quebrado o disco. Vera contou que pulou sobre a cama da mãe para descansar e acabou quebrando o disco, e Wanda, na sequência, finalmente esclareceu o mistério do disco: ela havia tirado o disco inteiro da capa, para ouvi-lo novamente e, por um descuido, bateu o disco na tromba do gramofone. Ele caiu das mãos da moça e se espatifou no chão. Ela, com medo da reação da mãe, pegou os pedaços, colocou-os dentro da capa e pôs o disco de

volta em cima da cama. Essa história marcou tanto a vida de Zélia, que ela a usou como ponto de partida no resgate de suas memórias, conforme já abordado.

2.3.6 São Paulo em guerra: a revolução de 1924

Em dois de seus livros Zélia Gattai aborda a Revolução de 1924. Em *AGD*, Zélia começa a contar suas lembranças da Revolução e as consequências dessa para a família Gattai, porém o início da história que envolve a Revolução está em *CDR*. A própria autora avisa o leitor sobre isso: “Sobre essa revolução de julho de 1924, já falei longamente no *AGD*. Conteí detalhes que não vou repetir aqui” (GATTAI, 2012, p. 92)

A notícia espalhou-se rápido: havia estourado uma revolução. O chefe da revolta era um tal de Isidoro Dias Lopes.

Muita gente preocupada com o que pudesse acontecer, papai mais do que todos, aflito.

– Agora que tudo ia andando tão bem, me aparece essa novidade... *Sono fregato!* – resmungou papai.

– *Fregato*, por quê? – quis saber mamãe. – O que é que você tem a ver com a revolução?

– Você não adivinha? – irritou-se o marido. – Estamos com dois carros novos em exposição e outros a caminho, já chegando. Quem é que vai pensar em comprar automóvel de luxo, nesse clima de incerteza? Diga, Angelina, quem?

– Você esta pensando nos teus interesses, claro! E a revolução? Estão dizendo por aí que o Isidoro vem defender o povo... Papai não esperou que ela terminasse:

–*Porco cane!* Você repete o que essa gente ignorante anda dizendo? Esse “teu” Isidoro está comandando uma revolução *dei coglioni*, a mim ele não engana. Ele está, isso sim, tentando dar um golpe no Artur Bernardes para se empoleirar no governo com uma cambada de tenentes. Entendeu ou quer que eu explique melhor? (GATTAI, 2012, p. 92)

Segundo Zélia, algum tempo depois do ingresso dela na escola, as aulas foram interrompidas porque uma Revolução estava se instaurando na cidade. A menina foi para casa impressionada com as palavras da professora Carolina, que, assim como Angelina, achava que Isidoro Lopes lutaria pelos mais fracos, trabalhadores e humildes. A revolta, liderada pelo general Isidoro Dias Lopes, aconteceu entre julho e agosto de 1924 e apavorou a cidade de São Paulo, embora a intenção inicial do grupo fosse a de se espalhar por todo o Brasil.

Considerado o maior conflito armado já registrado na cidade, a revolta ocorrida durante o governo do presidente Artur Bernardes durou 23 dias e deixou como saldo uma cidade destruída e centenas de feridos e mortos. O governo federal, na tentativa de manter-se no poder, cercou a cidade e bombardeou vários prédios, principalmente na zona leste da cidade, onde ficavam os bairros operários.

Existia, por parte dos revoltosos, uma crença de que eles poderiam levar o país a voltar a ser o que era na época da República, em 1889, época, segundo eles, acima de disputas de classe e partido. Além disso, havia uma insatisfação com o poder concentrado em São Paulo e Minas Gerais, e com a questão relacionada às promoções dos militares, consideradas lentas e injustas. Por ser o “exemplo” de tudo o que os revoltosos condenavam, Arthur Bernardes, para o grupo, deveria ser deposto. A presidência deveria, então, ser assumida por uma junta comandada por militares.

Não foi por acaso a Revolução ter começado em São Paulo, na madrugada do dia 5 de julho de 1924; muito pelo contrário, a cidade, além de estar num ponto estratégico, foi escolhida por ter sido o berço da Proclamação da Independência do Brasil. Como afirma Batista, 5 de julho, data extremamente representativa para o grupo, havia sido estrategicamente escolhida:

A data escolhida foi em homenagem à Revolta dos 18, uma revolta tenentista, ocorrida em 5 de julho de 1922, no Forte de Copacabana, Rio de Janeiro. Embora os revoltosos (17 militares e um civil) tenham sido derrotados, a Revolta serviu de inspiração a outros movimentos como o da Coluna Prestes e a Revolta Paulista de 1924. (CORRÊA, 1976, p. 25)

Ao chegar à sua casa, vinda da escola, Zélia encontrou a família já bastante preocupada. A mãe, Angelina, tomou a decisão de ir à venda comprar todos os mantimentos que fosse possível armazenar. Da madrugada da ocupação até os vinte três dias seguintes, a cidade ficou sitiada, em clima de guerra civil. Ruas bloqueadas, cercadas de trincheiras e barricadas, apavoravam a população, que preferia se manter trancada em casa, tentando se salvar dos ataques de granadas e tiros de morteiro.

Acompanhada pelos três filhos mais velhos, Angelina foi surpreendida pela venda, situada na Av. Rebouças, já praticamente fechada, com apenas um pequeno vão aberto, por onde só tinham permissão para entrar os clientes antigos. Com

bastante dificuldade Angelina conseguiu atravessar a barreira humana que se aglomerava na frente do comércio, ameaçando invadi-lo e assaltá-lo.

No princípio, a Alameda Santos não foi tomada e o Brás era considerado o lugar mais problemático, com barricadas nas ruas, bombas explodindo, tiroteios que geravam mortos e feridos, fábricas fechando e assaltos a postos de abastecimento. Além do Brás, os bairros da Mooca, Belenzinho e Ipiranga ficaram completamente destruídos. Escombros e cadáveres tomavam conta das ruas, e a população, aterrorizada, sofria com a falta de alimentos e com os pesados bombardeios.

A notícia a respeito do Brás apavorou Angelina, pois sua irmã Margarida morava lá com a família. Ilustrando a destruição que assolou o bairro do Brás e seus moradores, cita-se o historiador Carlo Romani:

Voltando aos fatos, na manhã do dia 11, por volta das dez horas, ouviam-se assobios que vinham de longe. De repente, uma série de explosões fez levantar uma nuvem de poeira e fumaça sobre a cidade. Formava um círculo tendo como diâmetro o eixo da Avenida Rangel Pestana, desde o centro velho até o Brás. Mulheres gritavam, carregando no colo suas crianças ensanguentadas. Saíam de trás dos escombros e choravam ajoelhadas em frente aos familiares mortos. Uma multidão de pessoas saiu às ruas para ver o que acontecia. Velhos e crianças corriam desesperados sem entender o que se passava. A sucessão de explosões prosseguia. Os tiros vinham da extrema zona leste, das colinas da Vila Matilde, onde as tropas legalistas estavam posicionadas. O general Eduardo Sócrates ordenara o ataque com canhões e obuses lançando bombas e granadas sobre os bairros operários de São Paulo. Os petardos eram dirigidos deliberadamente sobre as zonas residenciais da Mooca, do Brás e do Belém, provocando a desgraça entre as famílias de trabalhadores. No outro lado da cidade, do alto da Avenida Paulista, no Pacaembu, no Higienópolis e nos Campos Elíseos, sede do desalojado governo de Carlos de Campos, a burguesia paulistana assistia protegida ao espetáculo aéreo de chamas, ouvindo retumbar ao fundo os tiros dos canhões.

Somente pobres indefesos pereceram nos ataques. Posicionado no alto da Penha, da Rua Guaiaúna, o general Sócrates avistava de binóculo o tormento dos miseráveis. A estratégia do Exército era simples. Estabelecer o terror entre a população civil para que implorasse aos rebeldes que se rendessem. Lá embaixo, centenas de feridos, muitos deles mutilados, eram encaminhados para a Santa Casa já completamente abarrotada de pacientes. Pelas ruas, os cadáveres não recolhidos já empestavam o ar, enquanto parentes perambulavam a esmo em busca de seus mortos. Aproximadamente mil pessoas morreram e outras tantas milhares ficaram feridas nesse 11 de julho que ficou conhecido como o dia do “bombardeio terrificante”. Ataques menores sucederam-se nos dias seguintes, nesse exercício de guerra realizado pelo Exército, testando suas armas em cobaias humanas, civis de pouco valor. (ROMANI, 2001, p.163)

Por causa da falta de notícias, ficou decidido que Remo tentaria chegar até a casa da tia. Com uma fita branca amarrada no braço, acessório obrigatório aos que se aventurassem a sair pelas ruas escuras, com lampiões a gás desligados, o rapaz

saiu. Depois de uma longa espera, ainda maior para a mãe, arrependida de ter deixado o filho sair em meio a uma situação tão perigosa, Remo voltou e confirmou tudo o que estava sendo dito sobre a situação no Brás: trincheiras em frente às casas, fábricas fechadas, todos sem receber salário, e o pior, escassez de comida, não se vendia mais fiado e quase não havia mais o que ser comprado. Desesperado com a situação, o marido de Margarida, Gino, apelou para que Ernesto Gattai salvasse sua família. Após ouvir tudo com atenção, Ernesto decidiu que partiria no dia seguinte para buscar os parentes.

Angelina saiu em busca de alimentos, já que a casa abrigaria muito mais gente. Não encontrou muita coisa, o estoque de tudo estava quase esgotado e os armazéns não estavam recebendo mercadorias.

Mamãe apanhou novamente a caderneta e partiu para o armazém. Agora, sim, precisava de muitos víveres, com aquela gente toda acampada em casa. Não conseguiu desta vez nem metade do que pretendia, pois o estoque de mercadorias estava quase esgotado e os atacadistas tinham suspenso as entregas. Por muito favor mamãe pôde comprar uns dois ou três bacalhaus grandes - alimento forte, substituiria a carne já escassa nos açougues. O que tínhamos na despensa daria para uns bons quinze dias. Quanto ao pão, mamãe não se preocupava tanto. As padarias vendiam apenas uma unidade por pessoa. Mandaria todas as crianças para a fila do "Manzoni" - a padaria mais próxima de casa -, embora fosse perigoso; havia brigas diariamente nas portas das padarias, todo mundo irritado, com medo de que lhe faltasse, o alimento básico, a exigir que os padeiros tirassem a massa do forno antes mesmo de estar suficientemente assada. (GATTAI, 2009, p. 166)

Na volta, organizou colchões no chão à espera dos parentes. Depois de muito esperarem, Ernesto Gattai chegou com o carro repleto de gente. Além da família de Margarida, Ernesto também trazia duas crianças filhas de vizinhos da cunhada. A mãe das meninas ajoelhou-se e suplicou que o italiano salvasse suas crianças. Ele teve pena.

Além da casa cheia, a revolução trouxe um problema muito maior para os Gattai, os carros. Chegou aos ouvidos do pai de Zélia que os revoltosos estavam requisitando automóveis e ele tinha quatro carros novos em exposição na loja da Av. Xavier de Toledo, sendo que dois deles já estavam vendidos. Bastante preocupado, decidiu juntar-se ao filho Remo e trazer os carros para a velha oficina junto à casa da família, acreditando que lá, escondidos, os mesmos estariam a salvo. Conseguiram resgatar dois, porém, ao voltarem à loja, dois carros novos haviam sido levados. O jeito era camuflar os que restaram, e Ernesto Gattai trabalhou por

horas para fazer parecer que os carros ali escondidos não tinham condição de uso. Essa foi sua grande sorte, porque, horas mais tarde, os revolucionários chegaram em busca de automóveis. Ernesto, com a resposta já planejada, disse que os carros que ali estavam precisavam de conserto e nem estavam inteiros. O barracão estava às escuras. Fazia parte do plano.

O pelotão, composto de quatro homens, invadiu o barracão escuro. Cautelosamente, papai contava que havia ocorrido uma pane na eletricidade, quase ocasionando um incêndio, e que somente no dia seguinte poderia tomar providências. Papai dava as explicações enquanto eles, à luz de vela, verificavam se havia ou não carros disponíveis. De repente resolvi ser prestativa: - Ali dentro tem dois novos – informei timidamente. Felizmente ninguém prestou atenção em mim, ninguém me ouviu, a não ser papai, ao meu lado; pela primeira e única vez na vida, aplicou-me um beliscão, fazendo-me calar, sem mesmo reagir à dor. Compreendi imediatamente que havia metido o bedelho onde não havia sido chamada. Apesar da minha intervenção, o comandante revolucionário saiu de mãos vazias, andando pelas próprias pernas. (GATTAI, 2009, p. 170)

A situação piorou. Uma barricada foi montada em frente à casa da família, que abrigava cada vez mais gente, e, além disso, passou-se a ouvir o motor de um avião sobrevoando o bairro. Não havia mais lugar na casa e os meninos foram obrigados a dormir dentro dos carros desmontados na oficina. A comida era cada vez mais insuficiente e, a cada dia, era mais difícil encontrar o que comer, obrigando a mãe de Zélia a enfrentar aglomerações na frente dos postos de abastecimento, sempre cercados por gente, confusão, feridos e polícia.

Ao tomar conhecimento da situação da família, um cliente e amigo de Ernesto, Frederico Puccinelli, convidou os Gattai para sua mansão, no Jardim Europa. Como já faltavam alimentos na casa da família, o jeito foi aceitar o convite, e lá se foram Ernesto, Angelina e as três filhas. Remo e Tito ficaram em casa, com os hóspedes. Alguns dias depois, a Revolução acabou. Os revoltosos não resistiram ao cerco imposto pelo governo (eram por volta de 18 mil homens contra sete mil revolucionários), intensificado por pesados bombardeios por parte das tropas federais. O General Isidoro, derrotado, tentou fazer um acordo, propondo a anistia dos envolvidos tanto na revolução de São Paulo quanto na revolta dos 18. O acordo não aconteceu e, no dia 28 de julho de 1924, Isidoro Dias Lopes e as remanescentes forças tenentistas deixaram a cidade e retiraram-se para Bauru.

Acerca deste importante momento da história do Brasil, cita-se um fragmento da pesquisadora Alice Lang:

Isolados e sem perspectivas de vitória, os revoltosos admitiram a inutilidade dos esforços e decidiram deixar a cidade, partindo em comboios nos dias 27 e 28 de julho.

No dia da partida, 28 de julho, o general Isidoro, através de uma proclamação publicada na imprensa, agradeceu à população paulista e declarou que a semente do espírito revolucionário estava lançada. As tropas revolucionárias perseguidas embrenharam-se pelo interior do estado dirigindo-se ao Paraná e aí se juntaram às tropas rebeldes que vinham do Rio Grande do Sul chefiadas por Luís Carlos Prestes. Formaram a Coluna Prestes, que durante dois anos percorreu o país pregando a revolução social em uma guerra de movimento. (2005, p. 12)

O que restou da Revolução foram bairros paulistas completamente destruídos, aproximadamente mil mortos e mais de quatro mil feridos. Além disso, atos de vandalismo, abusos e violência, como estupros, deixaram marcas eternas em quem viveu na São Paulo da época. É importante ressaltar que os militares que participaram da Revolução de 1924 receberam a anistia de Getúlio Vargas, após este assumir o governo do Brasil.

Além dos problemas citados acima, a crise econômica se instalou em São Paulo no pós-Revolução e a família Gattai sentiu na pele a falta de clientes. Em *AGD*, Zélia comenta sobre a grave situação econômica da família e, anos mais tarde, em *CDR* ela retoma o assunto, usando, inclusive, o mesmo subtítulo utilizado em *AGD*, complementando e esclarecendo o que foi feito para se mudar a situação da família.

AGD

Os automóveis requisitados por Dudu desapareceram. Somente depois de muitos anos surgiu um deles na oficina de Seu Ernesto para conserto. Transformado num lixo, caindo aos pedaços, pertencia a uns ciganos que haviam comprado num depósito de ferro-velho, no interior do estado. Do outro, jamais se teve notícias.

O país estava em crise. A palavra crise era o que mais se ouvia, em toda a parte. Ela conseguira me afligir. Não era por acaso a crise que andava preocupando tanto meu pai? Não fora ela quem fizera seu rosto alegre tornar-se pensativo e carregado? Sua oficina voltara a funcionar lá em casa – a nova, a garagem grande, fora fechada – mas andava às moscas. A época das vacas gordas, com garagem entulhada, sobrando automóveis até na rua, passara. Agora, o ruído de um carro entrando na oficina nos deixava a todos na maior expectativa. Mamãe desejando que o trabalho fosse grande, mas qual! Em geral vinham apenas para apertos de parafuso e um “muito obrigado” ao despedir-se. Positivamente ninguém dispunha de dinheiro, ninguém consertava os automóveis, ninguém os comprava.

Os Alfa Romeo permaneciam em exposição na Xavier de Toledo, o aluguel da loja, altíssimo, correndo e os carros ali encalhados, sem comprador; a

Sociedade Anônima começara a degradingolar desde a requisição dos carros pelos revolucionários e continuava de mal a pior. Creio que papai estava vivendo de empréstimos – coisa que o deprimia – pois não possuía nenhuma fonte de renda e as economias já haviam voado. (GATTAI, 2009, p. 239)

CDR

Era preciso fazer alguma coisa para movimentar o que andava parado. E se fossem promovidas corridas de automóvel? A ideia foi aprovada pelos amigos e sócios de papai, e ele não perdeu tempo: “Vamos ao trabalho”, disse.

De seu automóvel pessoal, um alfa esporte, ele fez um carro de corrida. Trabalhou dia e noite na tal transformação, até ver realizado o seu intento. Um motor incrementado, possante, a bela baratinha vermelha com seu capô prateado, reluzindo ao sol, ficara uma beleza [...]. (GATTAI, 2012, p. 98)

Com sua baratinha, Gattai chegava sempre em primeiro lugar nas competições das quais participava: a prova da rampa, na Brigadeiro Luís Antônio; prova de velocidade, na Avenida Paulista; prova de resistência, no Jardim América. Ficou famoso. Conhecido como o Às do Volante, o Pulso de Ferro, o piloto Gattai ocupava as manchetes dos jornais de esporte.

Após o ingresso de Ernesto nesse meio, a situação econômica da família voltou a ser boa como antes e o período de recessão econômica acabou, porém nem tudo foi alegria nas corridas automobilísticas, já que, por duas vezes, Ernesto Gattai quase perdeu a vida. Na primeira, o italiano sofreu um acidente na estrada São Paulo-Tatuí, que o deixou em coma, entre a vida e a morte, com fraturas em várias partes do corpo, inclusive no crânio. Recuperou-se, mas não plenamente, pois passou a ter que usar sapatos ortopédicos e sentia dores por todo o corpo. Neste primeiro acidente Gattai perdeu um amigo, mecânico como ele, Mário Bonfanti:

A data da corrida se aproximava. Desta vez não era apenas dona Angelina a preocupar-se. Papai aceitara o desafio [Ernesto fora desafiado a refazer o percurso pelo corredor que ficou em segundo lugar na primeira corrida desse trecho], embora tivesse consciência das péssimas condições da estrada [...].

Na última semana a anteceder a disputa, apareceu na garagem Mário Bonfanti, mecânico que trabalhava há algum tempo com papai e que saíra para montar sua própria oficina mecânica. Visitava-nos de vez em quando e sempre que lhe surgia algum problema vinha consultar ao antigo chefe. Papai gostava dele e ficou contente ao vê-lo chegar para oferecer seus préstimos. [...]. Sabia que Gattai corria sempre sozinho, não gostava de levar ninguém com ele, mas arriscou: “Não seria bom levar um mecânico junto? Nessas estradas tão ruins, pode furar um pneu, em dois seria mais fácil trocá-lo...” [...] Bonfanti continuou insistindo; argumentos válidos, conseguiu convencê-lo.

Pela manhã saíram os dois [...].
 A largada seria por volta das dez horas, só teríamos notícias depois do almoço; mas elas não chegaram. [...].
 Por volta das quatro horas, quando a aflição tomara conta de toda a família, começaram a aparecer os amigos. Rostos contritos, calados, nenhuma palavra... Remo saíra havia muito em busca de informações, não voltara. E foram chegando mais amigos, vizinhos, parentes que havia muito não apareciam... Dava para desconfiar, algo acontecera. [...].
 Um mal-estar, como nunca antes experimentara, fazia-me silenciar, fugir das pessoas que chegavam... quando, de repente, ouvi uma palavra murmurada, solta no ar: “morreu?”. [...].
 Os amigos já sabiam o que acontecera mas nada disseram. Foram os repórteres que nos relataram o desastre horrível que resultara na morte de Mário Bonfanti e deixara papai em estado desesperador. [...]. (GATTAI, 2009, p. 274-276)

Após o primeiro acidente, apesar de debilitado, Gattai continuou sua carreira automobilística e, mais uma vez, colocou sua vida em risco. Durante o circuito da Gávea, no Rio de Janeiro, sua baratinha de corrida pegou fogo e o italiano sofreu graves queimaduras em ambas as mãos.

Os eventos ruins, como o carro perdido, as sequelas dos acidentes, a Sociedade Anônima falida, deixaram Ernesto Gattai triste, mas nada se comparava à dor do amigo morto, a perda do amigo Bonfanti: “Acabrunhado, triste pela morte do companheiro – Bonfanti deixara viúva, dona Ada, e uma filhinha, Renata –, durante algum tempo papai não sentia vontade de reagir, preferia ficar sozinho, calado.” (GATTAI, 2009, p. 277)

2.4 Anarquistas, graças a Deus

O italiano Gattai prezava demais os companheiros e a presença deles em muito o alegrava, mesmo nos piores momentos. Muitos desses amigos tinham as mesmas posições políticas e estavam juntos nas reuniões das classes laboriosas.

Meus pais eram muito chegados a uma reunião política. Seu Ernesto, sempre atento aos avisos nos jornais, em busca de conferências e atos de solidariedade, não perdia um. Arrastava com ele a filharada toda, menos Remo, jovem irresistível do bairro e adjacências, mais interessado em conquistar corações do que em assistir, sentado durante horas a fio, a discursos maçantes. Antes que o convidassem, sumia como que por encanto, evaporava. De maneira que somente as três meninas e Tito se incorporavam à caravana político-cultural. (GATTAI, 2009, p. 145)

O salão de reunião das Classes Laboriosas ficava no centro da cidade e, sempre que havia reunião, a diversão era garantida para a criançada, já que muitos que iam para o encontro levavam consigo os filhos, como faziam os Gattai. Zélia fazia sucesso vendendo jornais anticlericais, escritos socialistas, e declamando versos com maestria, dom que a ajudava nas vendas. A escritora se refere a esses momentos com bastante carinho, e retoma alguns marcantes para ela e a família, como, por exemplo, a conferência do Conde Fróla. Acerca do Conde Fróla, emblemática figura na luta contra o fascismo, cita-se o historiador João Fábio Bertonha:

Em meados dos anos 20, Benito Mussolini conseguiu completar o processo de transformação de seu governo em uma ditadura. Nesse processo, ele iniciou uma onda de perseguição aos políticos e intelectuais de esquerda. Alguns, como Gramsci, foram aprisionados ou mortos. Muitos, porém, conseguiram fugir da Itália e emigrar para a Europa e a América (Delzell, 1952; Garosci, 1953; Taddei, 1982 e Zucaro, 1969), onde lutaram para reativar a luta antifascista.

A esses fugitivos, os “*fuorusciti*”, coube um papel-chave na tarefa de gerar uma prática antifascista em suas novas sociedades [...].

No Brasil, a situação não foi diferente, onde vários *fuorusciti*, como Mário Mariani (Falco, 1980 e Lacava, 1983) e o já citado Nicola Cilla, associaram-se a militantes de esquerda e pensadores italianos já há muito no Brasil, como o Prof. Antonio Piccarolo (Bertonha, 1994 e Hecker, 1988), para formar o grupo de intelectuais e políticos que lideraram o antifascismo italiano no país no período entre guerras.

Desses líderes *fuorusciti* em ação no Brasil, o mais expressivo e polêmico foi, sem dúvida, o conde Francesco Frola. Militante e pensador socialista e antifascista, brilhante orador e sempre polêmico em seus atos e opiniões, o conde Frola foi, sem dúvida, um militante antifascista cuja trajetória influenciou decididamente os destinos da luta antifascista italiana no Brasil e, em menor escala, no México e na Argentina. (BERTONHA, 2000, p. 213)

O Conde, segundo Ernesto Gattai, era antifascista, muito inteligente, alguém de ideias avançadas. Ao chegarem ao salão, uma hora antes do início, o lugar já estava lotado. Passado algum tempo, a comitiva do Conde chegou e era composta por professores e jornalistas renomados, alguns dos quais Zélia conhecia, como Edgard Leuenroth, José Oiticica, Alexandre Cerchiani, Ângelo Bandoni e Oreste Ristori, velho conhecido da menina: “Oreste Ristori, ah! esse sim! Como eu gostava do velho Ristori! Apoiava-se na eterna bengala pois tinha as duas pernas cambaias, completamente tortas em arco, resultado de um feito heroico, celebrado por todos.” (GATTAI, 2009, p. 207)

Ao começar a conferência, deu-se a decepção: Zélia esperava que o Conde usasse coroa; Tito, tapeando a menina, havia garantido que ele a usaria.

Por fim, Fróla tomou a palavra. Falava de improviso, difícil saber se seria longo ou não. A sala veio abaixo de tantos aplausos. Orador tarimbado, transmitia com facilidade o seu pensamento, dando inflexão à voz, falando pausadamente, gesticulando pouco. Como já era esperado, tratou do assunto Sacco e Vanzetti, informou a respeito dos movimentos mundiais em prol dos inocentes. Aplausos intermináveis o interrompiam cada vez que pronunciava os nomes dos prisioneiros, fazendo retardar enormemente a conferência. Mas falou sobretudo do regime fascista na Itália, “implantado por Mussolini” – vaias de não acabar – “verdadeiro atentado à dignidade humana...”. (GATTAL, 2009, p. 208.)

O caso dos italianos Sacco e Vanzetti, levantado por Fróla, aconteceu nos Estados Unidos, em 15 de abril de 1920. Os dois homens haviam saído da Itália em busca de melhores condições de vida. Foram para Boston e somente lá se conheceram. Sacco conseguiu emprego numa fábrica de sapatos e Vanzetti vivia de bicos. Junto a outros amigos, passaram a frequentar círculos anarquistas e se envolver em comícios, greves e manifestações, chamando a atenção da polícia, até que foram presos (com alguns folhetos anarquistas e algumas armas), acusados de assalto e do assassinato de dois homens, fato que tinha acontecido algum tempo antes. Segundo artigo publicado por Gustavo Villela, no *Jornal O Globo*, de agosto de 2017:

Anarquistas de carteirinha, os dois italianos haviam sido presos, em 5 de maio de 1921, sob a acusação de assassinato de dois funcionários de uma fábrica, seguido do roubo de US\$ 16 mil, em South Braintree, Massachusetts. Em meio a um confuso interrogatório, os anarquistas foram julgados e, mesmo sem provas cabais ou mesmo convincentes, receberam a condenação à morte no dia 14 de julho. O caso levou a diversas apelações da defesa e mobilizou as atenções de europeus e americanos, incluindo apelos de personalidades, como o dramaturgo, ensaísta e jornalista irlandês George Bernard Shaw e o físico alemão Albert Einstein, para que o julgamento fosse revisto. O Brasil também foi palco de campanhas de solidariedade aos italianos condenados à morte.

Na edição das 17h do dia 23 de agosto de 1927, O GLOBO estampou a execução em sua manchete: "Finda a grande tortura da esperança!", informando que, segundo o chefe do governo soviético, a "cadeira eléctrica matou dous inocentes". O jornal também publicou, em sua primeira página, as últimas palavras dos italianos: "Viva o anarquismo! Adeus, minha mulher, meu filho e meus amigos!, exclamou Sacco"; e "Desejo que fiquéis sabendo que estou inocente - palavras de Vanzetti".

O sapateiro Nicola Sacco, de 29 anos, tinha mulher e dois filhos. Já o peixeiro Bartolomeo Vanzetti, de 32 anos, era solteiro. Os dois tinham chegado da Itália em 1908. Mesmo quando, em 1925, o criminoso Celestino Madeiros, que confessou ter participado do roubo em South Braintree e da morte dos dois funcionários, negou que Sacco e Vanzetti tivessem qualquer participação nos dois crimes, o juiz Webster Thayer, que presidiu o

juízo e a condenação, não permitiu a reabertura do processo. Os US\$ 16 mil do assalto nunca foram encontrados. Na ocasião, a frase do juiz — “Viu o que fiz com esses bastardos anarquistas?” — revelava o clima de intolerância e ódio na década de 20, em Boston, contra as ideias revolucionárias dos imigrantes.

Na época da prisão dos italianos, um movimento muito grande se formou na tentativa de salvá-los da morte. No Brasil, os anarquistas residentes na cidade de São Paulo estavam sendo convocados para organizarem e lançarem uma campanha em favor de Sacco e Vanzetti. O grupo se reunia nas Classes Laboriosas. Eram noites de luta, às quais Ernesto e Angelina Gattai estavam presentes. Conforme exposto acima, apesar dos esforços mundiais, os dois foram eletrocutados em 23 de agosto de 1927.

A relação estreita da família com as Classes Laboriosas era importantíssima. Após o acidente de Ernesto Gattai, os amigos das Classes Laboriosas estavam sempre prestando solidariedade à família e, numa noite, Oreste Ristori apareceu acompanhado pela esposa Mercedes, munido de um violão para alegrar a família. Aproveitando a oportunidade, Ristori convidou Ernesto para uma reunião entre antifascistas e socialistas na Lega Lombarda, para lutarem contra Mussolini e o regime fascista.

Foi através das histórias contadas por Ristori que Zélia passou a conhecer a vida de revolucionários, livres-pensadores, filósofos, pessoas extremamente politizadas, como Giacomo Matteoti, Antonio Gramsci, Garibaldi e Anita, além de Miguel Costa, Luis Carlos Prestes e Siqueira Campos, importantes componentes da Coluna Prestes. E foi também graças a Ristori que Zélia conheceu, anos mais tarde, Jorge Amado.

A aproximação aos movimentos libertários provocou, tempos depois, a prisão de Ernesto Gattai, Oreste Ristori e tantos outros. Era o início do movimento de implantação do Estado Novo e a polícia política passou a caçar aqueles que se mostravam contra o regime. Certa ocasião, Remo teve sua loja e casa revistadas por policiais e, ao encontrarem um romance chamado *Aliança partida*, concluíram que esse título poderia ser comparado à Aliança Nacional Libertadora e levaram Remo preso. Depois da confusão esclarecida, ele acabou solto.

A visita da polícia preocupou Ernesto Gattai. Sabia que era a ele que buscavam, afinal vinha participando de reuniões da recém-fundada Aliança Nacional Libertadora (ANL), que tinha como uma das metas implantar um governo popular,

revolucionário. Gattai não era um revolucionário, mas esteve presente em alguns comícios da ANL, tendo, algumas vezes, como companhias Zélia e Ristori.

Na sua tarefa de abrir novos horizontes para a filha – as outras duas já se haviam ido, casadas –, papai continuava a me levar às conferências e, por que não? aos comícios da Aliança.

Conosco foi a um desses *meetings* o velho Ristori, amigo de toda a vida, pessoa admirável. Entusiasmado com o movimento da Aliança, Ristori fora convidar papai para ir com ele ao comício e já nos encontrou prontos para sair. Brincalhão por natureza, Ristori lembrou de fazer uma provocação: colocou no bolso da calça um revolverzinho de brinquedo para alvoroçar os policias que revistavam as pessoas à entrada do recinto. Não deu outra: ao sentirem o volume da falsa arma, os seguranças saltaram sobre o velho, quase derrubando-o ao chão. Ele riu muito ao ver as caras apalermadas dos tiras ao descobrirem do que se tratava, mas papai não achou graça nenhuma: “Não se deve dar confiança à polícia, nem por brincadeira”, disse. Creio ter sido essa a última vez que vi meu amigo Ristori. Companheiro de lutas de meu avô Gattai na juventude, homem culto, inteligente, foi Ristori quem me fez ler, pela primeira vez, um livro de Jorge Amado: “Leia, bela, você vai gostar”. (GATTAI, 2012, p. 170-171)

Algum tempo depois do encontro com Ristori, os Gattai souberam que o amigo havia sido preso e deportado para a Itália. Sabendo que ele se encontrava em necessidades, Zélia organizou uma lista de pessoas que poderiam ajudá-lo. Ao mostrar a lista ao pai, este ficou emocionado com a iniciativa da menina, mas a orientou que, por segurança, os nomes da lista deveriam ser memorizados e a lista, destruída. Segundo ele, não era seguro fazer listas com nomes, pois, se uma lista como aquela fosse encontrada pela polícia, certamente todos seriam presos.

Ernesto Gattai tinha motivos para estar preocupado. Pouco tempo antes da “caça às bruxas”, política na qual o Brasil se encontrava, mudou-se para frente da casa da família Gattai um inspetor da Polícia Política e Social. O pai de Zélia não gostou de saber que o novo vizinho era um policial e ele tinha razão, pois foi o vizinho, Luiz Apolônio, quem Ernesto Gattai encontrou na prisão, em 1937, após ser preso, acusado de Comunismo.

Algum tempo antes, no ano de 1935, o governo do então presidente Getúlio Vargas decretou uma Lei de Segurança Nacional, com a intenção de aumentar a vigilância e a repressão a movimentos contrários ao governo. Em resposta a esta ação do governo, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) promoveu um movimento que tinha como bandeira “Pão, terra e liberdade”, baseada nos ideais de extrema esquerda da Internacional Comunista. (BRAYNER, 1978, p. 100)

Na esteira da Revolução, cresceram também movimentos de direita, ligados ao Fascismo e ao Nazismo, sendo o principal deles a Ação Integralista Brasileira, fundada por Plínio Salgado, que também liderava o grupo modernista batizado de Verde-amarelo. Estes grupos eram a favor do combate ao Comunismo e de uma democracia de base liberal.

Em resposta ao movimento da ANL, que chegou a ter 500 mil simpatizantes, o presidente Getúlio Vargas decretou estado de sítio, atitude apoiada pelos integralistas, cancelando as eleições presidenciais e dissolvendo o Congresso. Esta decisão levou à prisão muitos dos envolvidos no movimento de esquerda, mas também prendeu e torturou inocentes.

A atitude de Vargas, de declarar a atividade da ANL ilegal e mandar prender seus líderes, provocou uma revolução política importantíssima, batizada de Intentona Comunista, também conhecida como Revolta Vermelha de 35 ou Levante Comunista. Essa revolta, iniciada em novembro de 1935, dentro de quartéis de Natal, no Rio Grande do Norte, era liderada por militares simpatizantes ao movimento comunista. O movimento estendeu-se pelo Maranhão, Recife, até chegar ao Rio de Janeiro, em 27 de novembro de 1937. Decretou-se, então, estado de sítio e o movimento rebelde, enfraquecido principalmente por falhas relacionadas à organização das revoltas, foi rapidamente combatido pelas Forças de Segurança Nacional. Os principais envolvidos na Intentona Comunista foram presos, incluindo Luiz Carlos Prestes e sua esposa, Olga Benário, detidos em 5 de março de 1936. Em setembro do mesmo ano, Olga, em avançado estágio de gravidez, foi entregue a agentes do governo nazista alemão, já que ela era alemã e pertencia ao Partido Comunista da Alemanha. Anita, filha do casal, nasceu na Alemanha, em 27 de novembro de 1936, na prisão de mulheres de Barnim-strasse, em Berlim, na Alemanha nazista de Adolf Hitler. Depois de grande campanha desencadeada pela mãe de Prestes, Anita foi entregue, com pouco mais de um ano, à avó Leocádia Prestes. Olga Benário continuou presa e, em 1942, morreu executada na câmara de gás pelos nazistas. Já Luiz Carlos Prestes foi anistiado e eleito senador, após o fim do Estado Novo. Em seguida, teve que voltar à clandestinidade depois que o registro do Partido Comunista foi cancelado. Em 1966, Prestes foi condenado, à revelia, a 15 anos de prisão, sob acusação de estar tentando reorganizar o PCB. Em 1968, editado pelo então presidente Arthur da Costa e Silva, é decretado o AI-5, aumentando a repressão sobre grupos contrários ao governo e concedendo ao

regime uma série de poderes para reprimir seus opositores. Em 1971 Prestes deixa o Brasil, aconselhado pelo comitê central do PCB. Na fuga ele passa por São Paulo, Buenos Aires, Paris, até chegar a Moscou. Anistiado novamente em 1979, Prestes retorna ao Brasil e tem início uma conturbada relação com o PCB. Suas ideias, consideradas por muitos anacrônicas e rígidas, são desconsideradas, dando início a uma controvérsia pública com a direção do partido. Em 1982 retira-se do partido e passa a militar sem se filiar a nenhum outro. Prestes faleceu em março de 1990 e, nessa ocasião, a Justiça Eleitoral concedeu o registro definitivo ao PCB.

Voltando ao episódio da prisão, a família Gattai desconhecia qualquer atividade política do chefe da família e presenciou com muito espanto a invasão da casa ao raiar do dia. Na já citada entrevista para Antonella Roscilli Zélia conta que o pai:

[...] foi feito prisioneiro quando a polícia estava á procura de Olga Benário e Luiz Carlos Prestes. Prenderam uma mulher do partido. Ela estava grávida e acabou falando. Meu pai não fazia parte do PCB, mas os ajudava. Tinha uma oficina mecânica e um automóvel: quando as pessoas do partido precisavam transportar um amigo clandestino de um lugar para o outro, pediam a ele, considerado homem de confiança, para levá-lo em seu carro. Nossa família não sabia de nada disso, o que foi um grande desgosto para nós. Aquela mulher contou que não sabia onde estavam Olga e Luiz Carlos Prestes. Foi ameaçada: por fim, deu o endereço de meu pai e sugeriu que eles pedissem um carro para terem prova. Fingiram pedir o carro para um tal senhor e a polícia chegou no momento em que meu pai falava ao telefone. Prenderam-no e o torturaram. Entraram em minha casa e destruíram tudo; encontraram embaixo do colchão os recortes que minha mãe guardava e continham notícias de amigos que foram presos, como Oreste Ristori, e disseram “Olha o que tem aqui” a religião da família. Minha mãe chorava. Colocaram meu pai em um cárcere úmido, junto de um português tuberculoso que esperava ser mandado de volta a Portugal para ser entregue a Salazar. Era pleno inverno, em São Paulo, e de madrugada lhe jogavam baldes de água gelada, lhe perguntavam, com uma lâmpada acesa sobre o rosto “onde estão Luiz Carlos Prestes e sua mulher, onde estão? Foi você quem os conduziu em seu carro?” Meu pai só respondia uma coisa: “Não sei, mas se soubesse não diria, não sou um agente da polícia”. Ele não devia responder assim porque piorava a situação, mas ele odiava a polícia. [...]. (ROSCILLI, 2006, p, 72)

Depois de mais um mês desaparecido, a família foi convocada a comparecer à Delegacia de Ordem Política e Social. Esperando por eles, estava o vizinho, Apolônio, que era o delegado responsável pelo lugar. Passado algum tempo, entrou pela porta um homem curvo, sujo, cabeça baixa, que Zélia custou a reconhecer: era seu pai. Desesperada, a família abraçava o prisioneiro e Apolônio, se aproveitando

da situação, o coagia e dizia que, se ele tivesse cooperado, já estaria solto. Percebendo que nem mesmo a chantagem fez efeito, Apolônio lançou a cartada final e disse que se Ernesto Gattai não cooperasse com a polícia, seria extraditado, expulso do Brasil e entregue ao governo de Mussolini na Itália. Zélia, contrariando ordens (a família foi alertada de que não poderia falar, a não ser que fosse permitido) e correndo riscos de também ser presa, disse ao pai que não se impressionasse, que ele jamais seria expulso, já que estava residindo no Brasil há mais de cinquenta anos e seus filhos tinham nascido no país. Ela tinha se informado sobre as chances de seu pai ser enviado à Itália, por isso afirmou com tanta veemência que o policial estava blefando.

O blefe sobre a expulsão poderia ser fictício, porém a informação dada pelo policial de que o pedido de extradição já tinha sido feito era real. O advogado paulista Arnaldo Sampaio de Moraes Godoy fez um estudo sobre o caso Gattai e levantou algumas informações valiosas. Seguem, a seguir, algumas questões relevantes apresentadas no artigo intitulado “Ernesto Gattai, anarquistas, comunistas e o Supremo Tribunal Federal (2013)”:

Em 1937 a Corte Suprema dos Estados Unidos do Brasil (como então se chamava o Supremo Tribunal Federal) julgou o Habeas Corpus nº 26.643, impetrado pelo advogado René Souza Aranha Lacazé em favor de Ernesto Gattai, sobre quem incidia ameaça de expulsão do país. O paciente fora acusado da prática de atividades subversivas. Era tido como comunista, perigoso à segurança pública; a situação ganhava dimensão dramática na medida em que o interessado era natural da Itália. Cuidava-se de tentativa de expulsão de estrangeiro reputado como nocivo à segurança nacional. Questão muito recorrente na década de 1930, a exemplo, entre outros, das expulsões que atingiram Olga Benário Prestes e Genny Gleiser. O problema radica em polarização ideológica que marcou aquela época, que se viu dividida em direita e esquerda, opondo integralistas e comunistas. Sobre as duas tendências pairava olímpicamente Getúlio Vargas, que maquiavelicamente explorou a contradição que então se desenhava [...].

RENÉ SOUZA ARANHA LACAZE, brasileiro, bacharel em Direito, domiciliado em São Paulo, vem respeitosamente requerer a V. Excia. nos termos do Artigo 122º, nº 16 da atual Constituição Federal e, com fundamentos no Artigo 342 do Código de Processo Criminal, uma ordem de "HABEAS-CORPUS" em favor do cidadão BRASILEIRO ERNESTO GATTAI, em face do que passa a expor:

– Contra o paciente ERNESTO GATTAI, conforme publicação feita nos jornais diários editados na Capital de São Paulo, foi decretada a expulsão do Território Nacional, pelo Exmo. Snr. Dr. Presidente da República. (doc. nº 1).

– Tal medida, que se fundamentou nas disposições do Artigo 2º, nº 4 da Lei nº 4.247 de 6 de Janeiro de 1921, É INADMISSIVEL, porquanto o paciente ERNESTO GATTAI é um CIDADÃO BRASILEIRO.

– Assim, estando o paciente Ernesto Gattai, preso na Delegacia de Ordem Social de São Paulo, à espera apenas da expedição de passaporte, forçada pela Autoridade competente, e da passagem de navio que o transporte para

fora do território brasileiro, portanto NA IMINÊNCIA de ser consumada a violência, eis que ilegal e inconstitucional é a medida contra ele ordenada, requer a V. Excia. a concessão da presente ordem invocada contra a expulsão, inconstitucionalmente decretada contra ele, antes que ela se consuma.

– É evidente que o paciente é brasileiro. Já porque completa todos os requisitos exigidos pela disposição constitucional de 1891, cujo princípio está consagrado na vigente Lei Suprema, já porque a manifestação de sua vontade de ser brasileiro, conforme o considera a Constituição, é inegável.

– Casado segundo a legislação brasileira; filhos nascidos no país e registrados como brasileiros; aquisição de propriedades imóveis, sem declinação da nacionalidade de origem; todos os atos por ele praticados, salvo os de identificação legal, sem aquela declinação, única no caso, capaz de comprometer a qualidade que tacitamente adquirida; filhos educados em estabelecimento de ensino, genuinamente nacionais (doc. nº 9), outros prestando respeitosamente o serviço militar devido; durante 46 anos ininterruptos, sem a mais leve ligação com o que quer que se relacionasse com a pátria de origem, sequer passaporte ou comparecimento ao Consulado para manifestação de vontade de permanecer seu nacional. Nada, absolutamente nada desviando-o da intenção traçada.

– Se o direito político não pleiteou para si, não o fez pelo exclusivo escrúpulo de, apesar de cidadão brasileiro, não se imiscuir na política do País que, generosamente, lhe outorgava tão honrosa nacionalidade.

– Porém, tudo caracterizou a firmeza de sua intenção, desde a nomeação dos seus filhos, até a dos estabelecimentos comerciais que fundou e manteve. Nestes termos, pede Justiça.

Ao pedido de *habeas-corpus* foi anexado um boletim policial que descrevia ser Gattai o responsável por receber e transmitir telefonemas cifrados. A mulher, de codinome Jacy, o havia apontado durante interrogatório. Além disso, segundo o boletim, na casa do acusado foi encontrado material subversivo, comunista, que estava estrategicamente escondido sob o colchão, no quarto do casal. A pesquisadora Maria Luiza Tucci Carneiro, em *Memórias de uma jovem anarquista*, conta que:

Ao cruzarmos as lembranças de Zélia com o conteúdo destes registros policiais, percebemos que a vida dos Gattai havia mudado de rumo. A polícia de São Paulo afirmou ter encontrado, na residência de Ernesto, “papeis comunistas” secretamente guardados em uma almofada ou na fronha do travesseiro de dormir. Interrogada, D. Angelina declarou “ignorar tais documentos que haviam sido encontrados em um terreno baldio”: Guardou-os... sem malícia alguma, afirmou Angelina. Zélia lembrou-se deste incidente que culminou com o confisco de alguns títulos da pequena e manuseada biblioteca da família. Comprometidos pela cor vermelha da encadernação, foram selecionados para confisco: os clássicos *Os trabalhadores do mar*, *Os Miseráveis*, *Notre-Dame de Paris*, de Victor Hugo, *Acuso!* De Émile Zola e *Dramas Anarquistas*, de Pietro Guóri, dentre outros. (2002, p. 66-67)

Pedido julgado no Supremo, a expulsão de Ernesto Gattai foi negada, já que a maioria dos ministros entendeu que por ele estar desde os cinco anos em solo brasileiro, tinha laços maiores com o Brasil do que com a Itália.

Apesar de ter sua permanência no país garantida, Ernesto Gattai teve pouco tempo, depois de solto, para ficar com a família.

Defendido por um advogado desconhecido, papai conquistara a liberdade. No mesmo trem que o levava para o Rio de Janeiro ele voltou para São Paulo, desta vez desacompanhado. Quem lhe pagou a passagem? Deu-lhe assistência? Só Deus sabe.
Chegou num táxi, de surpresa. Desta vez as lágrimas eram de alegria. Fraco, depauperado, papai ainda passou uns poucos meses conosco, nos contando as maldades que lhe haviam feito.
– E por que o senhor não contou o que sabia? Quis saber Vera.
– Para que outras pessoas não viessem a sofrer o que eu estava sofrendo. Para a polícia não se deve abrir a boca.
Acometido de febre tifoide, o organismo debilitado de papai não resistiu. Morreu aos 54 anos, vítima das atrocidades da polícia do Estado Novo de Getúlio Vargas.
No dia de seu sepultamento, as casas comerciais do bairro da Consolação e da Avenida Rebouças fecharam suas portas em sinal de luto.
Não fui ao cemitério. Recusei-me a ver o caixão de meu pai baixar à cova aberta à sua espera. Creio que não resistiria à dor. Fiquei em casa sozinha. (GATTAI, 2012, p. 177)

Pouco tempo antes da prisão e morte de Ernesto Gattai, a família já tinha tido uma grande perda, pois tinha sido obrigada a deixar a casa da Alameda Santos. Sobre esse episódio, ao se aproximarem as obras *AGD* e *CDR*, outra incongruência é encontrada. Enquanto que em *AGD* Zélia conta que o dono do imóvel teve que ser operado, a família precisava quitar os custos da cirurgia e, como tinham excelente proposta para a venda da casa, resolveram fazê-la, em *CDR* ela diz que o dono da casa apareceu um dia e, sem a menor cerimônia, pediu que deixassem a casa porque ele passaria a morar nela.

O real e o imaginário convivem no mesmo espaço autobiográfico, pois

Se, por um lado, ele [o autor] busca a verdade, por outro, essa verdade é vista pela ótica pessoal e subjetiva do sujeito de quem parte o ato autobiográfico. Dessa forma, alguns fatos vivenciados no passado podem, e na maioria das vezes é o que ocorre, metamorfosar-se em produtos da fabulação, da ficcionalização. (SOUZA, 2001, p. 78)

A incongruência termina aí, mas o diálogo entre as duas obras não. Em ambas Ernesto tinha prioridade, caso quisesse comprar a casa. O pai de Zélia não tinha dinheiro e, provavelmente, mesmo que o tivesse, não a compraria. Morreu

acreditando que a propriedade era um crime. Ernesto, Angelina e Zélia se mudaram para Pinheiros e passaram a morar num sobradinho, nos fundos do cemitério São Paulo, em companhia das filhas casadas e suas famílias.

[...] nossa velha casa demolida, as árvores arrancadas, o cavalinho de alvenaria, de quem tanto me orgulhara, descido de seu pedestal na cumeeira, um edifício de apartamentos surgindo daquelas ruínas, Senti um aperto na garganta, comecei a chorar. Naquele casarão nascera e crescera, nele vivera, sonhara meus sonhos de criança e de adolescente. (GATTAI, 2009, p. 231)

2.5 Juventude

O tempo passou e a menina da Alameda Santos, nº 8 tornou-se uma mulher. Zélia Gattai se casou pela primeira vez em 15 de junho de 1936, aos 20 anos. Nessa época, ela participava efetivamente do movimento anarquista, onde conheceu seu primeiro marido, Aldo Veiga, pai de seu primogênito, Luiz Carlos, nascido em agosto de 1942. O casamento desfez-se após oito anos e Zélia tornou-se uma mulher separada. Além do filho, restaram do primeiro casamento amigos como Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Rubem Braga, com os mesmos ideais políticos e/ou preferências culturais de Zélia.

Na casa do escritor, crítico literário e advogado Paulo Mendes de Almeida – autor da importante obra *De Anita ao Museu*, lançada em 1961, que aborda a evolução da Arte Moderna em São Paulo –, Zélia Gattai conheceu Mário de Andrade, Lasar Segall, Vinícius de Moraes, Carlos Scliar, dentre outros. Lá também Zélia conheceu Carlos Lacerda, considerado um ícone da política nacional de todos os tempos e apontado como um dos principais articuladores da queda de Vargas. Foi também na casa de Paulo Mendes que Zélia avistou pela primeira vez, rapidamente, Jorge Amado. Algumas vezes antes, Jorge estivera na casa de Paulo Mendes e Aparecida, sua esposa, mas ele e Zélia sempre se desconstravam. Nessa ocasião em especial, em 1941, Jorge Amado estava se despedindo dos amigos. Iria para a Argentina pesquisar e escrever uma biografia de Luiz Carlos Prestes, preso desde 1936. Zélia relata o encontro no portão em duas de suas obras. Em *Um chapéu para viagem (CHPV)*, sua segunda publicação, ela narra:

Um dia, no ano de 1941, ao chegar ao portão da casa de Aparecida, encontrei-a despedindo-se de um rapaz. Ouvi-a desejar-lhe boa viagem, mas, discreta, não me detive para falar-lhes; dei apenas um alô, acenado com a mão e entrei.

O jovem já devia andar longe quando Aparecida contou-me que “aquele” era Jorge Amado. “Jorge Amado?”, exclamei num misto de surpresa e frustração. Não acontecera encontrar-me com ele em outras ocasiões, quando estivera na casa de meus amigos. Punha-lhe os olhos em cima pela primeira vez e perdera a oportunidade de, ao menos, apertar-lhe a mão.

Em trânsito por São Paulo, a caminho da Argentina, Jorge Amado fora despedir-se dos amigos. Embarcaria naquela mesma noite, em busca de material para uma biografia de Luiz Carlos Prestes, que se encontrava na prisão desde 1936. Para escrever esse livro contra a ditadura e pela anistia, via-se obrigado a sair do país. (GATTAL, 2010, p. 25)

Em *Senhora dona do baile (SDB)*, tempos depois, Zélia retoma a recordação, inserindo novos fatos ao episódio:

A notícia de sua presença na cidade correu de boca em boca e acabou caindo em meus ouvidos. Fui ao bairro do Paraíso, onde moravam meus amigos, os Mendes de Almeida, em busca de novidade. Ao chegar, encontrei Aparecida no portão despedindo-se de um rapaz. Discreta, entrei direto, dando apenas um alô. Nem me dera conta, burra, de que o rapaz magrinho era Jorge Amado.

– Ele anda por aí tudo – me disse Aparecida depois –, esse danado não tem medo de nada. Almoçou aqui e saiu ligeiro para uma reunião em que vão tratar da organização de um comício. Parece que Prestes vai sair por esses dias da prisão... (GATTAL, 2009, p. 15)

A admiração por Prestes uniu Jorge e Zélia desde o início. O escritor estava deixando o país para escrever a biografia do ativista político. Já Zélia, extremamente cativada desde criança pelo livre pensamento socialista, encantou-se pelas posições políticas de Prestes, batizando seu primogênito de Luiz Carlos, em homenagem a Luiz Carlos Prestes.

Foi graças a meu pai que compreendi o que era um mundo socialista, um mundo de paz, livre de injustiças. Assim, Luiz Carlos Prestes, que em seu cavalo atravessava o Brasil, à frente da heroica Coluna Prestes, foi o Robin Hood da minha infância. (GATTAL apud ROSCILLI, 2011, p. 37)

Sendo assim, não havia nome melhor para o primogênito da escritora.

A figura de Prestes comovia e empolgava milhares de brasileiros que viam nele o símbolo de resistência ao nazismo e à ditadura. Ao nascer meu filho, em agosto de 1942, seu nome já estava escolhido: Luiz Carlos. Não encontrei outro melhor para lhe dar. Centenas de crianças foram registradas com o nome de Luiz Carlos naqueles anos de guerra, de medo, de lutas e de esperança, em homenagem ao prisioneiro da ditadura, isolado do mundo, incomunicável num cárcere. (GATTAL, 2010, p. 29)

Em 1942, Zélia tem acesso à obra escrita por Jorge sobre a vida de Prestes. Proibido pela ditadura instaurada no Brasil, o livro *Vida de Luís Carlos Prestes, El caballero de la esperanza*, chegou ao Brasil de forma clandestina. A publicação do livro só piorou a situação de Jorge Amado. As obras dele, consideradas subversivas pelo DIP, foram apreendidas em 1937, queimadas em São Paulo e na Bahia, além de terem sua venda proibida. Zélia apaixonara-se pela escrita de Jorge Amado, em meados de 1933, depois da leitura de *Cacau*, emprestado pelo amigo de longa data Oreste Ristori. Depois da leitura desse primeiro livro, ela conseguiu comprar, de forma clandestina, *Mar morto*, *ABC de Castro Alves* e *Capitães da areia*, considerado pelo governo o mais subversivo da coleção. Esses novos se juntariam a outras obras publicadas alguns anos antes – *O país do Carnaval*, *Suor*, *Cacau* e *Jubiabá* –, que já ocupavam lugar de destaque na estante da jovem anarquista.

Um funcionário da Editora Nacional, Maciel, foi o responsável por fazer chegar às mãos de Zélia os livros proibidos de Jorge Amado, dentre os quais, um exemplar da biografia de Prestes.

Certa sexta-feira a música foi prejudicada, o ambiente conturbado com a chegada de Macielzinho. Vinha de sobretudo negro — maior que seu dono — e chapéu enterrado na cabeça quase até os olhos. Foi assim que entrou na sala. Com ar conspirativo, sem dizer palavra, deu uma verificada em torno para certificar-se de que não havia estranhos. Abriu a aba do sobretudo e de dentro retirou um misterioso pacote que depositou sobre a mesa. Começou a desembulhá-lo cuidadosamente, sem pressa, sempre calado, fazendo suspense; à sua volta, nós todos, à espera de que o mistério fosse desvendado. Finalmente Maciel retirou do papel que o envolvia um exemplar do proibido *El Caballero de la Esperanza*. Conseguiu-o naquela mesma tarde, exibia a grande novidade, um brilho no olhar refletia sua satisfação, seu entusiasmo.

O volume passou de mão em mão, folheado com ávida curiosidade. Repetiam-se os comentários que eu escutara dias antes em casa de Clóvis Graciano, quando vira o livro pela primeira vez: "É um louco!", comentavam uns; "...isso é que é ter coragem!", diziam outros; "nunca mais vai poder entrar no Brasil..." Macielzinho viajava pelo interior de São Paulo, colocando livros da Editora, controlando as vendas. Fora ele quem conseguira para mim alguns romances de Jorge Amado, escritor "amaldiçoado" pelo DIP. Impossível encontrar exemplares de seus livros para comprar, naqueles tempos de Estado Novo. Queimados em São Paulo e na Bahia, apreendidos em todo o país em novembro de 1937, sua venda estava proibida. Sabendo das possibilidades de Maciel, "rato de sebos", encomendara-lhe os volumes que eu não possuía. Macielzinho tomara nota do meu pedido e os fora trazendo, um a um, em suas repetidas viagens.

Assim consegui colocar em minha estante, ao lado de O País do Carnaval, Suor, Cacau, Jubiabá, exemplares de Mar Morto, ABC de Castro Alves e Capitães da Areia, "o mais perigoso de todos".

Ainda uma vez, Macielzinho veio em meu socorro. Foi ele quem me conseguiu, dias depois, um exemplar do livro sobre a vida de Luiz Carlos Prestes. Li o volume em voz alta, traduzindo-o do espanhol, para mamãe. Muitas vezes ela duvidou do meu conhecimento da língua que jamais estudara, jamais falara, a não ser cantando tangos. Achando que eu inventava, olhava-me desconfiada, mas depois de refletir chegava à conclusão de que seria mais difícil inventar tanta coisa do que conhecer a língua estrangeira. A filha era simplesmente uma "atrevida", não havia outra explicação. (GATTAI, 2010, p. 23)

A obra, mais uma homenagem do que uma biografia, foi inteiramente lida e traduzida do espanhol por Zélia para sua mãe, D. Angelina. Mãe e filha se emocionaram com a história de vida do "cavaleiro da esperança", o grande ícone da Coluna Prestes.

Nesta época, D. Angelina sofreu as consequências da II Guerra Mundial. Após romper relações com os países do Eixo, que defendiam ideologias nazistas e fascistas, o Brasil teve 34 navios torpedeados por submarinos alemães e italianos. Os primeiros em águas estrangeiras e outros, na sequência, em águas brasileiras. O navio Baependi, o primeiro a ser afundado no Brasil, em 15 de agosto de 1942, trazia 306 pessoas embarcadas. Além dos militares do Sétimo Grupo de Artilharia do Dorso, civis viajavam embarcados no navio, já que, na época, era comum o deslocamento pelo mar, devido às péssimas condições das estradas e à falta de malha ferroviária adequada. Bombardeado em águas nordestinas, o ataque ao Baependi vitimou 270 pessoas, incluindo crianças. Além desse, outros dois navios brasileiros foram afundados poucas horas depois: o Araraquara, onde morreram 131 pessoas, e o Aníbal Benévolo, que teve 150 mortes. Num curto intervalo de tempo, o submarino alemão U-507 vitimou, em águas brasileiras, mais de 500 pessoas. Ao todo foram mais de mil mortos.

O governo brasileiro, em resposta aos ataques às suas embarcações, decretou o congelamento das contas bancárias de alemães e italianos radicados no Brasil. D. Angelina, italiana, no Brasil desde menina, tinha uma pequena quantia depositada na Caixa Econômica Federal, resultado da venda de dois automóveis usados e um pequeno terreno.

Na sequência, ficou decidido que, a cada navio brasileiro afundado, o governo brasileiro retiraria uma porcentagem das contas bancárias congeladas. O

Decreto-lei nº 4.166, Art. 2º, determinava, portanto, a cobrança de indenizações pelos atos de agressão que o país tinha sofrido: “Será transferida para o Banco do Brasil [...] uma parte de todos os saldos bancários, ou obrigações de natureza primordial superiores a dois contos de réis, de que sejam titulares súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas” (BRASIL, 1942). Ao todo, o Brasil teve 34 navios torpedeados. Antes do sexto navio afundar, o Jacyra, D. Angelina já estava na miséria, não lhe sobrou nada.

Além do confisco monetário, outra ordem dada pelo governo atingiu D. Angelina em cheio: não se podia mais falar italiano (japonês ou alemão) em lugares públicos. Apesar de estar no Brasil há muitos anos, a mãe de Zélia ainda tinha o costume de misturar a língua italiana ao português, nunca dominou a língua portuguesa totalmente, e a proibição do uso do italiano cerceou sua liberdade de expressão.

Essas medidas tomadas pelo governo, aliadas à morte de dezenas nos ataques a navios, motivaram uma onda de revolta do povo brasileiro contra os imigrantes italianos, alemães e japoneses. Em muitas cidades brasileiras foram registrados episódios de depredação, assaltos e tentativa de linchamento, e os imigrantes vindos dos países pertencentes ao Eixo eram vigiados e, muitas vezes, vítimas de perseguição gratuita e acusação de espionagem, como se todo imigrante pertencesse à quinta-coluna.

2.5.1 Zélia conhece Jorge, mas Jorge não conhece Zélia

Em 31 de agosto de 1942, com o Decreto nº 10.358, o Brasil deixou a neutralidade e entrou efetivamente na II Guerra Mundial. A declaração de guerra do Brasil contra os países do Eixo provocou a volta de muitos exilados ao país. Jorge Amado, que se encontrava exilado na Argentina, retornou ao Brasil, sendo preso em Porto Alegre e enviado à casa de Detenção no Rio de Janeiro. Três meses depois, o autor foi solto, mas obrigado a residir em Salvador-BA. Durante esse período, Jorge Amado publicou dois livros: *Terras do sem-fim*, em 1943, e *São Jorge de Ilhéus*, em 1944. Aliás, foi justamente no lançamento desse último, em São Paulo, que Zélia

voltou a ver Jorge Amado, passados três anos daquele rápido encontro no portão da casa de Aparecida Mendes de Almeida.

O escritor estava de forma ilegal em São Paulo, já que há dois anos perdurava a proibição de sair da Bahia. Zélia viu, na vinda de Jorge a São Paulo, a possibilidade de conhecê-lo pessoalmente. Acompanhada pela irmã, Wanda, foi até a Livraria Civilização Brasileira, onde era oferecido um coquetel em homenagem a Jorge, mas não conseguiu se aproximar do autor. O local estava lotado.

Com grande dificuldade conseguimos entrar na livraria abarrotada de gente. Muitos escritores e artistas, entre eles Monteiro Lobato, meu ídolo dos tempos em que Narzinho Arrebitado, Pedrinho e a boneca Emília eram meus heróis. Juntamo-nos a Sul e Clóvis. Quem sabe, nesse dia, eu seria apresentada a Jorge Amado? Tudo que consegui foi vê-lo à distância, nem cheguei a me aproximar do homenageado, tantas eram as pessoas que o cercavam. A impressão que me restara dele, da primeira vez que o vira, havia três anos, era totalmente diferente da de agora. O Jorge Amado que via na Brasiliense não era tão magro nem tão agitado como o vulto que me ficara na lembrança. Achei-o um homem bonito e comentei com Wanda, cuja opinião não coincidia com a minha, achava-o apenas "mais ou menos"... (GATTAI, 2010, p. 28)

Finalmente, tempos mais tarde, Jorge e Zélia se encontraram pela primeira vez, para nunca mais se separarem. Ocorreu em São Paulo, em 1945, o I Congresso Brasileiro de Escritores, importantíssimo evento que reuniu intelectuais de todo o país, e Jorge Amado presidiu a delegação de autores vindos da Bahia.

2.5.2 O I Congresso Brasileiro de Escritores

Os planos para o I Congresso começaram a surgir em 1942, quando foi fundada a Associação Brasileira de Escritores. Motivados principalmente pela dificuldade de expressão imposta pelo Estado Novo, um grupo formado por nomes como Mário de Andrade, José Lins do Rego, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos e Otávio Tarquínio de Sousa – este atuando como presidente – fundou, no Rio de Janeiro, a Associação. Zélia conta em *CHPV* que: “O Congresso de Escritores foi o primeiro golpe na estrutura do Estado Novo, que, desde 1937, proibira reuniões desse tipo, mantendo rígida censura sobre a imprensa, os espetáculos, os livros, impedindo o debate de ideias [...]”. (2010, p. 29)

No ano de 1944 muitos autores, como Jorge Amado, Oswald de Andrade e Aníbal Machado, passaram a incentivar a organização de um evento político/literário, que acabou ocorrendo em janeiro de 1945. Tendo como espaço o Teatro Municipal de São Paulo, o I Congresso Nacional de Escritores reuniu nomes expressivos da intelectualidade do país, além de convidados estrangeiros. O Congresso, uma clara manifestação contra o governo Vargas, contribuiu para piorar a crise já instalada. O encontro marcava o início de novos tempos na política brasileira, tempos de mais liberdade e menos censura, além de propor discussões acerca do ofício de escritor, sua função pública e direitos da classe (como os direitos autorais). Mas, sem sombra de dúvida, as discussões políticas acerca da liberdade intelectual do país eram a principal pauta. Havia por volta de 280 participantes, entre brasileiros e estrangeiros: 21 delegações de estados brasileiros e a presença de escritores de 16 países diferentes. Segundo Jorge Amado, “a diversidade ideológica entre os vários membros das delegações era um dado muito importante e era possível localizar pelo menos duas grandes tendências presentes ao conclave: a democrática e a comunista”. (AMADO apud LIMA, 2010, p. 95)

Para a discussão de assuntos relacionados como específicos, cinco grandes comissões foram criadas, cada qual com seu delegado. A comissão A era destinada às discussões sobre a questão dos direitos autorais; a Comissão B trataria de assuntos gerais e cultura; a Comissão C ficaria encarregada de discutir questões relacionadas ao teatro, imprensa e rádio; a Comissão D era a que discutiria as questões políticas; e a Comissão E ficaria encarregada da redação e coordenação do evento.

A Comissão D, destinada a apreciar e discutir propostas relacionadas a assuntos políticos, era claramente comunista. Tendo como delegado o autor Jorge Amado, faziam parte dela também Carlos Drummond de Andrade, Caio Prado Junior, Moacir Werneck de Castro e Carlos Lacerda. O evento foi, sem dúvida, uma excelente oportunidade para que os partidários pudessem agir, apesar da ilegalidade:

Por se tratar de um evento que, além das questões profissionais, incumbia-se do papel de movimento de oposição ao Estado Novo, o Congresso dos Homens de Letras Brasileiros significava uma excelente oportunidade para que os partidários do Comunismo pudessem agir, apesar de sua condição de ilegalidade. Segundo depoimento de Jorge Amado, comunista e participante da comissão política do enclave, sua ida para São Paulo era acompanhada da tarefa, atribuída pelo “pecê”, de colaborar na organização do evento, tentando-lhe impor a linha política do partido. Neste sentido, ele

lembra a presença de Pedro Pomar, membro do Bureau Político, que se deslocara para a capital paulista com o fim de orientar e impedir vacilações e desvios. O escritor baiano lembra ainda que os encontros com Pomar eram diários – sempre clandestinamente – nos quais ele recebia ordens, diretrizes, além de fornecer informações. (LIMA, 2010, p. 107)

A última seção do I Congresso dedicou-se às discussões políticas. Sem dúvida, essa seção foi a mais esperada e comentada do encontro. Foram discutidas teses acerca dos excessos cometidos contra os imigrantes oriundos do Eixo (como o fechamento das escolas fundadas por imigrantes); o cerceamento dos direitos civis; a proibição de publicações escritas em língua estrangeira; a luta contra o Fascismo, o Estado totalitário, a vida intelectual, a livre expressão cultural; a crítica ao exercício de poder totalitário do estado e a consequente interferência dessa questão na produção intelectual do país; o Regionalismo e o desenvolvimento cultural do Brasil, dentre várias outras propostas.

Jorge Amado, representando o estado da Bahia, apresentou, durante os debates da Comissão D, a tese *O escritor na guerra e no mundo de após guerra*, de Lia Corrêa Dutra. O texto convocava os intelectuais a um maior engajamento político, principalmente no delicado momento em que se encontrava não só o Brasil, mas o mundo de maneira geral. A convocação de Jorge tinha como objetivo principal instigar a luta contra o medo e a opressão que regimes totalitários provocavam. O silêncio de um escritor foi citado por ele como uma das maneiras de se abster, de não se envolver, já que a possibilidade de transmitir ideias através de publicações era encarada como grande aliada na propagação de ideais libertários e no esclarecimento da população acerca de seus direitos e deveres, não havendo, portanto, espaço para a intelectualidade neutra.

Jorge Amado, durante sua fala, trouxe à tona o nome de Paul Éluard, pertencente ao Partido Comunista Francês e importante ativista do movimento de resistência ao nazismo, durante a 2ª Grande Guerra. Seu poema, *Une seule pensée*, ou simplesmente “Liberté”, escrito em 1942, foi traduzido para vários idiomas, compilado em formato de folheto e lançado de aviões aliados sobre o céu europeu. A divulgação de *Liberté* foi possível graças à ação de um brasileiro, o pintor pernambucano Cícero Dias, que o transportou de maneira clandestina da França, tomada pelo Nazismo, para a Inglaterra. Por seu ato de bravura, o pintor recebeu uma condecoração da Ordem Nacional do Mérito do governo francês.

[...] Dias depois partiu do Rio de Janeiro para Paris em 1937. Com a ocupação da França pela Alemanha e a entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial em 1942, ele acabou detido numa cidade alemã, Baden-Baden. Após seis meses, trocado por prisioneiros nazistas, como outros brasileiros como Guimarães Rosa, chegou a Lisboa. E foi de lá que partiu para “a missão” da qual tanto se orgulhava, simples e perigosa: voltar à França, pegar um poema do amigo Paul Éluard, que lhe mandou biscoitos enquanto esteve preso, e passá-lo a outro poeta em Londres, o surrealista Roland Penrose, piloto da Royal Air Force, RAF. “Se os alemães me pegassem, pá!, me matavam”. Do poema, Dias cortou palavras-chave, principalmente “*liberté*”, logo no título. Depois as reporia. O poema ficou dentro de uma mala na prateleira de bagagens vazia de um vagão de trem com refugiados espanhóis e portugueses. E Dias sentou-se distante. Se a revistassem, não saberiam a quem pertencia. Veio a Gestapo. Um soldado lhe pediu o passaporte. Gritou para outro, na frente: “Brasilianer!” Mas o devolveu. E não revistaram o maleiro. Já na Espanha, um susto: “A polícia queria saber como eu, brasileiro, tinha cruzado a fronteira.”. Não havia o que discutir, só lembrar que “O Brasil não estava em guerra com a Espanha”. Assim ele chegou a Lisboa, de onde a Embaixada britânica despachou o poema diretamente para Penrose, num avião militar, dispensando-o de ir entregá-lo pessoalmente. Alguns dias depois, a arma surpreendente, um dos mais belos poemas da resistência francesa, *Liberté*, cairia dos céus da Europa [...]. (ALMEIDA, 1958, p. 87)

O poema *Liberté* foi traduzido para o português, nos anos 40, por Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Esse último conheceu Éluard numa situação bastante delicada, em um sanatório na Suíça, onde ambos estavam internados em tratamento contra a tuberculose, entre os anos de 1913 e 1914.

Voltando ao I Congresso, a tese de Lia Corrêa relatada por Jorge Amado foi calorosamente aprovada e publicada nos anais do evento. No encerramento, representantes de algumas delegações presentes se manifestaram. Como chefe de delegação, coube a Jorge Amado a tarefa de encerrar a participação da Bahia no conclave. Durante o seu discurso, o escritor fez questão de ressaltar a importância do Congresso na luta contra o terror instaurado por governos totalitários, reafirmando a importância de um posicionamento efetivo dos intelectuais.

Segundo Amado:

[...] os delegados do Congresso estariam traindo os soldados brasileiros, caso não chegassem à disposição de trabalhar no sentido de que, após as várias reuniões e decisões, os intelectuais do país saíssem mais unidos e fortalecidos na luta contra o fascismo. A A.B.D.E., por meio daquele conclave, estaria dando mostras de uma afirmação viril, construtiva, combativa e insubordinável da inteligência brasileira. (AMADO, *Apud*: LIMA, 2010, p. 212)

Além de Jorge Amado, outros também fizeram uso da palavra, como Florestan Fernandes e Oswald de Andrade, e deu-se por encerrado o evento, que teve, sem dúvida, a questão política com pauta principal.

Zélia Gattai esteve presente a todos os dias do congresso, que durou uma semana:

Após uma semana de reuniões, debates e festas, o Congresso terminou com explosiva declaração de princípios que condenava a ditadura e reclamava o restabelecimento das liberdades democráticas, a anistia aos presos políticos, inclusive a realização de eleições. Na sessão de encerramento, Oswald de Andrade lançou o nome do Brigadeiro Eduardo Gomes como candidato à Presidência da República.

Eu não tinha nada a ver com o peixe e no entanto não faltava aos debates diários no Teatro Municipal, circulando em meio a pessoas tão conhecidas e badaladas. Não era escritora nem artista, não era intelectual. Política, quem sabe? Talvez o fosse à minha moda: repudiava com veemência o Estado Novo, o nazi-fascismo, a guerra. Tinha razões de sobra para isto. Recolhida em minha insignificância, naquele teatro lotado, assistira, de minha obscuridade, aos discursos inflamados, cheia de entusiasmo e de esperança; esperança de que daí por diante se acelerasse o fim dos sombrios e sufocantes dias de ditadura. (GATTAI, 2010, p. 29)

Durante todos os dias do Congresso, após os calorosos debates, eram oferecidos jantares e festas aos congressistas e foi justamente num destes encontros sociais, na última noite do evento, que Jorge e Zélia Gattai finalmente foram apresentados. Durante a semana de intensos debates, Zélia viu Jorge inúmeras vezes, mas era impossível se aproximar do escritor: “eu o via de longe, cercado de gente – de belas mulheres, principalmente –, falando, aplaudindo, sendo aplaudido.” (GATTAI, 2010, p. 37). Mas, nessa noite, foi diferente. Zélia, acompanhada dos amigos Clóvis Graciano e Sul, encontrou Jorge na boate Bambu. Foi na casa deles que Zélia havia visto, alguns anos antes, pela primeira vez, um exemplar da proibidíssima biografia de Prestes, além de um exemplar autografado de *Terras do sem fim*, enviado diretamente da Bahia por Jorge. Além do casal, estava presente o Barão de Itararé, que convidou Zélia para dançar. Durante a dança, o casal se aproximou de Jorge Amado, que dançava com uma dama, tendo sua cabeça mergulhada no pescoço da donzela. Por sua atitude, foi chacoteado pelo Barão.

Naquele ambiente de penumbra, em minúscula pista de dança, os casais se comprimiam. Eu buscava identificar os dançarinos quando, de repente, dei de olho em quem? “Vejam só”, exclamei, “que pé-de-valsas é o Jorge Amado!” Clóvis e os outros riram da minha observação. Bem à nossa frente

ele dançava, debruçado sobre os ombros de uma jovem, o rosto encoberto pelos louros e bastos cabelos da moça, arrastando-se em passos lentos. (GATTAI, 2010, p. 30)

Pouco tempo depois Jorge foi até a mesa dos amigos e viu Zélia Gattai. Depois de pedir ao amigo Barão que lhe apresentasse a moça, Jorge a surpreendeu ao perguntar-lhe se já não a conhecia, se já não haviam se visto no Congresso. Ela, surpresa, ficou na dúvida se ele realmente a tinha visto, apesar da quantidade enorme de pessoas presentes, ou se estava só tentando alongar a conversa.

2.5.3 Namoro, cravos vermelhos e casamento

Na sequência, Zélia apresentou-se para trabalhar no Comitê da Anistia. Desde o fim do Congresso, os intelectuais mais engajados passaram a somar forças para que as resoluções não ficassem apenas no papel. Várias frentes de trabalho foram criadas e um comitê pela anistia foi fundado, dedicando-se à luta contra o nazismo, à anistia dos presos políticos, à libertação de Luiz Carlos Prestes e muitas outras demandas. Já envolvida no apoio às forças aliadas, recolhendo fundos junto a uma comissão de senhoras, Zélia viu, na criação do Comitê, a chance de ser ainda mais útil. Ao se apresentar para o trabalho, ela foi convidada a integrar o grupo das finanças, mas Jorge Amado a encontrou e decidiu que ela integraria a comissão de divulgação.

Sentia-me intimidada em sua presença.
Acompanhei-o ao fundo da loja, onde uma máquina de escrever estava desocupada sobre uma velha escrivaninha.
– Ponha uma folha de papel na máquina que eu vou ditar uma nota para ser distribuída aos jornais – ordenou o patrão.
O sangue subiu-me ao rosto: – Eu não sei escrever à máquina..... – confessei a custo.
– Não sabe? Mas que moça mais inútil!...
Desabituada àquele tipo de brincadeira, encabulei, humilhadíssima. Percebendo meu desapontamento, Jorge tratou de me desanuviar:
– Não vá pensando que não tem mais o que fazer. Temos muito trabalho pela frente! Fique aqui enquanto eu mesmo bato a nota; você vai entregá-la depois ao setor de imprensa.
Com apenas dois dedos – como faz até hoje ao escrever à máquina –, toc, toc, toc, em três tempos ele redigiu a nota. Depois recomendou-me: – Se o Schemberg te chamar novamente, diga que já está trabalhando. (GATTAI, 2010, p. 32)

Deste dia em diante, passaram a participar juntos de comícios, comemorando as vitórias que se multiplicavam, e, finalmente, o decreto de anistia foi assinado, colocando em liberdade Luiz Carlos Prestes. Depois de deixar a prisão, Prestes teve uma recepção calorosa no Rio de Janeiro e, na sequência, iria para São Paulo se reunir com aqueles que lutaram firmemente pela sua libertação. O Comitê paulista passou a se preparar para receber Prestes, num grande encontro no estádio do Pacaembu. Zélia e Jorge, extremamente envolvidos com os preparativos do evento, não se desgrudavam. Ela percebia um discreto interesse dele, demonstrado, por exemplo, por meio de telefonemas sem razão aparente. Zélia, no entanto, só teve certeza do interesse de Jorge por ela ao saber por um amigo em comum, Paulo Mendes, a quem, durante um almoço, Jorge, aproveitando-se da amizade de Paulo com Zélia, fizera perguntas pessoais sobre a moça. Paulo, preocupado com a fama de conquistador de Jorge, fez questão de alertar a amiga Zélia:

- Jorge é uma pessoa muito envolvente...
 - Disso eu sei – retruquei, apontando o herói mais adiante, rodeado de senhoras e senhoritas, cada qual mais charmosa, mais insinuante e oferecida.
- Paulo não estava a fim de me dar conselhos, mas, como amigo, recomendava que eu me acautelasse.
- Eu assistia diariamente ao cerco das mulheres à volta de Jorge, inclusive assédio por tabela: paparicavam Lila⁵ a mais não poder todas as vezes que a menina aparecia no comitê; levavam-na a passear, ofereciam-lhe bonecas, revistas, bombons e caramelos. A fama de Jorge, nesse particular, era de amedrontar; boatos às pampas sobre seus casos e aventuras...; chamavam-no, pelas costas, de Rasputin, Barba Azul, etc. Por essas e outras, mesmo antes da advertência de Paulo, eu já me acautelava, reservada, de pé atrás [...]. (GATTAI, 2010, p. 45)

Ela era um misto de deslumbramento e preocupação, como confessado em *Um baiano romântico e sensual (BRS)*, escrito em homenagem à memória de Jorge, já falecido na ocasião do lançamento da obra: “Arredia, saída de um primeiro casamento malsucedido, com um filho de três anos, eu não ousava nem dava ousadia. Além do mais, a fama de Jorge, de Don Juan para baixo – ou para cima? – me assustava um pouco.” (GATTAI, 2002, p. 18)

E o próprio Jorge conta, em *Navegação de cabotagem*, “sua versão” sobre o início de seu interesse por Zélia:

⁵ Lila era filha de Jorge Amado. Na época dos acontecimentos narrados, a menina tinha nove anos e residia em São Paulo com o pai e uma empregada.

São Paulo, 1945

O desafio

Quando, durante o Primeiro Congresso de Escritores Brasileiros, reunido em São Paulo nos inícios de 1945, me apaixonei por Zélia, comuniquei ao poeta Paulo Mendes de Almeida, meu amigo e amigo dela, apontando-a entre as muitas senhoras e moças que acorriam às sessões, umas poucas para acompanhar os debates, a maioria para namorar.

– Aquela ali vai ser minha mulher.

Paulo riu na minha cara:

– Aquela qual? Zélia? Jamais, não é mulher para teu bico. Mulher honesta, meu velho, não é dessas que andam por aí dando a uns e a outros, essas que você...

Naquele tempo, solteiro após ter-me separado de Matilde, eu rosetava de leito em leito: mulheres em abundância, tantas, eu quase não dava abasto, sobravam da agenda em grande parte ocupada pela atividade política. Tendo brigado comigo, Oswald de Andrade, de súbito pudico, me intitulou de Rasputin da Linha Justa na primeira página de um quotidiano paulista. Linha Justa, referência ao discutido projeto de restauração democrática do Partido Comunista que passava pelo apoio a Getúlio Vargas, Rasputin nem tanto, exagero de Oswald: eu apenas descansava das lides políticas no regaço de casadas e solteiras (Maria Quatrocentona chegou donzela) mas, ao conhecer Zélia, arriei bandeira e pedi paz.

– Não é o que você está pensando, Paulo. Falo de vivermos juntos, dela ser minha companheira, esposa, se você faz questão da palavra.

– Zélia? Você está maluco? Conheço Zélia, você não a conhece. Mulher direita está ali, não há duas. Não perca seu tempo, desista.

Coisa parecida me disse o pintor Clóvis Graciano, também amigo meu e dela:

– Zélia? Ela é casada e séria, você não sabe? Nem pense, tire da cabeça. (AMADO, 1992, p. 18)

Apaixonado, Jorge estava decidido a conquistar Zélia: “Não desisti, não tirei da cabeça, estava me roendo de paixão, fiz o que o diabo duvida [...]” (AMADO, 1992, p. 16), e resolveu escrever uma declaração de amor, um pedido de namoro, nas páginas do jornal *Folha de São Paulo*. Dessa vez, a crônica diária que Jorge publicava na *Folha* tinha destino certo: o coração de sua amada.

eu te darei um pente
para te pentear
colar para teus ombros enfeitar
rede pra te embalar
o céu e o mar eu vou te dar..

outra coisa já não sei fazer
onde quer que te encontres, ai
meu distante pensamento
terno carinho meu
hei de sempre te amar

venha, que a noite é longa
triste da tua ausência
meu infinito amor... (GATTAL, 2010, p. 85)⁶.

⁶ Anos mais tarde, em *CHPV*, Zélia reproduziu emocionada a homenagem composta por Jorge Amado para declarar seu amor.

Avisada pelo próprio Jorge, Zélia leu emocionada a declaração de amor feita para ela, apesar de seu nome não estar aparecendo de forma declarada.

Em seguida a essa declaração, veio outra, ainda mais especial, vinda de Dorival Caymmi. Amado e Caymmi eram amigos de longa data, e coube ao cantor baiano cantar para Zélia uma música, especialmente para ela, a pedido de Jorge. Estavam todos em uma festa em São Paulo, e era a primeira vez que Zélia e Caymmi se encontravam. Ali, inclusive, começou uma amizade de anos. A composição “Acontece que eu sou baiano e ela não é” era de autoria do próprio Caymmi e encantou o jovem casal apaixonado.

O esperado comício em homenagem a Luiz Carlos Prestes aconteceu em um Pacaembu lotado, ornamentado por Di Cavalcanti e Clóvis Graciano. Milhares de pessoas dentro e fora do estádio ouviram o discurso de Prestes, antecedido pela declamação acalorada de Pablo Neruda. Sucesso absoluto!

Após o evento, Zélia e Jorge haviam marcado de se encontrar na recepção oferecida a Neruda e sua esposa, Delia, mas Zélia, exausta, acabou não comparecendo ao encontro. Jorge, sem sua acompanhante, também não foi.

No dia seguinte, Jorge pediu que Zélia comparecesse com urgência à Praça da República. Feliz, a levou ao escritório da editora que comercializaria seu novo livro, *Bahia de Todos-os-Santos*, escrito durante sua permanência obrigatória na Bahia. O primeiro exemplar foi dado à ela: “Vá à Bahia, moça!” (GATTAI, 2010, p. 52). Zélia, então, confessa a ele que sua admiração pela obra do escritor vinha de longa data, alimentada pelo amigo Oreste Ristori. Jorge diz a Zélia que gostaria de tê-la conhecido antes, na casa de Ristori, em 1933. Seria mais fácil para ambos, já que eram pessoas livres, sem filhos...

Após esta declaração, o casal seguiu para um encontro com Pablo Neruda e a esposa. E, no Hotel Esplanada, Jorge propôs casamento à sua amada. Não o tradicional, já que a situação legal de ambos impedia que, desquitados, se casassem novamente. Ouvir dele que a queria morando consigo, que a amava e acreditava no amor dos dois, e que eles mereciam ser felizes juntos, encheu Zélia de coragem.

Foi naquela noite, a da reunião de amigos no apartamento de Jorge, com a revelação do sangue pataxó correndo em suas veias, que aconteceu nosso primeiro beijo.

Em certo momento, ele me pediu que o ajudasse a servir os convidados. Fui à cozinha buscar uns copos. Estava eu acabando de ajeitar os copos na

bandeja, quando Jorge apareceu. “Vim buscar os vinhos”, disse. Ambos de mãos ocupadas, voltávamos à sala, Jorge com uma garrafa em cada mão, eu segurando a bandeja, equilibrando os copos. Aos passarmos por uma porta, juntos um ao outro, paramos de repente. Sem saber por que, nos fitamos. Nem a barreira de copos entre nós impediu que nossas bocas se aproximassem. Sem braços para abraçar, sem mãos para acariciar, nem voz para sussurrar. Apenas os lábios se uniram em um beijo delicado e ardente, de labareda e brasa.

Um contido tesão, rolando entre nós dois desde o início, escravizado e reprimido a duras penas, rompeu as amarras e conquistou a alforria. Nessa noite não voltei para a minha casa. Nem nessa noite, nem nunca mais. Ao lado de Jorge ficaria para sempre, até o fim de minha vida. (GATTAI, 2013, p. 113-114)

Inebriada pela declaração e pelo vinho do Porto que tomavam, ela entregou-se: “Eu o acompanharia para onde quisesse conduzir-me, paraíso ou inferno, enquanto sentisse que ele me amava” (GATTAI, 2009, p. 54). Esse momento para ela era não só de alegria, de paixão, mas também de entrega e renúncia, e foi escolhido um tom narrativo doce e, ao mesmo tempo intenso, para descrevê-lo.

Após a declaração, Jorge e Zélia foram a uma exposição de José Pancetti. Lá, Jorge Amado presenteou Zélia com uma tela pintada em homenagem ao livro *Capitães da Areia*.

Mas, sem dúvida, o verdadeiro presente de casamento ainda estava por vir. Ao voltarem da exposição de Pancetti, o táxi onde estavam passou em frente ao Teatro Municipal. Era madrugada e os floristas começavam a montar suas bancas de flores. Jorge Amado, então, solicitou ao chofer que parasse o carro.

Desceu do carro, dirigiu-se a uma vendedora de cravos vermelhos:

– Quero esses cravos.

A vendedora, solícita, retirou um buquê da lata, sacudiu-o, estendeu-o ao freguês:

– Duas dúzias, estão lindos!

– A senhora não entendeu – disse-lhe Jorge. – Quero todos.

Pela porta aberta do táxi, uma rajada de cravos vermelhos orvalhados, cobriu-me da cabeça aos pés. Jamais Pablo⁷ esqueceu-se dessa cena. Na última vez que o vimos, pouco antes de sua morte, ele ainda recordava: “*La lluvia de claveles rojos en la madrugada...*”. Quanto a mim, a lembrança dessa noite acompanhou-me sempre sempre; ajudou-me em momentos difíceis de minha vida. (GATTAI, 2010, p. 56)

Este fragmento acima exposto é o início de uma das principais facetas da escrita de Zélia Gattai: o diálogo entre suas obras, unindo lembranças e rompendo barreiras temporais de publicação, já que muitas vezes ela retomava, em construção dialógica, uma situação que já havia sido contada em outra obra, publicada anos

⁷ No táxi, acompanhando Jorge e Zélia, estavam Pablo Neruda e sua esposa Delia.

antes. Essa atitude “cubista” de Zélia ao contar suas memórias permite, conforme já mencionado, uma “colagem” entre suas obras e um recontar de sua história.

Embora na obra *AGD*, sua primeira publicação, ela já tivesse utilizado esse recurso ao refletir sobre o que sua falecida mãe, D. Angelina, acharia do livro de memórias que a filha escreveu, foi a partir de *CHPV* que a simbiose entre as obras da autora começou realmente a tomar corpo. Esse dialogismo entre as lembranças narradas por Zélia é explicado pelo movimento da memória, que não é linear e funciona em constante vai e vem.

A longa distância entre os fatos narrados e o presente da escrita também são questões importantes a serem consideradas na reconstrução das histórias contadas por Zélia. Numa busca pessoal, as lembranças surgiam aos pedaços, iam sendo desenterradas e contadas, conforme vinham à tona, obedecendo aos movimentos da memória, e não à vontade de quem recorda.

[...] o acesso ao pensamento autobiográfico nos transforma em artífices e artesãos, impacientes pesquisadores de cada indício e de cada infância, juventude, primeira maturidade ou idade plena e, ao mesmo tempo, em meticulosos costureiros de fragmentos, em organizadores atentos de fichas desorganizadas e esquecidas ou, mais frequentemente, removidas (OLMI, 2006, p. 24)

Voltando à relação do casal, apesar do descrédito dos amigos e da preocupação da mãe, Zélia aceitou viver com Jorge Amado. D. Angelina achava que a filha não era a mulher certa para o escritor, por ser despreparada intelectualmente e que não seria bem recebida pelos amigos de Jorge. Por ironia, Zélia, por vontade dos próprios pais, realmente havia estudado pouco.

Além dessa questão, outro fato incomodava: a filha de D. Angelina seria uma mulher “amigada”, já que o casal não poderia oficializar a união. A fim de desfazer mal entendidos, Jorge Amado visitou D. Angelina e falou sobre suas verdadeiras intenções. Após a visita, Zélia prometeu que, quando o divórcio no Brasil fosse legalizado, regularizaria sua situação civil. D. Angelina aquietou-se, apesar da tristeza pela partida da filha. Zélia havia, enfim, aceitado o convite para ir viver no Rio de Janeiro com seu amado.

Mas nem tudo era alegria na nova vida. Em *CHPV* Zélia trata sobre algo, ou alguém, que deixaria sua partida mais dolorida: Luiz Carlos.

Mais um assunto incomodava mamãe; de tão delicado, ela hesitava mencioná-lo. Por fim criou coragem:

– E o menino?

Ela tocara num ponto nevrálgico, ferida aberta. Referia-se a Luiz Carlos, meu filho de três anos.

Quando tudo parecia estar resolvido, quando me preparava para levar a criança comigo, apresentaram-me uma lei que proibia a permanência de meu filho a meu lado.

– Luiz Carlos vai ficar por enquanto com a Vera, a senhora sabe disso. Não posso fazer nada agora, mãe, estou de pés e mãos atados. (GATTAI, 2010, p. 60)

Em *SDB*, Zélia se aprofunda no assunto e relata:

Infelizmente não pude levar meu filho comigo para o Rio de Janeiro. Não me foi permitido. Ele ficou sob os cuidados de Vera, minha irmã, e eu passei a viajar para São Paulo duas vezes por mês, no trem noturno da Central do Brasil, para vê-lo. Depois, em 1947, ao engravidar de João Jorge, nem isso mais me foi permitido, sob ameaças que atingiam a nós e o Partido. (GATTAI, 2009, p. 26)

Apesar das incertezas, do medo e da angústia da partida, Zélia Gattai deixou São Paulo ao lado de Jorge Amado, iniciando uma nova etapa de sua vida. A despedida paulista marca o nascimento de uma nova mulher, Zélia Gattai Amado. Na viagem, Zélia usou um chapéu que ganhou de uma amiga. A relação simbólica entre o chapéu e a mudança foi tão forte que a segunda publicação da autora recebeu o nome de *Um chapéu para viagem*. O foco principal dessa obra é justamente o deslocamento: “As malas fechadas, enfileiradas junto à porta, davam-me a certeza de que chegara a hora de dizer adeus a São Paulo. Prometera a mim mesma não chorar [...]” (GATTAI, 2010, p. 62)

2.6 Família Amado

Zélia Gattai conheceu os pais de Jorge Amado pouco tempo depois de o casal ter resolvido viver junto. De mudança para o Rio de Janeiro, eles foram recepcionados no aeroporto por D. Eulália, pelo Coronel João Amado e por Joelson, irmão do meio de Jorge Amado. James, o outro irmão de Jorge, era tão parecido com o escritor que eram sempre confundidos, apesar da diferença de 10 anos entre eles.

O pai do escritor foi fazendeiro de cacau em Ilhéus e, nos tempos de ouro do cacau, construiu uma das melhores residências que havia na cidade. Depois que o casal se mudou para o Rio de Janeiro, a casa passou a abrigar a Faculdade de Direito. Zélia narra em, *Um chapéu para viagem (CHPV)*, que certa vez o acompanhou até a fazenda, na Bahia. Lá foi apresentada pelo sogro a plantações de cacau, presenciou gente muito humilde levar os filhos para tomar a benção com o Coronel, que era padrinho de inúmeras crianças da região. Viu o sogro realmente feliz, diferente de sua vida no Rio de Janeiro, onde diariamente pegava um bonde na Rua do Catete, ia até a *Bonbonnière* Manon, de propriedade de seu primo, se inteirava das novidades e seguia para a Livraria José Olympio, onde gostava de controlar as pilhas de livros do filho escritor. Alegrava-se ao vê-las menores ou renovadas. A presença do Coronel Amado era tão assídua que ele acabou se tornando amigo de autores como Graciliano Ramos e José Lins do Rêgo.

Na José Olympio, o Coronel podia sempre encontrar alguém com quem conversar, saber das fofocas políticas e literárias. Mas o que o levava aos balcões da José Olympio eram os livros do filho, lá expostos à venda. Discretamente, com uma simples olhadela, o velho controlava as pilhas dos volumes que o interessavam, sabia de memória a altura delas na véspera e alegrava-se ao vê-las baixar, serem renovadas.

Fez-se amigo de vários escritores que frequentavam a livraria, sobretudo de Graciliano e José Lins; por vezes pilheriava com eles, vaidoso da popularidade do filho. Consta que certa vez, na frente de vários escritores, o Coronel chamou um empregado da livraria e pediu: — Me traga aí um espanador para tirar a poeira acumulada nesses livros... Apontava as pilhas das obras de alguns escritores presentes.

Ria sem maldade. (GATTAI, 2010, p.92)

A mãe, Eulália, era figura raríssima. Assim que Zélia Gattai desembarcou no Rio, a sogra a examinou dos pés a cabeça, comentou maliciosamente sobre o chapéu que essa usava e já mostrou à nova nora que ela seria uma sogra difícil de conquistar. A mãe de Jorge tinha personalidade e gênio muito fortes, e não se deixava convencer fácil. Logo no primeiro encontro, Zélia chamou a sogra de Lalu e foi repreendida. Segundo a mulher, somente o marido, João, poderia chamá-la pelo apelido. Zélia deveria tratá-la por Eulália, estabelecendo, indiretamente, o distanciamento entre as duas. O começo da relação entre elas definitivamente não foi fácil.

Lalu era desconfiada, ciumenta e nunca dava o braço a torcer. Surda, utilizava-se de um aparelho para surdez, que era desligado por ela quando lhe

convinha. Aos poucos, Zélia foi conquistando a sogra, que se deixou encantar de vez pela nora no episódio da cirurgia de Donana Badaró, uma das moradoras do enorme galinheiro do Peji de Oxóssi

Eu marcara para aquele domingo uma operação em Donana Badaró, a carijó, que deixara de se alimentar havia muito. Seu papo, duro como pedra, resistia a todos os óleos que eu lhe metia pela goela abaixo. Andava triste, cabeça metida debaixo da asa, ia morrer. Como última tentativa para salvá-lo a vida, resolvi operá-lo. Convidei Lalu para ser minha assistente naquela minha primeira cirurgia. Tudo estava preparado para a operação; Lila se retirou para não ver "a judiação", e eu, de coração apertado, iniciei a façanha. A paciente foi trazida para a mesa previamente forrada de plástico. Embebi um capucho de algodão em éter, coloquei-o dentro de um copo; eficiente, Lalu me ajudou a manter a cabeça de Donana dentro do copo, a aspirar o éter. A galinha deixou de se debater. "Ela já está desmaiada", afirmou Lalu. Rapidamente arranquei algumas penas do enorme papo, passei iodo e com uma gilete fiz uma incisão, abertura suficiente que me permitiu retirar lá de dentro a massa compacta formada de areia, ração, milho e pedrinhas. Depois de tudo esvaziado e limpo, costurei as peles, separadamente, uma por uma, com fio dental, coloquei Donana ainda atordoada num caixote. Não havia passado uma hora da operação, quando ela partiu a ciscar pelo terreiro. Nesse dia, certamente, começou a admiração de Lalu por mim: – Tu devia ter nascido homem... tu devia ser médica... sim senhor! (GATTAI, 2010, p. 135)

Mesmo feliz com a nora, Lalu não deixava de pregar-lhe peças, como a história do bolo de puba, feito de mandioca podre. O bolo, segundo a sogra, era o preferido de Jorge. Depois de muito trabalho e muito asco, Zélia fez a seu modo o bolo da farinha de puba, já que Lalu não a ajudou com a receita, alegando que fazer bolo não tinha mistério.

Utilizando-me de uma receita antiga de bolo comum, comprovada por mim repetidas vezes, apliquei-a à minha farinha de puba. Mas, apesar de todo o cuidado, o bolo não cresceu, solou, transformou-se numa pasta escura. Eu nunca vira antes um verdadeiro bolo de puba, por isso ainda cultivei certa esperança...

Ao chegar em casa, morto de cansaço, quase sem voz, como eu previra, depois de tirar o paletó e a gravata, Jorge foi conduzido por mim até a mesa onde se encontrava a surpresa.

Apontei-lhe o bolo.

– O que é isso, meu amor?

– Você não está vendo? É um bolo de puba, ora! – respondi-lhe, entre faceira e desconfiada.

– Bolo de puba? Você está brincando? – Caiu na gargalhada.

– Bolo de puba, minha querida, é branco como neve, fofo... Isso nunca foi bolo de puba, me desculpe... Onde foi que você arranjou isso?

Não lhe respondi. Corri para o quarto – meu refúgio nas horas de desabafo –, atirei-me na cama aos soluços. (GATTAI, 2010, p. 114)

Além do tal bolo, Lalu pregou outras inúmeras peças na nora recém-chegada à família. Inventou que Zélia deveria procurar na Bahia, durante a primeira visita que a escritora fez ao lugar, a imagem de uma santa, chamada por ela de Virgem da Capistola. Depois de passar por vários antiquários, Zélia descobriu por Jorge que a tal santa nunca existira e que o segredo que a sogra havia pedido sobre a santa era para que ninguém soubesse da brincadeira e a estragasse.

Além disso, Lalu era uma exímia contadora de histórias. Ela gostava de contar a história de seu filho mais novo, James, que andou e falou com apenas 9 meses. Ou sobre um câncer enorme que teve. A doença, segundo ela, obrigou, inclusive, os médicos a tirarem quase todos os seus órgãos para fora durante uma cirurgia.

Ao longo dos anos a relação de Lalu e Zélia foi ficando cada vez mais íntima e apaixonada, a ponto de somente Zélia e o Coronel Amado terem permissão de chamá-la pelo apelido. Para os outros, ela era Eulália. Outro voto de confiança entre as duas foi a sogra ter revelado à Zélia, somente a ela, o nome que daria a uma filha, caso algum dia viesse a tê-la. Na obra *CHPV*, a escritora narra a cena da despedida do Brasil. Ela estava embarcando para encontrar Jorge na Europa:

Pedi a Lalu que não fosse ao embarque mas ela insistiu, iria de qualquer jeito.

Esquecida da operação que a deixara, segundo contava, impossibilitada de qualquer espécie de trabalho, sobretudo de carregar pesos, carregava agora o neto, um chumbo de menino! Levou-o nos braços o tempo todo, da porta de casa até as escadas do navio:

— Tu está muito elegante com esse chapéu, deixa que eu levo o menino...

— disse Lalu, quando saíamos do apartamento.

No porto, na confusão da despedida, ao me restituir a criança, Lalu confidenciou-me:

— Olhe, o nome é Esmeralda.

— Esmeralda? — repeti, sem me lembrar do que se tratava.

— Isso mesmo, é o nome que escolhi para minha filha...

Recordei-me do mistério em que Lalu envolvia o nome escolhido para a filha que jamais tivera; nem seu João o conhecia. Ao revelar-me segredo para ela tão precioso, Lalu me dava a maior prova de carinho, de confiança e de amor, o presente mais valioso.

Fiquei mais comovida ainda. Um nó na garganta... Mas consegui dizer: — Que nome mais bonito!

Demoramos as duas em silêncio, em meio à balbúrdia dos passageiros que embarcavam entre recomendações e adeuses ruidosos. Apressado como sempre e acabrunhado com a tristeza da despedida, seu João consultou mais uma vez o relógio e, tomando do neto para beijá-lo, disse: — Está na hora de embarcar, minha filha.

Deus te leve, cuide de meu filho. (2010, p.290)

E, quando Lalu ficou viúva, foi morar na Bahia com Jorge e Zélia. A nora, então, passou a ser totalmente responsável pelo cuidado com a sogra.

Um quarto forrado, teto baixo, piso de madeira, janela para o jardim, era reservado para o Coronel e Lalu, se, por acaso, decidissem um dia ocupá-lo para férias ou então para sempre. Esse quarto apenas Lalu habitou depois da morte do marido ficando conosco até o fim de sua vida. Não posso esquecer suas palavras ao entrar na casa, vinda do Rio, naquele triste mês de janeiro: “Até agora, tu foi minha filha. Daqui por diante, tu vai ser minha mãe”. (GATTAL, 2013, p. 31)

2.7 Vida nova

A mudança de São Paulo para o Rio de Janeiro em dezembro foi motivada por questões políticas. Contra a vontade do autor, seu nome havia sido incluído na chapa de candidatos a deputado federal nas eleições marcadas para 2 de dezembro de 1945. Jorge não queria ser candidato, mas o Partido Comunista não abria mão de tê-lo na chapa. Sua popularidade certamente se reverteria em votos. Sem ter como se desvencilhar do compromisso com o partido, Jorge estabeleceu a condição de que só concorreria se pudesse renunciar em seguida. Não queria ser político. Era um escritor. Acordo firmado entre as partes, Jorge Amado concorreu e foi eleito com larga vantagem. Era só chegar ao Rio de Janeiro e consolidar sua renúncia.

Em uma entrevista para o caderno *Almanaque*, do Jornal *Folha de São Paulo*, Jorge contou que Oswald de Andrade queria ter sido o candidato, porém o PCB preferiu lançar a candidatura de Jorge. Oswald, chateado, rompeu com o Partido e com Jorge Amado.

Oswald tinha entrado no partido, o que foi um absurdo. Quando ele entrou, eu lhe disse: "Estás fazendo uma tolice". A disciplina do partido era muito dura naquela ocasião e eu disse que seria difícil ele aguentar. Quando houve as eleições, o Oswald queria ser candidato. Lutei muito para que isto acontecesse, mas a direção do partido não o colocou na lista. Fomos escolhidos eu, Caio Prado Jr., que não ganhou, e José Geraldo Vieira, que era "soi disant" católico. O partido explorava muito o fato de ele, católico, ser membro. Também não ganhou. Monteiro Lobato foi candidato e deixou que usassem o seu nome até certo momento. Um pouco antes da eleição, retirou sua candidatura. O Oswald, então, por intrigas de outras pessoas, achou que eu tinha impedido que ele fosse candidato. Mas foi o contrário. (FELINTO; NETO, 1991)

A história de Jorge Amado ter sido chamado de “Rasputin da linha justa”, “Barba azul”, já abordada nesta tese, teve origem na disputa política que Oswald passou a travar com Jorge Amado. Em *Códigos de Família (CDF)*, Zélia conta que a mãe, D. Angelina, estava preocupadíssima com os rumos que a vida da filha caçula estava tomando. Após um casamento falido, Zélia, segundo fofocas, estava se envolvendo com um escritor casado: Monteiro Lobato. Wanda, irmã de Zélia, “apagou” o incêndio contando à mãe que o escritor famoso não era Lobato, e sim Jorge Amado. A mãe, então, ficou um pouco menos aflita, até que:

Como se aquela intriga não bastasse, foram levar, dias depois, a dona Angelina um jornal om reportagem de página inteira, na qual Oswald de Andrade chamava Jorge de “Rasputin da linha justa”, “Barba azul”, entre outras misérias, dizendo o diabo dele.

Oswald de Andrade pleiteara inscrever-se como candidato a deputado na chapa do partido Comunista e não fora aceito pela direção. Ninguém se atrevia a discutir resoluções de cúpula com o Partido, mas, mesmo assim, amigo de Oswald, Jorge interveio sem, no entanto, conseguir resultado – não voltaram atrás. Disseram apenas: “É um *piroquete*”. Código do Partido, usado indiscriminadamente, tanto na base quanto na direção, *piroquete* queria dizer muita coisa, de irresponsável em diante. O apodo não era por demais ofensivo, chegava a ser quase uma graçola, mas ninguém gostava de ser chamado assim. No caso de Oswald, ninguém tirou a limpo o que o camarada da direção pretendeu dizer. Oswald de Andrade não quis conversa, foi logo atribuindo a recusa de seu nome a Jorge Amado. Nada nem ninguém conseguiu convencer o injuriado de que estava enganado, e ele partiu, sem dó nem piedade, para uma campanha de desmoralização do Partido e do amigo. (2003, p. 19)

Voltando à mudança, malas prontas, o casal partiu. Zélia Gattai seguiu para o Rio usando um chapéu que ela havia ganhado de Fanny Rechulski, secretária de Jorge. Ao saber que Zélia não tinha um chapéu, a secretária se preocupou, já que era a primeira vez que a moça se encontraria com seus sogros e o cunhado, Joelson. Fanny, então, presenteou Zélia com um chapéu Cora, caríssimo, usado somente pelas damas da alta sociedade paulista. A secretária era sobrinha da chapeleira famosa e havia ganhado o chapéu da tia. Com pouco uso, ela resolveu dar o chapéu à Zélia. O adorno, sóbrio, elegante, aba levantada de um lado, haveria de causar boa impressão na família de Jorge. No entusiasmo da situação, Fanny não teve tempo de recomendar um cuidado maior com o tal chapéu. Zélia, em *CHPV*, contou que:

Sem dar tempo para outras explicações, meti o elegante Cora na cabeça:
– Deixa ver se me fica bem...

Segurando pela parte desabada, puxei-o para baixo. Ouvi apenas um grito assustado de Fanny:

– Ai!

Meus dedos se enterravam na parte levemente em curva do feltro, varando-a de lado a lado. A pobre moça, coitada, estava sem jeito. Eu não lhe dera oportunidade de me fazer o histórico da preciosa prenda. Ela a havia recebido das mãos da tia com a recomendação de que tivesse todo o cuidado ao colocá-lo na cabeça. Uma freguesa grã-fina, que o encomendara, havia estragado o chapéu, esgarçando o feltro ao experimentá-lo, forçando os dedos na aba, sem modos, estabranadamente (como eu fizera, certamente), e, ao vê-lo inutilizado, ainda tivera a petulância de não assumir a culpa, recusando-se a receber e pagar a encomenda.

Muito decepcionada com o acidente, Fanny me explicou tudo. Tratei de tranquilizá-la:

– Pode deixar, Fanny, que eu dou um jeitinho...

Após uma passadela de ferro com pano úmido e vapor, e um cerzidinho invisível, o chapéu voltou à sua forma, quase perfeito. Enchapelada, chique e distinta, eu estava *comme il faut* para enfrentar os sogros. (GATTAI, 2010, p.14-15)

A história do chapéu e, mais precisamente, o que estava por trás dela, como a mudança para o Rio e a apresentação para a família de Jorge, foi tão marcante que Zélia “batizou” seu segundo livro de memórias, lançado em 1982, de *Um chapéu para viagem (CHPV)*.

Este momento foi o início de uma vida cheia de novos recomeços ao lado de Jorge Amado e, sem dúvidas, marcou a chegada e o distanciamento definitivo de duas pessoas especiais para a escritora: chegou Eulália, ou simplesmente Lалу, mãe de Jorge, que se tornou grande companheira e admiradora de Zélia (e, mais tarde, fonte de memória, já que muitas histórias retomadas por Zélia em suas obras haviam sido contadas por Lалу); e partiu Luiz Carlos, primogênito da escritora; ela e o filho jamais voltariam a morar juntos.

Ao chegarem ao Rio, Zélia conheceu os sogros. O grupo partiu do aeroporto direto para um evento do Partido Comunista. No evento, presidido por Luiz Carlos Prestes, estavam presentes vários intelectuais, como Candido Portinari, Oscar Niemeyer, dentre outros; para Zélia, no entanto, a grande emoção foi a de ser apresentada à Graciliano Ramos, a sua esposa Heloísa e a Luiza, filha do casal. O evento se encerrou após a entrega das credenciais de membros do Partido Comunista aos escritores e intelectuais ali presentes e, no dia seguinte, Jorge e Zélia puderam ir para casa, na verdade um apartamento, na praia de Botafogo, cedido por Roberto Sisson, amigo de Jorge. A ideia inicial do casal era a de permanecer apenas uma semana no apartamento, já que estavam esperando somente a colação de grau de Joelson, irmão de Jorge, em Medicina. Em seguida,

partiriam em viagem para o sul do país e, na volta, planejavam se mudar para um sítio, que ainda não haviam encontrado, apesar dos esforços de Zélia.

Antes de partirem, Zélia resolveu oferecer um almoço em comemoração à formatura do cunhado. Estavam presentes alguns amigos do casal, dirigentes do PCB, como João Amazonas, Carlos Marighella e Luiz Carlos Prestes. Ao apresentar sua mulher aos amigos, Jorge disse:

- Esta é Zélia, minha mulher, uma anarquista perigosa! – apresentou-me Jorge, divertido, a Prestes e aos outros companheiros⁸.
- Eu sou apenas uma livre-pensadora ... – corrigi, parodiando meu pai. Prestes sorriu, amável:
- Conheço alguns desses anarquistas; idealistas românticos, sonhadores, gente boa...
- Arruda⁹ quis saber se eu tinha parentesco com Ernesto Gattai; Prestes também se interessou. Eu lhe disse que era sua filha. Arruda então explicou que em São Paulo havia uma célula do partido, num bairro operário, com o nome de Ernesto Gattai.
- Surpresa e emocionada com essa revelação, não consegui dizer nada, creio que sorri. Fomos todos para a mesa, onde a comida fumegava. (GATTAI, 2010, p. 94)

Maria Luiza Tucci Carneiro, em seu já citado artigo, conta que Zélia Gattai era realmente vista como subversiva e perigosa pelo DEOPS. A brincadeira de Jorge Amado, exposta no fragmento acima, tinha um fundo de verdade. Segundo Carneiro:

Zélia Gattai nasceu, cresceu e se fez mulher neste mundo, da subversão. Suas oportunidades foram múltiplas, ora como membro da família Gattai, ora como esposa de Jorge Amado escritor comunista convicto. Ao longo de décadas, foi duplamente estigmatizada como “filha de anarquistas” e “esposa de comunista”, o mesmo aconteceu com Jorge Amado, que somou, em seu prontuário DEOPS, as culpas da família Gattai. Em 1943, o escritor baiano foi assim identificado: “Casado com Zélia Gattai, irmã [sic]¹⁰ de Bruno Gattai, comunista e cuja família professa o credo vermelho”. (2002, p. 71)

Após esse jantar, Jorge e Zélia partiram para Porto Alegre. Lá encontraram o irmão de Jorge, James, e vários amigos, como Henrique Scliar (nessa ocasião, Jorge e Zélia conheceram o escritor Moacyr Scliar, que ainda era um menino) e

⁸ Muitos dos amigos presentes ao almoço estavam em liberdade em decorrência do decreto de anistia.

⁹ Diógenes Arruda Câmara foi um dos principais ícones do Partido Comunista do Brasil. O romance de Jorge Amado *Os subterrâneos da liberdade*, trilogia que aborda a questão comunista no país, foi dedicado ao companheiro Arruda.

¹⁰ Bruno Gattai, na verdade, era primo de Zélia, filho de Guerrando Gattai, tio paterno da escritora.

Érico Veríssimo. Zélia ficou comovidíssima ao conhecer o escritor, de quem era leitora assídua desde a infância.

Após alguns dias hospedados em um sítio próximo à capital gaúcha, o casal seguiu para o Uruguai. Os planos de estenderem a viagem foram suspensos. Jorge recebeu um telegrama do PCB o convocando com urgência. Ao chegar ao Rio, o escritor foi informado que o partido não havia aceitado sua ideia de renunciar ao cargo de deputado. Preocupados com a imagem do partido, Prestes e outros dirigentes decidiram que Jorge Amado deveria assumir seu cargo, em consideração aos vários votos que havia recebido. Ficou acertado, então, que Jorge Amado assumiria seu lugar na Câmara Federal, porém por apenas três meses.

Já que teria que fixar residência no Rio durante esse período, o casal reativou a ideia de se mudar para um sítio e, após muita procura, o lugar foi finalmente encontrado. O sítio era distante, o caminho até ele era de quase uma hora em estrada de terra, mas o lugar era lindo, exatamente o que eles procuravam.

Entre os anúncios de jornais deixados pelo Coronel havia um que nos chamou a atenção: “Lindo sítio na antiga estrada Rio-Petrópolis, estado do Rio, casa finamente mobiliada, terreno plantado de laranjeiras, a poucos minutos da praça Mauá”.

Após uma ligação telefônica, os proprietários do sítio (um casal de húngaros que partia de volta a seu país) vieram nos buscar de automóvel. Bom no volante, o húngaro buscava fazer o percurso o mais rapidamente possível, evitando ruas movimentadas, acelerando nas retas; precisava desfazer-se da propriedade com urgência, devia confirmar o que anunciara: seu sítio ficava “a poucos minutos da praça Mauá”. O imóvel estava situado entre São João de Meriti e Caxias, mais próximo de Meriti, porém a estrada de Caxias era melhor, valia a pena fazer o percurso mais longo, gastava-se menos tempo. Ainda assim, os poucos minutos alongaram-se numa boa hora de carro.

Ao entrarmos na estrada de terra, depois de Caxias, Jorge e eu nos entreolhamos aterrorizados. Caminho péssimo aquele! Difícil encontrar estrada mais esburacada! Crateras espalhadas para todos os lados. O motorista fazia acrobacias e malabarismos a fim de desviar-se dos buracos maiores para cair nos menores, inevitáveis. Levantava nuvens de poeira que se transformariam em lama à primeira pancada de chuva. Num tom de voz de quem procura ser convincente, um tanto quanto encabulado com o nosso significativo silêncio, o húngaro dava informações alentadoras: “há um projeto da prefeitura para alargar e aplanar essa estrada... parece até que as máquinas já se encontram em Meriti... Vai ficar uma beleza! Lisa como um ano de bilhar...”

Por fim, após os cinco quilômetros de terra esburacada, chegamos ao nosso destino. Pela porteira aberta a visão de um verde compacto veio ao nosso encontro. O terreno arborizado contrastava com a aridez da estrada poeirenta. (GATTAL, 2010, p. 97)

Negócio fechado, o sítio foi batizado como Peji de Oxóssi. Seguem, abaixo, fragmentos que explicam o significado do termo africano:

O candomblé é uma religião de chamado. A adoração do orixá é feita no *peji*, que significa “altar”, mas quer dizer também “despertar para o chamado”. No sentido iorubá, a palavra designa o lugar em que se reúnem os que são chamados, estabelecendo assim o espaço onde o sagrado se manifesta. O corpo é o grande *peji* no qual o orixá é adorado através da incorporação absoluta, o transe, situação em que desaparece o adorador, permanecendo apenas o adorado [...]. (CAMPOS, 2003, p. 21)

Oxóssi, o orixá das matas, da caça, da fartura. Rei de Keto e patrono dos caboclos. Irmão de Ogum e Exu, e pai de Logun-Ede. Oxóssi é o rei das florestas, sendo assim, domina tanto a fauna como a flora, rege a lavoura e agricultura, propiciando-se o plantio e a boa colheita. O culto dos filhos de Oxóssi no Brasil é bastante popular, devido à abrangente área verde que existe no Brasil. (APARECIDO, 2015, p. 46)

A escolha deste nome para o sítio é uma demonstração clara da estreita relação que Jorge Amado tinha com o candomblé, religião de matriz africana. Os chamados cultos afro-brasileiros tiveram sua origem na África e foram trazidos para o país pelos negros, na época da escravidão. Estima-se que um total de 3.600.000 escravos foram transportados da África para o Brasil entre os séculos XVI e XIX, fazendo do Brasil o segundo maior importador de escravos do Novo Mundo. Apesar do costume de separar os negros em diferentes nações no momento da chegada, da proibição de praticar os ritos de suas várias religiões nativas e, principalmente, das ordens de batizar e obrigar a participação dos negros nas missas e sacramentos católicos, as tradições religiosas vindas com esses povos sobreviveram.

Após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, os negros foram se espalhando pelas cidades e essa fixação urbana favoreceu a sobrevivência de algumas tradições religiosas africanas, através do aparecimento de grupos de cultos organizados. Por terem se fixado e se desenvolvido em diferentes momentos da história e diferentes regiões do Brasil, essas religiões acabaram adotando não só diferentes formas rituais, como, também, diferentes nomes: candomblé, na Bahia; xangô, em Pernambuco e Alagoas; tambor de mina, no Maranhão e Pará; batuque, no Rio Grande do Sul; e a famosa macumba, depois chamada de umbanda, no Rio de Janeiro.

O candomblé (ou casa onde se batem os pés) chegou ao Brasil vindo, principalmente, da região da África Ocidental. Seus cultos, considerados feitiçaria pelos senhores de escravos, foram proibidos e, como saída, os escravos passaram a associar seus santos afro aos da religião católica. Sem abandonar as crenças oriundas de sua terra natal, os Voduns e inquices foram justapostos aos santos

católicos; fato que em muito explica os vários santos católicos terem seus equivalentes nas divindades de origem africana e, sem dúvida, explica também o famoso sincretismo religioso, típico do brasileiro, segundo o qual o indivíduo professa uma determinada religião, mas simpatiza ou até frequenta outra.

Conhecida como religião mágica e ritualística, o que se busca no candomblé é a interferência concreta do sobrenatural “neste mundo” presente, mediante a manipulação de forças sagradas, a invocação das potências divinas e os sacrifícios oferecidos às diferentes divindades, os chamados orixás (Hellern *et al.*, 2000, p. 292).

Os orixás (ori = cabeça + xá= força) representam o “santo” particular de cada indivíduo. A essas entidades cabe intermediar a relação entre o Deus supremo (Olorum) e o mundo terrestre, e elas podem, segundo a crença, comunicar-se com os homens por meio de rituais complexos e interferir na vida e no destino dos seres humanos.

A Bahia é seguramente um dos estados brasileiros onde o candomblé está presente de forma mais significativa e coube a Jorge Amado, seu seguidor mais ilustre, mostrar a religião dos orixás para o resto do mundo. Apresentado à religião aos 16 anos de idade, foi Ogã de Oxóssi (um dos sacerdotes que auxiliam nas cerimônias religiosas) e, no terreiro de Mãe Senhora, um dos mais famosos Ilê Axé Opô Afonjá da Bahia, era chamado de Obá de Xangô (“Obá” é uma palavra da língua iorubá que designa “rei”, e os títulos de “rei” eram concedidos aos amigos e protetores do terreiro). Muito orgulhoso de seus títulos, era comum o escritor declarar que era um obá muito antes de ser um literato. Brincadeiras à parte, as obras de Jorge Amado contribuíram de maneira decisiva na divulgação do candomblé pelo país e no mundo.

Fato importante e curioso de ser salientado nesse instante é a relação que Jorge Amado estabeleceu entre o Comunismo, reconhecido, muitas vezes, pelo seu posicionamento ateu, e a defesa da liberdade religiosa. A Constituição Brasileira de 1988, que hoje prevê liberdade de crença religiosa aos cidadãos brasileiros, além de proteção e respeito às manifestações religiosas, recebeu a inclusão de uma emenda constitucional (o inciso 6º do artigo 5º) que garantiu, a partir de 1946, a liberdade de crença e culto no Brasil. Esta inclusão, marco para a liberdade religiosa nacional, teve como principal responsável o então deputado do PCB Jorge Amado. Em seu

livro de memórias, *Navegação de cabotagem*, o escritor baiano relatou esse seu importante feito.

Rio de Janeiro, 1946.

Liberdade religiosa

Em janeiro de 1946 tomei posse na Câmara Federal de Deputados da cadeira para a qual fora designado pelos votos dos eleitores de São Paulo. Assumira com Prestes o compromisso de exercer o mandato durante três meses, voltando em seguida a meu trabalho de escritor. Fiquei dois anos, até que, num dia de janeiro de 1948, fomos expulsos do Parlamento, eu e meus companheiros de bancada. Dia triste, de derrota política, a batalha pelos mandatos durara meses, árdua e áspera – batalha perdida, sabíamos desde o começo. Dia alegre, pois me livre do fardo da deputação, não nasci para parlamentar, sou refratário às tribunas e aos discursos, só amo fazer o que me dá alegria, o que me diverte. Custou-me esforço colocar-me à altura do mandato, creio que não fui de todo mau deputado, apesar de minhas limitações e das decorrentes da suspeição que cercava a bancada comunista e do sectarismo que dirigia sua atuação.

Fiz o possível, tarefa difícil e chata. Se de algo me envaideço quando penso nos dois anos que perdi no Parlamento é da emenda que apresentei ao Projeto de Constituição – Senado e Câmara reunidos em Assembleia Constituinte, discutimos e votamos a Constituição de 1946 –, emenda que, vitoriosa, mantida até hoje, veio garantir a liberdade de crença no Brasil.¹¹

A República, ao ser proclamada, decretara a separação entre o Estado e a Igreja – a Católica Romana –, mas a liberdade religiosa que dela devia decorrer não passara do papel, uma farsa. Colocada por inteiro – a teologia da libertação ainda não existia – a serviço da riqueza e do obscurantismo dos senhores de terras e do poder, a Igreja Católica conservou todos os privilégios, todas as regalias. Dinheiro farto dos cofres do Estado para os "colégios de padre", subsídios de todo tipo, consideração oficial, absoluta: o Senhor Bispo mandava e desmandava, os Governadores beijavam-lhe reverentes o anel episcopal. As demais religiões, cristãs ou não, comiam o pão que o diabo amassou. Para as apelações protestantes, as tendas espíritas, os cultos populares de origem africana restavam a discriminação, as restrições de todo tipo, a perseguição policial.

Em 1946 andei pelo interior do Ceará em campanha eleitoral, Zélia à minha ilharga, vimos coisas de pôr o cabelo em pé; templos protestantes saqueados, incendiados por massas de fanáticos enfurecidos sob o comando de sacerdotes católicos, a cruz erguida em guerra, aos gritos de Viva Cristo Rei. Os mesmos fanáticos capitaneados pelos mesmos padres que destruíram em poucos minutos o palanque de onde devíamos falar, Zélia e eu, em comício que não conseguimos realizar. Escapamos com vida por entre ameaças de beatas desvairadas e facas de sangrar porcos exibidas por jagunços, nunca vi a morte tão de perto. Zélia recebeu uns empurrões de velhas carolas, quis reagir, temi o pior, por sorte conseguimos embarcar num caminhão e partir em disparada. Liberdade, nem religiosa nem política.

Se protestantes e espíritas passavam maus pedaços, das religiões afro-brasileiras nem falar. Desde mocinho, rapazola cursando a vida popular baiana, inclusive nas casas-de-santo, nos terreiros de candomblé, com Edison Carneiro, Artur Ramos¹², Aydano do Couto Ferraz¹³, foi-me dado testemunhar a violência desmedida com que os poderes do Estado e da Igreja tentaram aniquilar os valores culturais provenientes de África.

¹¹ Inciso 6º do artigo 5º da atual Constituição.

¹² Artur Ramos (1903/1954), antropólogo.

¹³ Aydano do Couto Ferraz (1914/ 1989), jornalista.

Buscavam exterminar tradições, costumes, línguas tribais, os deuses, eliminar por completo as crenças da gente mais pobre e mais sofrida.

Menino de quatorze anos, comecei a trabalhar em jornal, a frequentar os terreiros, as feiras, os mercados, o cais dos saveiros, logo me alistei soldado na luta travada pelo povo dos candomblés contra a discriminação religiosa, a perseguição aos orixás, a violência desencadeada contra pais e mães-de-santo, iaôs, ekedes, ogans, babalaôs, obás. Não vou me demorar no que me foi dado ver, os lugares sagrados invadidos e destruídos, iy alorixás e babalorixás presos, espancados, humilhados, nunca esquecerei de pai Procópio, as costas em sangue, resultado da surra de chicote no xadrez. Tais misérias e a grandeza do povo da Bahia são a matéria-prima de meus romances, que os leia quem quiser saber como as coisas se passaram.

A emenda da liberdade religiosa custou-me trabalho e astúcia. A astúcia de não colocar o assunto diante da bancada ou em reunião do Bureau Político, de levá-lo diretamente a Prestes, chefe incontestado, talvez por isso mesmo menos sectário, mais aberto que os outros dirigentes. Aproveitei a vinda ao Rio de Janeiro¹⁴, figura respeitada – comandante militar da revolta de Natal, em 1935, condenado a dez anos de prisão, vivera com nome falso até a anistia, militante provado, homem decente – para em sua companhia ir conversar com Prestes. Familiar do problema, Giocondo o expôs em todos os detalhes, chamando a atenção do secretário-geral para os dividendos que o Partido poderia obter junto ao povo se tomasse a si a defesa das religiões populares; assim conseguimos o aval do dirigente máximo para a emenda. Se eu a houvesse levado à bancada ou ao conjunto da direção, jamais teria obtido autorização para apresentá-la: sendo a religião o ópio do povo, droga ainda pior era o candomblé, barbaria primitiva, incompatível com o socialismo, nossa meta. Quanto a mim, na opinião de vários camaradas, escritor imoral, não passava de pequeno-burguês portador de sérios desvios ideológicos. Armado com o aval do Cavaleiro da Esperança, comecei por acusar as assinaturas dos componentes da bancada, nem sequer Prestes, senador pelo Distrito Federal, a assinou. De comunista apenas eu, mais fácil fazê-la tramitar como projeto de intelectual conhecido, ligado às seitas afro-brasileiras, bem-visto apesar de comuna. Fosse da bancada a emenda nasceria morta.

O exercício do mandato pela bancada comunista tornara-se cada vez mais difícil à proporção que o clima democrático resultante da vitória das Nações Unidas sobre o nazismo cedia lugar às discórdias da guerra fria. Os deputados dos demais partidos nos olhavam com olhos de suspeita, quando não de repulsa. Qualquer emenda ou projeto da bancada via-se rejeitado *in limine*. *O que estará por detrás disso?* perguntavam-se senadores e deputados do PSD, da UDN, do PTB ou do PST, descobriam na proposição mais inocente o famigerado dedo de Moscou. As gerações atuais não sabem o que significavam o dedo e o olho de Moscou: estavam em toda a parte ameaçando a sociedade estabelecida, a religião, a moral, os bons costumes, a família brasileira. Havia também o ouro de Moscou, mas essa já é outra história. Emenda batida à máquina, eu a assinei e fui em busca de Luiz Viana Filho, baiano e escritor, autor de livro sobre *O negro no Brasil*, deputado pela UDN, submeti-lhe o texto da emenda, convidei-o a assiná-la, baiano e escritor ele a assinou. Fiquei à espreita de Gilberto Freyre, deputado por Pernambuco (pela Esquerda Democrática, creio), o mestre de Apipucos não comparecia a todas as sessões, não dava tamanha confiança à Assembleia, quando subia à tribuna o plenário se enchia, as galerias ficavam repletas, os jornalistas agitavam-se indóceis, Otto Lara Resende deve se lembrar. Mal o vi, sequestrei-o dos admiradores, levei-o a um canto, mostrei-lhe a emenda – os xangós do Recife vão poder dançar em paz –, ele colocou-lhe o valioso autógrafo, comentou em voz baixa, o sorriso sedutor: *por que não pensei nisso?* Assim andei de bancada em bancada,

¹⁴ Giocondo Dias (1913/1987) foi secretário-geral do PCB.

de deputado a deputado, de Otávio Mangabeira a Milton Campos, de Hermes Lima a Café Filho, de Nestor Duarte a Vargas Neto, obteve para mais de oitenta assinaturas, o apoio de Cirilo Júnior e o de Prado Kelly, líderes do PSD e da UDN. Com a aprovação da emenda, a liberdade religiosa foi inscrita na Constituição, tornou-se lei.

Essa a minha contribuição para a Constituição Democrática de 1946. Transformada em artigo de lei, a emenda funcionou, a perseguição aos protestantes, a violação de seus templos, das tendas espíritas, a violência contra o candomblé e a umbanda tornaram-se coisas do passado. Para algo serviu minha eleição, a pena de cadeia que cumpri no Palácio Tiradentes, constituinte apagado, deputado de pouca valia. (AMADO, 1992, p.54-57)

Conforme relatado por Jorge Amado no fragmento acima, em 4 de fevereiro de 1946 ocorreu a reabertura da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O local, fechado desde 1937 por ordem de Getúlio Vargas, através do decreto “Estado Novo”, estava sendo reaberto em grande estilo: vários políticos, com diferentes posições políticas, estavam ali reunidos e, melhor, estavam ali por vontade do povo, que os elegeu através do voto direto. Nessa ocasião, conforme já dito, Jorge Amado foi diplomado Deputado Federal pelo PCB.

Algum tempo depois desse evento festivo, por causa de uma declaração dada por Luiz Carlos Prestes, secretário geral do Partido Comunista, a sensação de segurança deu lugar a outra, a de incerteza.

A declaração foi feita inicialmente diante de vasto público reunido para ouvir uma conferência, seguida de debates, do Secretário-Geral do Partido Comunista, para os serventuários da Justiça. Uma das perguntas era mais ou menos a seguinte: — No caso de os Estados Unidos declararem guerra à União Soviética, estando o Brasil ao lado dos americanos, qual seria a posição de seu Partido?

Prestes explicou existirem guerras justas, em defesa da Pátria, e guerras injustas. Concluiu afirmando que se o Governo do Brasil fosse arrastado numa guerra de agressão ao lado dos Estados Unidos contra países de *regímen* socialista, o seu Partido não vacilaria em lutar contra o Governo.

Ao fazer essa declaração, Prestes acendera o estopim. Sua resposta à pergunta provocativa explodiu como uma bomba, dando motivo às mais descontraídas interpretações.

A mesma pergunta voltara a ser-lhe feita no Parlamento logo depois, e a resposta de Prestes fora idêntica à primeira, a da sabatina com os serventuários. As discussões em plenário tornaram-se violentas. O assunto passara a ser motivo de controvérsias mesmo entre simpatizantes do Partido.

Um pedido de cassação do registro do PCB, baseada na declaração de Prestes, foi apresentado à Justiça por um deputado petebista, Barreto Pinto, figura pitoresca e pouco séria no cenário político. (GATTAL, 2010, p. 136)

Apesar de toda a agitação na qual se encontrava o PCB, Jorge Amado teve que viajar pelo Nordeste para alguns comícios. Zélia o acompanhou e aproveitou para conhecer alguns lugares da região. Ela nunca tinha ido para o Nordeste antes.

Depois de passarem pela Bahia e por Pernambuco, o casal chegou ao estado do Ceará. Lá ficaram hospedados na casa da prima de Jorge, Stela, que, durante uma conversa com Zélia, a questionou sobre a vontade de ter outro filho, um filho com Jorge Amado. A escritora então confessou que esse era um grande desejo seu, mas, apesar de já estarem a dois anos juntos, o filho ainda não tinha vindo. Além disso, ela contou que sentia muita saudade de Luiz Carlos. “– Pois então venha tomar um banho na praia de Iracema. Depois do banho, uma deitada na rede, e... tiro e queda, não falha! Garanto que você volta para o Rio grávida! – riu Stela maliciosa”. (GATTAL, 2010, p. 204)

Na sequência, Jorge e Zélia viajaram para o interior do Ceará, para que Jorge participasse do comício. Quando chegaram, foram recebidos por poucas pessoas e se surpreenderam ao saber que o tal comício aconteceria logo após a missa, para aproveitar os fieis que lá estavam. Jorge, então, descobriu que o PCB no local quase não existia. A “massa”, como ele chamava, não contava com quase nenhum filiado. Porém, surpresa maior veio na sequência: um menino apareceu correndo no bar onde estavam esperando o final da missa e avisou que o padre estava naquele momento incitando os fieis contra Jorge, a quem ele chamava de “gente do diabo”, e conclamava, em nome de Deus, que o povo se unisse para evitar a realização do comício. A situação só piorou. Jorge e Zélia souberam que a cidade estava completamente desguarnecida de segurança, não havia polícia na cidade. Resolveram procurar pelo prefeito, que nada fez. Ao saírem da casa do político, um grupo de mulheres o esperava. Logo na saída, Zélia foi atingida por um soco nas costas. Ela, Jorge e os poucos “comunistas” que o seguiram voltaram para a praça e viram o palanque ser destruído por grupos armados como facções e peixeiras, sob o comando do tal padre alemão, que incitava o povo com gritos de “Morte aos comunistas! Morte a Jorge Amado!”

Para piorar, na cidade não havia automóveis e eles precisariam esperar a volta do carro que os tinha levado até lá. Resolveram voltar para o bar e aguardar a condução, mas a situação só piorava, já que o padre, além de incitar o povo, ainda os levou para tomar cachaça. Agora, além de violentos, eles estavam embriagados. Alguém sugeriu que eles fugissem pela caatinga. Jorge alegou que seriam caçados e mortos como ratos. Por sorte, apesar da aflição em que estavam, um rapaz se lembrou que um homem, simpatizante do PCB, tinha um caminhão e algumas vezes estava pela cidade. Nesse dia ele estava. Encostou o caminhão, Zélia e Jorge

rapidamente embarcaram na boleia, e partiram em alta velocidade, mas a tempo de ver um homem portando um enorme facão.

O casal foi deixados num bar, na beira da estrada, a menos de 25 km do local do ataque. Os amigos que os buscariam de carro chegaram até a cidadezinha, conforme combinado, e quase tiveram o carro incendiado pelos fieis embriagados. Zélia rebatizou o local como “a cidade da intolerância”.

Passado o susto, ela descobriu que estava grávida, porém, a alegria do casal durou pouco e deu espaço para preocupações. O PCB estava sofrendo números ataques, de várias frentes, e Jorge Amado preocupava-se com o futuro. E ele tinha razão. Percebendo-se cada vez mais acuado, o PCB resolveu promover um grande comício, a fim de conclamar o povo a lutar pela existência legal do Partido, que estava em vias de ser considerado ilegal.

Quando chegamos, a Esplanada do Castelo fervilhava de gente, o povo agitava bandeirinhas do Brasil, no maior entusiasmo. Jorge não quis ir para o palanque; preocupado com o meu estado, ficou comigo, encontramos Graciliano Ramos com toda a família. Trocamos algumas palavras e eles se foram em direção ao palanque, pois Graciliano abriria o comício, seria o primeiro orador. Mal começou a falar, ouviram-se tiros e gritos. A confusão generalizou-se. O palanque foi derrubado pelos arruaceiros. Agentes provocadores agrediam os manifestantes, disparavam tiros de revólver na intenção de dispersar a massa e terminar com a manifestação. O povo, no entanto, não se intimidou, reagiu, enfrentou os provocadores. Mas essa resistência foi pouco a pouco liquidada com a entrada da polícia em ação. Armados de revólveres e cassetetes, os policiais batiam a torto e a direito, atingindo inclusive mulheres e crianças. Começaram as correrias. Nós também corremos, refugiamos-nos num bar, de onde podíamos ver, à distância, o campo de batalha. O bar encheu-se rapidamente. Ali se abrigaram também Graciliano, Heloísa e seus filhos, entre os quais Luíza, que mais tarde viria a ser nossa cunhada, pois se casou com James. Estavam extremamente chocados, pois tinham acabado de presenciar o assassinato de uma jovem em adiantado estado de gravidez, por coincidência, Zélia, como eu. Ao tentar fugir, ela fora atingida no ventre por uma bala. Caiu aos pés de Luíza, com quem conversara minutos antes. Morreram ela e a sua criança. Seu nome completo era Zélia Magalhães. Esse foi o último comício legal do Partido Comunista, que teve seu registro eleitoral cassado logo em seguida, a 7 de maio de 1947, data que marcou brutal retrocesso na vida democrática do Brasil. Os dias futuros anunciavam-se sombrios, plenos de ameaças. (GATTAL, 2010, 240-241)

A ativista Zélia Magalhães, morta no Comício da Esplanada do Castelo, foi assim descrita no *Dicionário de mulheres do Brasil* (2000), organizado por Schuma Schumacher e Erico Vital Brasil.

Zélia Magalhães (1926-49)
Ativista política, assassinada pela repressão policial.

Zélia Marques Magalhães nasceu em Ubá (MG) a 9 de janeiro de 1926, filha da trabalhadora doméstica Maria Anselmo Marques e do operário Sebastião Marques. Muito cedo começou a trabalhar, primeiro em um escritório comercial e depois como costureira. Participou da campanha de anistia aos presos políticos e dos movimentos em defesa da liberdade de expressão. Casou-se com Aristeu, jornalista da *Tribuna Popular*, que era, na ocasião, preso político; o noivo teve permissão para sair da prisão no dia do casamento, voltando em seguida.

Era funcionária do quadro do Ministério da Fazenda, lotada no Tribunal de Contas, quando foi assassinada em 16 de novembro de 1949 num comício promovido por militantes comunistas e pela Liga de Defesa das Liberdades Democráticas contra a Lei de Segurança Nacional, na Esplanada do Castelo, no centro do Rio de Janeiro.

No comício, após o pronunciamento da senhora Nuta Bartlet James, presidente do Centro Antifascista da Tijuca, os manifestantes foram dispersados violentamente a tiros pelas forças policiais. Zélia, grávida, e seu marido, Aristeu Magalhães, se retiravam quando, já dentro de um bonde, ele foi arrancado de lá pela polícia. Zélia se interpôs, levando um tiro mortal na carótida quando abraçava seu companheiro para evitar que ele fosse morto.

No livro de ponto da seção onde Zélia trabalhava, o chefe escreveu a seguinte nota na manhã do dia 17 de novembro de 1949: “É com o mais profundo sentimento de saudade que comunico aos funcionários em exercício neste Protocolo o assassinato, ontem, nesta capital, da nossa querida Zélia Magalhães.” Seu enterro foi uma das maiores manifestações de protesto realizadas naquele ano na cidade do Rio de Janeiro. (BRASIL; SHUMAHAR, 2000, p. 609)

Do comício onde Zélia Magalhaes morreu em diante, os políticos ligados ao PCB passaram a correr riscos. Na sequência, o Parecer Barbado foi aprovado, o Partido foi considerado ilegal e os políticos pertencentes ao Partido deveriam ter seus mandatos cassados.

Para piorar ainda mais a situação, o Brasil rompeu relações com a União Soviética, deu-se início ao ataque às organizações de esquerda e decretou-se a caça aos comunistas. James Amado, irmão de Jorge, ao passar pela Cinelândia, no centro do Rio, foi perseguido por manifestantes que o confundiram com o escritor. Sob gritos ameaçadores como “Pega ele! Pega o russo! E vamos te pegar na tua casa, seu russo filho da puta”, James conseguiu fugir ajudado por um desconhecido. Quando percebeu que aquele não era Jorge e sim James, o rapaz, jornalista, deixou o irmão de Jorge Amado em local seguro e partiu para o Palácio Tiradentes, a fim de avisar Jorge Amado que sua vida corria perigo. Assustado, Jorge aceitou a oferta do jornalista, passou rapidamente para buscar Zélia em Copacabana, e partiram os três para a casa do rapaz, que os abrigou naquela noite. Nessa época o casal estava morando lá, em um apartamento de segundo andar. O prédio, ainda em construção, era sem elevador e não tinha luz nos corredores. Era o que eles podiam pagar.

Em meio a toda essa confusão, chegou ao Rio, vindo da Argentina, o poeta Nicolás Guillén, para um recital na Associação Brasileira de Imprensa. Zélia não pode comparecer, pois seu filho estava para nascer.

Jorge saiu depois do almoço, só voltaria após o recital de Guillén, a realizar-se naquela noite de 25 de novembro. Saiu sem saber que eu já sentia os primeiros sinais do parto. Não quis lhe contar. Para que afligi-lo?

Pedi a Nina que me acompanhasse à Maternidade Arnaldo de Moraes, que ficava ali mesmo em Copacabana. Depois de examinada e diante da afirmação do médico de que o nascimento da criança ainda ia demorar um pouco, telefonei para Jorge prevenindo-o de que estava infernada e, mentilhe, dizendo que o parto seria para o dia seguinte: – Não se preocupe, querido... está tudo muito bem... estou ótima! – disse, abafando um gemido. Ao chegar ao hospital, às nove horas da noite – Jorge não assistira ao recital, saíra logo após ter apresentado Guillén –, felicitei-o pelo nascimento de João Jorge, que esperava pelo pai, no berçário, havia mais de uma hora. Para que ele acreditasse que o menino já havia nascido, foi preciso que eu tomasse de sua mão e a pousasse sobre meu ventre vazio. Saiu em disparada para ver o filho.

Na manhã do dia seguinte, recebi a visita do poeta cubano. Desculpando-se por ter me roubado Jorge no momento em que mais eu necessitava de sua presença, declarou-me que, se estivéssemos de acordo, seria padrinho do menino. Nosso compadre Nicolás! Juntos, com ele e comadre Rosa, sua mulher, corremos mundo em viagens maravilhosas. [...].

Meu filho João Jorge nasceu sob o signo da política e da poesia. Não sendo nem político militante nem poeta, possui, no entanto, enorme interesse pela política e toda sua vida tem sido um ato de poesia, um ser feito de generosidade, bondade e amor. (GATTAL, 2010, p. 307-308)

Menos de 40 dias depois do nascimento de João Jorge, em 8 de janeiro de 1948, os mandatos dos parlamentares comunistas foram caçados. Jorge Amado, após reunião com o PCB, decidiu que era preciso deixar o país. Ele acabaria preso, caso teimasse em ficar. Além disso, o Partido acreditava que ele, romancista conhecido, seria mais útil à causa na Europa.

2.8 Exílio

Jorge Amado foi cassado. O autor, comunista, passou a ser considerado inimigo do Estado, tendo seus livros caçados e recolhidos durante batidas policiais em residências. Como consequência, o “material subversivo” produzido pelo escritor sumiu das lojas. Tinha-se medo das consequências e desistir de vendê-lo parecia a atitude mais prudente.

Por isso, ele deveria partir do Brasil o quanto antes, como forma de garantir sua liberdade e, principalmente, sua segurança. Ficou decidido que o escritor partiria antes e Zélia se encontraria depois com o marido. O fato de João Jorge ainda ser recém-nascido, a incerteza do destino e a falta de dinheiro levaram o casal a concluir que esta era a melhor opção. Apesar disto, Zélia se organizou para viajar assim que possível. Enquanto Jorge Amado viajou para a Bahia para providenciar o passaporte, Zélia foi para São Paulo preparar sua documentação e a do filho mais novo. Deixar João Jorge era inconcebível. Ela já havia deixado para trás Luiz Carlos quando partiu para o Rio de Janeiro.

Quinze dias depois, véspera de Carnaval, Jorge Amado partiu no navio Provence, com destino à França. Meses depois, em abril, Zélia embarcou com o filho na segunda classe do navio Argentina, com destino a Gênova, Itália. Coincidentemente, porto de onde partiram os Gattai e os Da Col muito tempo antes.

Depois de uma longa viagem, com passagem por Cabo Verde e Lisboa, onde Zélia pôde desembarcar e conhecer de perto as paisagens descritas por Eça de Queiroz, ela e o filho finalmente reencontraram Jorge Amado no cais da cidade de Gênova. Jorge tinha muitos planos de passeio para eles e, depois de um compromisso político que o autor tinha assumido junto ao Partido italiano – proferir uma conferência em Módena para os operários de uma fábrica –, partiriam em um trem noturno em direção a Roma.

Em Roma, Zélia conheceu muitos dos lugares dos quais ela ouviu falar desde a infância, porém muitos outros só lhe foram apresentados anos mais tarde. O roteiro de visitas foi interrompido pelo convite que Jorge recebeu para participar das festas do Primeiro de Maio em Praga, Tchecoslováquia. Na ocasião, também seria comemorado o terceiro aniversário da libertação tcheca do nazismo.

Essa primeira vez de Zélia Gattai na Tchecoslováquia foi a passeio. Conforme mencionado acima, em maio de 1948, Jorge Amado foi convidado para participar das comemorações do Primeiro de Maio em Praga. Zélia e João Jorge o acompanharam. Nessa primeira viagem, o casal Amado pôde perceber a difícil situação econômica que o país vivia no pós-guerra, com regime de restrições que racionava itens básicos, como sabão, e obrigava a população a se utilizar de tíquetes com cotas para a compra de carne. Frutas e legumes simplesmente não existiam.

Nesta ocasião o casal conheceu a aldeia de Lídice, totalmente arrasada pelas tropas nazistas em junho de 1942:

A destruição de Lídice, em junho de 1942, revoltara o mundo inteiro pela monstruosidade incomensurável cometida pelos nazistas. Toda uma aldeia fora bombardeada, as casas destruídas, os habitantes fuzilados. Não sobrara pedra sobre pedra. Na ocasião, diante de tão hediondo crime, a imprensa brasileira, já liberada da censura que proibira durante anos os ataques ao Eixo, abriu baterias denunciando a bestialidade nazista. Comovido, o povo brasileiro revoltara-se, protestando, solidarizando-se com o povo tcheco. Inúmeras crianças do sexo feminino, nascidas na época do terrível massacre, receberam o nome de Lídice, e até uma cidade do município de Rio Claro, no Rio de Janeiro, o adotou em homenagem à "Cidade Mártir". Também eu me revoltara e sofrera como todo mundo. Agora ali estávamos e me dava conta de que ouvir falar de uma tragédia ou apenas ler sobre ela era muito diferente de vê-la de perto, in loco. A dimensão era outra, muitíssimo maior. Diante de nossos olhos rasos d'água, de nossa angústia, encontrava -se o local do crime: um imenso campo raso, onde antes se erguera a pacata aldeia de Lídice. Espalhados em distâncias irregulares, incados na terra, havia marcos de madeira contendo placas com inscrições explicativas: "Neste local funcionava uma escola"; "Aqui era o hospital"; "Aqui se levantava a igreja"; "Aqui..." Bastava para nos dar a medida terrível, a noção verdadeira do que fora a carnificina.

Por coincidência, naquele dia de nossa visita completavam-se seis anos do desaparecimento de Lídice. Muita gente – alguns parentes dos desaparecidos e imensa multidão solidária – percorria o infindável campo e, num gesto comovente, espalhava flores sobre a terra nua. Ônibus chegavam trazendo classes inteiras de alunos acompanhados de professoras que lhes davam uma aula ao vivo sobre a tragédia da guerra. Um grupo de pessoas se aglomerava mais adiante, no local onde se ergueria mais tarde um museu. Numa pequena vitrine, debaixo do vidro, uma folha de papel com o histórico do crime. Uma professora lia em voz alta para os alunos que, em silêncio, prestavam atenção. Kuchválek nos traduziu o resumo: em 1942, patriotas tchecos, não suportando mais a opressão e as atrocidades cometidas pela polícia nazista comandada por Heydrich, tomaram a decisão de eliminá-lo e conseguiram fazê-lo.

Na feroz caça aos responsáveis pela morte do chefe, a Gestapo fora informada de que os executores vinham da região de Kladno, provavelmente de Lídice. Enfurecidos, na ânsia de represália, prenderam, indiscriminadamente, cerca de duzentos habitantes da aldeia, talvez entre eles encontrassem o responsável ou quem desse informações. Torturados para que confessassem, nada confessaram, ninguém delatou ninguém, de nada sabiam, eram inocentes. Impotentes diante dos resultados negativos, os hitleristas fuzilaram a todos. Por ordem direta de Hitler a aviação nazi bombardeou a aldeia, casa por casa, e metralhou, em voos rasantes, os habitantes que, desesperados, tentavam fugir dos bombardeios em meio aos escombros. De Lídice não sobrou absolutamente nada, ninguém.

Esse seria meu primeiro choque, diante dos fatos que começavam a dar-me a dimensão precisa da bestialidade nazista e do horror da guerra. (GATTAL, 2009, p. 82-83)

Durante a estadia do casal na Tchecoslováquia, foi proposto a Jorge Amado que eles permanecessem um pouco mais que o previsto, a fim de que o escritor viajasse por todo o país. Era, sem dúvida, uma excelente oportunidade para conhecerem melhor como realmente funcionava um Estado socialista. Passado

pouquíssimo tempo, Jorge foi convocado para um encontro de escritores, cientistas e artistas em Varsóvia, a fim de que se estabelecessem bases para a realização de um congresso mundial de intelectuais pela paz. O casal seguiu para o local e, na Polônia, Zélia se deparou com horrores ainda piores do que em Lídice.

Em *SDB*, ela relata que:

Apenas uma parte do Hotel Bristol, o único de Varsóvia, onde nos hospedamos, ficara de pé. A outra fora destruída, queimada. Sentia-se ainda no quarto um longínquo cheiro de fumaça. Varsóvia era só ruínas.

Ao visitar Lídice eu pensara ter visto tudo de que era capaz o bestialismo nazista. Pensara também saber tudo sobre a destruição de Varsóvia, – sobre o gueto, onde milhares de judeus haviam sido esmagados: lera nos jornais, vira documentários cinematográficos da época. Enxugara as lágrimas e procurara consolar amigos judeus. Andando agora pelas ruas de Varsóvia, onde não restara uma única casa inteira, entre escombros, eu me dava conta de que não sabia nada. No meio da terrível destruição, todos os recantos que restaram eram aproveitados para abrigar as pessoas que não tinham teto: onde sobraram três paredes cobertas, ali habitava alguém; às vezes essas três paredes e o teto se localizavam num segundo ou terceiro andar, sustentados por colunas e vigas, embaixo tudo vazado. Da rua via-se o movimento dos viventes dessas precárias habitações, cozinhando, lavando, levando a vida como se estivessem numa casa de portas fechadas. Pelas ruas transitavam aleijados, mutilados de guerra, tantos como nunca eu imaginara ver: gente de muletas, sem pernas, sem braços, sem olhos, rostos deformados... Todos eles atarefados, dando sua contribuição na remoção dos entulhos, num trabalho sem fim.

Para os que chegassem de outros países era indispensável, obrigatória, uma visita ao gueto de Varsóvia, ninguém podia deixar de ver a que ponto chegara a crueldade nazista. Durante a guerra, naquele bairro que fora cercado de correntes, os judeus haviam sido isolados, marginalizados, ali não entrava ninguém que não fosse judeu, dali nenhum judeu saía vivo. Milhares de homens, mulheres e crianças, relegados à condição de animais, sem possibilidade de sobrevivência, padeciam, aglomerados no gueto infecto.

Em 1943 os judeus se levantaram numa rebelião heroica e suicida. Como represália, o bairro inteiro foi arrasado pelos comandados de Hitler, restando, do gueto, apenas ruínas: ensaio para a destruição de Varsóvia, após o levante geral, em 1944, quando morreram 200 mil poloneses. Junto aos nossos pés, misturada a fragmentos de óculos, dentaduras e bonecas, havia uma chupeta descorada, suja. Jorge e eu nos entrelhamos, algumas pessoas choravam; uma angústia imensa me invadiu, angústia e revolta. Revolta que fortaleceu a minha decisão, inabalável, de lutar contra a guerra e pela paz entre os homens, contra toda e qualquer discriminação racial. (GATTAL, 2009, p. 108)

Após a chegada a Varsóvia, vários encontros entre Jorge Amado e outros intelectuais aconteceram e, a partir destes primeiros contatos, planejou-se o I Congresso de Intelectuais pela Paz Mundial, também conhecido como Congresso de Wroclaw.

Não havia como Zélia acompanhar Jorge desta vez. Os hotéis em Wroclaw estavam lotados e era impossível hospedar uma mulher com uma criança de sete

meses. Ficou acertado que Zélia ficaria nas montanhas, em Wisla, numa casa do Partido Polonês, até o final do Congresso. Ao chegar ao local ela descobriu que, na verdade, se tratava de uma casa de repouso que abrigava ex-prisioneiros dos campos de concentração. “Ao vê-las, lembrei-me dos documentários cinematográficos a que assistira logo após o término da guerra, sobre os campos de concentração e suas vítimas. Nunca imaginara que um dia iria ver algumas tão de perto e conviver com elas sob o mesmo teto”. (GATTAI, 2009, p. 119)

Na casa de repouso Zélia conheceu Monika, sobrevivente de um campo de concentração. Da moça de origem judia a escritora, ouviu relatos terríveis sobre morte, fome, miséria e desespero.

Depois de algum tempo na casa de repouso, era hora de Zélia reencontrar Jorge, que há dias não via por conta do Congresso pela Paz. Tinha sido explicado anteriormente que ela e João Jorge teriam passagens de avião pagas de Katowice, para onde deveriam ir após o final do Congresso, e Varsóvia, onde encontrariam Jorge. Na hora da partida Zélia descobriu que, na verdade, as passagens de avião nunca existiram, já que era impossível pousar aviões naquela área totalmente destruída pela guerra. Quando soube que ela e o menino viajariam de trem, Zélia apavorou-se: a viagem de ida, de Varsóvia até Katowice, na Silésia, havia sido terrível. Dentro de um vagão imenso e sombrio, cheirando a fumo e mofo, haviam passado a noite. Estes trens, já desativados, haviam sido recolocados em uso, já que a guerra havia destruído os melhores. Depois de uma experiência horrível, espremidos dentro de uma cabine mista, com desconhecidos, o que Zélia menos queria era andar novamente de trem, ainda mais sozinha com o menino, já que Jorge Amado estava em Varsóvia. Mas não havia outro jeito, e lá se foram os dois, alta madrugada, num frio cortante, para a estação deserta, destruída pela guerra. Mas uma maravilhosa surpresa acalentou o coração de Zélia. Segundo D. Angelina, Zélia Gattai havia nascido predestinada, com uma estrela, e tinha muita sorte. Nesta noite gelada, ao embarcar no trem de volta a Varsóvia, Zélia passou a acreditar na teoria de sua mãe.

Vi logo, mesmo antes de entrar no vagão, que esse trem nada tinha a ver com aquele outro, da vinda. Tratava-se de um comboio de luxo. Cabine toda acolchoada de veludo vermelho, com abajures dourados cheios de pingentes de cristal. Certamente um trem muito antigo, reservado a príncipes e a barões, em priscas eras, havia muito desativado e posto novamente em serviço após a guerra. Cabine só para mim, que conforto! Que luxo! Não

teria companheiros de viagem. Dormiria afundada entre cochins escarlates e macios, ouvindo o delicado tilintar dos pingentes de cristal, como se fosse uma fidalga da belle époque... (GATTAI, 2009, p. 134)

Na chegada a Varsóvia, Zélia teve que se virar sozinha. Não havia carregadores no local e o companheiro não estava lá para esperá-los. Criança num braço, mala em outro, sacola das fraldas no pescoço, lá foram os dois em busca de um táxi que os levasse até o hotel Bristol, onde finalmente reencontraram Jorge.

A família ainda permaneceu algum tempo na Polônia e pôde acompanhar de perto a repercussão da morte de Andrei Jdanov¹⁵, pai intelectual das teorias de exaltação ao realismo socialista, que serviram de base a inúmeras violências praticadas contra músicos, artistas, escritores, ou qualquer outro que se opunha ao pensamento stalinista. Após alguns dias, era chegada a hora da partida, e Zélia, ao relembrar a visita ao campo de concentração de Auschwitz, mescla tempos verbais de passado e presente, mostrando-se ainda chocada com o que presenciou, mas feliz com a espera de uma nova Polônia que se reerguia.

Eu ouvira dos lábios de Monika, uma das vítimas de Auschwitz, histórias de arrepiar, mas, assim mesmo, a visão do campo deixou-me arrasada! Continuo afirmando, cada vez com maior convicção, que as coisas vistas pelos próprios olhos adquirem uma outra dimensão, a verdadeira. Chorei diante das montanhas de chupetas e de mamadeiras. A câmara da morte, onde o gás matara por asfixia milhões de inocentes, cortou-me a respiração. Voltei de Auschwitz doente e angustiada. Felizmente, em Varsóvia participamos de outros programas: visitamos escolas novas e creches onde crianças bem-cuidadas riam e brincavam; fomos a uma cooperativa agrícola onde os camponeses trabalhavam com entusiasmo, as árvores cobertas de frutos, os campos verdes, cultivados. A remoção de entulhos e a reconstrução da cidade eram uma constante. O tempo da morte terminara, ficara para trás, a vida renascia. Sobre tanta desgraça, pairava a esperança de um futuro melhor. Para isso – mulheres e homens, velhos e moços – trabalhavam, trabalhavam sem cessar, sem medir sacrifícios. Pude testemunhar, naquele ano de 1948, a esperança que se erguia sobre os escombros da guerra e a força imensa do povo da Polônia. (GATTAI, 2009, p. 146-147)

Após a saída de Varsóvia, a família seguiu rumo à França, onde haviam decidido fixar residência, já que os planos iniciais de morarem na Itália haviam sido abortados, por causa da vitória, nas eleições parlamentares ocorridas na época, da Democracia Cristã, partido contrário ao Comunismo.

¹⁵ “Andrei Jdanov (1894-1948) foi o poderoso encarregado das questões de ideologia e cultura do Partido Comunista da União Soviética, no auge do stalinismo. [...] Sua carreira na burocracia do partido é ‘exemplar’. Responsável pela defesa de Leningrado, foi considerado, depois da guerra, o delfim de Stalin”.

A primeira moradia de Zélia Gattai no exílio foi o Grand Hôtel Saint-Michel, um modesto hotel de cinco andares, sem elevadores, com duas privadas para os oito quartos de cada andar e um único banheiro. Eles ocuparam um quarto e sala no primeiro andar. Foi graças ao amigo Carlos Scliar que Madame Salvage hospedou a família, já que o hotel vivia lotado, devido à conveniência de preço.

“Trata-se de um escritor famoso”, dissera Scliar. Diante das credenciais do novo hóspede, sensível às letras e às artes, Madeleine Salvage reservou-lhe o melhor aposento de seu imóvel, quarto amplo, de frente, com pia e bidê, nas proximidades da privada, uma única por andar. (GATTAI, 2009, p. 42)

O hotel Saint-Michel parecia estar localizado no Brasil, dada a quantidade de moradores brasileiros que ali moravam. O português era sem dúvida a língua oficial do local. Até um médico hindu, de Goa, o Dr. Silva, falava nossa língua. Certa vez, Dr. Silva, pediatra, aliviou o coração de Zélia. João Jorge acordara queimando em febre e fora atendido por um médico francês, que cobrou muito caro e diagnosticou o menino com pneumonia (Madame Salvage, no momento do diagnóstico, fuzilou Zélia com os olhos. Era claro que a doença tinha sido causada pelos banhos, diários e desnecessários que a família Amado tomava. Ela já tinha avisado que muitos banhos eram prejudiciais à saúde!). O tal médico francês tentou um tratamento alternativo com ventosas que não deu certo. Aflita, Zélia estava saindo do hotel em busca de uma farmácia para comprar algum remédio para o bebê quando cruzou com o Dr. Silva. O médico estranhou a mãe sozinha, já que a mesma estava sempre com o filho. Ela, então, explicou que o menino estava doente e Dr. Silva se ofereceu para vê-lo. Não era pneumonia, eram os dentes. Dr. Silva acertou o diagnóstico e não cobrou nada pela consulta.

Com o tempo, Zélia percebeu que tinha facilidade com o francês e descobriu por meio de Henda da Rocha Freire, bolsista brasileira em Doutorado na França, que a Sorbonne oferecia um curso de civilização francesa para estrangeiros. Matrícula feita, Zélia tinha aulas na universidade três manhãs por semana.

No entanto, logo ela percebeu que era impossível dar conta da casa, do menino e, ainda por cima, estudar. Resolveram, então, contratar uma empregada e foram, acompanhados por Scliar, a uma agência de empregos. Na chegada, foram destratados pela responsável pelo lugar, que entendeu que os estrangeiros estavam buscando emprego. Aos berros a atendente os acusava de estarem tentando roubar

o lugar dos franceses, a chance que estes teriam de trabalhar. Scliar, enfurecido, explicou que eles estavam procurando empregada, e não emprego, e que aquele homem ali, de pé, era um importantíssimo escritor brasileiro. Mal entendido desfeito, a mulher soube que eles eram hóspedes de Madame Salvage, sua velha conhecida. Disfarçadamente – ela acreditava que sim, mas seus “visitantes” a ouviram falar com Madame Salvage – buscou, via telefone, referências dos três que ali estavam. Referências checadas, saíram do local com a promessa de que, no dia seguinte, Francine, a melhor empregada do local, iria procurá-los.

No dia seguinte, para surpresa de Zélia, se apresentou bem cedo no hotel outra empregada, Jacqueline. Questionada, a moça explicou que, pela ordem da fila, o emprego tinha que ser dela, e não de Francine. Loira, gorda, alsaciana¹⁶, Jacqueline fez poucas exigências. Ao contrário da candidata anterior, ela dizia que não gostava de sair à noite e que, por isso, não precisaria das noites de folga que Francine havia pedido. Com a chegada da empregada, sobrou mais tempo para Zélia, que pôde se matricular em outro curso na Sorbonne, agora de fonética da língua francesa.

A empregada parecia ter sido uma ótima aquisição. Ela só tinha um problema; irritava-se muito quando não podia sair com João Jorge. Segundo ela, “Chon”, como ela o chamava, marcando seu acento germânico, precisava brincar, tomar sol, e, quando não era possível sair com ele, em dias frios ou chuvosos, por exemplo, a empregada ficava bastante chateada. Zélia jamais desconfiou da necessidade das saídas diárias de Jacqueline, até que um dia tudo foi veio à tona:

Como de hábito, saí naquele dia logo depois do almoço, para assistir à minha aula de Fonética. Ao chegar à escola, no entanto, tive a decepção de encontrar a porta da sala de aula trancada. Fiquei sem saber a razão daquele feriado – ou seria greve? – e tratei de voltar para o hotel. O dia frio e úmido convidava a ficar em casa. Jacqueline não parecia ser da minha opinião, pois encontrei-a já de saída, toda formosa. Com seu casaquinho de coelho, sentado no carro, João estava abraçado ao macaco de pelúcia que ganhara de Merícia Lemos, senhora portuguesa que conhecêramos na casa dos Estrela. Pendurado no carrinho, um saco repleto de brinquedos. Embora surpresa e, sobretudo, desapontada com a minha inesperada presença no hotel, Jacqueline não quis, no entanto, encomprar conversa, estava com pressa e não escondia: “Chon precisa apanhar um pouco de ar no Luxemburgo, pobre criança, tão pálido...” Foi dizendo e foi saindo porta afora.

¹⁶ O alsaciano é um dialeto alto-alemânico do alemão, falado na região da Alsácia, na França, junto à Alemanha. Os seus falantes são descendentes do povo germânico dos Alemanos e a sua região pertenceu, durante alguns períodos históricos, à Alemanha; durante outros, à França. Neste momento, o alsaciano perdeu muito terreno, nos centros urbanos, para o francês, a língua oficial, mas nas zonas rurais ainda é frequentemente falado, principalmente pelos mais idosos.

De pulga atrás da orelha, raciocinei: "Pra que diabo ela vai levar tantos brinquedos para o Luxemburgo? E por que essa pressa toda?" Resolvi segui-la.

Jacqueline descia, ligeira, a rue Cujas e eu atrás. No virar da esquina, no boulevard Saint-Michel, um *zazou* a esperava.

Naquela época, depois da guerra, surgira uma quantidade enorme de jovens excêntricos, desencantados da vida, sem perspectivas, sem ânimo para estudar nem para trabalhar, sem vontade de nada. Caracterizavam-se pela maneira de vestir: usavam enormes paletós, largos e compridos, quase nos joelhos, calças de cano estreito, barba sempre por fazer, longos cabelos em desalinho. Eram os existencialistas, apelidados de *zazous*. Esses existencialistas abundavam na *rive gauche*, sobretudo em Saint-Germain-des-Prés. Na esquina de Cujas com Saint-Michel, como já disse, encontrava-se, naquela tarde fria e escura, um *zazou* à espera de Jacqueline. Ao vê-lo, João estendeu-lhe os bracinhos com a intimidade e a afeição de um velho amigo, amigo de muitos encontros. Jacqueline e o jovem se beijaram e se abraçaram ardorosamente; depois ele retirou João do carrinho, cobriu-o também de beijos, atirou-o ao ar repetidas vezes. A cada subida ao céu e a cada aparada no ar, João explodia em gostosa gargalhada e meu coração quase estourava de horror. Finalmente o menino foi colocado novamente no carro.

Grudados num abraço entrelaçado, o casal atravessou o boulevard e entrou pela rue Monsieur le Prince. Andavam rápido, tinham pressa, quase impossível alcançá-los. O Luxemburgo ficara havia muito para trás. Eles entravam e saíam por ruas estreitas em direção ao Sena, eu podia divisar, ao longe, os *bouquinistes* na margem do rio. Ao passar em frente a um bar, ele entrou e, ao sair, trazia na mão uma garrafa de vinho. Por fim pararam diante de uma velha casa; tocaram a campainha. Enquanto esperavam que lhes abrissem a porta, voltaram aos beijos e aos abraços, esquecendo-se de João que se pusera de pé no carro, solto e livre, equilibrando-se num *cai-não-cai*... Corri e apanhei-o, antes que se esborrachasse no chão.

Ao ver-me, Jacqueline se assustou, empalideceu. Tentou dizer algo, gaguejou, não conseguiu. Eu também não lhe disse nada, controlei-me. Sentei meu filho no carro, dei meia-volta e regressei ao hotel, deixando-a lá plantada.

Ao saber das peripécias daquela tarde Jorge se divertiu, achou a história ótima, reclamou detalhes.

Eu não tinha outros detalhes a lhe fornecer. Nem por isso Jorge se apertou: inventar detalhes era com ele. Telefonou para Jacques, que viesse ao Saint-Michel com urgência, e apenas o jovem cientista chegou, Jorge lhe disse, apontando João:

– Você está vendo esse sujeito aí? É o mais célebre voyeur de Paris. Passa as tardes num *rendez-vous* assistindo aos embates da babá com um *zazou*.

– E passou aos detalhes...

Terminou assim a curta temporada de Jacqueline em nossa casa. Terminaram também as movimentadas tardes de João, que, se soubesse falar, poderia, quem sabe, confirmar tudo o que o pai inventara. (GATTAI, 2009, p. 176-177)

Madame Salvage, indignada com a história, ligou para a agência. Mandaram Francine. Boa empregada, a jovem mantinha o menino sempre limpo, bem vestido. A situação ficou boa para todos. Zélia precisava de alguém de confiança. Francine precisava trabalhar.

2.9 União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS)

Em 1948, Zélia e Jorge Amado visitaram a União Soviética pela primeira vez, a convite da União dos Escritores Soviéticos. Felicíssima, Zélia estava prestes a realizar um de seus grandes sonhos: conhecer o berço do pensamento socialista. Chegando a Moscou, o casal ficou hospedado em um hotel de frente ao Bolshoi. Já na chegada, ela percebeu uma característica curiosa, relacionada ao vestuário das pessoas. Como a população não tinha acesso a padrões de moda do mundo capitalista, se vestia como achava conveniente e, principalmente, como achava bonito, sem se preocupar com figurinos impostos.

Nessa viagem o casal pôde conhecer o mausoléu de Lênin. Já tinham se passado 24 anos da morte do líder soviético, mas, mesmo assim, duas vezes por semana se formavam filas gigantescas no Kremlin. Centenas de pessoas queriam vê-lo. Vladimir Ilitch Ulianov, conhecido pelo mundo como Lênin, foi o grande líder da Revolução de 1917.

Nesse dia, na fila para visitar o mausoléu, Zélia viu a neve pela primeira vez. Em *SDB* ela narra, com emoção, tanto a neve que caía, deixando a Praça Vermelha completamente branca, quanto a visão de Lênin, embalsamado, dentro de uma redoma de vidro, punho cerrado, sobre o coração.

O dia estava escuro, o céu, de tão baixo, quase o tocávamos. O que seria, o que significava aquela fila sem fim, surgida diante de nossos olhos? Mais parecia um carreiro de formigas em marcha lenta, ao longo do gigantesco paredão avermelhado a circundar o Kremlin. As pessoas, homens e mulheres, roupas escuras, bem agasalhadas, caminhavam pacientemente até chegar a sua vez de ver, por instantes, o líder bem-amado, Vladimir Ilitch Ulianov. Havia 24 anos, desde a morte de Lenine, que essas filas se formavam duas vezes por semana, quando as portas do mausoléu eram franqueadas ao povo.

Max¹⁷ tratou de nos tranquilizar, não precisávamos entrar na fila, éramos hóspedes estrangeiros, com direito a furar fila, coisa que, aliás, muito nos constrange, sempre que somos obrigados a fazê-lo.

Fascinados pela Igreja de São Basílio, que divisávamos ao longe, levantada na outra extremidade da praça, tivemos desejo de vê-la de perto, antes de entrar no mausoléu. O antigo templo bizantino ortodoxo, que nos deslumbrara pela sua forma e por seu colorido, estava necessitando de melhor conservação, precisava ser restaurado com urgência. Comentamos isso com Max e ele prontamente respondeu: — Restaurar? Pra quê? Se todos pensassem como eu, esse símbolo do feudalismo e da superstição já

¹⁷ Max foi o intérprete contratado para acompanhar o casal em sua primeira visita à URSS.

teria sido destruído. Mas existe quem se oponha, não entendo por quê. Assim sendo, vamos deixar que o tempo se encarregue de fazer o serviço. Estatelados, nem podíamos acreditar no que ouvíamos. Max continuou sua arenga contra o maravilhoso templo, parecia querer desculpar-se e desculpar o Governo soviético pelo fato da igreja ainda permanecer de pé.

Jorge ficara uma fera:

— Se você ama realmente sua pátria e o regime soviético, nunca mais repita essa bobagem!

Diante da veemência da resposta de Jorge e de nossa indisfarçável revolta, Max fechou a cara e calou-se. Creio que naquela hora nos considerou reacionários empedernidos, possivelmente a serviço do Padre Eterno.

Caminhávamos em direção ao mausoléu, quando, de repente, me senti envolvida por uma nuvem de mosquitos miúdos e atrevidos a picar meu rosto. Coisa mais estranha! Que novidade era aquela? Mosquitos naquele frio todo? Tratava de afastá-los com a mão, quando me dei conta de que não espantava mosquitos e sim a neve que começara a cair ainda timidamente e em seguida em rajadas desencontradas, os flocos aumentando de tamanho. Examinei um floco que pousara isolado em minha luva: uma estrela, sem tirar nem pôr, verdadeira obra de arte, recortada simetricamente, como se fosse feita com esquadro e compasso

Em poucos minutos toda a Praça Vermelha tornara-se branca, as estrelas de rubi nos picos das torres do Kremlin ficaram matizadas. Eu via a neve pela primeira vez e estava deslumbrada.

O povo, na interminável fila, nem se abalara com a neve que desabava, prosseguia em sua lenta e longa marcha, seus agasalhos escuros pintalgavam-se de branco. O povo também não ligou ao ver-nos chegar e entrar no mausoléu, passando à frente de todo mundo. Foi só Max dizer umas palavras ao guarda, mostrar-lhe a credencial da União de Escritores, para receber em troca uma continência, um amável pajalsta!, a mão estendida indicando-nos a entrada.

Um silêncio profundo fez-me pensar na frase feita: "silêncio sepulcral". Uma luz morta de velório, apenas um foco a iluminar o rosto de Lenine. Embalsamado, numa redoma de vidro, no centro do salão, o chefe da Revolução de Outubro parecia estar apenas adormecido, o punho cerrado sobre o coração. As pessoas passavam, circundavam a redoma, olhos fixos no líder, emocionados, alguns num pranto abafado, sentido, como se ele houvesse acabado de morrer. Eu também me emocionei.. Fora, no paredão do Kremlin, atrás do mausoléu, encontravam-se os restos mortais de vários heróis da União Soviética. (GATTAI, 2009, p.178-179)

Ainda em Moscou, Zélia e Jorge receberam um convite de Alexandre Fadeiev. Eles estavam sendo convidados a embarcar, dentro de uma semana, para a Geórgia, mais precisamente para Gori, cidade natal de Stálin, onde aconteceriam os festejos pelos seus 69 anos. Zélia alegrou-se com o convite, mas a saudade dos filhos a corroía. Luiz Carlos estava no Brasil e João Jorge, nos Altos Pirineus, cuidado pela amiga Missete. Ela teve vontade de declinar do convite, mas acabou decidindo-se por prolongar a viagem, indo até a Geórgia.

A caravana, composta de vários automóveis, partiu assim que o dia clareou. Talvez até tivéssemos achado a viagem curta, não fossem as péssimas condições da estrada, estreita, escorregadia, o carro derrapando a toda hora...

O Prefeito de Gori, acompanhado de colcosianos e de personalidades locais, nos recebeu efusivamente, cumulando Jorge de atenções. Único escritor estrangeiro presente às comemorações, era um dos convidados de honra.

A primeira parte do programa constava de uma visita à casa onde Stálin nascera. Casa humilde de trabalhadores, pequena. Sobre ela fora levantada outra casa com bastante espaço para o museu que lá funcionava.

Stalinistas ardorosos e sinceros, emocionamo-nos ao ver o bercinho onde Stálin dormira, as fotografias de seus pais, as de sua infância e juventude, penduradas nas paredes... Encontrava-se também no museu a velha máquina impressora usada por Stálin na clandestinidade. Ela fora retirada do fundo de um poço onde o jovem revolucionário, escondido das perseguições, imprimia folhetos e manifestos subversivos.

A revelação da clandestinidade de Stálin, refugiado no fundo de um poço, a presença da máquina impressora ao alcance de nossas mãos, nos tocou profundamente. Educados no amor incondicional ao "Guia Genial", acreditávamos nele, pia e cegamente. (GATTAI, 2009, p. 265-266)

Em Gori, Jorge deveria fazer um discurso em homenagem a Stálin. Ao chegarem ao local, Zélia apavorou-se. O teatro estava completamente lotado e o “camarada Amado” não tinha a menor condição de fazer um discurso. Antes de chegarem ao local, o grupo do qual o casal estava fazendo parte, ao sair da casa de Stálin, tinha parado para almoçar, um almoço tipicamente russo, regado a muita comida, muita vodca e, para completar, muito vinho, já que a região era famosa na produção de vinhos. Jorge Amado, passado o exagero de comida e bebida, começou a dormir profundamente assim que entrou no teatro. Zélia, preocupada, o cutucava a cada instante. Ele acordava e dormia de novo, esperando sua vez de falar. Quando chegou sua vez, Jorge subiu ao palco ovacionado. Seu discurso era pequeno, havia sido escrito pouco tempo antes e seria lido por ele em português, enquanto uma atriz fazia simultaneamente a tradução para o russo. Jorge subiu ao palco, mãos no bolso à procura do discurso e, para o desespero de Zélia, as mãos do marido saíram dos bolsos vazias. Ele estava sem o papel. Mesmo assim, começou. Ele, com voz firme, falava, e a atriz traduzia. O que ele estava falando, no entanto, não era o que estava escrito no papel, que ele perdera, mas o que ela traduzia era. A atriz teve acesso ao discurso antes e a tradução já estava pronta. O público, emocionado com a fala do escritor brasileiro homenageando o filho mais ilustre de Gori, acompanhado pela *performance* belíssima da atriz, aplaudia freneticamente, sem notar o improviso.

O casal, após um mês, despediu-se da União Soviética, extremamente marcado por tudo que viu e ouviu.

Nesse mês e tanto na URSS aproveitáramos bastante, víramos mil coisas. Assistíramos aos principais espetáculos dos teatros de Moscou. O teatro de marionetes nos agradara tanto que até voltamos uma segunda vez na companhia de Varela. O mesmo acontecera com o balé folclórico e popular russo no Teatro do Exército Vermelho, cujos dançarinos pertencem aos quadros do Exército Soviético. [...]

Visitáramos fábricas, escolas, creches, bibliotecas, museus e, sobretudo, tivéramos bastante contato com intelectuais, artistas e gente do povo; vimos coisas extremamente positivas que nos foram mostradas no correr daqueles dias. Não vimos coisas negativas nem acreditávamos que elas pudessem existir. Certos detalhes, como, por exemplo, o grande número de gente embriagada e de pequenos ladrões, não chegaram a nos impressionar. Talvez não quiséssemos sequer pensar que existiam coisas negativas.

Quanta coisa tínhamos para contar aos amigos que nos esperavam ansiosos em Paris! Mais tarde – quando? – contaríamos também aos parentes e amigos que, no Brasil, deviam estar acompanhando passo a passo a nossa viagem. Regressávamos mais convencidos do que nunca da necessidade de paz no mundo; reforçados em nossa confiança no socialismo. (GATTAL, 2009, p. 296-297)

Antes de retornarem a Paris, o casal ainda passou por Stalingrado. Estavam-se comemorando os seis anos da vitória do povo soviético sobre o VI Exército Nazista. Durante a estada no local, Zélia admirou-se com a avançada reconstrução da cidade, que havia sido totalmente arrasada durante a guerra. Curiosa, ela foi buscar uma explicação para o que acontecia e ouviu de um engenheiro que muitos operários que trabalhavam na reconstrução, homens fortes e que trabalhavam muito bem, eram prisioneiros alemães, que, ao invés de serem mantidos encarcerados ou de terem sido mortos, foram colocados para reconstruir o que haviam destruído: “Stalingrado estava sendo reerguida sobre os escombros – não encontravam meios de removê-los – aplainados por possantes máquinas e pela força do homem. O espetáculo era de vida, não de morte.” (GATTAL, 2009, p. 299)

Ao final da viagem, o casal Amado seguiu de volta a Paris, carregado de latas de caviar, talheres de *vermeil*, agasalhos de frio, duas joias e presentes para os amigos da Europa e do Brasil. Jorge Amado havia vendido os direitos autorais de *São Jorge de Ilhéus* por 25 mil rublos, uma pequena fortuna, que deveria ser obrigatoriamente gasta em território soviético. Chegaram a Moscou com duas malas pequenas e estavam saindo com seis, enormes. Embarcaram em um voo direto para Paris, que, devido ao mau tempo, desceu em Kiev, na Ucrânia. Como o tempo não melhorou, o casal decidiu sair de Kiev com destino a Praga, de onde embarcaria para Paris. Viram-se, porém, numa situação complicada, já que em Praga deveriam embarcar num outro avião, com destino a Paris, e despachar as seis malas enormes. O excesso de bagagem seria cobrado, claro, e eles não tinham como

pagá-lo, estavam sem dólares ou coroas tchecas. Resolveram embarcar em um trem que passaria pela fronteira entre a Tchecoslováquia e a Alemanha, ocupada pelos americanos. Para passarem por ali, existia necessidade de um visto emitido pelo consulado americano em Praga. Os vistos foram solicitados. O visto de Zélia foi concedido; o de Jorge, negado. Ela viajou sozinha de trem, transportando as seis malas; ele foi de avião.

Pouco tempo após o retorno a Paris, o casal teve uma triste surpresa: haviam sido expulsos da França.

2.10 Dobris

Conforme já exposto, Jorge Amado e Zélia Gattai foram pela primeira vez a Tchecoslováquia a passeio. Voltaram para Paris felizes, impressionados e com planos de ainda permanecerem na cidade. A França, entretanto, não queria mais comunistas em solo francês. Eles passaram a ser considerados inimigos do Estado e foram expulsos. Como não tinham opções, a solução encontrada foi aceitarem o convite da União de Escritores Tchechos e se instalarem no Castelo dos Escritores, em Dobris, cidadezinha próxima a Praga.

Sem tempo para arrumar a mudança, a família partiu com o essencial e deixou a amiga Missete responsável por organizar e despachar o resto. Ela seguiria de trem, e continuaria a viver com os Amado. Já havia mais de um ano que ela cuidava de João Jorge e era como um membro da família. A ideia era boa, mas não deu certo. Missete teve seu visto negado. Em represália ao governo francês, que estava negando vistos aos seus cidadãos, a Tchecoslováquia também não estava emitindo vistos a cidadãos franceses, e Missete não teve permissão para acompanhar a família.

Quando desembarcam em Praga, Jorge, Zélia e o filho foram recepcionados pelos amigos Jan Dda e Kuchválek.

Hóspedes da União de Escritores Tchechos, fomos recebidos no aeroporto, em Praga, por um grupo de escritores, entre eles Jan Drda, nosso amigo e Presidente da entidade. Kuchválek, companheiro desde a primeira visita à Tchecoslováquia, nosso tradutor, também lá estava, firme. Mesmo antes de irmos para o hotel, Jorge apresentou-lhes o problema de Missete, e ficou

acertado que a União de Escritores cuidaria do assunto. (GATTAL, 2009, p. 4)

O castelo – ou *Zámek*, em tcheco – era uma construção antiga, de propriedade dos príncipes Coloredo-Mansfeld. Durante a guerra, os príncipes permaneceram no castelo, dividindo-o com invasores nazistas, porém, quando souberam que o governo socialista havia destinado o castelo aos escritores, que poderiam utilizar o local como moradia ou como lazer, os príncipes partiram. A proposta do partido aos nobres, de ocuparem apenas uma ala do castelo, não foi aceita.

Nos finais de semana, o local ficava cheio de visitantes, pois muitas famílias de escritores, artistas e políticos o utilizavam. Kuchválek, amigo pessoal de Jorge e Zélia, passava os finais de semana no castelo. O professor gostava muito de João Jorge e, com ele, o menino aprendia a falar tcheco. Certa vez, inclusive, o pequeno chamou a atenção dos passageiros de um ônibus na Morávia, local onde a família passou o primeiro Natal desse segundo exílio. Dentro do transporte, João estava sentado distante dos pais por não haver espaço próximo, e Zélia e Jorge, encabulados, só ouviam sua vozinha contando, em tcheco: “Eu sou um menino brasileiro exilado”...Ouviram-se ahs! e ohs!. “Meu pai é um escritor...minha mãe tem uma bicicleta com banquinho para mim” [...]. (GATTAL, 2008, p.42)

Alguns escritores utilizavam-se do local somente no inverno. Com um sistema de calefação central, muito útil num local onde as temperaturas são extremamente baixas, era uma excelente opção se instalar no castelo, já que o carvão para residências era escasso, racionado.

Aos poucos a família se adaptava. A língua oficial do castelo era o tcheco, claro, e Zélia passou a se dedicar a aprender frases indispensáveis e palavras importantes para se relacionar com os outros moradores do local. *Pane Amadova*, como era chamada, conheceu no castelo um escritor tcheco, de livros infantis, que devia ter por volta de 80 anos. Durante a juventude, o escritor residiu em Paris, fato que lhe garantia um excelente francês. Era a ele que ela recorria quando precisava tirar alguma dúvida.

Com situação financeira melhor, já que Jorge Amado tinha alguns livros sendo publicados na Tchecoslováquia (reconhecido nas ruas, era parado para apertos de mão e autógrafos), o casal mantinha Misette na França – meses haviam se passado e o visto continuava sendo negado – e ainda conseguia economizar, mas sem poder comprar nada, já que não havia quase nada disponível para venda.

O país sofrera o peso da guerra, da ocupação nazista... Mas a França também acabara de sair da guerra e da ocupação nazista e, no entanto, lá encontrava-se de tudo. Em troca, argumentávamos, a França não realizava uma transformação política e social profunda como acontecia na Tchecoslováquia, que escolhera a via de desenvolvimento socialista. Era preciso analisar a situação à luz dos interesses das classes trabalhadoras e compreender que a construção de uma sociedade justa exigia sacrifícios. Fazia-se necessário, pois, ter compreensão e paciência, sobretudo muita paciência, e colaborar com o governo, pois não tardaria a chegar o dia da recompensa: em vez de carência haveria fartura, abundância para todo o povo. Em lugar de constrangimento e medo, haveria descontração e liberdade total, assim como deve existir num regime socialista.

Convencidos, íamos em frente.

Para não dizer que só havia lojas vazias em Praga, havia uma, e essa muito grande, a Darex, sortida do bom e do melhor. Lá podiam-se encontrar: verduras, legumes e frutas de toda qualidade, iguarias, licores e vinhos, cereais, café, charcuteria variada, tecidos, confecções, calçados, eletrodomésticos e até automóveis. Nessa loja, no entanto, só se podia comprar com cupons especiais, aos quais tinham acesso apenas as altas autoridades do governo e do Partido, e quem possuísse divisas. Por isso os mais assíduos fregueses, além dos governantes, eram os diplomatas. Embora cumprindo obrigações de escritor estrangeiro – pagamento de porcentagem à agência dos direitos de autor, pagamento de uma cota destinada à ajuda aos novos escritores, pagamento de imposto mais alto do que o dos nacionais e recebimento de porcentagem menor do que a deles, nas vendas dos livros –, Jorge não tinha, no entanto, direito ao privilégio de comprar na Darex, pois recebia em coroas e não eram divisas. Muita gente não acreditava nisso, e aconteceu, mais de uma vez, termos passado pelo constrangimento de explicar que não possuíamos cupons Darex a amigos que nos pediam, muito em particular, que lhes cedêssemos alguns para a compra de coisas urgentes. A loja Darex estava sempre repleta de gente que, mesmo não sendo diplomata nem do governo, mesmo não possuindo dólares, mesmo não podendo comprar coisa alguma, ali vinha passear; contentavam-se em circular entre as vitrines e balcões, olho comprido nas mercadorias em exposição. Certa vez chegou um aviso bancário: havia dólares para Jorge, enviados por uma editora da Áustria que publicara Terras do Sem Fim. Pulei de contente: "Agora, sim, vamos receber os cupons Darex.". Mas, conversação feita, o banco pagou a Jorge em coroas: nada de Darex. Achei isso um grande desaforo. Jorge reclamou. Afinal de contas, as divisas haviam entrado no país... Nada adiantou reclamar. "O Estado precisa de divisas...", declarou o funcionário, encerrando o assunto. Desapontados, abrimo-nos com Kuchválek, relatando-lhe as nossas dificuldades. Kuchválek, prudente, mostrou-se reticente da mesma maneira que ficava ao lhe falarmos do visto de Missette. "É preciso ter paciência... o país está atravessando sérias dificuldades... precisa de divisas... estamos sofrendo ainda as consequências da guerra... isso é uma questão de consciência política..." Essa frase, "é uma questão de consciência política", eu a conhecia de longa data, ela servia de rolha para tapar a boca dos comunistas que se atreviam a expor suas razões e a discutir resoluções. Antes que Jorge, inimigo de criar casos, principalmente num país estrangeiro, desistisse do assunto, eu voltei à carga: "Ninguém está criticando o governo, Kuchválek, pode ser muito bem que um funcionário do banco, um espertinho, tenha desviado os cupons para seu bolso... Ou aqui é terra de santo? Certamente essas coisas não chegam ao conhecimento dos dirigentes, eles nem estão sabendo dessas miudezas... Protestar, alertar contra o que está errado, mesmo as coisas pequenas, meu amigo, é uma forma de ajudar o governo..." Esses cupons eu haveria de receber nem que fosse preciso falar com Geminder, incomodar Zapotosky. Eu queria comprar frutas para meu filho, coitadinho, que nem lembrava mais do gosto

da banana... Certamente impressionado com o meu discurso, Kuchválek nos aconselhou a levar o caso à União de Escritores, para que de lá encaminhassem a reclamação, o que foi feito. O assunto, estudado durante semanas, finalmente foi resolvido: deram-nos, por muito favor, cinquenta por cento do valor da remessa em cupons Darex, o que considereei uma vitória. Teria o bastante para as frutas do menino, e ainda sobraria para outras compras. (GATTAL, 2008, p. 52-53)

Algum tempo depois, Misette conseguiu um visto, mas era de visitante, durava somente um mês. Ela, então, embarcou para Dobris, levando a mudança que o casal havia deixado em Paris, mas só poderia ficar com eles durante o tempo previsto, sem chance de prorrogação. Zélia, preocupada com a situação da amiga, fez contato com pessoas influentes, que se prontificaram a conseguir uma ocupação para Misette quando ela retornasse para Paris.

Após a partida de Misette, Bietuska a substituiu. Moça atenciosa e delicada, ela e João se gostaram de imediato, para sorte de Zélia. Jorge Amado tinha que ir à Hungria, na condição de representante do Conselho Mundial da Paz. Como a viagem foi inesperada, não houve maneira de levar a criança e João ficou no castelo com Bietuska.

Terminada a missão de Jorge, o casal retornou a Dobris. Era primavera, e Zélia, animada com as flores, comentara com Jorge Amado que seria ótimo se Lila chegasse a tempo de vê-las. Lila, filha mais velha de Jorge Amado, se aproximava dos quinze anos e o pai sonhava com sua visita na data especial. Trocaram algumas cartas, nas quais a menina relatava que gostaria muito de ir, porém teriam que esperar um pouco mais, já que ela estava adoentada e o tio, Joelson, estava prescrevendo alguns exames para ela.

Naquele dia 29 de maio, ao passarmos pelo jardim de inverno de *pan Hruby*, ganhei do jardineiro uma rosa apenas desabrochada. "É para o papai!", avisou logo João. Claro que era! Subimos direto para o salão. Estranhei ver a porta entreaberta, e, mesmo antes de entrar, pude divisar Jorge andando de um lado para outro, na mão um papel amarfanhado. Sem tomar conhecimento de nossa presença ali, ele continuava a andar, os olhos vermelhos, injetados, o rosto desfeito. Eu nunca vira Jorge assim! O que teria acontecido? Segurei-o pelo braço: "O que foi?..." Ele me fitou, tão triste... Sem dizer palavra, estendeu o telegrama que amassara na mão. Seu João Amado comunicava ao filho a morte da neta. Lila falecera. Sua doença, ao contrário do que nos haviam dito, fora grave. Não entendendo nada do que se passava, João insistia em entregar a rosa ao pai: "Toma, pai, toma tua flor!" Jorge então segurou o filho nos braços, apertou-o contra o peito e chorou um pranto convulso e doloroso. (GATTAL, 2008, p. 91)

Por sorte, as tarefas políticas tomaram o tempo de Jorge e a dor pela perda da filha foi sendo superada. Ele e outros intelectuais estavam envolvidos na organização de um segundo Congresso Mundial da Paz, dessa vez na Inglaterra. Mas o que eles nem imaginavam aconteceu e a grande maioria dos que estavam envolvidos na organização teve seu visto negado. Jorge também teve o visto negado; Zélia não. O conselho, então, decidiu que Zélia deveria ir, nem que fosse para protestar pela ausência dos que haviam sido proibidos de ingressar no país. Ela aproveitaria para se encontrar em Londres com João Cabral de Melo Neto, que, na época, era cônsul na capital inglesa. Jorge Amado precisava do apoio do amigo para uma questão delicada: seu passaporte estava por vencer e o Itamaraty havia proibido sua renovação. Zélia, então, embarcou sozinha, num avião húngaro, vindo de Budapeste, junto com várias delegações.

Numa tarde gelada, de casaco húngaro, cor de morango, parti de Praga para Londres. No aeroporto repleto, além de Jorge e Ilya, encontravam-se os escritores soviéticos Alexandre Korneichuk — cuja mulher, a romancista Wanda Wassilevska, obtivera o visto —, Konstantin Simonov e Alexandre Fadeev, dono de gargalhadas sonoras, que despediu-se de mim, no maior gozo: "Boa sorte, persona grata", explodindo ainda uma vez numa risada gostosa.

Eu ficara um tanto preocupada ao saber que viajaria num avião húngaro, vindo de Budapeste com uma delegação de operários e camponeses, todos "personas gratas". Ao ver as delegadas, foi então que meu temor aumentou ainda mais, e eu comentei com Jorge sobre o lenço que elas traziam na cabeça, cobrindo os cabelos, estampados no centro a foice e o martelo. Essa de foice e martelo já era demais...

Não poderia ser tomada como provocação pelas autoridades inglesas? Não podia ser motivo de encrencas no aeroporto de Londres? Me arrependi em seguida de ter levantado essa hipótese, senti que transmitira a Jorge a minha preocupação, embora ele tentasse disfarçar. "Nada vai te acontecer... fique tranquila... mas, por favor, te cuida, não vá topar provocações..." Ele conhecia bem as minhas explosões. Aconselhou-me a ter à mão endereço e telefone de João Cabral, caso surgissem complicações. (GATTAI, 2009, p. 46)

Como era esperado, ao desembarcarem em Londres, foram separados, interrogados e revistados. Ao saberem que ela era esposa de Jorge Amado, a mantiveram durante horas, na tentativa de mandá-la de volta a Praga. Como não tinha jeito, não havia voos disponíveis, finalmente ela foi liberada. No dia seguinte, ao falar com João Cabral, ele já sabia do acontecido, pois a foto de Zélia estampava a capa de um jornal popular. Na manchete, lia-se: "Bela espiã russa desembarca em Londres". Risada geral com a história. Nesse dia, Zélia e João almoçaram juntos, e ele lhe comunicou que nada podia fazer a respeito do passaporte de Jorge, já que o

comunicado do Itamaraty havia chegado a Londres, mas deu como opção Liverpool. Ela deveria ir até lá, de trem, e, nesta cidade, poderia renovar o passaporte. Depois de uma longa viagem, Zélia finalmente chegou ao seu destino, cansada, porém feliz, pois iria conseguir resolver o problema do passaporte. Mas, ao desembarcar, triste notícia: a circular do Itamaraty havia chegado lá também. Nada podia ser feito. “*Tarde piaste, dona Zélia! O governo Dutra não se descuidava.*” (GATTAI, 2008, p. 114)

Não havendo mais nada a ser feito, Zélia voltou para Londres. O Congresso, por falta de condições e de apoio, havia sido transferido para Varsóvia. O grupo, então, partiu para Praga e, finalmente, chegou ao local do Congresso. Lá estavam esperando por ela Jorge e João. Triste, frustrada por ter fracassado na renovação do passaporte, ela abraçou o marido. Ele, saudoso, se declarou dizendo o quanto ela era formidável, importante para ele, e o quanto ele a amava...

Desse Congresso, tão cheio de interesse, do encontro com tantos amigos, do convívio com personalidades as mais marcantes de nossa era – Féderic Joliot-Curie, por exemplo –, nada foi tão importante para mim quanto o nosso encontro – meu com Jorge –, encontro de amor do qual resultou a vinda ao mundo de nossa filha Paloma. Ao chegar a Praga, de volta de Varsóvia, eu estava grávida. (GATTAI, 2009, p. 118)

Quando Zélia estava no sexto mês de gravidez, eles foram convidados para voltarem à URSS. Mesmo gestante, ela topou. Viajaram, mas ela sentiu a viagem e, na parada em Moscou, procurou ajuda médica. Após permanecer internada por dois dias, seguiram o percurso. Visitaram o Uzbequistão, Tashkent e Samarcanda. No retorno, voltaram por Moscou e souberam que altos dirigentes e ministros de Estado do PC estavam sendo presos, acusados de espionagem. Jorge Amado, em “*Navegação de Cabotagem*”, fala sobre o medo e a desconfiança, sentimentos que passaram a ser comuns aos “*camaradas*” do PC:

Esforço-me para cumprir com meu dever, não é fácil ser digno, decente, quando o medo ergue a muralha da desconfiança e do equívoco, cada palavra, um simples gesto, pode levar ao Tribunal da Inquisição. Também eu tenho medo, não estou isento, não sou Bayard, *le Chevalier sans peur et sans reproche*. *Sans reproche* sim, pois me sinto acima de qualquer suspeita, considero-me militante devotado, leal, fiel, intransigente, considero a União Soviética a pátria de todos os oprimidos e vejo em Stalin o pai dos povos e de cada um de nós. Que posso temer, se é assim? Não, porém, *sans peur*: quando penso em London que acredito inocente, o pavor me invade. Mas vou em frente, não intimorato e, sim, apreensivo, sustenta-me o ânimo o fato de ser Prêmio Internacional Stalin, recompensa maior à

fidelidade incondicional. Me atrevo, mas o faço encagaçado, e o faço porque se não o fizesse perderia o gosto de viver e de certo perderia Zélia. Vou em frente, creio possuir certa margem de imunidade que me permite a honradez, moeda rara. Em Budapeste peço para visitar Gyorgy Lukács¹⁸ caído em desgraça, retiraram-lhe postos e honrarias, exigência dos ideólogos soviéticos do realismo-socialista, o filósofo magiar é um herético formalista, mas eu o admiro e estimo desde nosso encontro em Wroclaw, seguido da leitura de livro seu sobre teoria literária. O secretário do peçê húngaro, responsável pelas relações com os partidos estrangeiros, olha-me com estranheza, promete providências para atender-me, cumpre o prometido, encontro-me com Lukács, falamos disso e daquilo, nenhuma referência à situação em que se encontra. No edifício do Comitê Central, ao estender-me a mão, o camarada secretário murmura, inesperado: quero lhe agradecer por seu pedido — agora sou eu quem olha com estranheza o dirigente.

Em Bucareste faço pedido idêntico com maior afoiteza, pois a contingência é menos grave: consigo ver e abraçar o romancista Zaharia Stancu, destituído da secretaria-geral da União de Escritores Romenos e do Comitê Central do Partido. Stancu passou a vida a subir e descer a escada do poder, ora nas alturas, ora na merda.

Zélia encontra Lise na rua, em Praga, convida-a a vir nos ver em Dobris: a solidão das famílias dos condenados é total, o medo destrói relações, apreços, amizades. Gesto de maluca, aí, somos um pouco loucos, Zélia e eu, não conseguimos conter impulsos. Acolhemos Lise, a mulher do renegado, veio almoçar conosco num domingo, no Castelo dos Escritores onde habitamos. Ela chega com os filhos e a mãe, indomável espanhola, quando transpomos a porta do restaurante em tão reprovável companhia, cessa o ruído das conversas, morre o riso das facécias, silêncio tumular. Somos irresponsáveis, irresponsável é o termo que emprega, menos a me censurar do que a me justificar, a escritora tcheca Marine Puimanova, Prêmio Nacional: *você é estrangeiro, por que se mete em assunto nosso? Está se expondo.*

Dias de medo, malditos, desgraçados, prolongam-se em semanas e meses infelizes. As dúvidas crescem, não devemos duvidar, não queremos duvidar, queremos continuar com a crença intacta, a certeza, o ideal. Nas noites insones, nos contemplamos, Zélia e eu, um nó na garganta, vontade de chorar. (1992, p. 153)

Além de Zaharia Stancu e Gyorgy Lukács, um grande amigo do casal, Artur London, também estava preso. Foi a esposa dele, Lise, que Zélia Gattai levou para almoçar no *Zamek*, conforme mostrado no fragmento acima.

Apesar das prisões, consideradas arbitrárias e vergonhosas, Jorge e Zélia ainda confiavam cegamente no Socialismo e acreditavam que tudo seria

¹⁸ Em *JDI*, Zélia Gattai falar a respeito do encontro: “Jorge não aceitava a ideia de ir a Budapeste e não ver seu amigo Gyorgy Lukács, o eminente pensador, o grande mestre; queria vê-lo, superando as limitações do tempo parco e, sobretudo, aquelas a que se encontrava sujeito o escritor, caído em desgraça”.

Desde a realização do Congresso dos Intelectuais pela Paz, em agosto de 1948, na cidade polonesa de Wroclaw, Jorge e Lukács tinham se tornado amigos. Coincidiam na maneira de pensar e reagir diante de uma série de ideias e fatos políticos. Estabelecera-se entre eles uma espécie de cordial cumplicidade, e Jorge sentira profundamente o ostracismo a que fora relegado o filósofo, devido às suas posições contrárias às teses de Jdanov. Passou uma tarde com o amigo, voltou emocionado e me disse: “Que grande homem e que firmeza de caráter!”. (GATTAI, 2009, p. 37).

esclarecido, um engano estaria acontecendo. Porém, somente anos depois, London foi libertado.

Assim aconteceu, porém muitos anos depois. Apesar do período de crítica e autocrítica, iniciado após a morte de Stalin, em 1953, e mesmo depois das revelações de Kruchev, no XX Congresso do PC soviético, em 1956, denunciando os crimes do stalinismo, o PC tcheco não se apressou a rever os processos de Praga. Tal revisão deu-se pouco a pouco, lentamente, caso a caso.

Preso e condenado numa atmosfera de suspeitas e de delações, quando o PC tcheco obedecia cegamente às ordens de Moscou, prevaleceram sobre a verdade as acusações de "espionagem em benefício do Ocidente", "desvio burguês", "sabotagem", "titoísmo", "trotskismo", "traição", para citar apenas algumas delas, acrescidas ainda pelo anti-semitismo reinante (London era judeu).

Um dos 14 acusados principais no célebre processo Slansky, quando 11 deles foram condenados e enforcados, Artur London penou vários anos de prisão. Ao ser libertado, escreveu um livro, *A Confissão*, onde narra com detalhes todo o processo e fala de seu longo calvário. Esse livro deu lugar a um filme sob o mesmo título, dirigido por Costa-Gavras, no qual Yves Montand e Simone Signoret interpretam os personagens Gerard e Lise.

Nosso otimismo de que tudo se esclareceria rapidamente foi por água abaixo; só não erramos ao acreditar na inocência de nosso amigo, nem fomos derrotados na certeza de que um dia ela seria totalmente reconhecida. Porém somente em 1961, com a conclusão do segundo inquérito – o primeiro, em 1952, os condenara –, as investigações concluíram pela inocência de todos os acusados do processo Slansky, afirmando que "os processos que levaram às condenações repousaram sobre acusações inventadas". A verdade à qual chegaram as novas investigações, no entanto, somente viria a público em 1968, quando da "Primavera de Praga", ao ser anunciada a reabilitação dos condenados: dos vivos e dos mortos. Dos três vivos e dos 11 enforcados. (GATTAI, 2009, p. 60)

Em meio a este conflito, o parto de Zélia se aproximava e ela seguiu para Praga. Era agosto, fato que a lembrava que estava para nascer mais uma leonina, afinal Jorge, Luiz Carlos e D. Angelina também eram nascidos em agosto. Ao chegarem ao hotel, para a tristeza de Zélia Gattai, Jorge Amado foi convocado pelo PCB:

Nem bem chegáramos ao hotel, em Praga, o telefone chamou. Era Arruda, vinha de Moscou, encontrava-se embaixo, na portaria, queria falar com Jorge. O capa-preta trazia tarefa urgente. Estivera com Lygia, irmã de Prestes, companheira e guardiã de todas as horas de Anita Leocádia, filha do dirigente. O Partido decidira que Anita participaria do Festival da Juventude em Berlim. Seria uma homenagem que ela prestaria à memória da mãe, Olga Benário, como se sabe, alemã.

Havia apenas um problema: precisavam de uma pessoa que ficasse responsável pela menina durante o tempo que durasse o festival. O problema não era difícil de ser resolvido, nem precisaram quebrar a cabeça. Quem mais podia ser senão Jorge Amado? Arruda chegara já com diretivas: Jorge devia viajar para Berlim, sem perda de tempo, a fim de tomar

providências relativas ao conforto e à segurança de Anita. Era uma ordem, e "ordens do Partido não se discutem".

Fiquei só ouvindo. Por que Jorge e não outro? Tanta gente poderia se ocupar dela... por que exatamente ele? E eu, no meu estado, ali para ter criança a qualquer momento, não merecia consideração? Jorge partia e eu ficava sozinha? Em qualquer outra circunstância, talvez eu até não me importasse, ficasse satisfeita. Sentia por Anita um grande carinho, acompanhara, na ocasião, todo o drama de Olga Benário, presa e expulsa do Brasil para a Alemanha de Hitler, em adiantado estado de gravidez... Depois soubera do nascimento da criança, no campo de concentração...

Em seguida, seguiu os passos de dona Leocádia Prestes, pelo mundo afora, até conseguir recuperar a neta... Anita e Lygia haviam passado pela Tchecoslováquia, no inverno, a caminho de Moscou, onde a jovem iria estudar. Ficaram uns dias em Praga, passaram um dia conosco em Dobris. Voltamos a encontrá-las em Moscou, e o rosto tristonho de Anita, seus olhos claros, recordava-me sempre o retrato de Olga Benário pintado por Cândido Portinari.

"Ordens não se discutem", mas Jorge resolveu discutir. Ele não estava disposto a me deixar sozinha:

— Zélia está para ter menino de um momento para outro...

Arruda não deixou que ele continuasse:

— E é você, por acaso, quem vai fazer o parto? — riu da própria graça, antes de voltar a falar sério.— Zélia é suficientemente capaz de procurar o hospital quando chegar a hora. — Voltava-se para mim: — Você está entendendo o problema...

Sinceramente, eu estava entendendo o que ele desejava, mas não estava aceitando. Não reclamei, apenas disse:

— Vocês é que sabem...

— Isso! Assim é que eu gosto! Consciência política! Não fosse você filha do Gattai!

Arruda esperava me comover, falando em meu pai, mas se enganava.

A referência intencional, em lugar de me comover, me irritou.

Jorge ainda discutiu, não ficaria tranquilo me deixando só, principalmente naquele mês de agosto, quando todo mundo saía de férias; não havia em Praga um amigo sequer a quem recorrer. De nada, no entanto, valeram as considerações de Jorge.

Arruda enterrava o assunto com uma frase taxativa, a chamada tapa-boca:

— Precisamos ter espírito partidário, meu velho!. (GATTAI, 2009, p. 69)

Tarefa concluída, Jorge voltou para acompanhar Zélia e, no dia dezoito de agosto de 1951, o bebê nasceu:

Em matéria de parto, tudo para mim foi novidade: meteram-me numa banheira de água quente e lá me deixaram relaxando durante quase uma hora. Depois levaram-me diretamente para a mesa de parto, embora ainda não estivesse na hora da criança nascer. Uma enfermeira e um médico permaneceram a meu lado, o tempo todo, dando-me coragem e confiança, até que, às duas da madrugada, dei à luz Paloma. Ao aparar a criança, o médico exclamou: "holka!", menina! Meu coração quase explodiu de felicidade. Se fosse menino, certamente também ficaria muito feliz, mas desejávamos tanto uma menina... [...]

Vira rapidamente minha filha ao nascer e só tornei a vê-la pela manhã, quando a levaram ao meu quarto para mamar. Enfaixada da cabeça aos pés, apenas o rostinho à mostra, dura como um salame, Paloma foi colocada a meu lado. Eu queria tanto ver minha filha todinha, seu corpo, suas mãozinhas... Pedi à enfermeira que a desenfaixasse, mas recebi um né, não, definitivo, tão seco que me desencorajou e não insisti. Habituará-

me, nos dois partos anteriores, a examinar meus filhos para certificar-me de que tudo estava em ordem; com Paloma não poderia fazer o mesmo, enrolada daquele jeito.

Enquanto amamentava a menina, fui apalpando-a docemente, verificando, pelo tato, mesmo por cima daquela faixa toda, verdadeira couraça, se tudo estava perfeito. Ao chegar nas perninhas, ai meu Deus!, levei um choque, meu coração quase parou! Pareceu-me que um dos pezinhos da criança encontrava-se dobrado, grudado à canela. Na maior das aflições, chamei a enfermeira, perguntei-lhe se minha filha era aleijada. Ela respondeu que a menina era perfeita. "Então, me mostre!", desafiei. Tendo mais o que fazer, ela deu as costas e foi embora levando a criança. Caí num pranto convulso. Se fosse apenas cisma minha, por que então ela não me tranquilizara? E, nesse estado de desolação, Jorge me encontrou na primeira visita que me fazia. Preocupado, ele foi até o berçário mas não conseguiu saber nada do que nos interessava. Esperamos, impacientes, que trouxessem a criança para a mamada seguinte. Apenas a enfermeira saiu, deixando-nos sós, não perdemos tempo, tratando de despir nossa filha, tarefa difícil libertá-la das faixas, infundáveis, que a aprisionavam. Deu trabalho mas conseguimos! Que maravilha! Eu me enganara! Lá estava ela, soltinha, inteirinha... os pezinhos em seus devidos lugares, cinco dedos em cada pé e cinco em cada mão... tudo conferido, tudo a contento! Encantadíssimo, contemplando embevecido a filha, Jorge não cabia em si de felicidade: "Veja só como a corninha está satisfeita!..." Nem pensamos em aprisioná-la novamente, tantos metros de faixa era mão-de-obra demais para nossas inabilidades... A satisfação que sentíamos era tão grande que pouco nos importou o carão que a enfermeira nos passou ao deparar-se com a criança nua. Horrorizada, escandalizada com o atrevimento dos dois malucos, coisa igual jamais vira, jamais sucedera por aquelas bandas tal absurdo... a enfermeira deblaterava. Nem ligamos e até achamos graça no arremate da explosão, dito com ênfase: "Latinsky temperament!" .. (GATTAI, 2009, p. 160-161)

No hospital, mãe e filha receberam visitas de Neruda, Guillén e outros tantos amigos. Tudo estaria certo, se não fosse a proibição do hospital com relação a visitas. Jorge, burlando as regras, colocou todos os amigos dentro do quarto, provocando o desespero das enfermeiras, ao flagrarem o quarto da recém-parida abarrotado de gente barulhenta e fumante. No momento da alta, o casal soube que todo o excelente atendimento que receberam era gratuito e que, se não fossem estrangeiros, ainda sairiam do hospital com um enxoval, um carrinho e uma pensão mensal para as despesas com a criança. E, quando chegaram ao hotel, mais surpresas, uma enfermeira viria, a cada um dos próximos quarenta dias, dar banho no bebê. Zélia tentou convencê-la que não era preciso, que aquele era o seu terceiro filho, mas não teve negociação.

O atendimento que a escritora recebeu do governo durante o nascimento de Paloma a fez refletir sobre o regime socialista e seus disparates. Conquistas sociais maravilhosas de um lado e, de outro, o lado sombrio, gente sendo presa, enforcada. Ela questionava-se: para se chegar ao sucesso de um regime político, era preciso tamanho sofrimento, ainda mais causado, a princípio, por quem estava do seu lado

na batalha? “Ser perseguido, preso, desterrado, torturado e morto por uma ditadura qualquer, a mim não surpreendia, mas ser perseguido, preso, desterrado e morto pelo regime pelo qual lutamos, pelo qual dedicamos nossa vida, inadmissível!” (GATTAI, 2009, p. 166)

De volta à rotina do castelo, Paloma crescia a olhos vistos e, assim como o irmão, batizado em Paris por Neruda e Guillén, a menina também teve padrinhos famosos, os mesmos, inclusive. Aliás, não só esse dois, Ehrenburg também se auto intitidou padrinho e ficaram os três como padrinhos de Paloma. Mais tarde, durante a “cerimônia”, que também celebrou o nascimento de Paz Venturelli (nascida na Alemanha, a bebezinha era filha José Venturelli, pintor chileno, e sua mulher Delia), outros padrinhos de Paloma surgiram, como Jan Drda, presidente da União dos Escritores Tchecos; Jean Lafitte, secretário geral do Conselho Mundial da Paz; além dos escritores Korneichuk, Fadeiev, e do poeta Nazim Hikmet.

A escritora Anna Seghers, que havia passado alguns dias com a família no castelo, não pôde esperar pelo batizado, mas, como queria ser madrinha de Paloma também, nomeou a esposa do pintor Antonin Pele para representá-la. No “batizado”, Paloma ganhou o desenho de um pássaro, feito com a famosa caneta de tinta verde, de seu padrinho Neruda e vários versos de seus padrinhos famosos.

Ilya Ehreburg escreveu na hora, em russo. A tradução é mais ou menos esta:

Chez Jorge e Zélia,
 festa de arromba,
 nasceu Paloma,
 Paloma em russo
 quer dizer pomba
 e, chez Jorge e Zélia,
 continua a festa,
 nela presente um urso russo
 seu tio e padrinho um tal de Ilya.

Nazim Hikmet, o padrinho turco, também fez questão de escrever umas palavras: quando Paloma tiver 20 anos eu terei 70 e, juntos, cantaremos a canção da juventude.

Alexandre Fadeiev rabiscou, no momento, apenas uma frase: "Querida Paloma, vá para o Brasil e viva feliz em sua casa.". Em russo, ele rimara Paloma com doma (em casa).

Enquanto versos e frases eram lidos, sempre sob a batuta de Drda, as crianças iam sendo passadas de braço em braço. Paciente, Guillén aguardava sua vez e, quando a afilhada chegou-lhe às mãos, deu um passo à frente e declamou:

Paloma, la Reina Maga,
 de un reino de paz es duena
 a vivir en paz ensena

La Brasilena de Praga.

La paz con ella se haga,
 pues con paz ei mundo suena;
 traga paz la brasilena,
 La Brasilena de Praga!
 (GATTAL, 2009, p. 76)

Passados os festejos do batizado, Jorge Amado recebeu um convite da União dos Escritores da China. Zélia ficou animada com a proposta, mas como fariam com as crianças? Bietuska já não estava mais com eles, havia deixado o emprego para se casar. A irmã, Marenka, que ocupou seu lugar, teve o mesmo destino.

Mal haviam se refeito da boa notícia vinda da China, chegou outra, melhor ainda: Jorge Amado havia sido agraciado com o Prêmio Internacional Stálin da Paz e deveria ir à Moscou recebê-lo. A viagem, que antes era opcional, passou a ser obrigatória. Ficou decidido que o casal embarcaria para Moscou, Jorge receberia o prêmio e, na sequência, partiriam com destino à China.

Uma amiga do casal, esposa do vice-ministro da Cultura, sugeriu que as crianças fossem deixadas em lares para crianças órfãs: “Pelo amor de Deus, Wally, em orfanato não!...” (GATTAL, 2009, p. 176). A amiga explicou que eram lares para crianças carentes, sem família. Era proibido chamá-los de orfanato. Pouco confortáveis, Zélia e Jorge, acompanhados por Wally e Kuchválek, foram conhecer os locais indicados, que ficavam em Praga. Após visitarem a creche e o Lar das Crianças, o casal ficou convencido que eles estariam bem cuidados. Ambos os lugares eram extremamente limpos, com jardins e bosques para o lazer dos pequenos. Ficou acertado que eles deixariam os filhos nesses dois locais e partiriam para a viagem.

Recepcionados em Moscou por amigos e pessoas do governo, Jorge Amado foi levado ao salão da Academia de Ciências da União Soviética para a entrega do prêmio. Medalha recebida, o escritor foi homenageado pelo amigo Ilya Eherenburg. Ao fundo, imensos retratos de Lênin e Stálin adornando o ambiente.

Terminado o compromisso com o prêmio, o casal seguiu viagem para a China. Optaram pelo trem, o transiberiano. Demoraria mais, mas conheceriam muitas coisas. Junto ao casal, embarcaram os amigos Rosa e Nicolás, a camarada Alexandra e Natacha, a intérprete. Elas seguiriam com o casal durante toda a parte soviética do percurso.

A China que seria visitada por eles estava começando implantar o Socialismo, e a situação deixava todos muito curiosos.

Naquele ano de 1952, Mao Tse-tung e Stalin andavam em plena lua-de-mel, de braços dados, Pequim era uma festa só, enfeitada com grandes retratos dos dois líderes, um ao lado do outro. Escolares, meninos e meninas, ostentavam nos pescoços o lenço vermelho, tal qual os pioneiros soviéticos. Em qualquer lugar por onde se andasse, podia-se ouvir o hino patriótico em louvor aos dois camaradas, transmitido por alto-falantes, a todo vapor, de manhã à noite. De tanto ouvi-lo decorei o refrão, letra e melodia: "Mao Tse-tung, Stalin! Mao Tse-tung, Stalin!..." (GATTAI, 2008, p. 212)

A visita, totalmente organizada pela União dos Escritores, incluía todas as grandes atrações, da Cidade Proibida à Grande Muralha. Visita começada, Zélia percebeu que o grupo chamava a atenção onde quer que estivesse, principalmente das crianças, que chegavam a observá-los através de vitrines. Depois de muita insistência, Liu, o intérprete, esclareceu tamanha curiosidade. A questão era o tamanho dos narizes dos ocidentais, considerados muito grandes para o padrão chinês, a ponto das crianças terem apelidado o grupo de "os dos narizes".

Durante o passeio ao palácio de Verão, o grupo foi acompanhado pela romancista Ding Ling. Zélia e ela se gostaram de imediato, apesar de uma só falar chinês, e a outra não falar essa língua. Aonde chegavam, Ling era reconhecida e saudada, não só como escritora, mas, também, como guerrilheira, pois havia lutado na grande marcha¹⁹.

Ao saber da história de Ernesto Gattai, morto por conta de uma prisão sob acusações políticas, a chinesa abraçou e beijou Zélia com carinho, porém, tempos depois, a própria Ling sentiu na carne o peso da perseguição. A China sofreu uma grande mudança, causada pela Revolução Cultural. Impulsionado por Mao, o movimento perseguiu, destruiu e matou todos que eram considerados oposição ou

¹⁹ Em 27 de outubro de 1934, 100 mil combatentes do Exército Vermelho da China iniciaram marcha de mais de 10 mil quilômetros em apoio a Mao [...]. O Japão já ocupava o país há três anos. Em vez de unirem seus esforços contra o ocupante, Chiang Kai-shek e seu Partido Nacionalista (Kuomintang) preferiram combater os comunistas. Depois de um grande massacre em 1927, estes haviam se refugiado no interior. Nem a União Soviética prestou apoio. Pelo contrário, não confiava mais no poder de Mao Tsé-tung. Iniciava-se, assim, a legendária longa marcha de mais de 10 mil quilômetros, através de 11 províncias, que concedeu uma dimensão quase mítica aos comunistas. Dos 100 mil que partiram, apenas 20 mil chegaram. Sobreviveram à fome, ao tempo, ao cansaço, a doenças e também aos combates, que sempre voltavam a ser travados com os nacionalistas ao longo do caminho.

Depois de dois anos, Mao e sua tropa conseguiram reorganizar um governo com o sistema soviète no norte. Entretanto, ainda transcorreriam 15 anos até que fosse proclamada a República Popular da China, em 1º de outubro de 1949.

símbolo burguês. Muitos estudantes mobilizaram-se num grupo chamado “guarda vermelha”, criado pela esposa de Mao, Jiang Qing, com a intenção de assassinar intelectuais, professores ou qualquer cidadão que lhes parecesse contra o regime de Mao. Muitos escritores foram condenados a trabalhos subalternos, como o de esvaziar fossas. A romancista Ding Ling foi transformada em faxineira da União dos Escritores, em Pequim. Além disso, ela perdeu o direito de escrever.

Voltando a Zélia e Jorge, a viagem à China foi encerrada com a compra de presentes para os amigos, os parentes, os filhos. Novamente se viam na condição de ter que gastar o dinheiro dos direitos autorais, dessa vez iêns, somente dentro do país. Antes de voltarem a Praga, eles ainda passaram pela Mongólia. No segundo dia de visita, surgiu, para o casal, um intérprete mongol, falante de francês. O rapaz, nervosíssimo, deveria acompanhar o Prêmio Stálin onde quer que ele fosse. Depois de algum tempo, Jorge e Zélia souberam o motivo de tanto nervosismo. O rapaz era professor primário e, autodidata, aprendera sozinho a gramática da língua francesa, mas, como jamais falara francês, não sabia a pronúncia. Ao saber da história, Zélia e Jorge tranquilizaram o professor, e, ao final da viagem, ele estava muito mais seguro, revelando-se, inclusive, um excelente intérprete. O casal partiu completamente encantado da Mongólia, rumo à Tchecoslováquia, carregado de presentes os mais variados. Quanto ao professor/tradutor, Jorge Amado soube, tempos depois, pelo Ministro da Cultura, que o rapaz teve sua vida mudada após a partida do casal: “Professor primário? Está louco? Uma preciosidade dessas não se joga fora... Ele é hoje chefe do departamento de francês do Ministério do Exterior. Resultado de tua visita.” (GATTAL, 2013, p. 253)

Ao chegar a Praga, o casal correu para buscar os filhos. Paloma estava muito diferente. Parecendo não reconhecer os pais, não interagiu com eles, não ria, nem chorava. João, ao avistar os pais, reclamou, num português carregado, a demora deles em retornar. O pai, preocupado com o processo de “idiotização” a que a filha havia sido submetida, tratou de fazer com elas inúmeras brincadeiras e caretas. No final, deu certo. Quando Jorge se aproximava, Paloma já sabia que era bagunça certa.

Esse retorno do casal ao *zámek* tinha um sabor diferente. Antes de embarcarem para essa última viagem, eles já tinham decidido que voltariam ao Brasil, pois já não aguentavam mais viver no exílio, longe de todos. Zélia encerra a

narrativa de *JDI*, fazendo uma retrospectiva da vida política de Jorge Amado no exílio e explicando por que era chegada a hora de retornar ao Brasil:

A oportunidade de ir à China era realmente única, pois havíamos decidido regressar ao Brasil; fosse como fosse, não passaríamos o próximo inverno na Europa.

Os anos de exílio começavam a nos pesar.

Ao deixarmos o Rio, em princípios de 1948, Jorge recebera da direção do Partido a missão específica de denunciar, na Europa, o retrocesso político que vinha se processando no Brasil, onde as liberdades democráticas conquistadas em 1945, ao fim da guerra, em consequência da derrota do nazismo, estavam sendo objeto de rápida e violenta ofensiva de parte do governo Dutra, governo reacionário, cuja política externa servia aos interesses norte-americanos, ou seja, à guerra-fria. Jorge não pensara demorar-se mais de um ano no estrangeiro. Nos primeiros meses, na França e na Itália, ele não parou, deu entrevistas, escreveu artigos para revistas e jornais, fez conferências, participou de debates sobre a situação do Brasil, de atos de solidariedade. De solidariedade sobretudo a Luís Carlos Prestes que, eleito pelo voto do povo carioca, fora expulso do Senado ao mesmo tempo em que seus companheiros de chapa o foram da Câmara. Prestes voltara a viver clandestinamente, na ilegalidade. Jorge cumpria da melhor maneira a tarefa que recebera, e essa tarefa não significava para ele obrigação ou sacrifício, realizava-a com entusiasmo. Recordo-me de um desses atos de solidariedade, organizado por Jorge em Paris; Carlos Scliar, ele também militante comunista, colaborara pintando um enorme retrato de Prestes, no pano de fundo do palco. No teatro lotado, entre outras personalidades, falaram Paul Eluard e Renaud de Juvenel.

Em meados de 1948, integrando uma comissão de 25 escritores, cientistas e artistas, entre os quais Irene Joliot-Curie, Sir Julian Huxley, Louis Aragon, Pablo Picasso, Paul Eluard, Ilya Ehreburg, Alexandre Fadeiev, Renato Guttuso e Elio Venturini, Jorge assinou com Pablo Neruda — únicos nomes da América Latina — a convocação de um Congresso de Intelectuais pela Paz, que veio a realizar-se em agosto daquele mesmo ano, em Wroclaw, na Polônia. Tomada de posição pública de intelectuais famosos contra a guerra-fria e, sobretudo, contra a ameaça atômica.

Desse Congresso nasceu o Movimento Mundial da Paz, ao qual Jorge se incorporou, tendo sido eleito membro do Bureau do Conselho Mundial da Paz. O Conselho instituiu um Prêmio Mundial da Paz para com ele distinguir anualmente personalidades cuja obra ou cuja atuação servisse à causa da paz. Entre os premiados recordo os nomes de Charles Chaplin, Pablo Picasso, Lázaro Cárdenas, Presidente do México, Paul Robson, Nazim Hikmet, Halddor Laxness e Josué de Castro.

Não pretendo, nem caberia, fazer aqui um balanço completo da atuação de Jorge nos anos de vida na Europa. Quero apenas testemunhar que ele se bateu pelas causas da paz e da liberdade e o fez de coração aberto, com empenho e determinação, sacrificando, inclusive, sua carreira de escritor para cumprir tarefas políticas.

Para o Partido Comunista Brasileiro a presença de Jorge na Europa era importante e, talvez por isso, os anos se passavam sem que a direção cogitasse de fazê-lo voltar. Mas, naquele inverno, ainda em janeiro de 1952, Jorge decidira que devíamos regressar de qualquer forma: já nos demoráramos demasiado tempo fora do Brasil. Eu também não desejava outra coisa senão voltar. Resolvemos não esperar sequer o julgamento do processo montado contra Jorge, que rolava na polícia, desde a publicação de *O Mundo da Paz*, livro de reportagens sobre a União Soviética e os países de Democracia Popular, escrito em 1949. O livro refletia em suas páginas a solidariedade e a confiança que Jorge e eu depositávamos no

socialismo e na política de paz da URSS. Refletia igualmente o sectarismo que nos dominava, a nós dois e a todos os intelectuais de esquerda.

Jorge não esperou tampouco o acordo do Partido; em vez de solicitar consentimento para voltar, comunicou a Arruda, que passara por Praga poucos dias antes de nossa partida para a União Soviética e a China, a nossa decisão irrevogável.

Sua folha de serviços prestados era impecável. Trabalhara muito e bem, mas não estava mais disposto a continuar no estrangeiro. Arruda representava Prestes, mandava na direção do Partido, tinha poderes para fazer e desfazer. Ao contrário do que supúnhamos, ele não tentou dissuadir-nos, concordou conosco: Prêmio Stalin, escritor de prestígio internacional, Jorge seria ainda mais útil no Brasil. (2009, p.80-81)

2.11 Rio de Janeiro

Após cinco anos morando fora do país, Jorge e Zélia resolveram voltar para o Brasil. Ao chegarem ao Rio de Janeiro, em junho de 1952, o casal sabia, avisado por Arruda, do PCB, que a recepção não seria das mais calorosas. Realmente, não foi. Antes mesmo de desembarcarem do navio que trouxe a família da Itália, o restaurante do local foi invadido por jornalistas e fotógrafos, ávidos por notícias a respeito do exílio. Pelos repórteres, Jorge e Zélia souberam que eram esperados no cais por companheiros do PCB e pela polícia, que estava ali especialmente para acompanhar a passagem do casal e sua mudança pela alfândega. Colocados por último na fila de revista, cada caixa, mala, bolsa foi revistada. Roupas eram desdobradas, livros abertos, sapatos examinados. Nem os pertences das crianças foram poupados. Muitas horas depois, após tudo revistado, a família, finalmente, foi liberada. Não havia nada na bagagem que os incriminasse.

Como não tinham casa própria, o jeito foi buscar acolhida no apartamento dos pais de Jorge. Situado na Rua Rodolfo Dantas, em Copacabana, o lugar era pequeno e já estava bem cheio. Nele moravam os pais de Jorge, a sobrinha Janaína, o primo de Jorge e um faxineiro, que morava de favor no quarto da empregada. Além deles, uma sergipana, conterrânea do pai de Jorge, era uma hóspede constante. Eram, então, praticamente, seis pessoas morando no apartamento, sem contar Floro, papagaio de Jorge Amado, que ficou no Rio quando a família se mudou para a Europa. Mas não havia outro jeito. Não tinham escolha. Ao chegarem ao apartamento, depois de horas na alfândega, Zélia recebeu as

chaves do local das mãos da sogra: “Está casa é tua, minha filha, de teu marido e de teus filhos. Tome conta dela. Tu merece [...]” (GATTAI, 2001, p. 13)

Logo que chegaram ao Rio, começaram os compromissos políticos de Jorge, função que lhe tirava completamente o tempo. Zélia também se ligou ao PCB, porém não se filiou. A ela coube a difícil tarefa de recolher contribuições financeiras para o Partido, que se sustentava com donativos oriundos de leilões, doações, festas e atividades culturais. Com muita dificuldade e muito trabalho, ela conseguia cumprir suas obrigações partidárias e entregava semanalmente uma quantia em dinheiro para o Partido. Quantias cada vez mais altas e mais difíceis de se conseguir. Completamente sem tempo para realizar as tarefas do Partido e suas atribuições de dona de casa, Zélia contratou uma empregada, Roberta, pessoa de confiança e especialista em comida baiana. A chegada da empregada lhe facilitou bastante a vida, podendo ter um pouco mais de tempo para se dedicar à Comissão de Finanças do PCB.

Da dificuldade em conseguir cumprir a cota, surgiu em Zélia a ideia de realizar conferências. Seria a conferencista; afinal, tinha muita história para contar. Ela organizou tudo sozinha: fez e vendeu os convites, conseguiu um local para o evento, alugou cadeiras e pediu que Roberta preparasse salgados.

Não senti dificuldade ao enfrentar a plateia, constituída em sua maioria de simpatizantes do Partido. Conteí o que tinha a contar, lances de minhas experiências no mundo socialista, dando ênfase, é claro, à parte positiva do que vira: assistência social, estudos gratuitos, assistência médica, garantia de trabalho etc. Respondi, com sinceridade, a todas as perguntas que me fizeram sobre as restrições nesses países, a falta de democracia e de liberdade apregoadas pelos jornais do mundo capitalista, "reacionários", dizia o pessoal do Partido. Faziam questão de frisar a palavra *reacionários*, pois desejavam ouvir de minha boca a negação de tudo quanto diziam de mal dos países socialistas os tais jornais "vendidos ao imperialismo americano". Ao contrário do que esperavam, disse que realmente existia medo, medo de falar, de comprometer-se, explicando ao mesmo tempo que a necessidade de defender o socialismo de seus inimigos levava as pessoas a desconfiar umas das outras, a descobrir fantasmas e espões onde não existiam, causando um clima de mal-estar e insegurança... Daí a conclusão a que muitos chegavam de que não havia liberdade nem democracia por detrás da "cortina de ferro" – designação essa por si só pejorativa.

Ao mostrar as contradições existentes no mundo socialista, eu buscava justificar as coisas ruins com desculpas que eu mesma aprendera nas lições do catecismo comunista com *slogans* que decorara: "A vigilância e o controle empregados pelo Estado Socialista são necessários à sobrevivência do regime, vigilância e controle traduzidos pelos inimigos como falta de democracia e de liberdade."

A explicação sobre a necessidade da rigorosa vigilância e de um controle permanente me fora repetida todas as vezes que não concordara com fatos que me pareciam inaceitáveis e eu acabara aceitando, acreditara em tudo,

pois desejara e precisara acreditar. Trazia dentro de mim, arraigado, o que em criança aprendera com meu pai.

Se eu não acreditasse no socialismo, então por que diabo estaria ali fazendo papel de palhaço, a contar mentiras, a enganar os outros, a sacrificar meu tempo, a consumir minhas energias? Do Partido nunca esperamos – nem Jorge, nem eu – situações de destaque, nem lucro de qualquer espécie.

A notícia da minha pobre palestra chegou rapidamente aos ouvidos do tesoureiro do Partido: "Disseram que você tem um bom papo... Vamos organizar outras palestras".

Outras palestras foram programadas, em cuja organização não tive que me envolver. Chegava na hora, quando tudo estava pronto, a sala cheia. A receita, claro, era dividida entre os promotores do ato. Agradava-me mais cumprir minhas quotas fazendo palestras, mesmo recebendo menos, do que andar pra cima e pra baixo, pedindo dinheiro a um e a outro... Acontece, porém, que, com a nova fonte de renda, minhas quotas aumentaram e eu acabei acumulando as duas funções. (GATTAL, 2010, p. 32-33)

Além das conferências, era também tarefa de Zélia fazer palestras educativas em favelas do Rio, a fim de disseminar as ideias políticas do Partido para outros grupos. Tarefa difícil fazer gente tão sofrida entender onde ficava a URSS ou o que era o Socialismo. Certa vez um homem, em umas dessas palestras, quis saber se a União Soviética ficava em São Paulo. Na verdade não só ele, mas a maioria dos moradores ali presente queria saber da moça onde ficava aquele oásis do qual ela falava, porque, se não fosse longe, com certeza eles bateriam em retirada para lá. Ela contou o ocorrido a um responsável do PCB e, finalmente, foi liberada desta tarefa.

Passado algum tempo da chegada ao Rio, o apartamento que ficava justamente no andar de cima àquele em que estavam morando foi posto à venda e o pai de Jorge o comprou. Jorge Amado, ao voltar do exílio, não tinha condições financeiras de comprar nada, embora tivesse sido agraciado com o Prêmio Stálin:

Arruda estava extremamente satisfeito com o Prêmio Stalin: "Uma glória para todos nós e uma ajuda inestimável para o Partido", declarara com ênfase. Aconteceu, exatamente, o que prevíamos: os 25.000 dólares do prêmio iriam para o Partido. Não estranhamos, nem tampouco nos aborrecemos. Conhecíamos os apertos da organização que sustentava um número grande de camaradas na ilegalidade, companheiros que viviam em condições as mais precárias; tudo custava dinheiro, dinheiro que era arrecadado entre contribuintes, tostão por tostão. Estávamos acostumados. Quem não gostou, ao saber em Moscou que o dinheiro do prêmio iria para o Partido, foi Ehreburg, e se aborreceu. Ilya não tinha meias medidas nem papas na língua, dizia logo o que pensava. O prêmio havia sido dado a Jorge por seus merecimentos — mais do que ninguém ele sabia o quanto Jorge o merecera, inclusive fizera parte do júri —, e não ao Partido brasileiro. Dinheiro que chegava na hora exata, quando Jorge voltava para o Brasil, tendo que enfrentar mil problemas e dificuldades...

Ehremburg dispunha-se mesmo a levar o fato à discussão dos altos escalões. Só não levou a termo sua intenção, impedido por Jorge: "Deixa disso, Ilya, o dinheiro está em boas mãos..." (GATTAL, 2009, p. 81-82)

Obra feita, os apartamentos 704 e 804 foram ligados por uma escada em caracol. Jorge e Zélia ficaram com o de baixo; seu João e Lalu, com o de cima. Com a reforma, Zélia pôde receber a vista de D. Angelina, que morava em São Paulo com Wanda. Ao chegar, o jeito tímido e contido de D. Angelina contrastou com a agitação de D. Eulália. Excelente contadora de histórias, Lalu entretinha a visita com "causos", como o da urina perfumada que seus filhos tinham quando pequenos, e chegou a afirmar à D. Angelina que a estrela que ela dizia que Zélia tinha não era nada, se comparada à estrela de Jorge. Esse sim tinha uma estrela grande e vistosa. Para a sogra, Zélia tinha era sorte, por ter se casado com um homem famoso como Jorge Amado. Apesar das diferenças, as duas se deram muito bem e se tornaram grandes amigas.

A situação financeira cada vez mais difícil, já que Jorge não publicava nada desde 1946, começou a melhorar quando ele pôde, finalmente, publicar o livro *Subterrâneos da liberdade*, escrito na Tchecoslováquia. Jorge Amado, ao chegar ao Castelo dos Escritores, teve a ideia de escrever um livro sobre o Estado Novo e suas consequências para o povo brasileiro – inclusive para ele próprio. O *zazou* era, sem dúvida, um ótimo lugar para se escrever. E, nas dependências do castelo, começou a surgir *Subterrâneos da liberdade*.

Ficou decidido que um dos capítulos do livro seria dedicado à guerra na Espanha, e o ambiente do castelo não poderia ser mais proveitoso, já que o local recebia, aos finais de semana, inúmeros escritores, de várias nacionalidades, dentre eles Artur London, vice-ministro das Relações Exteriores, e sua esposa Lise (casal já citado no biografema Dobris). Ele, com o codinome Gerard, lutou na clandestinidade contra a ocupação nazista na França. Lise também lutou, e ambos foram presos e enviados a campos de concentração. Lise, francesa de nascimento, filha de pais espanhóis, também lutou junto ao marido na Guerra Civil da Espanha, em 1936, se opondo ao governo de Francisco Franco. Saldo do conflito: 150 mil mortos e milhões de desaparecidos. Dentre os mortos, Federico García Lorca, fuzilado por militantes franquistas, em Granada, no dia 19 de agosto de 1936.

A Guerra Civil Espanhola foi principalmente um conflito local, uma tentativa brutal de resolver, por meios militares, um grande número de questões

sociais e políticas que dividiram os espanhóis por várias gerações. Temas como reforma agrária, centralismo versus autonomia regional e papel da Igreja Católica e das Forças Armadas em uma sociedade moderna atingiram um ponto crítico com a tentativa de golpe militar, em julho de 1936, que precipitou a Guerra Civil. Esses cruéis três anos de luta fratricida foram uma experiência traumática que afetou diretamente a vida de famílias e colocou irmãos em lados opostos do combate. Os nacionalistas triunfantes garantiram a duração desse clima de ódio e divisão por 40 anos. A guerra não foi, no entanto, somente um conflito local, mas também transcendeu barreiras nacionais e suscitou paixões e debates repletos de ressentimento pela Europa. Todas as grandes potências intervieram e determinaram, em grande medida, o curso e o resultado do conflito. A União Soviética apoiou a República não por solidariedade ideológica, mas como tentativa de construir uma aliança internacional contra o fascismo. Antes da *Anschluss* com a Áustria e a crise dos Sudetos na Tchecoslováquia, em 1938, a Espanha era um exemplo óbvio do falso contexto de paz no Ocidente. Todas as evidências de flagrante envolvimento das potências fascistas na Espanha – inclusive o bombardeio em massa contra cidades e o indiscriminado ataque a navios mercantes – foram ignoradas. Stálin aprendeu a lição da estratégia ocidental e, em agosto de 1939, assinou o Pacto de Não-Intervenção com a Alemanha nazista, que tornou a guerra no continente quase inevitável.

Foi, contudo, o apelo popular que concedeu à Guerra Civil Espanhola um romantismo especial. Em 1936, a Espanha era um microcosmo que sintetizava a ferocidade, o radicalismo e a polarização de uma era. Nenhum outro conflito despertou a tal ponto a paixão de cidadãos e artistas. Obras como *Guernica* de Pablo Picasso, *Por quem os sinos dobram* de Ernest Hemingway (mais tarde filmado em Hollywood, com Gary Cooper no papel principal), *Homenagem à Catalunha* de George Orwell e *A esperança* de André Malraux se tornaram clássicas. Até no lendário filme *Casablanca*, o aventureiro Rick (interpretado por Humphrey Bogart) confessa que, antes de se estabelecer em Marrocos, lutou pela República na Espanha.

Apesar da alta reputação de poetas, artistas e escritores, eles representaram somente uma pequena minoria da multidão de voluntários combatentes na Espanha. Os partidários dos nacionalistas acreditavam que sua luta era em defesa da civilização cristã contra a barbárie comunista. Já para os milhões de voluntários que lutaram pela República, a Espanha representava a "última grande causa" – a resistência final contra as forças aparentemente invencíveis do fascismo e da reação política que arrebatou o continente nos anos entreguerras. (SALVADÓ, 2015, p. 48).

Em diálogo com o fragmento acima, cita-se agora um trecho de *JDI*, onde Zélia fala sobre a Guerra Civil da Espanha e suas consequências:

O fuzilamento de Federico Garcia Lorca, por um pelotão das tropas franquistas, logo no início do conflito — em agosto de 1936 —, comoveu o mundo, causou revolta, provocou protestos veementes. Insuportável admitir o assassinato do grande poeta, insuportável ver a Espanha transformada em campo de experiências dos nazistas a provar novas técnicas, a experimentar novas armas em bombardeios e destruição de cidades, Guernica por exemplo, arrasada pela aviação alemã a 16 de abril de 1937 e sua população massacrada.

Brigadas internacionais foram organizadas, integradas por voluntários do mundo inteiro. Homens e mulheres partiram para as trincheiras da Espanha, Artur e Lise London, entre eles. Poetas e escritores como Pablo Neruda— na época Neruda era diplomata na Espanha, vivia em Madri—, Raul González Tunon, César Vallejo, Octávio Paz, Ilya Ehreburg, Ernest

Hemingway, André Malraux, Saint-Exupéry, Arthur Koestler, John Dos Passos e muitos outros, engajaram-se na defesa da República Espanhola. No Brasil, em São Paulo, eu não perdia o programa de rádio transmitido diariamente ao meio-dia, dedicado à Guerra Civil da Espanha, e muitas vezes ouvi emocionada, lágrimas nos olhos, crônicas e poemas escritos por esses homens admiráveis. Naquela época eu não ia nunca imaginar que um dia Ilya Ehremburg e Pablo Neruda viessem a ser meus amigos, meus compadres, padrinhos de meus filhos. Quando iria eu sonhar que, anos mais tarde, ouviria Pablo Neruda, com sua voz dolorosa, declamar em minha frente versos sobre a Guerra da Espanha? (GATTAI, 2009, p. 11)

Certo dia, durante uma conversa no Castelo dos Escritores, Jorge Amado soube que não só Lise e London estavam envolvidos com a guerra da Espanha. Jan Drda também estava interessado no assunto e, assim como Jorge, estava escrevendo sobre ele. Dessa conversa surgiu a ideia de que capítulos idênticos aparecessem nos dois romances, de Drda e Jorge. Assim foi feito e ambas as obras retratam o encontro entre o capitão Apolinário Rodrigues, oficial brasileiro lutando na Espanha, personagem de Jorge, e Franta Tyburec, sargento da Brigada Dimitrov, personagem de Drda.

Enquanto Jorge escrevia o romance, Zélia fazia as cópias em uma máquina que encontrara no castelo. Fascinada com a história que ia surgindo, várias vezes reconheceu amigos retratados como eles próprios ou, em outros casos, Jorge criava alguns com nomes fictícios, mas de fácil identificação. Zélia, por exemplo, se via na personagem Mariana²⁰. Atendendo a um pedido especial da esposa, quem apareceu retratado no livro, como pessoa real, com toda a sua valentia, foi Orestes Ristori, saudoso amigo do casal.

Certa vez, durante a produção do romance, Jorge e Zélia receberam em Dobris a visita de Arruda Câmara. Político de importância no Partido Comunista, ele respondia pela presidência do Partido. O presidente, na verdade, era Luiz Carlos Prestes, mas a situação de ilegalidade de Prestes o deixava afastado, cabendo, portanto, a Arruda a tomada de decisões importantes referentes ao PCB. Nessa visita, Arruda pediu que Jorge lhe entregasse uma cópia do livro. Segundo ele, o Partido gostaria de examinar a obra e avaliá-la antes da publicação. O romance ainda não estava pronto, mas Jorge, sem saída, entregou a cópia solicitada.

²⁰ Mariana, filha de um pai comunista, figura importante do PCB. Ela é responsável por organizar greves, células, e a sua bravura e lealdade a elevam à condição de estafeta da direção do Partido, missão que cumpre com bravura. Envolve-se com o camarada João, com quem se casa. O casal vive com os sofrimentos que lhe são impostos, especialmente a separação, em função das missões recebidas pelo Partido, mas são infinitamente felizes.

Levou dois anos para devolvê-lo, o manuscrito passara de mão em mão, entre os dirigentes, inclusive de Prestes. Jorge recebeu os originais cheios de anotações nas margens, anotações do próprio punho de Arruda: "cortar este parágrafo inteiro... cortar os palavrões... excesso de putaria...", e daí por diante. Jorge não levou em consideração a opinião do nosso Jdanov tupiniquim, não tirou uma vírgula sequer. O autor do livro era ele. Tempos depois, recebeu um recado de Prestes, através de Giocondo Dias: Prestes lera o romance, gostara, e, a seu ver, Jorge não devia tirar nem acrescentar nada. Sua opinião pessoal era a de que o Partido não podia intervir no trabalho literário de um escritor. Também era essa a opinião de Giocondo Dias, do Comitê Central do Partido, que se ocupava da segurança do "velho" – tratamento carinhoso dado a Prestes por seus correligionários –, tarefa de guardião fiel à qual se dedicara, sacrificando os melhores dez anos de sua vida. Dos mais queridos amigos de Jorge, Giocondo Dias foi homenageado por ele, sua figura e atuação são recordadas em *Seara Vermelha*, onde ele é personagem importante, sob o nome de Juvêncio, ou Neném – apelido de Dias no convívio familiar. Em *Tenda dos Milagres*, Giocondo surge discursando num comício em praça pública, durante os anos da guerra. Em *Bahia de Todos os Santos*, Jorge traçou-lhe o perfil de patriota, quando Giocondo estava na ilegalidade, foragido da polícia. (GATTAI, 2008, p. 122)

A primeira edição de *Subterrâneos da liberdade* foi um sucesso de vendas, apesar das muitas páginas e do preço salgado. Na sequência, novas edições foram sendo lançadas, além da reedição de outras obras de Jorge, que, desde a época da cassação do Partido, estavam sumidas das prateleiras. Com isto, então, a situação financeira do casal começou a se estabilizar. A retomada literária de Jorge finalmente aconteceu e o escritor teve que dividir seu tempo com os compromissos do Partido. Durante um desses inúmeros eventos, uma viagem ao Chile representando o Conselho Mundial da Paz, a notícia do falecimento de Stálin pegou todos de surpresa. Imediatamente Jorge foi convocado pelo Partido a seguir para Moscou, compondo a delegação que iria representar o PCB nos funerais. Apesar de triste, Jorge não queria ir até Moscou, estava cansado, mas jamais descumpriria (ou discutiria) uma ordem do Partido. Saiu do Chile num bimotor, única opção disponível para voltar ao Brasil, e, muitas horas de voo depois, pousou em solo brasileiro. Porém, tanto esforço foi em vão. No aeroporto, Zélia o esperava para avisar que não haveria mais delegação para Moscou. As solenidades do funeral de Stálin haviam sido estranhamente suspensas. Nada de pompa ou demora. O grande líder soviético havia sido rapidamente enterrado, sem direito a solenidade ou homenagens.

A dor pela morte de Stálin não era a única sentida por Jorge naquele momento. Graciliano Ramos, seu grande amigo, companheiro de profissão e de ideologia, estava morrendo. Nada mais poderia ser feito. Tanto Jorge Amado em

Navegação de cabotagem, quanto Zélia Gattai em *Chão de Meninos (CHDM)*, falam da despedida do amigo:

Não acompanho os funerais de Stalin, levo ao cemitério o corpo de Graciliano Ramos, deram-me a tarefa de falar à beira do túmulo em nome do Partido. “Tento fazê-lo, as lágrimas crescem em soluços, deixo a despedida partidária a Dalcídio Jurandir” [...] (AMADO, 1992, p. 87)

Os médicos o haviam desenganado, doença irreversível levava Graciliano, a passos largos, para a sepultura.

Visitávamos o velho Graça – velho aos 60 anos? Pois era assim que o tratavam os íntimos, com carinho – em sua casa, Heloísa e os filhos sempre a seu lado dando-lhe força e coragem, cada qual sofrendo sozinho, no seu canto. Visitar o amigo era um martírio para Jorge, voltava sempre arrasado, uma tristeza incontrolável.

Naquele início de mês de março, Graciliano fora transferido para o hospital, seus dias estavam contados.

Antes de partir para o Chile Jorge me dissera: "Ao menos me poupo de assistir ao enterro..."

Poupou-se do enterro de Stalin mas não do de Graciliano, que nos deixou, dias depois, a 20 de março. (GATTAI, 2011, p. 45-46)

Na publicação anterior a esta citada acima, Zélia retoma com carinho uma passagem inusitada ocorrida entre Jorge Amado e Graciliano Ramos:

Os últimos dias na Tchecoslováquia foram dos mais movimentados. No Hotel Alcron, onde ficamos uma semana antes de seguir para a Itália, encontramos uma delegação brasileira, a caminho da URSS para as comemorações do 1º. de Maio em Moscou, capitaneada pelo escritor Graciliano Ramos e sua mulher Heloísa, amigos queridos. Outro amigo, o escritor Dalcídio Jurandir, fazia parte do grupo. O reencontro com pessoas recém-chegadas do Brasil, no momento em que voltávamos para lá, vinha a calhar. As cartas que recebêramos do Brasil, nos últimos tempos, depois que fora noticiada a volta de Jorge, traziam notícias as mais descontraídas, informações contraditórias, umas otimistas, outras pessimistas. Estávamos um pouco no ar, sem saber o que realmente nos iria suceder.

Membro antigo do Partido Comunista, pessoa discreta, arredia, Dalcídio Jurandir, escritor de grande qualidade, é autor de uma saga romanesca que tem a Amazônia como cenário: Belém, a ilha de Marajó, o grande rio. Suas histórias e seus personagens recriaram a realidade e o povo do Pará.

Dalcídio trazia-nos recado de Arruda Câmara. O dirigente mandava nos avisar que tomássemos cuidado, não levássemos nada que pudesse dar margem a provocação, pois o Partido fora informado de que a polícia do Rio, ciente do regresso de Jorge, preparava-se para, no desembarque, fazer uma razia completa em nossa bagagem, em busca de documentos comprometedores. O aviso de Arruda tinha fundamento, como pudemos comprovar ao chegarmos no Rio. Na alfândega, nossa bagagem foi vasculhada durante mais de duas horas, os policiais a tirar tudo das malas, absolutamente tudo, a apalpar e a farejar, peça por peça, em busca dos tais documentos comprometedores, enquanto os funcionários assistiam, sem jeito, quase a nos pedir desculpas por aquele ato de vandalismo: se dependesse deles, tudo seria liberado em seguida sem nenhuma vistoria.

Ao transmitir-nos o recado, Dalcídio confidenciou-nos, entre encabulado e gozador, que recebera do mesmo Arruda, na véspera de partir, a tarefa de dar assistência a Graciliano Ramos durante a sua permanência no mundo socialista: "Assistência ao Velho?", admirou-se Jorge, surpreso e ao mesmo tempo achando divertida a absurda novidade. "Não se trata propriamente de dar assistência", corrigiu Dalcídio, "mas de ficar atento, contornar e pôr panos quentes em caso de uma eventual irreverência, de uma crítica à vida soviética..!". Homem de pensamento livre, o autor de São Bernardo, de Vidas Secas e de tantos belos livros tinha fama de ser franco e desaforado, de dizer o que pensava sem fazer cerimônia. A ida do grande escritor à União Soviética era uma coisa positiva: valorizava, dava prestígio à delegação e ao Partido Comunista brasileiro, que contava com personalidade tão ilustre em suas fileiras. O Partido proporcionava a ida do mestre romancista a Moscou, mas colocava um "comissário político" a seu lado. Dalcídio sentia-se extremamente constrangido com a tarefa recebida. Mas tarefa do Partido não era para ser discutida, era para ser cumprida. Ao ver Mestre Graça de "comissário" nos calcanhares a tentar dirigir-lhe os passos, Jorge só faltou morrer de rir: "Tarefa danada, Mestre Dao, você vai torcer a orelha sem tirar sangue!" (GATTAI, 2009, p. 120)

A viagem de Graciliano Ramos à antiga URSS deu vida à obra *Viagem Tcheco-Eslováquia-URSS*, prefaciada por Jorge Amado e publicada em 1953. Esta obra, a segunda publicada postumamente, é um "diário de viagem" dividido em 34 capítulos, nos quais Graciliano narrou suas impressões pessoais acerca da URSS e do regime comunista. Em uma das inúmeras passagens, o "velho Graça" conta, a seu modo, o encontro com Jorge Amado no Hotel Alcron, encontro esse narrado acima por Zélia Gattai:

PROPRIAMENTE, a viagem começou em Praga — e foi uma decepção. Cheguei às quatro horas da tarde, cego, mudo, sem dinheiro. Havia algumas notas na carteira, mas eram do Brasil e da França, mais ou menos inúteis; não me seria possível dizer uma palavra na língua da terra; e, para integral caiporismo, o diabo zombara de mim na véspera quebrando-me os óculos, em Paris: tinha sido uma dificuldade pagar a conta do hotel. Ninguém para receber-me; em redor, caras indiferentes. Arriei num banco, a vista presa nos letreiros que havia nas paredes do aeródromo. Os mais vultosos eram perceptíveis aos meus desgraçados olhos, mas que significariam? Imaginei-me vítima de um logro; supus o convite inexistente e condenei-me por ter sido ingênuo: arrojara-me estupidamente à empresa insensata — e ali estava em profundo abatimento, sem saber para onde ir. Minha mulher, ao lado, achava tudo muito natural: o desarranjo estava previsto e numa hora as coisas se arrumariam da melhor forma. O descabido otimismo irritava-me; em voz baixa, expandia-me em duros impropérios. A sala pouco a pouco se esvaziava. Fui o último dos passageiros chamados, e na apresentação do passaporte um funcionário se revelou exigente e ranzinza: faltava uma formalidade. Exibi um pedaço de papel: o homem tomou novo aspecto, quis saber se me dirigia a Moscou. A resposta afirmativa originou o aparecimento de um sujeito magro que falava francês. Em seguida veio outro, que me surgiu mais tarde com o nome de Ivan Riabov e era representante da Voks em Praga. A Voks, abreviatura, significa Sociedade para as Relações Culturais da URSS com os Países estrangeiros. Riabov exprime-se em russo; fora daí não diz nada.

— Pertence a alguma associação de classe? — perguntou-me pela boca do sujeito magro.

— Coisa nenhuma, — declarei atarantado.

Minha mulher lembrou que eu era Presidente da Associação Brasileira de Escritores — e este exíguo título produziu bom efeito. Tinha-me esquecido inteiramente dele, e não me passava a ideia de que servisse para alguma coisa: o essencial era haver alguém a esperar-me na cidade, — afirmei. Os dois homens afastaram-se, regressaram modificados, chamaram-me ao telefone. Conversa rápida, explicações, um telegrama não recebido. Agora me achava mais ou menos tranquilo: as apoquentações da chegada evaporavam-se.

— O senhor pode esperar dez minutos ou quer seguir logo? — inquiriu o indivíduo magro.

— Espero. Não há pressa.

Um ônibus partiu conduzindo os passageiros do avião de Bruxelas. Sentei-me à porta. A tarde se alargava sobre as árvores de folhagem nova que principiavam a florir. E a noite não vinha. Na latitude elevada estendia-se uma luz triste e imóvel. Procurei um relógio, mas não seria possível ver as horas. Tive a impressão de que os ponteiros e o Sol estavam parados.

Examinada a bagagem, trouxeram-me um automóvel. Os dois homens se despediram e dirigi-me à cidade em companhia de um rapaz silencioso, que nos deixou no Hotel Alcron, onde estavam alojados vários brasileiros: Jorge Amado, Chermont, Rui, Costa Neto, alguns operários, entre eles Augusto, meu hóspede no Rio. Entrara-me em casa anos atrás, sem dar o nome, ficara uma semana, pesado, macambúzio, o olho duro, uma ruga na testa. Sumira-se, reaparecera com frequência [...]. (RAMOS, 1992, p. 12)

Logo após o sepultamento de Graciliano, Jorge, acompanhado de Zélia, viajou para o Chile, para participar do Congresso Continental de Cultura. Como membro do Conselho Mundial da Paz na Europa e um dos dirigentes do Movimento Mundial dos Partidários da Paz no Brasil, a autor não poderia deixar de estar presente. No Chile o casal ficou hospedado na casa de Pablo Neruda e pôde reencontrar amigos queridos, como o compadre Nicolás Guillén e René Depestre. A viagem serviu para alegrá-los um pouco, apesar de ainda muito tristes com a partida de Graciliano.

Mesmo com os inúmeros compromissos políticos, Jorge decidiu que não deveria mais parar de escrever. Cumpria todas as exigências do Partido, mas, na hora em que podia escrever, não tinha espaço, nem ambiente. O apartamento em Copacabana não dava condições. Ficou decidido, então, que procurariam outro lugar para que ele tivesse um ambiente melhor para trabalhar. Por sugestão de uma amiga, que soube que o casal procurava um lugar tranquilo, foram conhecer o Hotel Quitandinha, em Petrópolis. O hotel, construído para abrigar um cassino, o maior da América do Sul, ficou à míngua quando o jogo foi proibido no Brasil. Sem opção, os proprietários resolveram vender os apartamentos a terceiros. Jorge e Zélia foram

conhecer o local. Era pequeno, mas muito agradável. Além disso, como o preço era excelente, não tiveram dúvida e compraram a última unidade à venda.

O apartamento do Quitandinha foi muito utilizado por todos. Vários amigos – como Glauber Rocha, Gilbert Chaves, Mauritônio Meira e o cantor João Gilberto, de quem Jorge e Zélia foram padrinhos de casamento – passaram sua lua de mel no local.

O tempo foi passando rápido e, em julho de 1954, Jorge Amado e Zélia voltaram ao Chile, dessa vez para as comemorações do cinquentenário de Pablo Neruda. Na ocasião, Neruda receberia, das mãos de Ilya Ehrenbrug, a medalha e o cheque referentes ao prêmio Stálin, oferecido a ao poeta chileno meses antes. Hospedados na casa de Salvador Allende, Jorge e Zélia reencontram vários amigos queridos. Como a festa de Neruda havia tomado uma estrondosa proporção, várias delegações chegavam para os festejos. Dentre elas, a da China, que trazia Liu, chinês que havia encantado o casal na sua viagem a esse país.

Ao voltarem, era intenção de Jorge que Ilya Ehrenburg finalmente conhecesse o Brasil. Antes da viagem ao Chile, Jorge tentou conseguir o visto para a entrada do amigo no país, mas não teve sucesso. A situação política estava muito complicada e o próprio Getúlio Vargas, quando consultado sobre o visto, o negou, apesar de se declarar fã de Ehrenbrug.

Não havendo outra maneira, Jorge conseguiu uma autorização para eles entrarem na sala reservada do aeroporto do Galeão. O voo de Ilya, com destino a Europa, faria uma escala no Brasil e essa era a única oportunidade que lhes restava. Munidos de plantas variadas e de uma cesta carregada de frutas tropicais, como mangas, jacas e carambolas, a família partiu para o aeroporto e Ilya pode finalmente rever sua afilhada Paloma, agora com dois anos de idade. Afilhada e padrinho não se encontravam desde o “batizado” em Dobris.

Mais sortudos que Ilya, os tchecos Drda e Kucháleck conseguiram autorização para entrar no Brasil e, após saírem das comemorações de Neruda, vieram conhecer a terra de Jorge e Zélia. Os amigos do casal chegaram ao país num momento político bastante delicado, o suicídio de Getúlio Vargas.

Até o suicídio, havia manifestações pedindo a renúncia de Vargas, inclusive na TV, no rádio e em jornais como O Estado de S. Paulo. Em frente ao Catete, centenas de curiosos esperavam sua destituição. Na Faculdade de Direito de São Paulo, os estudantes portavam um “R” (de “renúncia”) na lapela. Na verdade, o governo de Vargas estava impopular, sobretudo por

causa da crescente inflação e da conseqüente alta do custo de vida. Esse clima de relativa insatisfação mudaria radicalmente com a notícia do suicídio e a divulgação da carta-testamento. O jornalista político Villas-Bôas Corrêa, que estava fazendo plantão na redação do Diário de Notícias na noite do dia 24 de agosto, conta que, na madrugada do dia 25, fez uma pausa nos trabalhos e, num botequim nas proximidades da redação, pôde ver os frequentadores comemorando a notícia de que Vargas se licenciara. Mais tarde, já pela manhã, quando caminhava pelas ruas, ouviu o locutor do famoso radiojornal Repórter Esso anunciando o suicídio e lendo a carta-testamento, ao mesmo tempo que presenciou a mudança de atitude das pessoas: “uma senhora [...] explodiu num ataque de ódio [...] xingando aos berros [...] os inimigos que forçaram o amigo dos pobres a pôr fim à vida”. De fato, manifestações tomaram conta da cidade. Portando paus e pedras, populares percorreram o Rio tentando apedrejar símbolos da campanha antigetulista, como a Rádio Globo, a Tribuna da Imprensa e a embaixada norte-americana. Em outras regiões do país também houve agitações. A popularidade de Vargas, parcialmente abalada pela crise de 1954, havia sido, entretanto, solidamente construída ao longo do Estado Novo graças ao forte aparato de propaganda política coordenado pelo famoso Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). O funeral de Vargas atraiu milhares de pessoas que desfilaram durante horas diante de seu corpo no Palácio do Catete. Cenas de choro convulsivo e desmaios foram frequentes. Na manhã do dia 25, o caixão foi levado ao aeroporto Santos Dumont, acompanhado por enorme cortejo, a fim de seguir para São Borja, onde o ex-presidente seria enterrado. (FICO, 2015, p. 18)

Com a morte de Getúlio, a eleição presidencial ficou acirrada e o país dividido. De um lado o candidato conservador General Juarez Távora, de outro Juscelino Kubitschek, candidato apoiado pelo PCB. Coincidentemente, um comitê feminino de apoio a candidatura de Juscelino foi instalado no térreo do prédio onde Zélia e Jorge moravam e, algumas vezes, Zélia ia até o local oferecer ajuda. João Jorge também defendia Juscelino e ajudava como podia, distribuía santinhos, colocava cartazes. Por conta de seu posicionamento politizado, o menino teve problemas na escola e a mãe foi chamada. João e um colega haviam se estranhado por defenderem candidatos diferentes. A diretora explicou à Zélia que João Jorge havia levado cartazes de Juscelino para a escola e ao colá-los, despertou a ira do colega, que apoiava o General Juarez. Exaltando, o colega arrancou e rasgou os cartazes, gerando toda a confusão, que teve como saldo dois garotos arranhados. Zélia entendeu assim. A outra mãe não, que alegava que João havia sido extremamente violento, inclusive, uma mordida foi desferida, “mordeu como um comunista, um verdadeiro Juscelino...” (GATTAL, 2011, p. 69). A outra mãe exigia que o “comunistinha” João Jorge fosse expulso e Zélia esperava por isso, afinal, a diretora era anti-Juscelino. Na tentativa de ser razoável a diretora disse que João poderia ficar, porém, com a condição que ele não faria propaganda política dentro da escola. Zélia, ao chegar à escola para a tal reunião viu cartazes e panfletos do

General espalhados pelo ambiente, situação que a fez entender que a proibição era contra Juscelino. Ao levantar essa questão, Zélia teve seu filho chamado de fanático e revolucionário pela diretora. Essa foi a última vez que João Jorge foi aquela escola. Já era vontade dos pais colocá-lo numa escola pública e o incidente só adiantou as coisas.

Outra situação delicada que o apoio a Juscelino causou partiu de alguém que não se esperava. Carlos Lacerda, amigo de anos de Jorge e Zélia era proprietário de um jornal chamado *Tribuna da Imprensa* e, em certa ocasião, um editorial foi publicado no jornal com a intenção clara de ligar Juscelino ao PCB, Partido de funcionamento ilegal no país. A fim de ilustrar essa afirmação sobre o candidato, o editorial declarou que o comitê que ficava em Copacabana “era dirigido por uma comunista notória, Zélia Gattai, a mulher que vivia com Jorge Amado”. (GATTAI, 2011, p. 71). Zélia ficou tristíssima com a traição do amigo e com a maneira que o editorial se referiu a relação que ela e Jorge tinham.

Jorge Amado, nessa época, estava cansado e chateado. Os compromissos políticos tomavam todo o seu tempo e sua carreira de escritor estava esquecida. Ao ser procurado por Arruda para um compromisso na Argentina, o escritor pediu que aquele fosse seu último compromisso político. Ele queria desligar-se das funções que o PCB o delegara. Arruda concordou. Na sequência, Jorge e Zélia tiveram uma revelação que os deixou completamente estarecidos:

O relatório apresentado por Nikita Kruchov, no XX Congresso da União Soviética, explodiu como uma bomba. Nosso pai, o que zelava pelo nosso destino a iluminar nossa estrada, o que pensava por nossas cabeças, o magnânimo, o magnífico Stalin, nos havia enganado a todos. Existiam campos de concentração na União Soviética, sim! Prisioneiros na Sibéria! Antissemitismo, sim senhor! Os médicos judeus, acusados como traidores da pátria, não eram traidores coisa nenhuma! Tudo o que havíamos pensado ser calúnia do inimigo e havíamos negado quando cobrados era verdade.

Para Jorge e para mim, que tínhamos vivido em país socialista e tido contato estreito com os soviéticos, a revelação de Kruchov nos chocou profundamente, apesar de que não nos apanhou totalmente desprevenidos. As suspeitas e as dúvidas já viviam conosco havia algum tempo. Desde o processo Slanski, na Tchecoslováquia, a prisão de London, tempos dramáticos que vivemos, fomos perdendo a confiança aos poucos já não tínhamos a certeza absoluta de antes. Víamos coisas que nos pareciam erradas, levantávamos a suspeita, custávamos a aceitar as explicações, mas acabávamos aceitando. A denúncia de Nikita Kruchov no XX Congresso vinha esclarecer muita coisa que não entendêramos.

Tudo se embaralhava em minha cabeça, perdera a graça, o entusiasmo, entrei em conflito comigo mesma, devia continuar a ter esperanças, a confiar no futuro do socialismo? Precisava de um tempo para refletir, esperar o desenrolar dos acontecimentos para assentar a cabeça. Não me

sentia em condições de prosseguir trabalhando para o Partido, e na primeira reunião pedi meu desligamento da comissão de finanças. Jorge nem precisou se desligar das tarefas partidárias, pois já o fizera no encontro com Arruda, havia um mês, nas vésperas de Natal, como já foi dito. (GATTAL, 2011. p. 75)

O afastamento das tarefas do PCB e a eleição de Juscelino permitiram que Jorge desse vazão a um projeto: a criação de um jornal de Literatura. Vários amigos intelectuais, ligados as artes em geral, apoiaram e fizeram parte do quinzenário, batizado de *Paratodos*. Junto ao jornal, Jorge começou, finalmente, a trabalhar em um novo romance: *Gabriela, cravo e canela*. A obra, publicada em 1958, foi a primeira escrita por Jorge após a ruptura com o PCB. Nesse mesmo ano, 1958, o *Paratodos* acabou. A ideia era excelente, mas faltava dinheiro. Ao contrário do quinzenário, Gabriela nasceu com sorte e seu lançamento foi um grande sucesso.

Um ano depois, em 1959, Zélia resolveu que iria aprender a dirigir. Jorge também não dirigia, e a oferta de um carro vendido a um preço baixíssimo a motivou a entrar em uma autoescola. O marido, a princípio, não apoiou a ideia, porém, não tardou a mudá-la. E, em, em setembro de 1959, Zélia Gattai, aos 43 anos, tornou-se a motorista oficial da família.

Em 1960, Jânio Quadros foi eleito presidente da República e assumiu em 1961. Apesar de ter sido eleito com ampla vantagem de votos, Jânio não conseguiu ficar por muito tempo no poder, renunciou ao mandato.

Durante sete meses Jânio governara no grito. Por detrás dele não havia nada, não havia outra força política além da pressão para derrubá-lo. As chamadas "forças ocultas" não podiam admitir um Presidente da República tão independente e audaz, que tivera inclusive o topete de condecorar um guerrilheiro, "comparsa" de Fidel Castro, o polêmico e temido Che Guevara! *As forças ocultas* não podiam admitir um Presidente encampando uma política terceiro-mundista, cercado-se de intelectuais prestigiosos, governando por sua cabeça, irreverente, disposto a não acatar ordens, viessem de onde viessem. (GATTAL, 2011, p. 171)

Quem assumiria o poder era Joao Goulart, que havia sido vice-presidente nos governos de Juscelino e Jânio, mas um complô militar se desenhava para tentar impedir a posse. O povo se mobilizou em todo o país para garantir o direito de posse ao novo presidente. No Rio Grande do Sul, por exemplo, a "rede da legalidade", liderada pelo então governador Leonel Brizola, convocava o povo a se juntar num movimento de resistência a favor de Joao Goulart. No Rio de Janeiro também ocorreram inúmeras manifestações, e Zélia resolveu participar de uma delas.

Um comício estava marcado para aquela tarde, na Cinelândia. Nós não podíamos deixar de participar, e João Jorge gritou que também iria. Prevendo a violência da polícia, que naquela tarde estaria mais feroz do que nunca, Jorge me pediu que não fosse devido ao meu estado. Eu me encontrava no segundo mês de gravidez, não devia me expor. Seria prudente também deixar João em casa, o menino era novo demais para começar a levar cassetete da polícia.

Ficara acertado que nosso amigo Letelba viria nos apanhar para a manifestação. Ao ver-me triste e frustrada, ele tratou de me animar, não havia nada que me impedisse de ir, assistiria ao comício da janela de seu escritório de advocacia, na Cinelândia, não correria risco nenhum. João poderia ir conosco.

Chegamos cedo, muito antes da hora marcada, e ainda assim tivemos dificuldade para entrar no prédio. Cercada pela polícia civil e militar, a Cinelândia transformara-se em praça de guerra. Fileiras de camburões estacionados em frente ao Teatro Municipal esperavam os manifestantes, intimidando-os. Estavam para dissolver a massa. Tinham ido para isso.

Batalha de armados contra desarmados, naquela praça repleta, repetiam-se antigas cenas de violência: o povo indefeso, jovens imberbes, homens e mulheres levando empurrões e pontapés, os cassetetes baixando, tirando sangue... Gás lacrimogêneo sufocando, cegando... Diante de meus olhos um juvenzinho, quase menino, era arrastado por dois brutamontes: enquanto um lhe torcia o braço a ponto de parti-lo, o outro dava-lhe murros e pontapés... Impotente para impedir tamanha barbaridade, revoltada, desesperada, não me contive e, debruçando-me na janela, comecei a gritar com toda a minha força, a chamá-los de covardes, bandidos, assassinos... João Jorge me acompanhava nos brados de protesto.

Voltei para casa sentindo dores e naquela mesma noite fui internada no hospital.

Perdi a criança.

(GATTAI, 2011, p.196)

Ainda neste ano, 1961, Jorge Amado foi eleito imortal da Academia Brasileira de Letras. Já fazia quase dez anos que a família morava no Rio e uma proposta de parceria da Metro Goldwyn Meyer fez surgir a oportunidade para que se realizasse um projeto: a mudança da família para a Bahia. Com os filhos entrando na adolescência, Jorge e Zélia achavam que o Rio de Janeiro era muito perigoso e violento.

Não fora fácil descobrir casa de nosso agrado, na Bahia. Rodamos aquilo tudo sem sucesso e; quando já começávamos a desanimar, encontramos uma que pertencia a um pianista austríaco, Jean Sebastian Benda, que partia com a família para a Europa. Não era a casa ideal, a que sonháramos, pois necessitava ser reformada, em realidade devia ser reconstruída. Tinha a vantagem de ser situada no alto de uma ladeira com surpreendente vista sobre o bairro do Rio Vermelho e o mar. Nossos amigos viviam nas imediações, e isso nos entusiasmava. O terreno era grande, porém minado de formigueiros e as únicas árvores que havia era um velho sapotizeiro, um pé de manga carlotinha e um pé de jambo do Pará, ainda novos.

Dona Eulália não gostou nem um pouco da conversa de mudança, seu João também não gostou, mas ficou calado, não disse nada. Ao saber que já havíamos comprado a casa, dona Eulália não se conformou:

- Menina! Tu mais Jorge vão embora mesmo? O que é que vão fazer lá na Bahia?

Que graça vocês acham naquilo?

- A Bahia é mais tranquila, dona Eulália, vai ser melhor para as crianças e para nós também... A casa é grande, tem um quarto para a senhora e seu João. Vamos morar todos na Bahia... (GATTAL, 2011, p. 218-219)

Essa era a intenção de Zélia e Jorge, porém nem tudo saiu como planejado. Seu João, pai de Jorge, vinha doente há algum tempo. De uma hora para outra, o coronel Amado passou a ficar depressivo e a reclamar de dores horríveis na virilha. Examinado pelo filho médico e submetido a inúmeros exames, nada foi encontrado, o que fez seu João ter certeza de que seu mal era espiritual. Tomando coragem o sogro explicou para Zélia que via junto dele um vulto, que ele julgava ser de Negro Valentim, seu homem de confiança. Era ele quem tomava conta da fazenda dos Amado no sul da Bahia. Certa vez, ao chegarem à fazenda, Lalu e seu João descobriram que Negro Valentim tinha morrido e sido enterrado como indigente. Apesar de não ter sido culpado, seu João sentia culpa, e, por isso, acreditava que aquele vulto era de Valentim. Atendendo a um pedido do sogro, Zélia procurou uma médium, D. Raimunda, que em uma sessão espírita dentro do apartamento em Copacabana não sou viu o espírito do Negro Valentim, como travou uma batalha com ele pelo espírito de seu João. Banhada em suor, finalmente D. Raimunda libertou o coronel do espírito. Passado algum tempo, seu João adoeceu novamente. Zélia e Jorge estavam em Salvador, para resolver questões da nova casa, e seu João apelou, então, a James, seu outro filho, que fosse com urgência buscar D. Raimunda, mas ela estava fora do Rio. Quando finalmente a médium chegou, partiu rapidamente para ver seu João. “A anciã entrou, foi diretamente ao quarto, parou, silenciosa, junto à cama, ao lado do coronel, que ressonava: ele abriu os olhos e a fitou. “Está me conhecendo, seu João?” Com a voz quase apagada, ele disse: “Dona Raimunda...”. “Sorriu, voltou a fechar os olhos. O coronel João Amado estava morto”. (GATTAL, 2011, p. 223-224)

2.12 Bahia

A decisão de se mudarem com “armas e bagagens”, como dizia Zélia, para a Bahia foi difícil, mas necessária. O crescimento dos filhos numa cidade como o Rio de Janeiro deixava a escritora extremamente preocupada. Casos de violência e envolvimento com drogas estavam acontecendo cada vez mais próximos de João Jorge e Paloma. Definitivamente o Rio tinha deixado de ser uma boa opção, exceto para a mãe de Jorge, Lalu, que achava um absurdo a família abandonar as belezas da capital carioca para se embrenhar no “mato”. Ela não tinha boas lembranças da Bahia, achava que o lugar era o “cu do mundo”.

A opinião de Lalu não era nenhum exagero. Salvador, na época, era uma cidade em desenvolvimento, com poucos recursos. O Centro Histórico do Pelourinho estava arruinado, muito lixo. As compras também eram difíceis, quase não havia variedade de verduras para escolher; alface e tomate, por exemplo, eram da pior qualidade. Em *Memorial do amor (MDA)*, Zélia conta que:

Naquele tempo, a vida de uma dona de casa em Salvador não era fácil. Para abastecer a geladeira era preciso bater pernas por toda parte, ir ao mercado de Água de Meninos – hoje São Joaquim – e chafurdar os pés na lama para comprar frutas e alguns raros legumes que em outra parte não encontraria. (GATTAL, 2013, p. 23)

Mas nada a impediria de tentar garantir a segurança dos filhos, nem mesmo a pouca familiaridade com a cidade. Enquanto Jorge Amado, nascido e criado na Bahia, estaria em casa, ela, paulistana, temia a adaptação à nova cidade, mas tentava transformar o receio em otimismo, pensando, principalmente, nas vantagens de estarem num lugar menos aflitivo.

A recusa de Lalu ou a falta de intimidade de Zélia com a Bahia eram problemas menores, se comparados à imensa dificuldade que o casal enfrentou na busca pela casa ideal. Na primeira viagem que fizeram, Zélia ao volante, dirigindo do Rio de Janeiro até a Bahia, visitaram várias casas, na maioria horríveis. As que eram lindas não estavam à venda.

Ao voltarem para o Rio, com planos de retornarem à Bahia o quanto antes, Jorge Amado recebeu a notícia de que tinha sido eleito para a Academia Brasileira de Letras. Ele havia se candidatado a uma vaga, aberta após o falecimento de Otávio Mangabeira. A posse e todos os compromissos atrelados a ela atrasaram os planos de retorno à Bahia. Três meses depois do resultado da eleição, em julho de 1961, Jorge Amado, aos 49 anos, tomou posse da cadeira 23, cujo patrono é o

escritor José de Alencar. Vestido com o fardão da Academia, Jorge, de chapéu bigorna, capa e espada, deixou orgulhosíssima toda a família, especialmente seu João Amado e Lalu: “Coisa mais linda!...” exclamou dona Eulália. “Uma beleza!”, sentenciou o pai, na maior vaidade. Waldomiro, nosso jovem faxineiro baiano, não pôde esconder seu espanto: “E eu que não sabia que doutor Jorge era rei...” (GATTAL, 2010, p. 176).

Somente após a posse na Academia, na segunda tentativa, encontraram a casa, que não era perfeita, mas tinha condições de ficar, depois de muito trabalho e muito dinheiro. A casa, chamada de Sonata pelo dono, pertencia a um pianista suíço que estava retornando à Europa, e encantou Jorge e Zélia pelo tamanho do quintal e pela vista do mar. Só. O resto era preocupação: a casa estava velha, era feia, grande, desconfortável, mas a falta de opções melhores os obrigou a comprá-la.

Ao escolherem essa casa, situada num bairro afastado e popular de Salvador, o Rio Vermelho, Jorge e Zélia surpreenderam muita gente. Muitos amigos achavam que a família deveria se estabelecer num bairro nobre, e não numa rua de casas modestas, quase sem calçamento e sem nenhum edifício. Desconsiderando opiniões contrárias, Jorge e Zélia assinaram a escritura da nova morada em outubro de 1961. Finalmente, a casa da Rua Alagoinhas, nº 33, era deles. Após a documentação acertada, a obra teve início, comandada pelo jovem arquiteto Gilbert Chaves. Na obra *A casa do Rio Vermelho (CRV)* ela conta:

Jorge chamou os amigos para conosco estudarem o projeto feito pelo jovem Gilberbet. O encontro foi na casa de Mário Cravo. Estavam todos lá: Carybé, Mirabeau, Jenner Augusto e o próprio Mário. Projeto interessante, de casa ampla, largos terraços, muita treliça, grades, casa para o clima da Bahia. Agora era botar mãos à obra. O empreiteiro, conhecido da turma, se propôs a iniciar o quanto antes, o trabalho ia ser demorado, a casa atual iria praticamente abaixo. Seria preservada uma parte para habitarmos durante aquelas férias, voltaríamos ao Rio e lá pelo fim do ano estaríamos de casa pronta. As grades ficam por minha conta, disse Mário; eu me encarrego de pintar os azulejos, disse Carybé; eu pinto as portas e os basculantes de vidro, falou Jenner. Por acaso, naquela noite, encontrava-se na casa de Mário, de quem era muito amiga, Una Bo Bardi, que viera de São Paulo para a Bahia, contratada pelo governador do Estado – na ocasião, Juracy Magalhães – como diretora do Museu de Arte Moderna da Bahia. Lina também deu seu palpite: Por que não colocam no piso das escadas e nos caminhos cacos de azulejos? Vocês podem conseguir à vontade na cerâmica do Udo. Ele tem montes de azulejos quebrados. Tudo que foi combinado nessa noite foi feito e muito mais. (GATTAL, 2010, p. 66)

Os vários afazeres relacionados à obra da casa tiveram que esperar. Jorge e Zélia haviam sido chamados por Mãe Senhora. Ela os esperava no terreiro.

Conforme já mencionado nesse trabalho, Jorge Amado era filho de santo, obá no terreiro do Axé Opô Afonjá, comandado por Mãe Senhora. Zélia, filha de pais anarquistas, céticos e ateus, foi sendo aos poucos encantada pela magia do candomblé, apresentado a ela pelo marido. Assim, para ambos, o chamado de Mãe Senhora era uma ordem. Ao chegarem, foram repreendidos por estarem na Bahia há algum tempo e não terem ido ao terreiro salvar seus santos. Em seguida, foram presenteados com uma pitangueira retirada do terreiro, que deveria ser plantada no quintal da nova casa, e advertidos que deveriam fazer o bori antes de voltar para o Rio. Quase um ano já tinha se passado desde a última cerimônia e eles deveriam refazê-la, a fim de limpar as cabeças e fechar o corpo.

A cerimônia do bori durava uma noite inteira. Chegávamos à tardinha. Epifânia, filha-de-santo do terreiro, nos dava um banho de folhas, vestíamos batas e saias rodadas, brancas, e assistíamos, à noite, ao sacrifício das galinhas e à preparação da comida feita com a galinha no dendê, farinha, quiabos... Parte daquela comida, acompanhada de preces em língua nagô, iria lavar nossas cabeças e parte seria oferecida aos orixás.

Em quartos separados, homens num, mulheres noutra, dormíamos sobre uma esteira de palha no chão de cimento. Sobre nossas cabeças era colocada a comida, sustentada por uma faixa que se transformava em torço. Uma luz fraca, quase nenhuma, e o silêncio. (GATTAI, 2010, p. 73)

Estar próxima ao Candomblé salvou a vida de Zélia. Segundo narrado em *Memorial do amor (MDA)*, Carybé, amigo de tantos anos, certo dia sonhou que Zélia havia parido uma criança que falava e andava, e parecia ter nascido com sete anos de idade. Ao acordar, o amigo foi até a casa do casal e encontrou Zélia acamada, sentindo fortes dores nas costas. Preocupado, Carybé procurou por Olga de Alaketu. Após ouvir a história, Olga não teve dúvidas: foi até a casa de Zélia munida de plantas. Um trabalho havia sido feito e era preciso cortar seu efeito. Ao chegar, a mãe de santo quis saber quem na casa frequentava terreiros. Ela sabia que o mal de Zélia fora provocado por alguém que convivia com eles, dentro de casa. Não foi muito difícil descobrir a autora do trabalho. Maria, cozinheira do casal, havia levado filha e neta pequena para morarem na casa dos patrões, sem a permissão deles. Inclusive, eles só descobriram a situação após ouvirem o choro da criança. Jorge não aceitou a presença das duas na casa. Ele até poderia ajudá-las com dinheiro, mas não as queria morando lá, já que a presença de uma criança pequena lhe tiraria toda a tranquilidade para escrever. Desesperada, a cozinheira recorreu ao terreiro e foi orientada a ferver folhas milagrosas e espalhar a poção pela casa. Um pó

também foi colocado nos cantos da residência, a fim de tentar dobrar Jorge Amado. O “ebó” acabou atingindo Zélia, que sofria com dores intensas e, segundo a mãe de santo, corria até mesmo risco de vida. O trabalho foi quebrado por Olga e Zélia recuperou-se quase que de imediato, após ter seu corpo rezado em língua nagô e benzido com as folhas trazidas pela mãe de santo.

“Voltando ao fio da meada”, como dizia Zélia, a casa do Rio Vermelho, sendo reformada por mais de trinta operários, não oferecia a menor condição de ser habitada. Ficou combinado que os amigos baianos tomariam conta da obra, enquanto Jorge e Zélia estivessem fora. Eles voltariam para o Rio e retornariam a Salvador sempre que possível. A obra levou três anos para terminar e somente no final de 1963, às vésperas do golpe militar de 64, a família se mudou por completo para a Bahia. Zélia, em *CRV*, conta o quão apreensivos ficaram com as notícias sobre o golpe militar. Ela temia que a necessidade do exílio voltasse a perturbá-lo

Aurélio, o novo motorista, veio avisar que Dr. Wilson Lins e dona Anita, estavam chegando. Havíamos passado dias de angústia, com os boatos políticos que corriam, boatos alarmantes de golpe militar.

Jorge estivera em São Paulo e no Rio, fora tratar com a editora a publicação de *Os pastores da noite*, romance que acabara de escrever.

Jorge saíra do Rio para a Bahia com o irmão, James Amado, num Peugeot novo que comprara para substituir o arruinado e pranteado Mane Pato, que ficara no ferro-velho para sempre.

Os boatos sobre o golpe que se armava eram tantos e tais que, ao verem os dois irmãos pegando estrada, comentaram: já estão fugindo.

Os boatos se confirmaram na véspera dessa inesperada visita de Wilson Lins. Rádio e televisão anunciavam a deposição do presidente João Goulart, que fugira para o Uruguai, tropas na rua, no Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, cunhado do presidente, comandava um movimento contra o golpe.

Os generais reformados pelo presidente não estavam tão submissos e conformados como ele supunha. Era anunciado o nome do general Humberto de Alencar Castelo Branco, para substituir João Goulart.

Telefonamos para alguns amigos no Rio e sentimos na voz de todos que voltara a prudência ao falar por telefone. A censura e a autocensura já andavam à solta comboiando toda a sorte de restrições.

O sorriso estampado no rosto, olhos brilhando de satisfação, Wilson era o próprio vencedor do golpe, golpe chamado pelos golpistas de revolução:

Em nome da revolução... disse ele, mas não o deixei terminar a frase. Olhe, Wilson, não venha falar em revolução nesta casa! Estamos cansados de sofrer, cansados de golpes militares. Me admira você, nosso amigo, vir com essa conversa de revolução, revolução fajuta, fascista, que vai acabar com a liberdade, vai botar todo mundo de novo na cadeia... Diante da minha violência Anita quis reagir, mas Wilson não deixou. Vim aqui para oferecer meus préstimos, apenas isso, justificou-se ele.

Sem mesmo lhe pedir, acabamos precisando da ajuda de Wilson Lins. Homem cotado pelos cabeças do golpe, ele mesmo um dos inocentes úteis, conseguiu libertar João Jorge, que fora espancado e preso ao participar nas ruas de uma passeata estudantil. Nem foi preciso recorrer a Wilson. Ao saber da prisão de nosso filho foi ele quem, espontaneamente, se mexeu,

não teve dúvidas em acordar, de madrugada, uma alta autoridade, tirou João da cadeia, veio trazê-lo em casa, de manhãzinha.

Nossos amigos andavam preocupados com o que pudesse acontecer a Jorge. Começavam as invasões de lares, os livros de Jorge Amado apreendidos, os leitores tachados de comunistas por lerem tal escritor. Temerosas, as pessoas tratavam de esconder os livros proibidos.

Ao voltar de uma viagem à União Soviética, havíamos trazido miniaturas do Sputnik, novidade, coisa tola, mas que agradara os amigos. Depois desse malfadado 1º. de abril até os pequenos Sputniks, por prudência, foram destruídos por alguns de seus apavorados possuidores.

A preocupação dos amigos de Jorge era saber se ele pretendia exilar-se ainda uma vez. Daqui não saio, respondia Jorge. Se quiserem me prender, que venham, mas não creio que tenham coragem de tocar em mim, a repercussão no estrangeiro os amedronta.

O golpe iria, certamente, prejudicar o lançamento do livro novo, Os pastores da noite, apenas saído da impressora. Dmeval Chaves, dono da livraria e nosso amigo, chegou a sugerir o adiamento da tarde de autógrafos. Jorge não concordou, e na tarde do lançamento a Livraria Civilização Brasileira ficou abarrotada de amigos, de leitores, heróis arriscando a própria segurança, e de olheiros da polícia política.

Depois dessa tarde, pelo que se soube, algumas residências foram visitadas pela polícia, várias pessoas intimadas a depor para responder a perguntas que tais: Qual a sua ligação com Jorge Amado? (GATTAI, 2010, p. 81-82)

Lalu, mesmo contrariada, voltou à Bahia. Com a morte do marido, não havia jeito de deixá-la no Rio.

A entrada da casa ornada por azulejos de Carybé, representando as armas de Oxóssi e Iemanjá, e por um Xangô de ferro ainda não estava bem guardada, e Jorge Amado resolveu encomendar de Mestre Manu uma escultura de Exu, para ser o guardião da residência.

Zélia Gattai e Jorge Amado, apesar de “filhos” de outros orixás, tinham uma relação bastante interessante com Exu, o orixá mais controverso do candomblé. Segundo a crença, cada orixá tem o seu sistema simbólico particular, composto de cores, comidas, cantigas, rezas, ambientes, espaços físicos e até horários, além de ter seu correspondente na religião católica. Exu, o mensageiro, tem forte ligação com o fogo, suas cores prediletas são o vermelho e o preto, e seu instrumento são sete ferros presos numa mesma base, voltados para cima, como um tridente. Lembra alguém?!

Sim, ele mesmo, o demônio medieval! Exu é conhecido como o orixá da comunicação, o guardião das casas e das encruzilhadas, mas, por causa de sua predileção por cores nas roupas e colares, o formato de seu corpo e seu temperamento, o sincretismo aponta Exu como a representação do demônio.

Segundo PRANDI (2000, p. 94):

O quadro de correspondência estava quase completo, cada orixá com seu santo. Acima de todos os santos-orixás estava Oxalá, equiparado a Jesus, o Deus Filho. Só faltava encontrar o equivalente ao diabo. Não foi preciso procurar; Exu tinha tudo para ocupar o papel. Os africanos não conheciam a figura do diabo, e não separavam o bem do mal em campos opostos e irreconciliáveis, como na tradição judaico-cristã. O bem e o mal andam juntos em cada coisa, em cada pessoa. Nessa cultura, exu era tão somente o mensageiro dos orixás. Contudo, seu caráter de herói divino trapalhão, que a antropologia chama de trikster, que gosta de brincar e confundir, que adora comer e beber sem limite, que cobra pelos seus favores, que exhibe a própria sexualidade e induz à quebra das regras e à ruptura dos costumes, tudo isso orixás, ainda na África, um candidato natural ao posto de demônio. No sincretismo que mais tarde se constituiu no Brasil, seu lugar já estava demarcado. O orixá da transgressão, do movimento e da mudança foi posto injustamente no lugar do diabo. Mas é um diabo alegre, domesticado, com o qual se pode negociar e conviver. Muitos o tratam com intimidade e o chamam de compadre. É assim também o Exu sincrético de Jorge Amado.

O demônio, sua feição e poderes, fizeram parte do imaginário dos homens desde os primórdios, provocando medo do que ele é, mas, principalmente, do que ele pode provocar. Segundo a crença, Exu, assim como o demônio, pode assumir 256 formas diferentes, aparecendo ora como anão, ora como gigante, como homem novo ou velho. Além disso, a capacidade de falar qualquer língua, o comportamento trapaceiro, o gosto em provocar confusão, os traços sexuais explícitos e sua liberdade em aceitar qualquer pedido de devotos e clientes ajudaram a nomear Exu o demônio do candomblé.

Exu, o mais humano dos orixás, é ciumento – pode trancar os caminhos, provocar discussões e criar armadilhas para os que estão em falta com ele e acredita-se, inclusive, que as pessoas desviadas do caminho traçado estão sob a influência de Exu.

É comum que se assente o Exu na entrada das casas de candomblé como guardião e em todas elas há um quarto para ele, onde ficam guardados seus assentamentos. Padê é o trabalho, o despacho, oferendas que se fazem a esse orixá antes de qualquer atividade, pedindo a sua licença e, também, para que ele abra os caminhos e tudo possa acontecer sem empecilhos. Apesar de aceitar qualquer coisa que lhe é dado, esse orixá gosta de folhas sagradas maceradas com enxofre, pratos enfeitados com tridentes e lanças, mas, sem dúvida, seu presente preferido é o bode, características que provocam, novamente, a inevitável relação do Exu com o demônio.

Completamente alheio a opiniões de não adeptos do Candomblé, Jorge ficou felicíssimo ao receber sua escultura, esculpida em ferro retorcido e latão, e tratou de instalá-la no jardim. Em *CRV Zélia* conta:

Lá estava ele, enorme, formoso, de cauda virada, chifrinhos e estrovenga, exu pra ninguém botar defeito, nem mesmo Carybé, se roendo de inveja. Não tardou muito, um recado de Mãe Senhora pedia que Jorge fosse vê-la, com a maior urgência. A mãe de santo havia sabido da existência do exu em nosso jardim e estava horrorizada. “Tu não tem juízo, seu Jorge? Onde já se viu botar um orixá forte desses sem o fundamento?” Não quis nem ouvir Jorge tentando lhe explicar que colocara a escultura no jardim apenas como decoração. “Se tu não tem cabeça, eu tenho”, disse Mãe Senhora, encerrando a bronca.

No dia seguinte, mal o sol levantara, apareceu na porta Loló, emissário de Senhora. Trazia uma enorme sacola, dentro dela o necessário para assentar o santo: um galo preto, um litro de azeite de dendê, um litro de cachaça, farofa amarela e alguns charutos. Cavou a terra, fez uma valeta em torno da escultura, nela atirou os charutos, despejou o dendê, a cachaça, a farofa e o sangue do galo de pescoço decepado na hora.

Até hoje sigo as instruções de Mãe Senhora: às segundas-feiras, infalivelmente, chova ou faça sol, dou de beber ao compadre, despejo meio copo de cachaça sobre ele, assobio uma música que Verger me ensinou e, com isso, dou por completada a obrigação. (GATTAL, 2010, p. 93 e 94)

Além dessa escultura, outros Exus fazem parte da história de Jorge e Zélia. Em certa ocasião, Jorge Amado recebeu uma proposta da Universidade de Boston. Eles queriam ficar responsáveis por todo o acervo do escritor e dar aos arquivos tratamento especializado, adequado local de armazenagem e exposição permanente. O escritor não aceitou. Queria que suas obras permanecessem no Brasil. Na sequência, a USP fez proposta parecida. Ele, animado, estava tentado a aceitar, mas foi impedido por Zélia, que considerava um absurdo que as obras saíssem da Bahia. Surgiu, então, a ideia de se criar, em Salvador, um local que abrigasse todo o acervo de Jorge, separado e catalogado, possibilitando visitas e pesquisas.

Um grupo de pessoas liderado por Zélia se formou para dar vida ao projeto. Apoiada pelo reitor da UFBA, Germano Tabacof, pelo BANEBA (Banco do estado da Bahia), por Antônio Carlos Magalhães e pelo presidente do Brasil José Sarney, foi fundada a Fundação Casa de Jorge Amado, em 2 de julho de 1996, dia do aniversário de setenta anos de Zélia, comemorado no palácio da Alvorada, em Brasília. Nessa data também foi promulgada a Lei de incentivo à cultura, batizada na ocasião de “Lei Sarney”.

Exu foi novamente escolhido por Jorge para ser o guardião da Fundação Casa de Jorge Amado, um casarão do século XIX, localizado no alto da ladeira do Pelourinho, lugar tantas vezes retratado por Jorge Amado em suas obras. Mesmo antes da inauguração da casa, Jorge fez questão de que se assentasse o orixá na entrada do local.

Também foi criada uma revista, batizada de *Exu*, para ser porta-voz da Fundação Casa de Jorge Amado.

Percebe-se, então, que, ao contrário da maioria – que, por desconhecimento ou preconceito, relaciona Exu ao diabo –, Jorge Amado e Zélia Gattai não temiam o orixá “demônio”, muito pelo contrário, o tratavam como “cumprade” e por ele tinham extrema afeição.

Jorge, na obra intitulada *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*, rendeu homenagens a Exu com as seguintes palavras:

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavaleiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por isso tudo sincretizaram-no com o diabo: em verdade, ele é apenas um orixá do movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão, mas, no fundo, uma excelente pessoa. De certa maneira, é o não onde só existe o sim; o contra em meio do a favor, o intrépido e o invencível. (AMADO, 2012, p. 102)

Encerrando este assunto, outro exemplo que se pode citar da relação estreita de Jorge Amado com o Exu se mostra através do poema composto pelo artista plástico Mario Cravo Jr., em 17 de maio de 1993, como presente para o escritor:

SOU EXU

Não sou preto, branco ou vermelho
Tenho as cores e formas que quiser.
Não sou diabo nem santo, sou exu!
mando e desmando,
traço e risco
faço e desfaço.
estou e não vou
tiro e não dou.
sou exu.
Passo e cruzo
Traço, misturo e arrasto o pé
Sou reboliço e alegria
Rodo, tiro e boto,
Jogo e faço fé.

Sou o ponto do cruzamento.
durmo acordado e ronco falando
corro, grito e pulo
faço filho assobiando
sou argamassa
De sonho carne e areia.
sou a gente sem bandeira,
o espeto, meu bastão.
o assento? O vento!..
sou do mundo, nem do campo
nem da cidade,
não tenho idade.
Recebo e respondo pelas pontas,
Pelos chifres da nação

Sou nuvem, vento e poeira
 Quando quero, homem e mulher
 Sou das praias, e da maré.
 ocupo todos os cantos.
 sou menino, avô, maluco até
 posso ser João, Maria ou José

Sou exu.
 sou agito, vida, ação
 sou os cornos da lua nova
 a barriga da rua cheia!...
 Quer mais? Não dou,
 Não tô mais aqui!

(FERRAZ; MOZZINI, 2013, p. 30)

Além deste Exu que guarda a entrada da Fundação Casa de Jorge Amado, anos depois o escultor Tati Moreno presenteou o casal com outra escultura de ferro, uma Maria Padilha, a Pomba-gira, famosa por resolver questões relacionadas ao coração. Jorge Amado, na melhor das intenções, resolveu colocá-la ao lado do Exu da casa do Rio Vermelho. Ela fazia companhia ao “compadre”. Nova convocação de Mãe Senhora. Nova bronca. Maria Padilha e Exu, orixás fortíssimos, não se davam, ao contrário do que Jorge pensava. Ele achava, inclusive, que o casal era marido e mulher. Não teve jeito. Exu ficou onde estava e a pomba-gira foi transferida para o outro lado do jardim.

Finalmente a casa estava pronta e ricamente decorada com verdadeiras obras de arte produzidas por Picasso, Carybé, Mario Cravo, Francisco Brennard, para citar somente alguns dos amigos queridos que ofereceram especiais contribuições para a decoração. Mas um pequeno detalhe destoava da beleza que transbordava da casa. A porta da entrada era feia, azul, sem nenhum charme. Tempos depois, foi substituída. Calasans Neto, o Mestre Cala, em 1971, esculpiu, em madeira maciça, Tereza Batista, nua, em um sensual banho de cachoeira com Jorge Amado. Zélia reclamou ao amigo da indecência da cena. Mestre Cala confessou à Zélia que havia se inspirado nela para esculpir Tereza. Logo, não havia motivo para ciúmes. A porta foi colocada.

Agora sim a casa estava completa. Até mesmo um laguinho com sapos, uma das paixões de Jorge Amado, existia na casa. Algum tempo depois a casa entrou novamente em reforma. A residência ao lado foi comprada e demolida pelo casal. No lugar dela construíram uma cozinha grande, uma lavanderia, um gabinete para Jorge Amado e um quarto de hóspedes²¹.

²¹ A casa do rio Vermelho serviu de moradia para o casal por 37 anos. Em 2001, quando Jorge Amado morreu, Zélia Gattai se mudou e a casa permaneceu fechada por 11 anos. Porém, em 2014, após uma grande reforma, a casa, transformada em memorial, foi aberta ao público. Nos 15 ambientes, divididos em mais de mil metros quadrados, estão expostos objetos, roupas, cartas e fotos do casal, família e amigos.

Ao contrário do que pensou na ocasião da mudança, Zélia Gattai rapidamente se acostumou a Salvador. A casa sempre repleta de amigos, num vai e vem sem fim. Esse movimento muitas vezes atrapalhava a produção de Jorge: a casa sempre cheia de gente, campainha e telefone tocando o tempo todo, tendo, muitas vezes, do outro lado gente que o casal nem conhecia. Para fugir do tumulto, eles compraram um terreno e construíram uma casa na praia da Pedra do Sal. Foi justamente nessa casa que nasceu *Anarquistas graças a Deus (AGD)*.

Nunca pensara poder sentir tantas e tais emoções, àquela altura de minha vida, aos sessenta e três anos de idade, como as que senti ao escrever *Anarquistas, graças a Deus*.

Sem ter uma única anotação, apenas a memória trabalhando, voltei ao passado, voltei a ser criança no convívio de meus pais e de meus irmãos, recuperei amigos perdidos na distância do tempo e, sobretudo, descobri minha mãe. Dona Angelina era uma pessoa formidável e eu não lhe dera o devido valor. Seu Ernesto, meu pai, era bem como o julgara: inteligente, humano, homem bom. A seu Ernesto eu sempre fizera justiça.

Nas minhas lembranças cheguei mesmo a sentir o perfume do talco de heliotrópio que mamãe usava na gente. Ai que saudades de Maria Negra, chorei de saudades de Maria Negra, ri das graças dela. Lembrei da beleza de Wanda, minha irmã, mais bonita do que Zezé Leone, a miss Brasil. E Vera? Minha irmã tão despachada, prestativa, tão boa... E Tito? Espírito crítico, generosidade camuflada... Remo, irmão mais velho, sabia conquistar as meninas do bairro e eu o admirava. Chorei novamente ao ver Flox, meu cachorro, meu companheiro, atropelado e morto no meio da rua...

Jorge só viu o livro pronto. Tive como leitores e conselheiros, enquanto escrevia, Paloma e João Jorge, Luiza e James Amado, que deram palpites e me encorajaram a prosseguir. (GATTAI, 2010, p. 196)

Conforme já exposto nesta pesquisa, desde a publicação de *AGD*, Zélia optou por trazer na capa seu nome de solteira, embora ela já pudesse legalmente utilizar o sobrenome Amado. Algum tempo antes desta primeira publicação de Zélia, após 25 anos de união estável, Jorge havia decidido que já havia passado da hora da companheira ter seu sobrenome:

Ao completarmos vinte e cinco anos de vida em comum, Jorge achou que devíamos oficializar meu nome. Eu usava ilegalmente o sobrenome Amado. Para quem viajava e necessitava apresentar passaporte, às vezes era desagradável ter que dar explicações: *Afinal de contas a senhora é Amado ou Gattai!* Encomendas postais, recomendadas à Zélia Amado, eu não podia retirar.

Não custa nada oficializar teu nome de vez, disse Jorge, *vamos resolver isso em três tempos*. Tínhamos tanto o exemplo de Mindinha Villa Lobos, que adotara oficialmente o nome do Maestro com quem vivia há muitos anos, como também o de Nair de Carvalho, que adotara, oficialmente, o nome de Genaro.

Tibúrcio foi convocado para tratar do assunto. *Vai ser fácil*, disse, *principalmente já havendo precedentes. Nenhum juiz vai ter medo de ser o*

primeiro. Se foi por medo ou por qual motivo foi, não sei. A resposta à petição foi um não redondo, o juiz, cujo nome fiz questão de esquecer, borrar de minha mente, negou o pedido de Jorge. Soubemos por Tibúrcio, que nos contou morto de encabulado, que houve rebuliço no Tribunal por causa dessa negativa e até gestões foram feitas junto ao juiz, mas ele, irredutível, confirmou a sentença: *Não pode e tenho dito*.

Quem resolveu o assunto foi o senador Nelson Carneiro, que, através de seu escritório em São Paulo, encaminhou novo pedido. Numa semana tudo foi resolvido. Viajei para São Paulo apenas para assinar os papéis necessários. Estava autorizada a usar oficialmente o nome Zélia Gattai Amado.

Com a promulgação da lei do divórcio, lei proposta e batalhada por Nelson Carneiro, Jorge e eu, após trinta e dois anos do concubinato, nos casamos oficialmente, o que nada mudou em nossa vida, a não ser nos permitir legalizar nossos filhos, que deixaram de ser filhos ilegítimos para serem filhos legítimos.

Ao escrever *Anarquistas, graças a Deus*, assinei o livro com o nome herdado de meu pai. Não queria, de forma alguma, aproveitar a promoção de um nome famoso, não queria vender livros na rabeira de Jorge Amado. *Se o que escrevi agradar aos leitores, pensei, que seja esse o único motivo para um eventual sucesso*. Hoje sou conhecida como Zélia Gattai, não desprezo o nome que ganhei pelo casamento, ao contrário, é um nome que muito me honra e o uso sempre que preciso. (GATTAI, 2010, p. 246-247)

A Bahia que Zélia sonhava encontra ao sair do Rio realmente existia. Cercados de tranquilidade, felicidade e paz, os filhos do casal cresceram, casaram-se. A casa do Rio Vermelho ficou vazia.

Tentando fugir do silêncio imposto pela ausência dos filhos, Jorge e Zélia passaram três meses morando nos Estados Unidos, a convite da *Penn State University*, na Pensilvânia. A Universidade ofereceu um curso aos alunos que estudavam Literatura Brasileira através de obras de Jorge Amado e recebeu o autor como professor visitante.

Durante este período nos Estados Unidos, o casal soube que já eram avós: o primeiro neto do casal, Bruno, filho de João Jorge, havia nascido. Meses depois, Mariana, filha de Paloma, nasceu. Ao todo, o casal teve 6 netos (Zélia, porém, foi avó de mais três netas, filhas de Luiz Carlos) e cinco bisnetos. A casa do Rio Vermelho voltou a ser uma festa.

2.13 Amigos

Zélia Gattai conheceu **Carlos Scliar** na casa de Aparecida e Paulo Mendes de Almeida, ainda solteira. Depois da união com Jorge Amado, Scliar, que já era conhecido de ambos, tornou-se grande amigo do casal. O jovem, durante a Segunda Guerra, se alistou como cabo da Força Expedicionária do Brasil e, após o fim dela, resolveu fixar residência em Paris. Pintor, apaixonado por cultura, não poderia, para ele, haver lugar melhor para estar. A fim de que não só ele, mas outros apaixonados por arte não perdessem as excelentes oportunidades que sempre surgiam, Scliar organizava semanalmente uma agenda de eventos culturais gratuitos, ou quase. Dinheiro era algo que a maioria deles não tinha. O grupo, chamado por Jorge Amado de “rebanho de Carlitos”, tinha que seguir à risca toda a programação feita por Scliar. Jorge e Zélia faziam parte do grupo. Zélia muito mais que Jorge: “posso me dar conta, hoje, de quanto aproveitei, de quanto devo a Scliar e a seus programas culturais...” (GATTAI, 2009, p. 165)

Dorival Caymmi também foi apresentado para Zélia antes do início do namoro com Jorge. Conforme já abordado nessa tese, Caymmi, inclusive, foi o intérprete da música "Acontece que eu sou baiano / acontece que ela não é. Mas tem um requebrado pro lado / Minha Nossa Senhora, meu Senhor São José...", que Jorge Amado ofereceu para Zélia durante a paquera dos dois. A amizade de anos entre Jorge e Caymmi se estendeu para as mulheres, Estela e Zélia, e para os filhos. João Jorge e Danilo tem praticamente a mesma idade. É de autoria de Caymmi, a “*Modinha para Gabriela*”, tema de abertura da novela homônima, produzida e apresentada pela Rede Globo, em 1975. Zélia conta em *CRV* que Amado e Caymmi chegavam a ser confundidos:

Amigos de longa data, Caymmi e Jorge são confundidos muitas vezes, porém de parecido eles têm apenas as cabeças brancas.

Certa vez, no terreiro do Gantois, numa visita à Mãe Menininha, encontramos no barracão algumas pessoas à espera de serem atendidas. A chegada de Jorge provocou um certo movimento, houve cochichos, olhos em cima dele. Reconheceram-no, pensei. Não passou muito tempo, uma senhora do grupo, não resistindo à curiosidade, adiantou-se:

— O senhor não é o Dorival Caymmi?

— Não sou o Dorival Caymmi, mas sou o irmão dele — respondeu Jorge, tranquilamente.

Caymmi nos contou que o mesmo se passava com ele:

— Jorge Amado, como vai o livro?

— Vai indo, vai indo — respondera Dorival ao homem que o abordou na rua. (GATTAI, 2010, p.133)

Vinícius de Moraes começou a fazer parte do círculo de amizades de Zélia Gattai logo no início da relação desta com Jorge Amado. Foi, inclusive, na casa do poeta, em Ipanema, que o casal morou durante algum tempo, assim que chegaram ao Rio de Janeiro. Depois que voltaram do exílio, a amizade se estreitou ainda mais. Vinícius fazia shows no Beco das Garrafas, vizinho ao apartamento da Rodolfo Dantas e nos intervalos sempre ia visitar o casal. E, quando se mudaram para a Bahia, a amizade ficou ainda mais forte, já que Vinícius também morou lá durante algum tempo. Teria sido na casa dos Amado que “o poetinha” compôs para os netos de Zélia e Jorge, os poemas da *A Arca de Noé*:

Graças a uma das visitas de Vinicius à nossa casa, salvou-se a série de canções para crianças, de sua autoria:

A beira da piscina, o inseparável copo de uísque ao lado, violão em punho, Vinicius cantava.

Faço um parênteses para me desculpar. Na afobação de querer contar logo a história que me veio à memória — como já devem ter percebido, não tenho anotações, tiro tudo da cachola à medida que as lembranças chegam — esqueci-me de pedir licença para, ainda uma vez, avançar no tempo. Peço agora, pois devo explicar como foi que as músicas infantis de Vinícius de Moraes se salvaram. Avanço tanto, tanto, que falo até de meus netos, os três que existiam na época: Mariana, Bruno e Maria João.

Nessa ocasião, o amor de Vinicius, sua mulher, era uma baiana, Gessy Gesse, a quem devemos a vinda do poeta à Bahia, onde até uma casa ele construiu, disposto a ancorar entre o mar e os coqueiros de Itapuã.

Estávamos à beira da piscina e Vinicius cantava — como foi dito — quando chegaram meus três netos.

Eu agora vou cantar umas musiquinhas para vocês, disse Vinicius às crianças, e começou: *Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada... Espera aí, interrompi, vou buscar um gravador*. Assim dizendo saí ligeiro. Voltei em seguida, gravadorzinho ligado e ele recomeçou: *Lá vem o pato, pato aqui, pato acolá...* Cantou todas as canções, intercalando entre elas uma chamada: *Esta é para Marianinha!... Esta é para Bruninho!... Esta é para Maria João!...* Encantadas, as crianças ouviam as músicas pela primeira vez, pois elas ainda não haviam sido gravadas naquela ocasião. Ao saber que não restara nenhuma gravação delas após a morte de Vinicius, entreguei meu cassete à Gilda Queiroz Matoso, última e amada companheira do poeta até seus derradeiros momentos. Gravação precária, porém a única que restou e é a que se ouve até hoje. (GATTAL, 2010, p. 134)

Zélia Gattai conheceu pessoalmente **Alves Redol** durante o Congresso dos Intelectuais pela Paz. O escritor português era comunista, grande opositor ao regime de Antônio de Oliveira Salazar, e via na escrita literária uma forma de intervenção. Seu primeiro romance, *Gaibéus*, lido por Zélia antes de conhecê-lo pessoalmente, é a obra que marca o início do Neorrealismo em Portugal. Apresenta temática social e propõe discussões acerca de desigualdades sociais e exploração de mão de obra. Já em Paris, Redol comeu algumas vezes das refeições preparadas por Zélia em

dois fogareiros a álcool que ela utilizava para cozinhar, dentro de um cubículo equipado com um bidê. Depois desses encontros, Redol retornou a Portugal e enviou para os amigos um presente muito especial (e saboroso!):

De regresso a Portugal, Redol nos mandou de lá uma caixa de madeira, contendo grossas postas de bacalhau, o melhor do mundo: "... será que a Zélia vai conseguir cozê-lo em vosso lume?", indagava Redol num bilhete que acompanhava a encomenda. Desta vez obtive o consentimento de Mme. Salvage para preparar a bacalhoadada em sua cozinha e nós a convidamos para o almoço assim como a Carlito Scliar, que morava no 3º andar – sem elevador – do mesmo hotel, a Mariuccia e Arnaldo Estrela – que viviam em Paris, na ocasião – e a nossa querida Misette Nadreau, que a bem dizer não precisava de convite, sendo da casa. Escrevemos uma carta a Alves Redol agradecendo o presente e contando-lhe do sucesso do delicioso bacalhau. O bom amigo ainda nos enviou outras remessas, recebidas com entusiasmo por todo o grupo de intelectuais brasileiros que viviam em Paris, alguns dos quais, jovens de dinheiro curto, se regalavam com os almoços que lhes oferecíamos aos domingos. (GATTAI, 2010, p. 152-153)

A leitura da obra *Judeus sem dinheiro*, do autor americano **Michael Gold**, deixou Zélia Gattai muito impressionada. Comunista, militante dedicado, o autor colocou-se, nessa primeira obra, a discorrer sobre a realidade de judeus pobres moradores de um bairro carente na cidade de Nova York, na virada para o século XX. Zélia mal pôde acreditar que Gold e sua esposa viviam em hotéis praticamente lado a lado dela, em Paris. Jorge Amado e Michael Gold se tornaram grandes amigos e participaram de muitos encontros de intelectuais ao redor do mundo. Em uma dessas viagens, o avião em que estavam sofreu uma avaria e teve que pousar num campo de pouso alemão, em Frankfurt.

Entre os passageiros figuravam vários escritores franceses e soviéticos: recordo nossos amigos Pierre Seghers e Alexandre Fadeiev. Este último assombrou Jorge, pois dormia a sono solto, recusando-se a tomar conhecimento do pânico que se generalizara dentro da aeronave que, com dois dos quatro motores pegando fogo, ameaçava espatifar-se contra o solo. Estávamos no auge da guerra fria. Os escritores se dirigiam para a Tchecoslováquia, país socialista; foram isolados pelas autoridades norte-americanas numa sala do aeroporto alemão, sem direito a sair, à espera de que outro avião, vindo de Paris, os fosse recolher. Temendo que a notícia aparecesse nos jornais franceses e que eu a lesse e me assustasse, Jorge conseguiu obter um telefone para me falar. Ele estava bem. Michael Gold, ao lado, pediu que eu avisasse sua mulher. (GATTAI, 2010, p. 154)

Anna Seghers, autora alemã, nascida em uma família judia, dedicou-se a discutir em suas obras, de cunho social, questões como opressão e miséria. Ao ler a

obra *A sétima cruz*, escrita por Anna, sobre os campos de concentração, Zélia ficou bastante comovida com o romance e muito impressionada com a maneira como Ana escrevia. Tempos depois, Jorge Amado conheceu Anna em uma reunião de escritores na Hungria, se encantou com a escritora e soube que ela iria à Paris. Jorge sugeriu à Zélia que a entrevistasse para uma revista feminina do Brasil. A ideia, a princípio, foi terminantemente negada por Zélia, mas Jorge Amado insistiu e ela cedeu. Munida de um caderno com as perguntas, Zélia foi ao encontro de Anna em um café. O francês de ambas era péssimo. Anna falava espanhol, Zélia entendia, mas não falava. A conversa tentou ter início com um misto de palavras em francês, espanhol, inglês. Zélia, nervosa, perguntas guardadas na bolsa, foi surpreendida por Anna, que lhe perguntou:

– Como é que você consegue manter esse lenço na cabeça sem que ele caia? Eu jamais consigo, por mais que me esforce. Coloco, mas daí a um minuto o lenço escorrega da cabeça, não para. Fico complexada com isso, pois gostaria de usar de vez em quando um lenço, assim como você.

O gelo estava derretido, esqueci que tinha perguntas a lhe fazer sobre a situação das ex-prisioneiras de guerra, da mulher na Alemanha, dos direitos femininos etc. Tirei o lenço de minha cabeça e, de pé, com muito cuidado, consegui amarrá-lo na de Anna. *Voilà!* A expressão de satisfação de seu rosto era contagiante. De repente ouvi um *voilà!* desconsolado. Anna me entregava o lenço que acabara de escorregar de sua cabeça.

Todas as vezes que estamos juntas, rimos muito, falamos das coisas mais absurdas. Anna nos visitou no Brasil duas vezes, nós a visitamos em sua casa na Alemanha. É uma das pessoas que mais amamos no mundo. Daquele tempo até hoje, só se refere a Jorge como "*mon ours*" e a mim como "*mon petit*". (GATTAI, 2010, p. 155-156)

Zélia conheceu **Ilya Ehrenburg** no hotel Bristol, em Varsóvia. Foram apresentados por Jorge Amado. Ela tinha lido algumas publicações do escritor e ficou bastante entusiasmada ao conhecê-lo. Desse primeiro encontro nasceu uma amizade que durou até o final da vida. Jorge e Zélia passaram algumas temporadas na casa de campo de Ilya e Luba, sua esposa. Essa casa, em Moscou, tinha uma estufa onde eram cultivadas várias espécies de plantas, até mesmo um pequeno pé de café e pés de jaca, mudas levadas do Brasil por Jorge. A jaqueira cresceu tanto que precisou ser transportada para o Jardim Botânico de Moscou. Sem saber com que nome deveria catalogar aquela árvore tão diferente, o funcionário responsável pela catalogação recebeu de Ilya a sugestão de que deveria chamar a árvore de Amadósvska, em homenagem ao amigo, claro!

Conforme já tratado, certa vez, quando moravam em Paris, Jorge e Zélia receberam a visita de Ilya, que trazia um convite de Alexandre Fadeiev²², em nome da União dos Escritores Soviéticos. O convite se tratava de uma viagem à URSS. Zélia foi do entusiasmo ao desapontamento em instantes. A viagem deveria acontecer em janeiro, durante o inverno, o que tornava impossível levar João Jorge. Jorge Amado declarou que sozinho não iria e eles passaram a tentar encontrar meio de aceitar o convite sem sacrificar o menino.

Passado algum tempo, Zora Slejan, amiga do casal, sugeriu que Zélia deixasse João Jorge com **Marie Louise Nadreau**, ou simplesmente Misette. Zélia não a conhecia pessoalmente, porém Jorge Amado já tinha estado com Misette, inclusive sob uma condição no mínimo complicada. A moça, nascida em Tarbes, se inscreveu logo após a guerra para trabalhar na Missão Militar de Repatriamento. Recebeu insígnia de sargento e, encerrado seu trabalho na Missão, Misette foi para Paris e passou a trabalhar em uma livraria do Partido Comunista. Certo dia, nessa livraria, aconteceu um curso de dirigente sindical e um rapaz brasileiro estava presente, era um dos alunos. Esse rapaz encantou-se por Misette e ela por ele. Apaixonaram-se e o rapaz decidiu que, quando chegasse ao Brasil, comunicaria à direção do Partido que iria separar-se da mulher e dos filhos, e mandaria buscar Misette em Paris. Ela estava grávida. No retorno ao Brasil, o dirigente do Partido colocou-se totalmente contrário à ideia e o tal homem, ameaçado de expulsão, desistiu. É justamente aí que Jorge Amado entra na história de Misette. O tal rapaz, vereador eleito pelo PCB à Câmara Municipal do Rio de Janeiro, ao saber que Jorge Amado estava partindo do Rio para o exílio, pediu que o escritor procurasse por Misette em Paris e lhe entregasse uma carta, onde ele explicava a situação e se despedia da moça. Ela, resignada, resolveu voltar para Tarbes, para estar junto aos pais quando seu bebê nascesse. A criança, batizada com o mesmo nome do pai, Pedro, morreu ao nascer. Misette, então, resolveu voltar a Paris e descobriu que estava desempregada. A livraria havia sido fechada.

Ao conhecer a história da moça, Zélia aceitou deixar o filho. Misette foi, então, contratada e rapidamente passou a ser como um membro da família Gattai Amado: “Não tivemos até hoje amiga mais leal, não conhecemos criatura mais decente.” (GATTAI, 2009, p. 189). Na véspera da viagem de Jorge e Zélia para a

²² Secretário da União de Escritores Soviéticos de 1939 a 1954. Membro do Comitê do Partido Comunista de 1939 a 1956.

URSS, Missete e o menino seguiram de trem para os Montes Pirineus. Na manhã seguinte, o casal embarcou em um avião rumo a Moscou.

Depois de mais de um mês de viagem, Jorge, João Jorge e Missete foram até a plataforma da Gare de l'Est esperar por Zélia, que vinha de Praga, a bordo de um trem. A mãe, aflita de saudade, teve uma enorme decepção ao desembarcar:

Estendi os braços para meu filho e ele virou-me as costas, agarrando-se ao pescoço de Misette; numa atitude de quem pede socorro, gritou: "Bisette!" Desapontada, caí no pranto; em tão pouco tempo ele esquecera a mãe... Jorge tratou de me consolar:
 – Também comigo ele não quer vir...
 Felizmente, antes de chegarmos ao hotel, eu já conseguira reconquistar meu filho. Estava encantada de vê-lo balbuciar, em francês, as primeiras palavras. Estranhei ao ver Jorge chamá-lo de "Bandido". Pela manhã o pai lhe dissera "bom dia" e ele respondera: "bom dida!" Daí surgira o apelido que perdurou durante anos: chamavam-se de "Bandido" um ao outro. (GATTAI, 2009, p. 313)

Em algum momento das suas histórias, Zélia, Jorge, **Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre** se cruzaram. Zélia Gattai e Jorge Amado conheceram o casal Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir na época em que se encontravam exilados em Paris, no final da década de 40. Eles frequentavam o mesmo cabaré existencialista, o *Rose Rouge*, e, certa noite, Sartre convidou o casal brasileiro para se sentar com ele e Simone. Antes desse encontro, Jorge Amado só tinha estado com Sartre duas vezes e, numa delas, o escritor brasileiro o procurou para pedir apoio. Por discordâncias políticas, Pablo Neruda teve seu passaporte cassado e passou a ser um foragido da justiça. Jorge Amado e outros intelectuais decidiram pelo envio de um telegrama endereçado a Gabriel González Videla, presidente do Chile, protestando contra a perseguição a Neruda e “exigindo que lhe fossem restituídos os seus direitos civis, inclusive o passaporte a que tinha direito. O telegrama devia ser assinado por nomes famosos das letras e das artes, conhecidos internacionalmente [...]. Jorge pediria dentre outros a de Jean-Paul Sartre e Maurice Chevalier”. (GATTAI, 2010, p. 314)

Muitos duvidaram que Sartre aceitasse assinar o telegrama, já que existiam divergências filosóficas entre o escritor e o comunismo. Porém, Sartre não só assinou o documento, como seu nome encabeçou a lista dos signatários do telegrama. A união pela liberdade de Neruda e, principalmente, a noite no *Rose Rouge* aproximou os casais e fez deles grandes amigos. Além de Sartre, vários intelectuais se uniram na tentativa de conseguir uma permissão para Neruda

participar do Congresso Mundial da Paz. Um dos mais envolvidos era **Pablo Picasso**, que só no último momento possível deixou de tentar trazer Neruda para Paris. Picasso teve que ir para o hospital, sua filha Paloma estava para nascer. Picasso havia desenhado os cartazes do Congresso e neles, se via uma pomba, ou Paloma, em espanhol. Mesmo proibido, Neruda foi ilegalmente ao Congresso.

Em 1960, anos após o encontro em prol de Neruda, Jean-Paul e Simone vieram ao Brasil, convidados para o I Congresso de Crítica e História Literária, que ocorreu no Recife. Jorge escreveu a Sartre reforçando o convite do então reitor da UFPE e o casal finalmente veio conhecer o país. Ao lado de Zélia e Jorge, Simone e Sartre viajaram pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, visitaram as construções de Brasília, conheceram os índios Carajás na ilha do Bananal, dentre vários outros passeios.

Zélia Gattai, para acompanhar o casal na viagem pelo Brasil, abandonou suas aulas de francês na Aliança Francesa. Com remorso por estar prejudicando a amiga brasileira, Sartre e Simone decidiram que ensinariam francês para Zélia duas vezes ao dia. Os ilustres professores passavam ditados para sua aluna, divergiam sobre exceções ou flexão de verbos, explicavam regras gramaticais e *Zéde*, apelido que Sartre inventou para Zélia, aprendeu (e se divertiu!) muito, conhecendo, inclusive, a linguagem popular francesa, com suas gírias e palavrões, que Sartre fez questão de ensinar.

Na Bahia, Sartre e Simone demonstraram interesse em conhecer o candomblé e Jorge Amado levou-os ao terreiro do Axé do Opô Afonjá, comandado por Mãe Senhora. A mãe de santo jogou os búzios para descobrir os orixás que acompanhavam o casal:

- Sim, senhores! Confirmado. Dona Simone é filha de Oxum e seu Paulo de Oxóssi, Oxum é das águas, santo de vaidade e dengue, santo bom, forte. É o meu e de Zélia, minha irmãzinha. - Voltando-se para mim, disse: - Tu és Mãe Pequena dela. Tem que zelar por ela.
- E o meu? - quis saber Sartre. - O que significa?
- Oxóssi é caçador. O homem das florestas e da caça, terrível [...]. (GATTAI, 2010, p. 354)

Ainda durante a estadia no Brasil, Sartre e Simone foram convidados para vários jantares e, em uma dessas ocasiões, o anfitrião contou a Sartre que a cozinheira responsável pelo jantar era baiana e de candomblé. O escritor teve vontade de conhecê-la. Ao chegar à sala, Sartre perguntou à cozinheira se ela

conhecia Mãe Senhora e mostrou para a mulher o patuá que havia ganhado da mãe-de-santo. Num grande mal entendido, a cozinheira entendeu que o patuá era um presente e, apossando-se rapidamente dele, agradeceu comovida, afinal era muita sorte ganhar um patuá feito por Mãe Senhora. Sartre nunca se conformou por ter perdido seu patuá. Jorge Amado conseguiu-lhe outro igual, mas não adiantou, ele queria mesmo era aquele, dado por Mãe Senhora.

Depois de três meses de visitas, palestras e encontros, Sartre e Simone deixaram o Brasil. Ao se despedirem, Simone retirou do dedo um anel de jade que usava sempre, presente que havia ganhado na China, e deu à Zélia como recordação.

Na obra *A força das coisas* (1963), escrita por Simone de Beauvoir, as memórias dessa visita são narradas. Nela, Beauvoir conta o episódio do candomblé, além de várias outras passagens sobre sua viagem ao Brasil e a amizade com o casal Amado.

Sobre o candomblé, Simone de Beauvoir escreveu:

Após ter descido e subido estradas abruptas – felizmente, Zélia possuía um poderoso amuleto contra acidente –, paramos, certa manhã, à porta, guardada por um Exu, do mais antigo, mais amplo e mais célebre candomblé da Bahia. Esse santuário, sobre o qual reina a mais venerada das mães de santo, é, na Bahia, o que Monserrat é na Espanha: só que esta religião, aqui, serve aos pobres e não aos ricos; o chão de terra batida substitui o mármore, a terracota a ourivesaria, e alguns tambores fazem as vezes de grandes órgãos.

Enquanto na cozinha uma jovem nos servia alguns alimentos, a mãe de santo consultou seus búzios para saber de que espírito dependíamos: Sartre era Oxalá, e eu Oxum. Avistáramos na estrada, de quando em quando, galinhas degoladas perto de árvores; contamos-lhe isso: tratava-se certamente de malefícios que ela censurou. “Trabalho para o bem, e nunca para o mal”, declarou. São os feiticeiros que, com a ajuda do “cão” – o diabo –, tornam as pessoas doentes, arruinam-nas, matam-nas. Mães de santo, pais de santo e babalaôs intercedem pela felicidade dos homens. Conversamos durante muito tempo. Em detalhe, a junção do candomblé com o catolicismo muitas vezes tem resultados extravagantes; mas no conjunto o fetichismo rústico integrado pelo cristianismo combina muito bem com as sobrevivências do fetichismo africano; e os baianos sentem-se tão à vontade na igreja de São Francisco quanto em seus terreiros. (BEAUVOIR, 2009, p. 472)

De acordo com a autora Antonella Rita Roscilli (2011, p. 41), na obra *Da palavra à imagem em Anarquistas graças a Deus*, a primeira experiência de Zélia Gattai como escritora ocorreu justamente durante a estada de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir no Brasil. Nessa ocasião, Zélia escreveu, para a revista *Joia*,

uma reportagem sobre o célebre casal de intelectuais franceses, resultando em seis páginas ilustradas com fotografias, também feitas por Zélia.

Uma grande amizade surgiu entre os casais. Principalmente um grande laço nasceu entre Zélia e Simone de Beauvoir, mulheres determinadas e independentes, a ponto da escritora francesa declarar que a escritora brasileira “tinha caráter e calor, um olhar profundo e uma conversa viva; achei sua presença fundamental, e é uma das raras mulheres com as quais eu ria”. (BEAUVOIR, 2009, p. 480)

Ao saber que Jorge não sabia dirigir, Simone pilheriu: “Somos mulheres de homens inúteis. Sartre também não dirige, nunca se interessou. A única experiência que ele teve com veículo de rodas foi com uma bicicleta: montou, partiu em frente e, completamente desgovernado, acabou se chocando contra um carrinho de frutas. Quem dirige sou eu”. (GATTAI, 2011, p. 142)

Zélia Gattai conheceu **Pablo Neruda** no comício organizado para celebrar a anistia de Luiz Carlos Prestes. Era Neruda, inclusive, que estava com Zélia no táxi quando a escritora recebeu “la lluvia de claveles rojos em la madrugada” (GATTAI, 2010, p. 6). A partir do comício em São Paulo, jamais se separaram. Neruda e o poeta cubano **Nicolás Guillén** se auto definiram “*padrino*” e “*madrina*” de João Jorge e Paloma. Ambos estavam presentes em ocasiões importantes da vida das crianças, conforme já exposto nesse tese, e era mais que justo, portanto, terem “direito” aos “cargos”. Durante o tempo que Jorge e Zélia moraram na Europa, Neruda esteve com eles. Ele também era um refugiado político, já que tempos antes havia sido eleito (e depois cassado) senador pelo Partido Comunista do Chile.

Com os laços de amizade casa vez mais estreitos, Neruda e Matilde, sua esposa, tornaram-se companhia constante nas viagens de Zélia e Jorge pelo mundo. Juntos, os casais conheceram, por exemplo, a China, a Índia, o Paquistão, Sri Lanka, a Birmânia. O tempo de convivência entre eles fez Neruda perceber a veia de contista que Zélia Gattai tinha: “- *Cóntame cuentos*, comadre! Sempre que nos encontrávamos, eu divertia o compadre com novo repertório de *cuentos*, e era sempre com um “*cóntame cuentos*” que ele me recebia rindo”. (GATTAI, 2009, p. 59). Pelo conjunto de sua obra, e por ter seus escritos reconhecidos como importante veículo de resistência e combate contra o governo de Gabriel González Videla, Pablo Neruda foi agraciado em 1971 com o Prêmio Nobel de Literatura.

Assim como Neruda, **Nicolás Guillén** passou a fazer parte da vida do casal desde o início do relacionamento. Guillén chegou ao Rio de Janeiro, vindo da Argentina, para um recital na Associação Brasileira de Imprensa. Ele seria acompanhado por Jorge Amado durante toda a sua estadia no Rio, porém, não foi possível, pois Jorge Amado precisava estar com Zélia. O primeiro filho do casal, João Jorge, estava para nascer.

Assim como Neruda e Matilde, Nicolás e sua esposa, Rosa, acompanharam o casal Amado a várias viagens ao redor do mundo. Em *Jardim de Inverno (JDI)*, Zélia fala da relação fraterna que tinha com esses dois amigos especiais.

Quando se viaja com amigos, sobretudo quando esses amigos são pessoas dotadas de inteligência superior, de finura de trato, de humor, de talento, de sensibilidade sutil, a viagem se transforma em festa, alegria permanente. Todas as coisas que sucedem tomam cor e sabor; cada acontecimento, cada palavra, serve para aumentar o prazer da boa convivência.

Neste livro conto de viagens que fizemos em companhia de Pablo Neruda e Nicolás Guillén, dois poetas imortais, dois amigos inesquecíveis. Pablo, grande poeta das Américas, o poeta político de O Canto Geral, o poeta de amor dos Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada, Prêmio Nobel de Literatura, Prêmio Lenin da Paz (o Prêmio Stalin da Paz teve o nome mudado para Prêmio Lenin da Paz, após o XX Congresso do PCUS), lutador da liberdade até a hora da morte; Nicolás Guillén, o grande poeta da raça negra do Caribe, autor de Sóngoro Cosongo, orgulho de Cuba, homem valente, guerreiro de muitas lutas, também Prêmio Lenin da Paz, intransigente nos seus princípios. Ao falar desses grandes homens, eu os mostro em sua simplicidade, sem-cerimônia. Coube-me o privilégio de conhecê-los no dia-a-dia, privando com o lado pitoresco, as manhas, os caprichos, a graça, algumas vezes quase ingenuidades de menino, de um e de outro, Pablo e Nicolás. Somente agora ocorre-me dar aos meus compadres as credenciais que os fizeram famosos e amados, figuras excepcionais de nosso tempo. Quis mostrá-los como eram na convivência cotidiana, simples e humanos [...]. (GATTAI, 2009, p. 101-102)

Após a mudança para a Bahia, a casa do Rio Vermelho passou a ser o reduto de encontros dos mais variados. A casa, planejada e construída com a ajuda de muitos amigos, estava sempre aberta para todos. O poeta **Antonio Olinto**, amigo do casal desde o Rio de Janeiro (inclusive, nessa época foram vizinhos) em sua *Antologia Poética*, descreveu assim a casa do Rio Vermelho e alguns amigos que dela faziam parte:

Bem no começo é claro tem a entrada
Como deve existir em toda a casa
Mas de largueza tanta que a largada
é leve pouso em pena e pouso em asa
e as plantas sobem pelo céu e pela
porta de acesso agora aberta; fê-la
Carybé numa dura trança-trança
de madeira marrom, severa, mansa,
a sala nos espera em mesa cheia
a comida chegando para a ceia
amigos que se abancam sobre o assento
das cadeiras e se olham no momento
que antecede a garfada, o gesto ou o ato
de comer e beber, enquanto o gato
que se chama Nacib entra na sala
passeia com solene pompa e gala
e Gabriela, a gata, num tropel
corre atrás de uma bola de papel
os quadros pendem livres e sem susto
Floriano, Carybé, Jenner Augusto,
João Alves e Licídio, Henrique Oswald,
Aldemir e as madeiras de Aguinaldo,
Hélio Basto, Cardoso, Zé de Dome,
cerâmica de toda a parte e nome
tapetes de Genaro e estas gravuras
de Calasans não longe das figuras
de Rescala e Reobouças, e Giovana
Bonino divulgando a arte baiana,
Raimundo de Oliveira, Carlos Bastos,
A varanda se estende sobre os vastos
Largos de branco e verde, com aquela
palmeira penetrando na janela
sendo parte da casa em vento e mar
o jardim se contendo a meditar
coisas reais de comida e de mulher
azulejos de Oxosse e de lemanjá
passam tênues por baixo do sofá
correm pelas paredes e por fora
entram no quarto azul em que eu e Zora
dormimos nossas noites de Bahia

retesam a toalete, a livraria
 a máquina cansada de escrever
 num canto a lisa cesta de bananas
 desenhos e queimuxes de baianas
 um toque de Vadinho em cada queixa
 e Jorge está aí que não me deixa
 mentir que já seu Gil e Quincas Berro
 D'água saem da sala em tom de enterro
 Junto com Galo Doido e gentes velhas
 De livros anteriores a esta casa
 mas que vieram cheirar as mesmas telhas
 e sentir o calor da mesma brasa.

(OLINTO apud GATTAI, 2010, p. 93-94)

Os nomes citados neste biografema representam um pequeno recorte dentro do enorme panorama de pessoas próximas a Zélia Gattai e Jorge Amado que surgiram ao longo das obras pesquisadas. Optou-se por nomear o biografema como “amigos”, porém, ao longo da pesquisa, muitas vezes a escolha desse título ficou em suspensão. Explica-se: algumas vezes pensou-se que talvez “colegas”, “companheiros” ou “camaradas”, representasse melhor esse biografema. Porém, ao voltar-se ao conceito aristotélico sobre o termo *philia*, o sentido de amizade, presente no livro VIII e IX da *Ética a Nicômaco* (1996), percebeu-se que “amigos” resumiria sim todas as relações que as obras de Zélia Gattai retrataram.

Segundo Aristóteles, existem três tipos de amizade: a amizade por prazer, a amizade por interesse e a amizade verdadeira. A principal diferença entre elas é a finalidade. As amizades por prazer e a por interesse têm finalidades muito próximas. Estes tipos de amizade são consideradas acidentais, efêmeras, já que no momento em que o encanto ou a utilidade acabam, a amizade também termina.

Talvez possamos dizer que nada há de estranho em romper uma amizade baseada no interesse ou no prazer quando nossos amigos já não possuem os atributos de serem úteis ou agradáveis; na realidade éramos amigos desses atributos, e quando eles desaparecem é razoável não continuar amando (ARISTÓTELES, 1996, p. 116)

A amizade verdadeira (*teleia philia*), a perfeita, é primordial ao homem. Ela representa o bem mútuo, sem se importar com prazer ou interesse, que não são excluídos, porque o que é bom também é útil e prazeroso, mas não são essenciais.

As várias acepções dadas ao termo “amizade” desdobram-se e provocam novas reflexões desde Platão, Aristóteles (como citado), Cícero, Montaigne, até colocações mais atuais, como as de Bataille, Derrida, Foucault, Arendt, Blanchot e Francisco Ortega, que ressalta a importância de pensar a amizade como objeto de reflexão não só filosófico, mas, também político. Ortega levanta, assim, um questionamento acerca das relações humanas, das relações com o outro.

Zélia Gattai construiu ao longo de sua vida uma imensa e dinâmica teia de relações, com pessoas das mais variadas origens, com objetivos diversos, que deram ao termo “amizade” caráter polissêmico. Ortega atualiza as discussões sobre amizade, projetando o termo em um novo contexto, uma nova ordem, além do círculo familiar, e propondo que “falar de amizade é falar de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização. É oferecer uma alternativa às tradicionais e desgastadas formas de relacionamento como a família e o matrimônio” (1999, p. 157). Pensando nesse viés explorado pelo autor, encerra-se este biografema dedicado aos amigos múltiplos, vários e variados de Zélia Gattai, citando-se uma importante passagem de *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*:

A amizade é, no fundo, um “programa vazio”, outra denominação para uma relação ainda por criar, uma metáfora do aberto que pode substituir a família em nosso imaginário afetivo. Não se trata de negar a família como instituição, mas de combater o monopólio que ela exerce sobre o nosso imaginário emocional, de deixar de pensar as relações de amizade em imagens familiares, para poder reinventar a amizade. (ORTEGA, 2000, p. 115)

2.14 Morte

A idade foi chegando. E a presença constante da morte veio com ela. A primeira a partir foi Angelina Gattai.

Mamãe nos deixara havia dois anos. O telegrama anunciando a sua morte, enviado por meu cunhado, José Soares, marido de Wanda, era lacônico: Dona Angelina faleceu, repentinamente, esta noite. O enterro será às cinco horas.

Repentinamente, eu ficara sem mãe. Me atirei na cama, o corpo morto, chorei, chorei, sem mesmo poder ouvir as palavras de consolo de Jorge e de meus filhos.

Jorge trabalhava no momento num livro, escrevia *Tenda dos Milagres*, não podia me acompanhar aos funerais de minha mãe. Consegui um voo para São Paulo e sozinha parti. Cheguei ao cemitério do Araçá, onde o corpo estava sendo velado, a tempo de beijar a testa gelada de mamãe e de colocar-lhe nas mãos uma rosa vermelha. (GATTAI, 2010, p. 250)

Depois, quem partiu foi Eulália, mãe de Jorge Amado, que morou junto ao casal desde que a família voltou do exílio. Foram mais de vinte anos de convivência e histórias, várias, variadas, contadas por Lalu, que ajudaram Zélia a montar o mosaico de suas próprias memórias.

Falo em Lalu no passado, não toquei no assunto até agora, porque me custa. Ainda me recuso a admitir que Lalu já não existe. Na maior tristeza, peço licença para contar que em 1972, aos oitenta e oito anos, Lalu nos deixou. Entrou em coma diabética, e em dois dias se foi.

Ao voltarmos do cemitério onde a deixamos, a única coisa que me ocorreu para atenuar o sofrimento de Jorge, distender seus nervos – nem sei mesmo se tinha cabeça para pensar, o que fiz, certamente, foi instintivo –, enchi a banheira de água morna e, com um sabonete perfumado, dei-lhe um banho, o banho que a mãe daria pela última vez no seu filhinho. (GATTAI, 2010, p. 298)

Irmãos, Zélia também já não os tinha, todos já haviam partido. Da família Gattai só restava ela: “Meus irmãos já morreram. Eu sou a última e única filha de dona Angelina e de seu Ernesto que ainda teima em viver”. (GATTAI, 2010, p. 306).

Pouco a pouco os amigos, inúmeros, também foram se despedindo.

Assim como Neruda nos pediu: *Não me perguntem por ninguém, já morreram todos*, eu também pediria que não me perguntassem pelos amigos que estiveram ao meu lado enquanto escrevi estas memórias. Os amigos que me fizeram companhia, provocando riso e às vezes pranto, permitindo-me voltar a reviver o passado, morreram quase todos. Diria apenas que a primeira a partir foi Norma e o último Carybé. A chaga ainda está aberta. (GATTAI, 2010, p. 315)

E, num dia de agosto de 2001, Jorge Amado também se despediu, saiu de cena a menos de uma semana do seu aniversário de 89 anos. Desses, 56 foram ao lado de Zélia Gattai. A morte havia começado a rondar o escritor algum tempo antes, quando ele sofreu um enfarto em casa. Rapidamente socorrido por Zélia, foi levado ao hospital e se recuperou. Na sequência, foi um problema nos olhos. No começo

pensou-se que era um sintoma da vista já cansada, mas não era. Jorge foi aos poucos perdendo a visão. Os óculos com grau mais forte já não surtiam efeito. Passou a se utilizar de uma lupa para ler e escrever. Nesse intervalo, Jorge foi diagnosticado com um câncer de pele. Pela localização e pela extensão do tumor, foi indicado que a cirurgia fosse feita por um cirurgião plástico. Jorge Amado procurou Ivo Pitanguy e o médico o operou em Paris. Ambos estariam na cidade na mesma época e concluíram juntos que o local era a melhor escolha. Aproveitando a estada em Paris, Jorge procurou um famoso oftalmologista que o diagnosticou com degenerescência senil da mácula da retina, doença incurável. Ele foi tratado com aplicações de laser nos olhos e a visão melhorou um pouco

Jorge e Zélia resolveram, então, voar até a Itália. Jorge havia sido homenageado com o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Pádua, mas o estado de saúde o estava impedindo de fazer a viagem. Foram e voltaram para Paris. Na mesma noite, Jorge sentiu-se mal. Teve um edema pulmonar e precisou ficar hospitalizado por 10 dias em Paris. Ao voltarem para o Brasil, Jorge passou a tratar o problema de vista com um médico em Goiânia, que havia sido indicado pelo médico de Paris. As incontáveis viagens de Salvador a Goiânia, para o tratamento da vista, eram um sofrimento para ele, que sempre teve horror a avião. Seu coração sofria a cada pouso ou decolagem.

O tempo foi passando e Jorge foi ficando cada vez mais adoentado. Mesmo com o coração enfraquecendo e a visão diminuindo, resolveu viajar até Paris. Seria homenageado com o título de doutor *honoris causa* pela Sorbonne Nouvelle. Tanta emoção não lhe fez bem. Novamente sentiu-se mal e seu médico recomendou o retorno imediato ao Brasil.

A crescente fragilização de sua saúde passou a impedir as viagens para Goiânia. A falta das aplicações de *laser* foi deixando-o mais e mais cego, e ele foi aos poucos se despedindo da vida. Silencioso, sempre com os olhos fechados, nem de longe lembrava quem um dia tinha sido. Zélia não desistia, buscava de todas as formas salvar seu grande amor. Em certa ocasião, ela viu na televisão uma reportagem sobre um médico português, radicado nos Estados Unidos, especialista na doença que Jorge Amado tinha nos olhos. Através de amigos, conseguiu o contato com o tal médico, que, após verificar os exames, deu o caso de Jorge Amado como perdido.

Outra vez, os netos do casal souberam de uma vacina, feita à base da baba de um pequeno sapo verde proveniente da Floresta Amazônica, o Kampu, que curava qualquer doença. A baba era uma secreção produzida nas costas do anfíbio, aplicada utilizando-se a ponta de um cipó chamado “titica”, que teria efeito antibiótico. Esperançosa com a tal vacina, Zélia chegou a tentar que providenciassem os sapinhos. Não tinha como, o jeito era tomar a vacina. Preocupada que a tal experiência piorasse o quadro de Jorge, ela decidiu tomar a vacina primeiro e, só depois, caso nada de ruim lhe acontecesse, o submeteria ao tratamento alternativo.

De pé eu assistia às manobras. Lá estava o cipó “titica” com a ponta afiada. Agora ele colocava sobre a chama, que, em seguida, a transformava numa pequena brasa. Foi essa brasa que ele encostou na minha perna. Senti uma dor aguda e um cheirinho de carne assada. Fiquei firme, não me movi, nem gemi, heroica. Lá vinha a segunda brasiinha, depois a terceira, depois a quarta e a quinta...Todas aplicadas em sentido vertical, com um pequeno espaço entre uma e outra, formaram uma linha de pequenas chagas.

– Agora basta – disse ele.

Apanhando uma lâmina feita com o “titica” – que, a princípio, pensei tratar-se do pauzinho de um picolé –, untou-a com uma gosma gelatinosa que retirou de um frasco e, toma lá, foi passando sobre os cinco furinhos queimados. Efeito fulminante! Em seguida comecei a sentir uma ligeira náusea, uma tontura...

– Pode sair, vá sentar lá fora.

Sentada num banco em meio a arbustos do terreno, assistia à chegada de um a um dos quatro companheiros que, aflitos e pálidos, procuravam um lugar em meio à vegetação, onde pudessem botar para fora o que nem tinham comido. Felizmente, a minha náusea não foi avante. Continuei atordoada por um bom momento, até que me serviram um café forte e quentinho.

A não ser aquele pequeno mal-estar do início, tudo correu bem depois, muito bem mesmo, pois passei a dormir melhor, não tive mais insônias nem maus pensamentos, fiquei até mais otimista em relação à saúde de Jorge [...]. (GATTAI, 2013, p. 124-125)

Passados três meses, era hora da segunda dose da vacina. O índio iria até a casa de Zélia, às 9 horas da manhã, para fazer a aplicação. Porém, depois de tudo combinado, ela recebeu uma ligação da rádio Jovem Pan, de São Paulo, convidando-a e a Jorge para uma entrevista ao vivo, em comemoração ao dia do escritor. Ela a princípio recusou o convite. A tal entrevista seria praticamente na hora da vacina, mas, depois de muita insistência por parte da rádio, ela aceitou. Somente ela falaria. Jorge não tinha a menor condição.

No dia seguinte, no horário acertado, o índio chegou. Zélia, preocupada com a hora, tratou de se posicionar para receber a vacina. Logo após a colocação da baba do sapo, o telefone tocou. Era a rádio:

Eram apenas nove horas e dez minutos. Uma voz conhecida me saudava: "Bom dia escritora Zélia Gattai! Seja bem-vinda! Ao nosso programa!".

Em seguida, o locutor dirigiu-se, com grande ênfase, ao "povo de São Paulo", apresentando-me aos "caros ouvintes" com um longo discurso, elogioso, interminável. Enquanto isso, fui sentindo em minha perna, sobre as queimaduras, o friozinho da baba gelatinosa e, logo depois, o efeito fulminante.

A náusea e a tontura tomavam conta de mim, e eu, sem poder reagir, ouvia a voz do locutor, cada vez mais eufórico, não me dando a palavra, falando sem parar, cada vez mais distante, anunciando produtos, talvez esperando que desse nove e quinze em ponto para levar minha voz ao ar. Eu já não estava aguentando. Finalmente, num tom de arauto do rei comunicando a chegada do soberano, ele me anunciou: "E agora, com vocês..".

Eu já não estava nem ali. Recordo vagamente que ainda pronunciei algumas poucas frases. O que eu falei e o que aconteceu em seguida contaram-me mais tarde. Eu dissera coisas que, em sã consciência, não diria, como: "Meu povo de São Paulo! Para finalizar esta entrevista", entrevista que ainda nem havia começado, "quero dedicar este dia a Jorge Amado, que além de um grande escritor, é um grande homem". E nenhuma palavra mais, pois caí desmaiada.

Ângela, minha empregada, que a uma certa distância a tudo assistia calada desde o início, ao ver-me cair, pálida, pôs-se a gritar: "Dona Zélia morreu Moço, pelo amor de Deus, faça alguma coisa! Dona Zélia morreu!".

Recostado em sua poltrona, ao ouvir os berros de Ângela, Jorge abriu os olhos, deu um salto: "O que foi?". E voltou a se recostar, olhos fechados, calado.

Com esse incidente, perdi a chance de conseguir os sapinhos, mas, em compensação, fiquei ciente de que Jorge não estava inconsciente, já que reagira aos ouvir os gritos alarmistas da empregada.

O telefone ficara ali, caído, transmitindo tudo, ninguém se lembrara de desligá-lo. Minhas palavras soltas ao vento e o desmaio não foram explicados ao locutor do programa nem ao "meu povo de São Paulo". Ninguém deve ter entendido o que se passara. Só sei que essa emissora de rádio, tão simpática, nunca mais quis conversa comigo. (GATTAI, 2013, p. 128-129)

Em outra ocasião, receberam em casa o famoso índio Raoni. Ele faria uma pajelança para tentar melhorar a saúde de Jorge. O ritual não fez efeito, e o índio, desapontado com seu fracasso, se preparava para deixar a casa, quando descobriu o motivo da doença do autor e o porquê de seu ritual não ter dado certo. No peito de Jorge algo latejava. Segundo o índio, era um tumor. Zélia tratou de corrigi-lo. Era um marca-passos. Não convencido, ele repetiu que era um tumor e que iria arrancá-lo com uma chupada. "Nesse momento, Jorge levantou a cabeça, abriu os olhos e disse: – Zélia, leva esse índio daqui!" (GATTAI, 201, p. 152). Convencido de que seu

ritual tinha surtido efeito, já que o paciente havia esboçado reação, Raoni cobrou, para que “a cura continuasse positiva”.

Numa última tentativa, apelando aos orixás, que sempre acompanharam o escritor, Zélia Gattai chamou Luiz da Muriçoca, pai de santo do terreiro de Exu, grande amigo do casal, para lhe pedir ajuda. Zélia, anos antes, tinha presenciado o poder de Luiz em seu trabalho com os orixás.

Neusa chegara para substituir Das Dores, quando a moça voltou para o interior onde foi viver com os pais.

Tipo franzino, Neusa era uma pessoa educada, discreta, inteligente. Quase perfeita no trabalho, com Eunice ela me dava tranquilidade. Até que *enfim...*, pensava eu.

Ao receber o salário, certa manhã, Neusa saiu para depositar o dinheiro na Caixa Econômica. Foi e nada de voltar, o que teria acontecido com Neusa?

Por volta das três da tarde, Eunice veio me chamar, olhos esbugalhados:

– Corre, dona Zélia. Um homem trouxe Neusa, disse que ela estava perdida na rua. Ela está estirada na cama feito morta. Acho que ela está morrendo.

Atirada a corpo morto em sua cama, Neusa não dava sinal de vida. Fiz o que estava ao meu alcance para reanimá-la sem conseguir. Mandei chamar Aurélio, pedia-lhe que buscasse um médico, quando Neusa despertou e num salto, dando gargalhadas, pôs-se de pé em cima da cama. Não respondia às minhas perguntas, dizia coisas ininteligíveis.

Alertado, Jorge apareceu para ver o que estava se passando. Ao ver Jorge, Neusa deu um salto, gritando: *Vovô, vovô, vovô...* Antes que alguém pudesse impedi-la ela correu para Jorge, agarrou-o pelas pernas, levantou-o e se pôs a cantar e a dizer coisas, com ele nos braços, suspenso.

Eu nem precisava sair de minha casa para presenciar milagres, os chamados mistérios das ruas da Bahia. Não podia acreditar que uma criatura magra e frágil como Neusa tivesse força para levantar aqueles cem quilos que era o peso de Jorge na época.

– Ela está com o santo, doutor – diagnosticou o entendido Aurélio.

– Isso mesmo – disse Jorge, tentando desvencilhar-se dos braços da moça, sem conseguir. – Vá Aurélio, vá depressa, imediatamente, buscar o Luiz da Muriçoca – ordenou.

Aurélio saiu rápido, em busca do pai-de-santo. Felizmente o candomblé de Exu, onde Luiz da Muriçoca mantinha boas relações com o Exu Toco Preto e o Sete Pinotes, ficava numa ladeira na Vasco da Gama, bem perto de nossa casa.

Pessoa de nossa amizade, Luiz da Muriçoca, poderoso e competente, viria em seguida socorrer o amigo caso estivesse em casa. Não havia dúvida.

Felizmente, enquanto aguardávamos o pai-de-santo, Neusa resolveu libertar o vovô de suas garras e, com a agilidade de um gato, subiu ao alto do guarda-roupa. Falando e cantando sem parar, ela descobriu lá em cima, enrolado em jornais, um litro de mel, pela metade. Até então, não dando palpites, apenas murmurando *Ai meu Deus, ai minha Nossa Senhora...*, Eunice gritou: *Ai meu mel!*, buscando dar explicações que ninguém pediu nem interessavam a ninguém: *É o mel que eu tomo todas as noites, uma colher de sopa, para a minha bronquite... Está me curando...* Assim dizendo, levantou as mãos para Neusa: *Me dê meu mel...*

Neusa não estava nem ali. Para desespero da proprietária do precioso remédio, ela despejava o mel no chão.

Estávamos nessa quando a porta do quarto se abriu e Luiz da Muriçoca adentrou, seguido de Aurélio.

– O que é que há, meus meninos? – disse, dirigindo-se a Neusa.

– Meus meninos? – estranhou Jorge.

– Você então não vê que ela está tomada pelos Ibejes? Só crianças como Cosme e Damião, pra fazer essas reações.

Neusa gritava:

– Bulofa, bulofa...

A princípio pensei que ela estava querendo o relógio Bulova de Jorge, mas o pai-de-santo traduziu: *Ela está pedindo ovos.*

– Traga dois ovos, Eunice, vá ligeiro...

– Cru ou cozido, dona Zélia?...

– Cozidos – respondi –, bem durinhos.

– Nada disso – interrompeu Muriçoca –, os ovos devem ser crus.

Meleira igual nunca se viu: sentada no chão, Neusa misturava mel com os ovos abertos sobre os ladrilhos.

A pedido de Luiz, todo mundo se retirou e o deixamos a sós com a moça para tirar-lhe o santo que a possuía, aliás, os santos, como afirmara ele próprio.

O trabalho não foi demorado. Ao sair do quarto, Luiz da Muriçoca deixava a moça liberada, dormindo profundamente:

– Ela não vai lembrar nada do que aconteceu. Deixem que durma até despertar naturalmente.

– Qual a explicação disso? – perguntei curiosa. – Ela é católica, vai sempre à missa, não é de candomblé...

– Ela não é mas tem uma parenta que é e fez uma promessa em nome dela a Cosme e Damião. Essa parenta, não sei se é prima ou o que é, prometeu que se Neusa sarasse de uma doença que teve, com o dinheiro de um salário ofereceria um caruru a sete crianças pobres. Ela não deu a comida, botou o dinheiro na poupança... deu nisso... – riu o pai-de-santo. (GATTAL, 2010, p. 127)

Durante a visita de Luiz, ficou acertado que ele faria *ebó* bem forte, “endereço” ao Exu sete pinotes, para tentar melhorar a saúde de Jorge. Luiz aceitou para não deixar Zélia ainda mais triste. O pai de santo não acreditava que era possível. Achava que talvez alguém em outro plano estivesse sentindo a falta de Jorge, querendo sua companhia, mas não se recusou a tentar. Um grande e caro *ebó* foi feito, inclusive um bode foi utilizado. O despacho foi feito e dias depois o pai de santo voltou, triste, à casa do Rio Vermelho: “Nada a fazer, nada é possível: nem *ebós*, nem preces”. (GATTAL, 2013, p. 158)

Até mesmo uma cirurgia espiritual com um famoso médium foi realizada, mas nada aconteceu. Jorge, então, foi levado a Brasília, passou por exames, novos tratamentos, e teve uma leve melhora:

Eu ficava pessimista com os resultados de minhas experiências em busca de milagres.

Agora, mesmo que não me acenassem com uma cura completa e definitiva, eu ficara animada ao ouvir de dra Lúcia Willadino Braga, ao nos despedirmos em Brasília, que Jorge iria melhorar e até, talvez, chegasse a escrever.

Jorge melhorava lentamente, passáramos mais um Réveillon tranquilo, o de 2001, mas ele ainda não manifestara desejo de escrever. “E por que não tentar?”, pensei um dia.

Coloquei um bloco de papel ao seu lado, dei-lhe uma caneta.

- Escreve aqui, Jorge – disse-lhe ao vê-lo bem disposto.
 - O quê? perguntou-me, a voz fraca.
 - O que você quiser...Faça, por exemplo, uma dedicatória, escreva uma frase...
 Debruçado sobre o papel ele escreveu rapidamente: “uma frase, o que você quiser”, e assinou.
 - Agora, uma dedicatória – insisti.
 “Um beijo para minha filha Paloma com todo carinho do pai”, e assinou.
 Sem perder os traços e o estilo de sua caligrafia, às vezes quase ilegível, ele parecia ter tomado gosto. Virou a página do bloco e, sem que nada eu lhe dissesse, voltou a escrever: “Para João Jorge, com todo o carinho do pai”, e assinou.
 - E, para mim, nada? – pilheriei, fazendo-me de ofendida.
 Novamente ele tomou da caneta e, sobre uma folha nova, escreveu: “Para Zélia com meu amor e um beijo do Jorge”.
 - Achou pouco, quero mais – ria, provocando-o.
 Ainda numa folha em branco, ele escreveu: “Com um beijo ardente”.
 Guardo esses manuscritos e ainda outros, de momentos de tanta emoção quando, num grande esforço, ele tentava recuperar a vida e eu criava alma nova. (GATTAI, 2013, p. 169)

A melhora de Jorge Amado não durou muito, e algum tempo depois da passagem acima exposta, o escritor faleceu. Zélia, em *Vacina de sapo e outras lembranças (VSOL)*, narra com tristeza a partida de seu grande companheiro:

Os males do coração, que havia algum tempo não davam sinal de vida, voltavam novamente a se manifestar, desta vez dando sinal de morte.
 Nesse mesmo 6 de agosto, Jorge nos deixou.
 Leio parte de uma frase, a última de *Navegação de Cabotagem*: “Não vou repousar em paz, não me despeço, digo até logo, minha gente, ainda não chegou a hora de jazer sob as flores e o discurso”.
 Sentada no banquinho [Ao plantarmos o jambeiro e a mangueira, perto da casa, Jorge teve uma ideia: “Vou mandar fazer banquinhos aqui junto e, quando as árvores crescerem, nós, já velhinhos, sentaremos de mãos dadas á sua sombra para conversar” (GATTAI, 2013, p. 59).], sob a frondosa mangueira onde estão as suas cinzas, ao lado do sapo com o filhinho nas costas, invento uma cantiguinha que me traz de volta o sorriso de Jorge:

*Cadê o seu Jorge?
 Está no seu jardim
 Ao lado de Zélia
 E de um pé de jasmim.* (GATTAI, 2013, p. 172)

Pouco tempo antes da morte de Jorge, Zélia, envolvida em tristeza, não estava pensando em mais nada que não fosse a doença do marido, que aos poucos o ia levando dela. Preocupada com a tristeza da mãe, Paloma Amado teve uma ideia: um novo livro, escrito por Zélia Gattai. Surgiu, então, *Códigos de família (CDF)*, prefaciado por Paloma:

Papai andava, havia muito, calado e triste, sabíamos que seu organismo estava muito frágil, era preciso um equilíbrio perfeito para que continuasse em frente, o que exigia uma química extremamente bem dosada. Mamãe se ocupava de tudo, não saía de seu lado, queria estar em casa o tempo todo. Como fazer para não cair em depressão também? Nesses dois anos, ela escreveu e publicou *Cittá di Roma e Jonas e a sereia*. O computador era seus oásis, escrever permitia que tirasse a cabeça de tanta tristeza. E agora, o que fazer? *J'ettoufe*, poderia dizer, como papai dizia em Paris. Abrindo as janelas em pleno inverno. Estava abafada, era necessário abrir mais uma janela.

Há alguns anos eu colecionava nossos códigos familiares. Tinha feito uma bela lista com a ajuda de João Jorge. Quando ouvi pela enésima vez a resposta (“Não tenho mais o que escrever”), ao meu apelo (“Vai pro computador, mãezinha”), lembrei-me da lista, imprimi-a e a levei para ela: “*Mãe, io te do uma cosa a te, tu me dai uma cosa a me!*” Usando um código que é só de nós duas, fizemos a troca de uma lista por um livro.

Não foi fácil começar, pois a angústia nem sempre é boa companheira da escrita, ainda mais da escrita leve e alegre que marca sua obra. Mas, depois de contar uns dois ou três códigos, ela tomou gosto e foi em frente com prazer. (AMADO, 2003, p. 7-8)

Zélia acabou de escrever o livro dias antes do falecimento de Jorge Amado. A ideia da filha tinha dado certo: “Nunca escrevi um livro com tamanha rapidez. Um livro que devia refletir a minha tristeza resultou num livro alegre e leve, em que consigo resgatar Jorge à vida [...]”. (GATTAI *et al.*, 2002, p. 97). Possivelmente a última vez que Zélia ouviu a voz do marido foi numa conversa onde ela lhe revelou que havia acabado de escrever seu novo livro e quis saber se ele gostaria de ouvir um capítulo. Jorge, olhos cerrados, respondeu que depois. Não houve tempo.

Como forma de lidar com a saudade, Zélia Gattai se juntou aos filhos e os três escreveram *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual (BRS)*, publicado na sequência de *CDF*. Nesta obra, cada um dos três autores fez um relato emocionado da relação que construíram com Jorge, como pai ou marido.

A morte do escritor deixou vaga sua cadeira na Academia Brasileira de Letras e alguns amigos começaram a estimular Zélia a se candidatar a esta cadeira. Para uma mulher de 85 anos, que começou a dirigir aos 45, publicou seu primeiro livro aos 63 e furou as orelhas aos 80, a idade não era impedimento, a opinião pública e o julgamento equivocado talvez fossem. Novamente Zélia teve medo de a julgarem, de a acusarem de estar se aproveitando da fama do marido morto. Em entrevista dada à escritora Antonella Roscilli, Zélia contou:

Jamais pensei em entrar na ABL e, quando Jorge morreu, havia muitos candidatos. Foi Eduardo Portella quem reuniu os acadêmicos e disse: “Zélia pode ser a escolhida; tem credenciais, não por ser a mulher de Jorge Amado, mas porque é uma boa escritora. É diferente de nós, ela é simples,

não é sofisticada e será uma ótima companheira” [...]. (ROSCILLI, 52006, p. 86)

Convencida, então, por Eduardo Portella, Zélia se candidatou. A notícia da candidatura dividiu opiniões. Muitos achavam que quem estava se candidatando era a viúva, e não a escritora. Em 16 de agosto de 2001, o suplemento *Ilustrada*, da *Folha de São Paulo*, publicou a seguinte reportagem:

A escritora Zélia Gattai enviou ontem um fax à Academia Brasileira de Letras se candidatando à cadeira 23, ocupada por seu marido, o escritor Jorge Amado, morto na semana passada. Zélia é, segundo a assessoria da ABL, a primeira candidata oficial à vaga de Amado e poderá ser a única, já que, na avaliação de acadêmicos, será difícil que outro candidato aceite concorrer com ela. A viúva de Amado é autora de obras como "Anarquistas, Graças a Deus" e "A Casa do Rio Vermelho", entre outras. O prazo para a formulação de candidaturas é de 60 dias contados a partir do último dia 9, quando foi realizada a "sessão da saudade" em homenagem a Amado. Acadêmicos ouvidos pela Folha afirmaram que a candidatura dela é "imbatível". Na avaliação do acadêmico Arnaldo Niskier, mais de 25 votos (do total de 39) já são a favor de Zélia. (Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1608200133.htm>>. Acesso em: 25 set. 2017).

A opinião de alguns acadêmicos, conforme citou a reportagem, estava errada. Zélia competiu com outros dez candidatos: Joel Silveira, Ieda Otaviano, Waldemar Claudio dos Santos, Marcelo Henrique, Diógenes Magalhaes, Rachel da Gama Sampaio, Eliane Ganem, Elias Antunes, Cid Paulo Ferreira e Fernão Avelino. A época, a revista *Quem* publicou numa reportagem que, segundo apurado pelas fontes da revista, a sugestão do nome de Zélia Gattai para a cadeira de Jorge tinha tido outras intenções:

Chá, simpatia e conchavos

A história secreta das articulações para a sucessão de Jorge Amado na centenária Academia Brasileira de Letras – e por que ela é tão atraente. Somadas, as idades dos 38 integrantes da Academia Brasileira de Letras – são 40 cadeiras, mas a de Jorge Amado está vaga e Raymundo Faoro ainda não tomou posse da sua – dão quase 3 mil anos. Mas em agosto os velinhos sacudiram a poeira dos séculos, quebraram o cachimbo da paz e foram à luta. Não é exagero. A sucessão da cadeira 23, que foi de Jorge Amado e do fundador da casa, Machado de Assis, vem se transformando em batalha renhida, que já fez duas vítimas – as candidaturas de Paulo Coelho e Jô Soares. Hoje, a viúva de Jorge, a escritora Zélia Gattai, é a favorita da eleição, que ocorre em 7 de dezembro. Mas ela tem concorrentes. Um deles é forte: o jornalista Joel Silveira, que já conta com pelo menos dez votos. Neste fim de semana, apresentaram-se dois outros candidatos, o colunista social Jeff Thomas e a escritora Yeda Octaviano. E ainda se fala numa possível candidatura do escritor Márcio de Souza, autor de *O Imperador do Acre*.

Tudo começou em meados de julho, numa festa na casa do jornalista Roberto Marinho em comemoração aos 104 anos da ABL. Entre os presentes, uma ampla maioria de acadêmicos e uns poucos estranhos no ninho, entre eles Paulo Coelho, apresentado pelo dono da casa como "um grande escritor cujo maior sonho é pertencer à ABL". Era o lançamento da candidatura do autor de *O Alquimista*, coisa que, como acadêmico, Roberto Marinho tem todo o direito de fazer. "Mas a pressão pela candidatura de Paulo Coelho causou muito constrangimento na casa", diz o poeta Lêdo Ivo, titular da cadeira 10, que, por sinal, é eleitor confesso do "bruxo".

Duas semanas depois, Jorge Amado morria, deixando aberta a estrada para Paulo Coelho ocupar a desconfortável cadeira azul de espaldar reto que lhe pertenceu. Foi aí que os velinhos se revoltaram e armaram um conchavo dos melhores, na tradição conspiratória satirizada pelo próprio Jorge Amado em *Farda*, fardão e camisola de dormir. Capitaneados por Arnaldo Niskier, ex-presidente da ABL e dono da cadeira 18, e por Marcos Vilaça, da cadeira 26, um grupo de acadêmicos lançou – durante o enterro de Jorge Amado – a candidatura de sua viúva, Zélia Gattai, num gesto irresistível de chantagem emocional. Deu certo. Em poucos dias, Zélia deixou-se convencer a se candidatar. "Meus amigos fizeram muita pressão. Não quero ocupar o lugar como viúva de Jorge, mas sim como escritora. Acho que ele ficaria satisfeito", diz ela. Aos 85 anos, angariou mais de 25 votos. "A sucessão é assunto encerrado. Zélia estará eleita em 7 de dezembro. Já pode até mandar fazer o fardão", comemora um de seus partidários, Murilo Melo Filho.

Mas nem tudo são flores. A candidatura da viúva gerou revolta entre uma parcela considerável de acadêmicos, que consideraram a atitude antiética. "A cadeira na ABL não se inclui entre os bens do falecido e não pode ser transmitida como herança", espeta Lêdo Ivo. E mesmo os que se dispõem a votar em Zélia criticam o timing da candidatura. "Preferia que, por seus méritos literários e luz própria, ela pleiteasse outra cadeira", diz diplomaticamente Nélida Piñon, aos 64 anos uma das mais novas (e mais paqueradas pelos colegas) integrantes da ABL. "Mas, uma vez que Zélia optou pela cadeira 23, vou votar nela e acolhê-la nesta casa." É a primeira vez que a ABL aceita uma candidatura de parente do falecido, mas não a primeira tentativa. Filhas e mulheres de acadêmicos já tentaram antes, mas nunca emplacaram. Um caso conhecido é o da mulher do jurista Clóvis Bevilácqua, uma poeta que nas primeiras décadas do século 20 teve sua candidatura impugnada, o que ocasionou a renúncia do marido a sua cadeira.

Foi quando surgiu a anticandidatura de Joel Silveira, um jornalista e correspondente de guerra de língua ferina que já entrou na disputa atirando. "Zélia é uma subliterate de terceira categoria e só conseguiu ser publicada porque Jorge exerceu a sua influência na editora", dispara o autor de *A história dos pracinhas*. Aos 82 anos, Silveira candidata-se pela segunda vez – acabou retirando a sua candidatura da eleição que transformou Raymundo Faoro em acadêmico. Desta vez, desponta como azarão e pode acabar surpreendendo: "A unanimidade em torno de Zélia não é tão unânime assim", diz Lêdo Ivo. Mas, afinal, o que a academia tem que a torna tão desejável? [...] (CAMPOS, Heloísa. Disponível em <http://quem.globo.com/edic/20010824/rep_abl.htm>. Acesso em: 25 set. 2017)

Em meio a polêmicas, a eleição ocorreu em 7 de dezembro de 2001. Zélia Gattai tornou-se imortal com 32 votos a seu favor e apenas 4 contra. Com a vitória, ela passou a ser a quarta mulher eleita para a ABL. Suas antecessoras eram Rachel de Queiroz (a primeira mulher eleita imortal), Nélida Piñon e Lygia Fagundes Telles.

Além da ABL, Zélia Gattai também foi eleita, nesse mesmo ano, membro da Academia de Letras da Bahia e Academia Ilhense de Letras.

Em 21 de maio de 2002, faltando menos de um mês para completar 86 anos, Zélia Gattai passou a ser a sexta ocupante da cadeira nº 23. O escritor Eduardo Portella, responsável por receber a nova imortal, salientou, em seu discurso, as características da escrita leve e franca da nova colega:

[...]

Quando a autobiografia se mistura com a autoficção, verifica-se o alargamento do campo imaginário sem subtração das referências circunstanciais. Avança e adquire maior consistência a articulação bem equilibrada entre a vida da memória e a memória da vida. Mais uma vez, é a palpitação vital, essa vibração existencial, que prevalece. Como se Zélia se escrevesse o tempo todo, do jeito que ela é, sem recorrer a qualquer truque ou a qualquer encenação fictícia. O que se afirma nela, dizia eu ao apresentar o seu livro *Chão de Meninos*, é antes o canto de amor à vida – vida áspera, por vezes desconcertante, cercada de desafios por todos os lados mas, de qualquer modo, vida para ser vivida: de frente, cara a cara. Nenhum abandono, nenhum escapismo, nenhuma dramatização trapaceira. A vida como vontade, imune ao medo e à resignação. Sem permitir que o desânimo contamine episódios frequentemente desanimadores, e sem deixar que o ressentimento substitua a generosidade. A obra de Zélia Gattai é como ela – uma obra de bem com a vida e, por isso mesmo, destinada a nos animar com a séria alegria do viver. Ela se defende dos riscos inerentes ao memorialismo. Nem autocanonização, nem queima de arquivos, nem acerto de contas. A literatura pessoal, por excesso de maquiagem, e por recorrência frequente a várias formas de prótese, tende a ser uma edificação enganosa a serviço da egolatria. Enredada na própria peripécia individual, a fraqueza do proselitismo solitário supõe substituir o vigor do olhar solidário. [...]

Por essas e outras, Zélia Gattai fez a opção mais ao seu feitio e ao gosto das multidões que os Gattai Amado sempre souberam respeitar. Em vez da Literatura para escritores, a Literatura para leitores – para o leitor médio produtivo, dirão alguns. Daí a sucessão interminável de reedições. Nada a ver com os escritores confidenciais, insulares, que escrevem para si, para o seu prazer egoísta, ou para os sócios privilegiados de algum clube fechado. Zélia Gattai fez o percurso inverso. Das memórias à Literatura para crianças e jovens à *Crônica de uma Namorada* ou ao *Códigos de Família*, o leitor é o tempo todo convidado para participar do encontro afetuoso, espontâneo e particularmente valorizador de sensações e experiências recolhidas no dia-a-dia, graças ao alcance perceptivo e sensorial da narradora que jamais concedeu ao heroísmo balofo e claustrofobo. Ela entendeu cedo a necessidade de abrir as janelas e deixar o ar circular. Isto é a vida. Por isto, o leitor reoxigena o autor. Em nenhum instante, ele deve ser descuidado. Foram os seus leitores, fiéis e entusiastas, que trouxeram Zélia Gattai Amado até aqui, para que merecidamente transpusesse a porta grande da Casa de Machado de Assis. (Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/discurso-de-recepcao>>. Acesso em: 25 set. 2017)

A agora imortal Zélia Gattai lançou, três anos depois, duas obras, *Memorial de amor (MDA)* e *Vacina de sapo e outras lembranças (VSOL)*, baseadas em

lembranças felizes, oriundas de sua união de 56 anos, e tristes, ao relatar Jorge em seus últimos anos de vida.

Algum tempo depois, Zélia adoeceu. Assim como tinha acontecido com Jorge, os problemas de saúde foram surgindo e se multiplicando. Foi operada de catarata, se recuperou, mas outros males apareceram. Eram problemas pulmonares, renais, arteriais, que iam minando a saúde da escritora e a levavam a internações frequentes.

E, em 30 de março, Zélia, aos 91 anos, foi novamente internada, para a retirada de um tumor no intestino. Foram inúmeras desde o começo daquele ano, porém, essa teve um triste fim. Zélia não teve alta, não voltou para casa, uma falência múltipla dos órgãos tirou-lhe a vida, em 17 de maio de 2008.

Nessa época, Zélia Gattai já não morava mais na casa do Rio Vermelho, mas, após sua morte, como era de sua vontade, voltou a habitar o lugar. Suas cinzas foram jogadas no jardim, embaixo da mangueira, junto às de seu amado Jorge Amado. Enfim, Jorge e Zélia estavam juntos novamente.

3 A ROMANCISTA

Conforme já afirmado várias vezes nesta tese, Zélia publicou dezesseis livros ao longo de sua vida. Desses, onze eram obras memorialísticas, um livro de xilogravuras, três voltadas para o público infantil e um único romance, *Crônica de uma namorada (CDN)*. Essa obra foi lançada em 1995, como uma obra ficcional, que aborda a vida de Geana, uma adolescente paulistana do início dos anos 50. Segundo o *Dicionário de Teoria Narrativa*, “entende-se que o fator primeiro da ficcionalidade é a colocação ilocutória do autor e o seu intuito de construir um texto na base de uma atitude de fingimento.” (REIS; LOPES, 1988, p. 44).

A narrativa de *CDN* começa com uma anacronia:

Como o termo etimologicamente sugere (ana-: "inversão"; cronos: "tempo"), anacronia designa todo o tipo de alteração da ordem dos eventos da história, quando da sua representação pelo discurso. Deste modo, um acontecimento que, no desenvolvimento cronológico da história, se situe no final da ação, pode ser relatado antecipadamente pelo narrador; por outro lado (e mais frequentemente), a compreensão de fatos do presente da ação pode obrigar a recuperar os seus antecedentes remotos. (REIS; LOPES, 1988, p. 229)

Esta alteração, promovida por meio de um prólogo intitulado “A noite mais fria do ano”, introduz o leitor a uma noite especial para a protagonista Geana, a data de 23 de junho, véspera de São João. Logo em seguida, o primeiro capítulo é intitulado “A noite mais fria de minha vida”, onde Geana relata que a noite mais fria e triste foi na ocasião da morte de sua mãe, acontecida no mês de julho. Porém, “A noite mais fria do ano”, aquela apresentada no prólogo, é retomada na página 54 da obra, após cinco anos terem se passado na história, agora sob o título de “Ainda sobre a noite mais fria do ano”. A função da anacronia no início do romance é, portanto, a de antecipar, de forma velada, alguns fatos sobre Geana, que só serão totalmente revelados mais adiante.

O romance se divide em três partes principais: Menina, Mocinha e Namorada, e cada parte retrata a evolução social, afetiva e sexual de Geana. Na primeira parte, a personagem principal é mostrada como uma menina inocente, quase uma criança, que acabou de perder a mãe e vê seu pai, Afrânio, casar-se de novo, em pouco tempo, com uma moça da vizinhança, Letícia. Além dessas, outras importantes

personagens são apresentadas na primeira parte: Vovô Nicola, avô materno de Geana; Ricardina, adolescente como Geana, empregada da casa; e Beto, rapaz cinco anos mais velho que Geana, interiorano, filho de um conhecido da família, que veio morar na capital, junto à família da protagonista, para terminar a faculdade de Direito. As personagens de *Crônica* são planas, um tanto quanto previsíveis.

Segundo Forster, as personagens, flagradas no sistema que é a obra, podem ser classificadas em planas e redondas. As personagens planas são construídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. Essa espécie de personagem pode ainda ser subdividida em tipo e caricatura, dependendo da dimensão arquitetada pelo escritor. (FORSTER 1969 apud BRAIT, 2006, p. 41)

A personagem Laura, mãe falecida de Geana, é trazida à narrativa por meio de um retrato pendurado no quarto em que dormiam o pai e a madrasta da menina. Mesmo depois da morte, a presença dos olhos de Laura sobre o casal e a família é trazida à tona em várias passagens do texto. Roland Barthes, em *A câmara clara*, defende a ideia de que “toda fotografia é um certificado de presença” (2012, p. 129), e era justamente a sensação que a fotografia de Laura passava, principalmente para Letícia, a nova esposa:

Não sou dona de mim nem da minha casa, até a menina tem mais direitos do que eu... manda mais...ele me recrimina a toda hora...me proíbe até de sair sozinha...e o retrato dela, da falecida, pendurado na parede, em frente à minha cama! Ai o retrato, mãezinha! Aquele rosto triste, o olhar a me perseguir, a me condenar. (GATTAL, 1995, p. 48)

Na primeira parte da história fica evidente que a relação entre Geana e Beto terá outros contornos ao longo da narrativa. A menina, personagem-narradora da sua própria história, deixa claro para o leitor o quanto o rapaz alicerça sua vida. O corpo da menina está em transformação e é Beto o responsável por despertar a sexualidade da adolescente.

A segunda parte narra os quinze anos de Geana, a iniciação literária da menina, a descoberta do prazer sexual por meio dos livros proibidos que Beto escondia em seu quarto, ou dos carinhos, cada vez mais íntimos, que trocavam, apesar do rapaz ter iniciado um compromisso com Marina, filha de seu chefe.

A terceira e última parte marca a saída de Ricardina da casa de Geana. Ricardina tinha grande talento musical e, após vencer um concurso de calouros na TV Tupi, se tornou uma estrela. Outro fato bastante importante que ocorre nesta última parte é a desilusão amorosa de Geana. Com um pouco mais de idade, a personagem passa a perceber que Beto, na verdade, não era tão apaixonado quanto ela. Seu interesse era puramente sexual. A desilusão abre caminho para um novo amor, o médico Jadelson, com quem a agora mulher Geana encerra sua história.

Aproximando a obra acima resumida de algumas passagens já abordadas neste trabalho, percebe-se que, assim como em todas as obras memorialísticas de Zélia Gattai, no romance *CDN*, a narradora Geana também se apresenta como autodiegética. Assim como Zélia, a menina Geana teve uma infância paulistana, tinha ascendência italiana e descobriu a literatura, por volta dos 15 anos, através das obras de alguns importantes autores brasileiros, dentre eles, Jorge Amado. A menina tinha uma relação muito importante com o avô, que morava com a família da menina, assim como o *nonno* Eugênio, de Zélia.

Maria Negra, apresentada por Zélia em *AGD*, era a empregada da casa dos Gattai. Mocinha, quase menina, dona de grande personalidade, logo tomou as rédeas da casa. Aprendeu a ler na casa da família. Assim como Maria Negra, Ricardina, empregada da casa de Geana, é descrita pela narradora como uma moça nova, bastante esperta, que chegou à casa de sua família ainda menina. Dona de uma personalidade muito ativa e bastante inteligente, a mulata aprendeu a ler na casa dos patrões, pelas mãos de Laura, mãe de Geana. Motivações diferentes levaram Maria Negra e Ricardina para longe das famílias de Zélia e Geana, respectivamente, mas a decisão de que elas não seriam substituídas por outra empregada e que o trabalho de casa passaria a ser dividido entre as mulheres da família foi exatamente a mesma.

Outro fato curioso diz respeito ao nome do médico que aparece no final da história: Jadelson. O irmão caçula de Jorge Amado era médico e se chamava Joelson, e o médico que cuidou de Jorge Amado nos seus últimos anos de vida se chamava Jadelson.

As aproximações acima descritas possibilitam que o leitor comece a estabelecer interessantes relações dialógicas entre essas duas obras de Zélia Gattai, *Anarquistas graças a Deus* e *Crônica de uma namorada*. Tais relações

seriam comuns, esperadas, se não fosse o fato de que o primeiro livro é de cunho memorialista, autobiográfico, e o segundo, por ser uma obra de ficção, não tem, por definição, nenhum compromisso com a verdade. De acordo com Silvano Santiago:

A ficção é, antes de mais nada, enquanto configuração ou definição, uma mentira, uma invenção, uma fabulação. Uma mentira, uma invenção, uma fabulação que, acompanhada da palavra “ficção” ou da palavra “literatura”, adquire um valor de verdade sobre aquele tema que está sendo tratado. (1994, p. 67)

Além das marcas identitárias comuns apresentadas entre Zélia e Geana, ou Maria Negra e Ricardina, outras relações entre personagens de *AGD* e *CDN* podem ser apontadas.

Ernesto Gattai, pai de Zélia, é apresentado em *AGD* como um grande apreciador de óperas italianas, principalmente as de Enrico Caruso. A família possuía em casa uma grande coleção de discos e se reunia frequentemente para ouvi-los em um gramofone.

– Hoje vamos fazer de novo aquele concurso: quero ver quem descobre primeiro o nome da ópera e da ária do disco que vou colocar no gramofone; não vale espiar. Vamos começar?
Esse era um dos testes educativos que papai gostava de aplicar aos filhos, maneira prática de despertar-lhes o gosto pela ópera.
Sua proposta naquela noite, no entanto, não encontrou a repercussão desejada. Ninguém se animou, a brincadeira já estava batida demais, não achávamos mais graça nela. Sabíamos de cor e salteado os trechos das óperas italianas, pois elas eram tocadas frequentemente em casa. Possuíamos grande coleção de discos de óperas, todas as interpretadas por Enrico Caruso. (GATTAI, 2009, p. 137)

Em *CDN*, Ernesto e Angelina Gattai aparecem como personagens, e a história do gramofone é recontada, porém tendo como narradora Geana:

[...] quem quiser ouvir meus discos de Caruso, me peça, não gosto que bulam no meu gramofone.” Vovô tem ciúmes daquela velharia. Ganhou de presente, faz alguns anos, da família de Ernesto Gattai, seu conterrâneo, homem de ideias avançadas, a quem fora recomendado ao vir da Itália, fugido do fascismo. Vovô gosta de contar a história de suas peripécias até chegar ao Brasil. O mecânico Ernesto Gattai o acolhera em sua casa e conseguira trabalho para o patrício na oficina de marcenaria de um companheiro anarquista. “Com os Gattai eu me sentia bem”. Repete sempre vovô. Depois da morte do amigo, ele ganhou de dona Angelina gramofone e discos. “Ficarão em boas mãos, dissera a viúva” (GATTAI, 1995, p. 92)

Percebe-se, então, que as personagens reais de Ernesto e Angelina transitam no universo fictício de *Crônicas* e dele fazem parte, ao se relacionarem com uma

personagem fictícia, Nicola, avô de Geana, ocorrendo, portanto, a transformação de personagens reais em personagens de ficção.

A personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. (GANCHO, 2006, p.14-18)

Numa outra situação, apresentada em *CDN*, ocorre novamente a passagem de personagens de um nível narrativo para outro. Na obra, a apresentadora Hebe Camargo aparece como uma colega de profissão de Ricardina. As duas eram cantoras em início de carreira e cantavam em um restaurante fino, visitado certa vez pelo pai de Geana. Além de Hebe, outras personagens “reais”, como Di Cavalcanti, Ciccillo Matarazzo e Clóvis Graciano, estavam também no lugar. Além deles, aparece na cena o escritor Jorge Amado:

Apontou um grupo mais adiante: “está vendo ali naquela mesa, o de óculos? É outro pintor famoso, o Clóvis Graciano.”. Ao menos esse tinha nome de gente – riu papai – A moça ao lado dele devia ser a mulher dele. Aproveitei a boa vontade do moço:
 – E o outro que está com o casal, de mãos dadas com a moça, no maior chamego?
 – O de bigode? É o escritor Jorge Amado. A moça eu não conheço, não deve ser ninguém importante, talvez seja um caso dele...
 (GATTAL, 1995, p. 195)

A cena fictícia que narra a presença de Jorge no restaurante dialoga com uma real, retomada por Zélia ao lembrar suas memórias e já abordada nesta tese. Em *Um chapéu para viagem (CHPV)*, publicado em 1982, ela conta sobre o segundo encontro que teve com Jorge Amado. Acompanhada por Clóvis Graciano, a autora chega a um jantar oferecido aos congressistas participantes do I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado em São Paulo, em janeiro de 1945, e flagra Jorge acompanhado por uma moça:

Naquele ambiente de penumbra, em minúscula pista de dança, os casais se comprimiam. Eu buscava identificar os dançarinos quando, de repente, dei de olho em quem? “Vejam só”, exclamei, “que pé de valsa é o Jorge Amado!” Clóvis e os outros riram de minha observação. Bem à nossa frente ele dançava, debruçado sobre os ombros de uma jovem, o rosto encoberto pelos louros e bastos cabelos da moça, arrastando-se em passos lentos. As músicas sucediam-se sem interrupção; o Barão convidou-me a dançar. Dei um jeito de passar junto ao compenetrado par. O cavalheiro continuava de rosto mergulhado no cangote de sua dama. (GATTAL, 2010, p. 51)

Percebe-se aqui que, não só a personagem real de Jorge Amado foi transposta para o romance ficcional, mas, na verdade, um acontecimento real que envolveu o autor e Zélia Gattai foi retomado, porém narrado como uma lembrança do pai de Geana, e não de Zélia.

Assim, seguindo a lógica de Umberto Eco de “promover o intérprete, o leitor, como o centro de uma rede de relações inesgotáveis” (2005, p. 41), ao se aproximarem neste trabalho as obras de *AGD*, *CDN* e *CHPV*, percebe-se o estabelecimento de diálogos entre os discursos ficcional e autobiográfico, entre a ficção e a realidade, entre o inventado e o vivido.

O fictício é uma instância da transformação que dá ao imaginário sua determinação e, deste modo, ao mesmo tempo conduz ao real. O fictício concretiza-se no ato de fingir, que, simultaneamente, provoca a “irrealização do real e a realização (*Realewerden*) do imaginário”. Mas o próprio ato de fingir resulta das múltiplas atividades de seleção, combinação, relacionamento e desnudamento. (STIERLE, 2004, p.10)

Muito diferente do que é permitido na ficção, as obras autobiográficas, de memória, necessitam, particularmente, da fidelidade entre as partes envolvidas. Segundo os postulados de Lejeune, já abordados neste trabalho, a autobiografia se fundamenta num contrato de leitura estabelecido a partir da identidade entre autor-narrador-personagem (A=N=P).

Quanto à questão da ficcionalidade, essa é tratada de forma mais contextualizada por Lejeune em outro pacto, o romanesco.

Simetricamente ao pacto autobiográfico, poderíamos estabelecer o *pacto romanesco* que teria ele próprio dois aspectos: *prática patente da não-identidade* (o autor e o personagem não têm o mesmo nome), *atestado de ficcionalidade* (é, em geral, o subtítulo *romance*, na capa ou na folha de rosto, que preenche, hoje, essa função. Note-se que *romance*, na terminologia atual, implica pacto romanesco, ao passo que *narrativa*, por ser indeterminada, é compatível com um pacto autobiográfico). Poder-se-ia talvez argumentar que o romance tem a faculdade de *imitar* o pacto autobiográfico: o romance do século 18 não se constituiu justamente imitando as diferentes formas de literatura íntima (memórias, cartas e, no século 19, o diário)? Mas essa objeção não se sustenta, se pensarmos que a imitação não pode remontar ao termo último, ou seja, ao *nome do autor*. Pode-se fingir reportar, publicar a autobiografia de alguém, tentando fazer passá-la por real; mas se esse alguém não é o autor, único responsável pelo livro, nada feito. (2008, p. 28)

Desta forma, fica clara a principal diferença entre o pacto autobiográfico e o pacto romanesco: a questão da identidade. Mas, em algumas obras, a lógica de identidade do pacto autobiográfico não existe (A=N=P), porém a história trazida na diegese em muito se assemelha à história do autor²³.

Para estes casos específicos, Lejeune afirma que pode haver uma forma indireta de pacto autobiográfico, o fantasmático, onde “o leitor é assim convidado a ler os romances não apenas como ficções remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo.” (LEJEUNE, 2008, p. 43).

Em *CDN* o distanciamento entre o protagonista, o narrador e o autor foi mantido através, principalmente, dos nomes envolvidos na construção diegética, porém realidade e ficção se misturam, e aproximam esta obra do pacto fantasmático, já que, independente dos “nomes envolvidos”, percebem-se sinais referenciais importantes entre as histórias de Geana, a personagem, e de Zélia, a autora.

[...] o pacto fantasmático, ao realçar o desdobramento do autor em figuras e “personagens” diversos, permite entrever, já em processo, a noção de autor como um ser de papel, e a da autobiografia não como a representação verídica e fiel de uma individualidade, mas como uma forma de encenação ilusória de um eu exclusivo. (MIRANDA, 1992, p. 38)

Ao apontarem-se essas mesclas entre ficção e autobiografia em *CDN* e ao afirmar-se a existência do pacto fantasmático, propõe-se que a obra em questão não é um romance simplesmente, mas sim um romance autobiográfico, onde é possível dialogar pistas de referencialidade deixadas ao longo do texto, aliadas a elementos paratextuais, como dados biográficos da escritora.

O romance autobiográfico se inscreve na categoria do possível, do verossimilmente natural. Ele suscita dúvidas sobre sua verificabilidade mas não sobre sua verossimilhança [...]. O romance autobiográfico convence o leitor de que tudo se passa logicamente, mesmo que o narrado não seja verificável. A identificação do herói com o autor passa necessariamente pela ambiguidade: o texto sugere uma identificação entre eles e, ao mesmo tempo, distribui indícios de ficcionalidade que atentam contra a identificação. (KLINGER, 2007, p. 46)

²³ A semelhança entre autor e narrador-personagem caracteriza, para Lejeune, o romance autobiográfico, onde não há a identidade A=N=P.

Dessa forma, a possível hibridização aqui apontada não poderia ser explicada sob a ótica dos conceitos de autobiografia, nem sob a ótica do puramente ficcional, mas sim dentro dos postulados contemporâneos, já que até mesmo o próprio Lejeune reconheceu, anos após ter difundido a ideia do pacto autobiográfico, ser impossível diferenciar vida e ficção somente baseando-se em textos. Wander Miranda defende que:

Há, pois, uma visão e uma escrita duplas, inscritas num espaço onde as duas categorias – autobiografia e romance – não são redutíveis a nenhuma das duas isoladamente, num jogo em que ficção e não ficção se interpenetram não se restringindo, no conjunto de uma mesma obra, a territórios nitidamente demarcados. (1992, p. 37)

Leonor Arfuch, ao teorizar sobre a escrita de si, propõe a existência de um “espaço biográfico”:

[...] onde, um tanto mais livremente, o leitor poderá integrar as diversas focalizações provenientes de um ou outro registro, o “verídico” e o ficcional, num sistema compatível de crenças. Nesse espaço, podemos acrescentar, com o treinamento de mais de dois séculos, esse leitor estará igualmente em condições de jogar os jogos do equívoco, das armadilhas, das máscaras, de decifrar os desdobramentos, essas perturbações da identidade que constituem topoi já clássicos da literatura [...]. O espaço biográfico assim entendido – confluência de múltiplas formas, gêneros e horizontes de expectativa – supõe um interessante campo de indagação. Permite a consideração das especificidades respectivas sem perder de vista sua dimensão relacional, sua interatividade temática e pragmática, seus usos nas diferentes esferas da comunicação e da ação [...]. (2010, p. 56-59)

O leitor ao qual se refere Arfuch é o sujeito contemporâneo, “descentralizado, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente; cuja identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2000, p.12-13). Esse sujeito pode se fazer representar de várias formas, possibilitadas por suas identidades múltiplas, suas interações sociais, sua falta de crença em verdades absolutas, como, por exemplo, ideias puristas sobre realidade e ficção, abrindo espaço para outra forma de articulação, ambígua, que defende ser impossível estabelecer, na escrita de si, exatamente o que é veracidade e que é verossimilhança.

A autoficção é, segundo Klinger:

Uma narrativa híbrida, ambivalente, na qual a ficção de si tem como referente o autor, mas não como pessoa biográfica, e sim o autor como personagem construído discursivamente. Personagem que se exhibe “ao vivo” no momento da construção do discurso, ao mesmo tempo indagando sobre a subjetividade e posicionando-se de forma crítica perante os seus modos de representação. (2007, p. 57)

A ambiguidade referencial criada pelo entrelaçamento dos enredos – que leva o leitor a questionar se a personagem do romance é, na verdade, a autora disfarçada em Geana; se a história contada é totalmente fictícia ou dados autobiográficos foram intencionalmente introduzidos por Zélia Gattai – parece, inicialmente, ser característica fundamental da autoficção.

É a consciência do caráter paradoxal da autobiografia – sobretudo dos escritores –, a admissão da divergência constitutiva entre vida e escrita, entre o eu e o “outro eu”, a renúncia ao desdobramento canônico de acontecimentos, temporalidades e vivências, bem como a dessacralização da própria figura do autor, que não se considera já no “altar” das vidas consagradas, o que permite ultrapassar, cada vez com maior frequência em nossa atualidade, o umbral da “autenticidade” em direção às variadas formas da autoficção. Autoficção como relato de si que coloca armadilhas, brinca com as pistas referenciais, dilui limite – com o romance, por exemplo [...]. (ARFUCH, 2010, p. 137)

No entanto, para esta pesquisa, *CDN* está mais próximo do conceito de romance autobiográfico pós-moderno do que de autoficção, já que a obra não é fragmentada e não possui a ambiguidade característica da autoficção.

A autoficção seria um romance autobiográfico pós-moderno, com formatos inovadores: são narrativas descentradas, fragmentadas, com sujeitos instáveis que dizem “eu” sem que se saiba exatamente a qual instância enunciativa ele corresponde. (FIGUEIREDO, 2013, p. 61)

Estas características, que talvez podem parecer pouco seguras, escorregadias, são as principais na diferenciação entre romance autobiográfico e autoficção. Corroborando essa colocação, cita-se Diana Klinger, em *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Segundo a autora, “a linha que separa o romance autobiográfico das autoficções é sutil”:

Ambas estratégias se distinguem pelo grau de ficcionalidade: a diferença entre ambas reside nos elementos que permitem ao leitor fazer uma validação da identificação, quer dizer, no nível da verossimilhança. O romance autobiográfico se inscreve na categoria do possível, do verossimilmente natural, ele suscita dúvidas sobre sua verificabilidade mas não sobre sua verossimilhança; enquanto que a autoficção mistura

verossimilhança com inverossimilhança e assim suscita dúvidas tanto a respeito da sua verificabilidade quanto da sua verossimilhança. Pelo contrário, mantendo-se dentro da categoria do possível, do verossimilmente natural, o romance autobiográfico convence o leitor de que tudo se passa logicamente, mesmo que o narrado não seja verificável. A identificação do herói com o autor passa necessariamente pela ambiguidade: o texto sugere uma identificação entre eles e, ao mesmo tempo, distribui índices de ficcionalidade que atentam contra a identificação contraditórios, o pacto da autoficção é menos ambíguo, ao ser puramente ficcional, pois existe sempre algum elemento que corroa verossimilhança interna no romance. (2007, p. 46-47)

Assim, *CDN* seria um romance autobiográfico pós-moderno porque ficcionaliza alguns dados biográficos da autora, embora esta relação entre memória e ficção só se mostre aparente quando se dialoga *AGD*, *CHPV* e *CDN*.

CONCLUSÃO

Um trabalho de pesquisa envolve vários sentimentos, que vão se transformando até que o mesmo se conclua. Num primeiro momento, quando se tem apenas o objeto de estudo eleito e seu problema, os sentimentos misturam euforia, com o fato de já se ter escolhido um objeto, bem como o que vai ser pesquisado sobre ele, e preocupação, motivada pela possibilidade de não se concluir a pesquisa da maneira esperada, ou pior, de o resultado da pesquisa surpreender negativamente o pesquisador, que via a obra apenas com olhos de leitor, não com um olhar crítico.

A escolha das obras memorialísticas de Zélia Gattai como objeto desta pesquisa foi provocada por um misto de fascínio, curiosidade, reverência, que se mostrou, ao longo do trabalho, indubitavelmente satisfatória. Roland Barthes usou a expressão “*lisibles et scriptibles*” (2004, p.18) para definir a diferença circunstancial que existe entre textos legíveis e escrevíveis. Há textos que simplesmente se esgotam num prazer de leitura, porém outros textos provocam o leitor no sentido de avançar adentro daquela obra, a escrever e reescrever sobre ela.

O *leitmotiv* dessa pesquisa foi *Crônicas de uma namorada*, o único romance publicado por Zélia Gattai. A partir dos questionamentos que ele provocou, fez-se necessária a leitura das outras obras da autora, dessa vez as de memórias. Conforme as leituras foram acontecendo, questões das mais diversas foram surgindo, provocando a leitura seguinte, e a próxima. A leitura do último livro de memórias publicado por ela levou à conclusão que desde o início já “cercava” uma das hipóteses sobre a escrita de Zélia: não há como definir, opinar ou descrever a escritora Zélia Gattai lendo somente uma ou duas de suas obras, é na totalidade de sua escrita que realmente se percebem as etapas de crescimento e amadurecimento que a escritora venceu.

Zélia Gattai começou timidamente, com um livro de memórias que seguia a fórmula básica de narrar os acontecimentos vividos, trazendo-os ao presente por meio de um discurso construído com verbos no pretérito do indicativo. Somente na última página de *Anarquistas graças a Deus*, esse padrão de escrita muda. Nela, Zélia faz uma última colocação, uma reflexão na verdade, sobre a escrita daquele que era seu primeiro livro. Num parágrafo construído no presente do indicativo, que

também se utiliza do gerúndio, a escritora fala sobre a possível opinião que a mãe teria sobre o “atrevimento” da filha, querendo ser escritora. Nessa passagem ela também se utiliza de uma frase bastante usada pela mãe, que aparece várias vezes não só nessa obra, como nas outras que a seguiram: “O que é que não vão dizer?”. O interessante é pensar que provavelmente a escritora utilizou-se da mãe para expor temores seus, já que a preocupação com a aceitação/repercussão dessa obra a fez abrir mão do sobrenome Amado. Jorge Amado, aliás, só aparece uma vez nessa obra, quando Zélia fala de Oreste Ristori, responsável por apresentá-la às obras do escritor baiano.

Na segunda obra, *Um chapéu para viagem*, a escrita já se mostra um pouco diferente daquela vista na primeira obra. Na página 17, Zélia conta que o pai morreu em 1940 e, a seguir, retrocede a narrativa para 1938, quando fala da prisão do pai, que havia começado a ser tratada em *Anarquistas graças a Deus*. Desse assunto surge outro, a importância dos amigos que a ajudaram a superar a morte do pai. Novo salto temporal, para 1941, ocasião em que Zélia viu Jorge pela primeira vez, de passagem, na casa de amigos. O assunto Jorge Amado leva a narrativa para 1933, quando Zélia leu pela primeira vez um livro de sua autoria; avança para 1942 e só depois chega a 1945, ano que é anunciado no começo do livro, mas com detalhe importante: na página 36 começa a ser contada a história do encontro de Jorge e Zélia no I Congresso de Escritores. O embarque para o Rio de Janeiro, contado na primeira página, entretanto, só é retomado mais de 30 páginas depois. Nesse intervalo entre as páginas, ela conta como se conheceram, se apaixonaram e, finalmente, a narrativa chega a dezembro de 1945.

Na página 56, a narrativa sofre um corte sutil. Zélia conta no passado sobre o episódio da chuva de cravos vermelhos e rapidamente insere uma reflexão com tempo verbal no passado, mas com peso semântico de presente e futuro: “Quanto a mim, a lembrança dessas noites acompanhou-me sempre; ajudou-me em momentos difíceis da minha vida”. (GATTAL, 2010, p. 56).

O parágrafo seguinte retoma a lógica narrativa apresentada antes do corte. Outros cortes rápidos como esse acontecem, por exemplo, quando Zélia explica que, somente depois da morte do sogro, teve permissão da sogra para chamá-la pelo apelido, Lалу; ou quando fala sobre a irresistível vontade que tinha de dar palpites no destino que as personagens de Jorge teriam ao final de um romance. Aqui, com a narrativa situada em 1946, ela explica que, desde *Seara vermelha*,

deixou de “palpitar”, já que na ocasião sua opinião não foi bem recebida por Jorge, mas que não resistiu e pediu que o marido casasse Jerusa e Mundinho Falcão, personagens de *Gabriela cravo e canela*, publicado em 1958. E encerra o assunto, contando que quebrou novamente a promessa de não se meter, quando pediu a Jorge que não colocasse um dente de ouro no lugar do incisivo central da personagem principal de *Tereza Batista cansada de guerra*, publicado em 1972. Ela, ao copiar os originais, leu que Tereza, descrita como uma mulher de beleza e sensualidade extraordinárias, se envolveria numa briga e perderia um dente, da frente, que seria substituído por um de ouro. Pediu clemência e, dessa vez, foi parcialmente atendida. Tereza perdeu um dente, mas um da lateral da boca, que em nada atrapalhou sua beleza.

Seguindo a narrativa, na página 151 de *Um chapéu para viagem*, Zélia se utiliza, pela primeira vez, de um artifício que aparecerá sempre, ao longo de todas as suas outras obras memorialísticas. A partir desse momento, ela passa a anunciar os cortes na narrativa, com expressões como “interrupção para romper a rigidez da cronologia”:

Escrevo estas páginas ao correr das lembranças, que se embaralham em minha memória e, por isso mesmo, por vezes a cronologia sofre. Este meu relato se situa nos limites de duas viagens: uma em novembro de 1945, a outra em abril de 1948, uma de avião, a outra de navio. Mas, no atropelo das lembranças, por vezes retrocedo no tempo, como já o fiz, para falar sobre minha família e contar de como conheci Jorge; ou avanço, como o faço agora. "Quem acha encaixa", dizem na Bahia. Ocorrem-me as recordações, abro espaço onde encaixá-las, mesmo rompendo o fio da meada. Peço desculpas e mando novamente a cronologia rígida ao diabo que a carregue [...]. (GATTAL, 2010, p. 151)

A partir deste momento, esse recurso supracitado foi sendo cada vez mais utilizado, adiantando, muitas vezes, fatos que só seriam narrados em outra publicação, como é o caso da chegada de Pablo Neruda a Praga, na ocasião do nascimento de Paloma Amado. Zélia fala da chegada de Neruda em *Um chapéu para viagem*, segunda publicação da autora, porém o nascimento de Paloma só é narrado na totalidade em *Jardim de Inverno*, quarta publicação.

Próximo ao final de *Um chapéu para viagem*, Zélia novamente adianta ao leitor algo que só acontecerá em *Jardim de inverno*, a morte da filha de Jorge, Lila.

Lila apareceu na véspera, à noite. Foi despedir-se de mim, levava um presente para o pai, uma gravata colorida.

– Bem do gosto dele, você não acha? – queria minha opinião.

– Ele vai adorar!

Lila beijou o irmãozinho, desculpou-se por não ir ao porto no dia seguinte. Não podia faltar às aulas.

– Não se preocupe, não, Liselote, você veio hoje, é a mesma coisa... Teu pai vai ficar contente ao saber que te vi, que você está. linda... Quando estivermos com nossa vida estabilizada, você vai passar uma temporada com a gente. Que tal?

– Papai também me convidou. Recebi carta dele, ontem – disse Lila, entusiasmada com a perspectiva de viajar pela Europa. Nem de longe eu podia supor que aquela seria uma despedida para sempre; pela última vez eu via Lila, falecida aos 15 anos, durante nossa ausência. (GATTAI, 2010, p. 344)

Em 1984, três anos após a publicação do segundo livro, é lançado *Senhora dona do baile*. Apesar de somente cinco anos separarem essa publicação de *Anarquistas graças a Deus*, a mudança na construção da narrativa é evidente. Em *Senhora dona do baile* os cortes, antes sutis, pequenos, agora tomam forma, passam a ocupar mais páginas e nem sempre são sinalizados pela autora, que, a partir desse momento, passa a misturar lembranças de várias épocas dentro de uma mesma construção narrativa.

Essa obra, que concentra as lembranças da ida para o exílio e da estada da família na França, tem um tom claramente mais melancólico. O texto, contaminado pelas lembranças de tempos tão difíceis, se torna mais denso, pesado. A alegria presente na construção narrativa da primeira obra aparece em raras situações, na maioria das vezes relacionada aos encontros do casal com amigos.

Situada por volta de 1947, essa obra tem saltos temporais que levam a narrativa a 1952, 1957, 1959, e até mesmo 1967, adiantando ao leitor novamente assuntos que só seriam tratados em obras seguintes.

Assim como em *Um chapéu para viagem*, esse volume se encerra com o casal partindo, dessa vez para Dobris, após terem sido expulsos da França. Somente nessa parte final, é revelado ao leitor o desfecho de uma história que começou no meio do livro. Enquanto moravam em Paris, Zélia contratou uma lavadeira romena, que, inclusive, já lavava as roupas de vários amigos do casal. A escritora nunca ficou satisfeita com o trabalho da mulher, sempre achava que as peças estavam mal lavadas e encardidas, mas, com pena da condição em que a lavadeira dizia viver, Zélia nunca reclamou. Somente no final do livro, a epifania acontece, tanto para Zélia quanto para o leitor. A lavadeira, na verdade, era uma espiã da polícia política. As roupas que ela dizia lavar eram limpas de qualquer

maneira em uma lavanderia, na máquina, por isso ficavam sujas e encardidas. Ela se aproveitava da “função” de lavadeira para estar perto de Jorge Amado e de outros intelectuais que frequentavam as casas nas quais ela oferecia seus serviços. Os reais “serviços” de *Blanchisseuse* causaram grande estrago. Além de Jorge e Zélia, mais vinte brasileiros tiveram suas *permis de séjour* cancelada pelo governo francês.

Jardim de inverno começa apresentando uma prolepse que lança a narrativa para setembro de 1984. Na sequência, uma analepse retorna a 1948 e, somente algumas páginas depois, a narrativa começa a tratar sobre a chegada do casal na Tchecoslováquia. Porém, o que chama a atenção nessa obra é uma nova característica que a escrita de Zélia incorpora. Muito mais segura, mais à vontade com o ofício de escrever, a escritora passa a conversar com o leitor, a trazê-lo para dentro da história, transformando-o num “leitor incluso”, no melhor estilo machadiano.

Enfim, nas suas últimas publicações – *Chão de meninos*, *A casa do Rio Vermelho*, *Códigos de família*, *Memorial de amor* e *Vacina do sapo* –, a escrita de Zélia atinge sua maturidade, com estilo não linear, digressivo e até mesmo metalinguístico. Nessas últimas obras, Zélia não se contenta em simplesmente contar sua história, mas parece conduzir o leitor por caminhos tortuosos através de sua memória e seus pensamentos, antes dele finalmente conhecer seu passado. Mas o mais importante: consegue fazê-lo, mantendo a leveza do texto.

No transcorrer da pesquisa, percebeu-se que não só Zélia Gattai se modificou durante a composição de suas obras. O mundo também mudou, e muito. E ela narrou muitas dessas mudanças. A leitura sequenciada das obras memorialísticas da autora feita durante a elaboração dessa tese permitiu que um mosaico de acontecimentos históricos importantíssimos para a história mundial pudesse ser construído, ou até mesmo resgatado, como as histórias que envolveram a URSS, que hoje nem existe mais.

Por isso, foi um dos objetivos dessa pesquisa aproximar, dialogar e resgatar, dentro das obras de Zélia, elementos importantes que ajudariam a compor a história da autora e o panorama histórico que essas histórias tinham como pano de fundo.

A opção de se catalogar por biografemas esses elementos pareceu a mais acertada, porém se mostrou não completamente exata, se levarmos em conta que “os biografemas são pormenores isolados, que comporiam uma biografia

descontínua” (BARTHES, 1971, p. 15). A intenção de aproximar e relatar os fatos históricos que Zélia viveu levou, fatalmente, à apresentação de algumas passagens organizadas cronologicamente.

Essa catalogação “pseudo-biografemática” dos assuntos considerados pela pesquisa como os mais relevantes permitiu também que se chegasse a uma conclusão clara: Zélia Gattai foi, sem sombra de dúvidas, a maior biógrafa de Jorge Amado. Com exceção de *Anarquistas graças a Deus*, todas as outras obras trazem o escritor baiano como a grande estrela. Em alguns momentos, ele brilha mais que ela, apesar dela ser a “dona da história”.

Ao se analisar em “*close reading*” essa presença quase que obrigatória de Jorge Amado, da vida a dois, nas obras de Zélia, se percebeu durante a pesquisa que muito pouco da vida íntima deles antes de 1945 foi contada, apesar de Zélia ter retomado, incontáveis vezes, elementos de vários momentos da vida dela, e de Jorge, inclusive da adolescência e juventude de ambos. Retomando questões de autorrepresentação apresentadas nessa tese, algumas vezes o texto faz parecer que nada de importante (emocionalmente) para ambos aconteceu antes do encontro do casal. Assuntos que não faziam referência direta à boa harmonia e felicidade da família, ou que faziam referência a relacionamentos passados, eram contados, sumariamente, até que praticamente sumissem das páginas. Cita-se, por exemplo, a filha de Jorge, Lila, que morreu durante o exílio do casal. A menina surge na segunda obra publicada, somente ela, sem nenhuma referência à mãe ou à relação de Jorge Amado com essa outra mulher. Na terceira publicação Lila morre e a história da menina morre com ela. Lila, ou melhor Eulália, nome dado em homenagem à mãe de Jorge, não aparece de maneira importante nenhuma outra vez nas obras que se seguiram. Somente a pesquisa em outras fontes permitiu que se soubesse que a mãe de Lila se chamava Matilde Garcia Rosa, que a menina morreu de leucemia, e que Jorge e Matilde se reencontraram em 1978, para oficializar o divórcio. Foi, inclusive, durante o casamento com Matilde que Jorge publicou *Cacau*, primeiro livro que Zélia leu do autor. Ela, no transcorrer de suas obras, fala da leitura do livro, da emoção de contar para Jorge o quanto essa obra mudou sua percepção como leitora, mas escolhe não comentar que Jorge, na época da publicação desse romance, estava em outra relação.

Outra questão curiosa dentro do aspecto da autorrepresentação é Luís Carlos, primogênito de Zélia Gattai. O filho aparece na segunda publicação. Nela, a

autora conta rapidamente que havia tido um primeiro casamento e dele tinha nascido um filho. A história do casamento desfeito termina dessa forma. Zélia nunca mais retomou essa história, apesar de muitas vezes repetir-se, contando outros fatos mais de uma vez. O filho reaparece, mas, a cada obra publicada, sua presença foi diminuindo, diminuindo, a ponto de quase desaparecer. Fica bastante perceptível, porém nas entrelinhas, que a situação com o filho nunca ficou bem resolvida e a distância entre eles jamais foi superada, mas a autora, em momento nenhum, chegou a reconhecer esse fato.

Ainda abordando a maneira como Zélia escolheu para narrar sua história e a de Jorge, cita-se a obra *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual*, escrito por ela, por João Jorge e Paloma, após a morte do autor. Nessa obra, João Jorge fala do pai como um homem extremamente brincalhão, cheio de picardia, que adorava incentivar a macheza do filho, tendo, inclusive, ensinado ao menino, logo após João Jorge ter começado a falar, um poema repleto de palavrões com conotação sexual. Paloma, por sua vez, conta que ela começou a fumar muito nova e que roubava cigarros da mãe. Além disso, conta também que escondeu do pai a história do cigarro e algumas outras a pedido de Zélia, que Jorge acabou descobrindo e os três tiveram uma conversa séria sobre os malefícios da mentira. Nada disso foi contado por Zélia, que sempre fez questão de mostrar sua família com todas as qualidades que lhe eram de direito. No máximo, reconheceu alguns episódios nos quais ela teve ciúmes do marido, porém sempre deixando claro que ele nunca deu motivos.

Por serem obras de memória, escritas em primeira pessoa, coube a Zélia Gattai manusear o tecido narrativo de suas lembranças, fato que, de certa forma, permitiu que aspectos da intimidade dela e dos seus deixassem de ser expostos. Futuras pesquisas devem, no entender da autora desta tese, ser realizadas com vistas a investigar estes “hiatos” na construção biográfica de Jorge Amado e Zélia Gattai, tendo como ponto de partida um diálogo entre as obras de Zélia aqui trabalhadas e *Navegação de cabotagem*, autobiografia de Jorge Amado.

Deixando questões acerca de futuras pesquisas para outro momento e voltando ao assunto principal que norteou essa tese, agora é o momento de se render as mais profundas homenagens à escritora Zélia Gattai. O estudo comparativo das obras memorialísticas da autora revelou-se muito mais um prazer do que uma tarefa acadêmica.

A mulher, apaixonada pela família, pela vida, ela sempre soube que era, porém escritora, ela só se descobriu aos 63 anos. E, quando era perguntada se achava que tinha sido tarde, ela respondia que não, já que, para se escrever memórias, era preciso ter vivido, muito.

Descolando-se completamente do estilo de Jorge Amado, Zélia Gattai mostrou-se, ao longo da pesquisa, uma contadora nata, envolvente, com um estilo simples de narrar, porém mantendo o completo domínio de como deveriam aparecer os fatos mais significativos de sua história, mesclando casos pessoais com histórias sobre o Brasil e o mundo. Os textos de Zélia mostraram que extrapolam o simples contar de uma vida e representam, na verdade, uma experiência de memória coletiva.

Esta pesquisa se encerra aqui, desejando que a mesma possa, de maneira significativa, levar ao domínio público mais conhecimento acerca das obras de Zélia Gattai, possibilitando, quem sabe, que a escritora possa ser melhor compreendida, principalmente por aqueles que conhecem superficialmente sua obra. Zélia Gattai Amado foi, e continua sendo, uma das grandes memorialistas da história da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios*. São Paulo: Companhia das Letras: 2012.

_____. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ANTONELLI, Diego. O homem que provocou o mundo: italiano Giovanni Rossi desafiou igreja e estado para criar a Colônia Cecília, primeiro experimento anarquista no Paraná. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 05 de abril de 2013. Disponível: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-homem-que-provocou-o-mundo-ei8opxob0xxk0o7j67t2lkxfy>>. Acesso em: 25 abr.2015.

APARECIDO. Fernando. *Teoria básica de umbanda: da teoria à liturgia*. 1.ed. São Paulo, 2015.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

ARCHIVIO Centrale dello Stato, Roma, Casellario Politico Centrale, pasta 2307, fascículo Francesco Gattai apud FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. Cuadernos AEL, Anarquismo e Anarquistas, Campinas, n. - "Edgard Leuenroth". Disponível em: <http://segal.ifch.unicamp.br/publicações_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/104/110>. Acesso em: 08 mar 2016.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. Martins Fontes: São Paulo: 2008.

BARTHES, Roland. *A Câmara clara: nota sobre fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. *Sade, Fourier, Loiola*. São Paulo: Martins Fontes, 1971.

_____. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. Trad. Mario Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *A força das coisas*. Trad. Maria Helena Franco Martins. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2009.

BENJAMIN, Walter. *A imagem de Proust. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERTONHA, João Fábio. *Um antifascista controverso: Francesco Frola*. História Social - revista dos pós-graduandos em História da Unicamp, Campinas, n.7, p. 213-239, 2000.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

BRASIL. *DECRETO-LEI Nº 4.166, DE 11 DE MARÇO DE 1942*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 05/08/2017.

BRASIL, E.; SHUMAHER S. (Org.). *Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Coleção Fortuna Crítica, 2).

CAMPOS, Vera Felicidade. *Mãe Stella de Oxóssi: perfil de uma liderança religiosa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Memórias de uma jovem anarquista*. Seminário Zélia Gattai: gênero e memória. Salvador: Casa de Palavras, 2002. p. 55-80.

CAVALCANTI, P.; DELION, L. *São Paulo, a juventude do centro*. São Paulo: Conex, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2002.

COELHO, José Ferreira. *A polícia de Santos através dos anos: crimes célebres ocorridos na cidade*. A tribuna, Santos, 26 mar. 1944. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0310h.htm>>. Acesso em: 02 maio 2016.

Comte Rozwadowski no Ministero degli Affari Esteri, São Paulo, 20 out. 1892, Archivio Storico del Ministero degli Affari Esteri, Roma, Serie Polizia Internazionale, pasta 47. apud FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. *Cadernos AEL, Anarquismo e Anarquistas*, Campinas, n. - "Edgard Leuenroth". Disponível em: <http://segal.ifch.unicamp.br/publicações_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/104/110>. Acesso em: 08 mar. 2016.

CORREIA, Anna Maria Martinez. *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1976.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. *Devires autobiográficos: a atualidade da escrita de si*. Rio de Janeiro: NAU/Editora PUC-Rio, 2009.

ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Debates 4).

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: EdUSP, 1995.

FELICI, Isabelle. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi.

Cuadernos AEL, Anarquismo e Anarquistas, Campinas, n. -

"Edgard Leuenroth". Disponível em:

<http://segal.ifch.unicamp.br/publicações_ael/index.php/cadernos_ael/article/viewFile/104/110>. Acesso em: 08 mar. 2016.

FELINTO, M.; NETO, A. Jorge Amado. Autor de "Gabriela" fala sobre os dois livros que está escrevendo e recorda seu tempo de militante comunista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 jul. 1991. Disponível em:

<<http://almanaque.folha.uol.com.br/entjorgeamado.htm>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

FERRAZ, W.; MOZZINI, C. *Estudos do corpo: encontros com arte e educação*. Porto Alegre: INDEPIN, 2013.

FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2015.

FIGUEREDO, Eurídice. *Mulheres ao espelho*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

FOUCAULT, Michel. *O que é um Autor?* In: Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

FORSTER, E. apud BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. A escrita autobiográfica na (re) construção de um percurso de inserção na cultura escrita. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9.ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).

GATTAI, Zélia. *Anarquistas graças a Deus*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *A casa do Rio Vermelho*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Città di Roma*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Chão de meninos*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Códigos de família*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Crônica de uma namorada*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GATTAI, Zélia. *Jardim de inverno*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Memorial do amor & Vacina do sapo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Senhora dona do baile*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Um chapéu para viagem*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GATTAI, Zélia et al. *Jorge Amado: um baiano romântico e sensual*. 13. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GODOI, Arnaldo Sampaio de Moraes. Ernesto Gattai, anarquistas, comunistas e o STF. *Revista Consultor Jurídico*, 27 jan. 2013. Embargos culturais. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2013-jan-27/embargos-culturais-ernesto-gattai-anarquistas-comunistas-stf>>. Acesso em: 04 maio 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. Trad. Laurent Léon Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HELLERN, Victor, et al. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos Deuses. Trad. Jaa Torrano. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário*. Trad. Johannes Kretschmer. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. Um fato e várias fontes: imprensa, correspondência, relatos orais. Resgate. *Revista interdisciplinar de cultura, memória, comunicação e tempo presente*, São Paulo, UNICAMP, 2005, n. 14, p. 9-20. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rosseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIMA, Felipe Victor. *O primeiro Congresso de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo*. 2010. 223 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LIMA, Luiz Costa. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MILAN, Polliana. Dos mitos à verdade sobre a Colônia Cecília: experiência de imigrantes anarquistas no Paraná ainda é envolta em lendas. História será recontada em exposição no Mercado Municipal de Curitiba. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 18 mar. 2011. Vida e Cidadania. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/dos-mitos-a-verdade-sobre-a-colonia-cecilia-ekg9lok3sgkj3r557nrzj5tfy>. Acesso em: 26 abr. 2015.

MIRANDA, Wander. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp, 1992.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1982.

MORLEY, Helena. *Minha vida de Menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NASCIMENTO, Dalva. *Cultuando, cultivando a memória*. Rio de Janeiro: Carmim, 1990.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1974.

NETO, Miguel Sanches. *Um amor anarquista*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

OLINTO, Antonio. Antologia poética, 1966. In: GATTAI, Zélia. *A casa do rio vermelho*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialística*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

ORTEGA, *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PACE, Ana Amélia Barros Coelho. *Lendo e escrevendo sobre o Pacto Autobiográfico de Philippe Lejeune*. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Francesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Barthes: o saber com sabor*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *Altas literaturas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PLATÃO. *A República*. Bauru: Edipro, 2007.

POETAS DE FRANÇA. Trad. Guilherme de Almeida. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

RAMOS, Ana Rosa Neves. *Zélia Gattai: a transformação da intimidade*. Seminário Zélia Gattai: gênero e memória. Salvador: Casa de Palavras: 2002. p. 39-54.

RAMOS, Graciliano. *Viagem Tcheco-Eslováquia-URSS*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

REGIS, Fátima. *Memória e esquecimento na Grécia Antiga: da complementaridade à contradição*. *Logos Comunicação e Universidade* (Comunicação e Memória), Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 20-24. 1997. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14592>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

REIS, C. ; LOPES, A. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

REMÉDIOS, M. L. R. (org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

REVISTA JÁ. São Paulo, n.135, 1999. Disponível em: <<http://netleland.net/hsampa/mappin/agonia/agonia.html>>. Acesso em: 25 jul.2016.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*, t.3. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

ROMANI, Carlo. Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social. *Topoi. Revista de História*. Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2001.

ROSCILLI, Antonella Rita. *Da palavra à imagem em Anarquistas graças a Deus de Zélia Gattai*. Salvador: EDUFBA, 2011.

_____. *Zélia de Euá: rodeada de estrelas*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. 2006.

ROSENFELD, I. *A invenção da Memória: uma nova visão do cérebro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

SALVADÓ, Francisco J. Romero. *A guerra civil espanhola*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

SANTIAGO, Silviano. *Em liberdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SCHMIDT, Afonso. *Colônia Cecília: romance de uma experiência anarquista*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

STIERLE, Karlheinz. *A Ficção*. Trad. Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

SOUZA, Raquel Rolando. Autobiografias podem ser consideradas literatura? In: *Cadernos Literários do Núcleo de Pesquisas Literárias do DLA/FURG*. v. 6. Rio Grande: Ed. FURG, 2001. p. 77-85.

VILLELA, Gustavo. Sacco e Vanzetti são executados nos EUA, em 1927, após julgamento controverso. *Jornal O Globo*, 22 ago. 2017. Mundo. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/sacco-vanzetti-sao-executados-nos-eua-em-1927-apos-julgamento-controverso-21733685>>. Acesso em: 20 out. 2017.